

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MATHEUS GUIMARÃES LIMA

**CULTURA DO LAZER UNIVERSITÁRIO: ATLÉTICAS E
FESTAS *OPEN BAR***

DOURADOS - MS
2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA**

MATHEUS GUIMARÃES LIMA

**CULTURA DO LAZER UNIVERSITÁRIO: ATLÉTICAS E
FESTAS *OPEN BAR***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
– Doutorado em Geografia, da Faculdade de
Ciências Humanas, da Universidade Federal da
Grande Dourados, como requisito para a obtenção
do título de Doutor em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Jones Dari Goettert

DOURADOS - MS
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP).

L732c Lima, Matheus Guimarães
CULTURA DO LAZER UNIVERSITÁRIO: ATLÉTICAS E FESTAS OPEN BAR [recurso eletrônico] / Matheus Guimarães Lima. -- 2023.
Arquivo em formato pdf.

Orientador: Jones Dari Goettert.
Tese (Doutorado em Geografia)-Universidade Federal da Grande Dourados, 2023.
Disponível no Repositório Institucional da UFGD em:
<https://portal.ufgd.edu.br/setor/biblioteca/repositorio>

1. Cultura do lazer universitário. 2. Cidade universitária. 3. Atléticas e festas open bar. 4. Estudantificação. 5. Dourados. I. Goettert, Jones Dari. II. Título.

Ficha catalográfica elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

©Direitos reservados. Permitido a reprodução parcial desde que citada a fonte.

MATHEUS GUIMARÃES LIMA

**CULTURA DO LAZER UNIVERSITÁRIO: ATLÉTICAS E
FESTAS *OPEN BAR***

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
– Doutorado em Geografia, da Faculdade de
Ciências Humanas, da Universidade Federal da
Grande Dourados, como requisito para a obtenção
do título de Doutor em Geografia.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Jones Dari Goettert – PPGG/UFGD
Presidente e Orientador

Profa. Dra. Flaviana Gasparotti Nunes – PPGG/UFGD
Membra titular

Profa. Dra. Adriana Aparecida Pinto – PPGH/UFGD
Membra titular

Prof. Dr. Nécio Turra Neto – UNESP
Membro titular

Prof. Dr. Antonio Augusto Rossotto Ioris – Cardiff University
Membro titular

Resultado: Aprovado em 11/07/2023.

*À Eunice Ladeia Guimarães e Carlos Alberto Gomes Lima,
meus pais*

Ao professor Jones Dari Goettert

À professora Edima Aranha Silva

Ao professor Nécio Turra Neto

Aos profissionais da educação que me ensinaram e ensinam

*A maior riqueza do homem é a sua incompletude.
Nesse ponto sou abastado.
Palavras que me aceitam como sou — eu não
aceito.*

Manoel de Barros

AGRADECIMENTOS

Ao Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal da Grande Dourados. À secretária Erika Santos Gutierrez, pela solicitude de sempre, atendendo as demandas de maneira hábil e prestativa. À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo apoio financeiro. Ao professor Jones Dari Goettert, pela orientação impecável e atenta. Ao professor Nécio Turra Neto, pelas trocas de ideia, atenção e disponibilidade de sempre. Aos professores Flaviana Gasparotti Nunes e Antônio Augusto Rossotto Ioris, pelas contribuições durante o exame de qualificação. Ao professor Blake Gumprecht, pelos contatos mantidos ao longo do processo de investigação. Aos jovens universitários que colaboraram com entrevistas, dicas, convivência e amizade. Aos integrantes de atléticas, baterias e equipes de *cheerleading*. Aos proprietários e funcionários de serviços e comércio que colaboraram com entrevistas. À minha família, pelo amor incondicional. Muito obrigado, muito obrigado, muito obrigado.

RESUMO

A presente tese buscou compreender as práticas de sociabilidade e lazer de jovens universitários em Dourados, cidade que diante da ampla presença de instituições de ensino superior (IES) e de estudantes universitários, adquiriu características que permitem classificá-la como uma cidade universitária. As práticas de sociabilidade e lazer dos jovens universitários constituem a cultura do lazer universitário, que se ampara em eventos como, festas *open bar*, jogos, divulgas, plantões, que são promovidos por associações atléticas acadêmicas (A.A.A) e organizações correlatas, como baterias universitárias e equipes de *cheerleading*. Além disso, a cidade apresenta uma área específica, onde ocorreu processo de estudantificação, isso é, a área foi territorializada por jovens universitários e por estabelecimentos da economia da vida noturna. Para a realização do trabalho foi empregada, inicialmente, a pesquisa bibliográfica. A seguir, a etnografia – complementada pela netnografia – e a pesquisa de campo, o que possibilitou adquirir saberes empíricos que, somente no campo são observáveis. Tal percurso metodológico permitiu desvelar práticas socioespaciais e expressões identitárias dos sujeitos de pesquisa, que são, majoritariamente, jovens da geração *post-millennial* (nascidos desde 1997). Tem-se, dessa forma, um aspecto geracional relevante para a análise. As fontes orais, foram também imprescindíveis, pois a realização de entrevistas permitiu articular os discursos dos entrevistados com o arcabouço teórico e as observações de campo. A investigação concluiu que diante do grande quantitativo de universitários e de A.A.A e organizações correlatas, desenvolveu-se em Dourados uma cultura do lazer universitário bastante peculiar, que se reflete na constituição do espaço urbano, e que traz vitalidade à cidade, onde tramas juvenis de desenrolam e geografias se imbricam.

Palavras-chave: Cultura do lazer universitário. Cidade universitária. Atléticas e festas *open bar*. Estudantificação. Dourados.

RESUMEN

Esta tesis buscó comprender las prácticas de sociabilidad y ocio de los estudiantes universitarios de Dourados, una ciudad que, dada la amplia presencia de instituciones de educación superior (IES) y estudiantes universitarios, adquirió características que le permiten ser clasificada como ciudad universitaria. La sociabilidad y las prácticas de ocio de los universitarios constituyen una cultura de ocio universitario, que se sustenta en eventos como fiestas *open bar*, juegos, eventos de publicidad, turnos de ventas, que son promovidas por asociaciones académicas atléticas (A.A.A) y organismos afines, como las bandas universitarias y equipos de porristas. Además, la ciudad cuenta con un área específica donde se llevó a cabo el proceso de estudiantización, es decir, el área fue territorializada por estudiantes universitarios y establecimientos de la economía del ocio nocturno. Inicialmente se utilizó la investigación bibliográfica para la realización del trabajo. A continuación, la etnografía – complementada con la netnografía – y la investigación de campo, que permitieron adquirir un conocimiento empírico observable sólo en el campo. Este camino metodológico permitió develar prácticas socioespaciales y expresiones identitarias de los sujetos de la investigación, que en su mayoría son jóvenes de la generación posmilenial (nacidos a partir de 1997). Hay, por tanto, un aspecto generacional relevante para el análisis. La historia oral también fue fundamental, ya que la realización de entrevistas permitió articular los discursos de los entrevistados con el marco teórico y las observaciones de campo. La investigación concluyó que, dado el gran número de estudiantes universitarios y A.A.A y organizaciones afines, se desarrolló en Dourados una cultura del ocio universitario muy peculiar, que se refleja en la constitución del espacio urbano, y que aporta vitalidad a la ciudad, donde se desarrollan redes juveniles y las geografías se entrelazan.

Palabras clave: Cultura del ocio universitario. Ciudad Universitaria. Atléticas y fiestas *open bar*. Estudiantización. Dourados.

ABSTRACT

This thesis sought to understand the sociability and leisure practices of university students in Dourados, a city that, given the wide presence of higher education institutions (HEIs) and university students, acquired characteristics that allow it to be classified as a college town. The sociability and leisure practices of university students constitute a culture of university leisure, which is supported by events such as open bar parties, sports competitions, publicity events, sales events, which are promoted by academic athletic associations (A.A.A) and related organizations, such as university bands and cheerleading teams. In addition, the city has a specific area where the studentification process took place, that is, the area was territorialized by university students and business of the nightlife economy. Initially, bibliographical research was used to carry out the work. Next, ethnography – complemented by netnography – and field research, which made it possible to acquire empirical knowledge that is observable only in the field. This methodological path allowed revealing socio-spatial practices and identity expressions of the research subjects, who are mostly young people from the post-millennial generation (born since 1997). There is, therefore, a relevant generational aspect for the analysis. Oral history was also essential, as conducting interviews allowed articulating the interviewees' speeches with the theoretical framework and field observations. The investigation concluded that given the large number of university students and A.A.A and related organizations, a very peculiar university leisure culture developed in Dourados, which is reflected in the constitution of the urban space, and which brings vitality to the city, where youthful webs and geographies intertwine.

Keywords: University leisure culture. College town. Academic athletic associations and open bar parties. Studentification. Dourados.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	20
CAPÍTULO 1.....	28
1. TERRITÓRIO.....	29
1.1 TERRITORIALIDADE.....	31
1.2 SOCIABILIDADE.....	32
1.3 ENSINO SUPERIOR NO BRASIL.....	33
1.4 ENSINO SUPERIOR EM MATO GROSSO DO SUL.....	40
CAPÍTULO 2.....	43
2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	44
2.1 AS PESQUISAS DE CAMPO.....	46
2.2 ENTREVISTAS.....	49
2.3 NETNOGRAFIA.....	51
2.4 ETNOGEOGRAFIA.....	53
2.5 DIÁRIO DE CAMPO.....	54
2.6 <i>ENTRÉE</i> E ESTABELECIMENTO DE CONTATOS.....	56
2.7 INÍCIO DO CAMPO AO ACASO: UMA PARTIDA, UMA CHEGADA.....	59
2.7.1 REPÚBLICA MANGUEIRA E A HISTÓRIA DE EBENÉZER.....	64
2.7.2 A HISTÓRIA DE MARLA.....	70
2.7.3 A HISTÓRIA DE GODOLIAS.....	72
2.7.4 A ORIGEM DA REPÚBLICA MANGUEIRA.....	74
CAPÍTULO 3.....	76

3. CULTURA DO LAZER UNIVERSITÁRIO.....	77
3.1 O JOVEM UNIVERSITÁRIO: SOCIABILIDADE E ACESSO AO LAZER NOTURNO.....	80
3.2 UNIVERSITÁRIOS MIGRANTES, UNIVERSITÁRIOS NÃO MIGRANTES: CONTROLE PARENTAL E MODOS DE VIDA.....	85
3.3 ATLÉTICAS, ORGANIZAÇÕES CORRELATAS E O LAZER NOTURNO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM DOURADOS.....	88
3.4 ATLÉTICAS EM DOURADOS, SOCIABILIDADE E LAZER NOTURNO.....	95
3.5 LIGAS E JOGOS.....	98
3.6 FESTAS <i>OPEN BAR</i>	99
3.7 BATERIAS UNIVERSITÁRIAS.....	106
3.8 EQUIPES DE <i>CHEERLEADING</i>	108
3.9 IDENTIDADE UNIVERSITÁRIA COMO BUSINESS NA CONTEMPORANEIDADE: A INDÚSTRIA DE MERCADORIAS CULTURAIS.....	109
3.9.1 MERCADORIAS CULTURAIS.....	112
CAPÍTULO 4.....	114
4. DOURADOS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA.....	115
4.1 CARACTERIZANDO A CIDADE UNIVERSITÁRIA.....	119
4.2 EXPLICANDO A ESTUDANTIFICAÇÃO.....	124
4.3 ESTUDANTIFICAÇÃO EM DOURADOS E ÁREA DE CONCENTRAÇÃO HABITACIONAL DE UNIVERSITÁRIOS (ACHU).....	128
4.4 MORADIA, SERVIÇOS E COMÉRCIO NA ACHU.....	131
4.5 MANCHA DE LAZER NOTURNO NA ACHU.....	139

4.5.1 AS DIVULGAS.....	144
4.5.2 A JOVEM QUE SÓ VAI ÀS DIVULGAS.....	149
4.6 OS PLANTÕES.....	151
4.6.1 INFLUENCERS, MARKETING: TRECHOS DE ENTREVISTA COM SATURNINO, UM DIRETOR DE ATLÉTICA.....	154
CAPÍTULO 5.....	156
5. RELATO DE CAMPO: DIVULGA DA FESTA NOTURNA DOS JOGOS JIAD.....	157
5.1 RIQUELME, HABITANTE DE LONGA DATA DA ACHU.....	165
5.2 VALDIRENE, A ESTUDANTE PENDULAR QUE GOSTA DE DAR ROLÊ EM DOURADOS.....	166
5.3 RELATO DE CAMPO: DIVULGA DA FESTA CALOURADA DAS ENGENHARIAS.....	168
5.4 TAMARA E SAJIDA: 18 ANOS RECÉM COMPLETOS.....	175
5.5 RELATO DE CAMPO: FESTA NOTURNA DO JIAD.....	178
SÍNTESE	194
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	197
REFERÊNCIAS.....	200
ANEXOS.....	215

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – O céu do centro-oeste.....	67
Figura 2 – Bateria universitária e equipe de <i>cheerleading</i> em Dourados.....	91
Figura 3 – Cronograma de treinos de equipes esportivas de uma atlética.....	92
Figura 4 – Produtos de atléticas.....	92
Figura 5 – Produtos de atléticas.....	93
Figura 6 – Produtos de atléticas.....	93
Figura 7 – Publicidade sobre associações a uma atlética.....	94
Figura 8 – Anúncio, chamando para associação a uma atlética.....	95
Figura 9 – Preparo de uma bebida de atlética.....	100
Figura 10 – Bebida de atlética servida em galão durante festa <i>open bar</i>	101
Figura 11 – Jovens universitários com galão de bebida de atlética.....	101
Figura 12 – Divulgação on-line das bebidas de atlética disponíveis em festa <i>open bar</i>	102
Figura 13 – Divulgação on-line das bebidas disponíveis em festa <i>open bar</i>	102
Figura 14 – Anúncio do preço de ingresso para festa universitária <i>open bar</i> “na hora”	103
Figura 15 – Baterias universitárias se apresentando no desafio de baterias <i>Batukaria</i> , Dourados, 2019.....	108
Figura 16 – Casa antiga de madeira, localizada na ACHU.....	132
Figura 17 – Condomínio de apartamentos de alto padrão localizado na ACHU e habitado por universitários	132
Figura 18 – Casa térrea de baixo-médio padrão localizada na ACHU e habitada por universitários	133
Figura 19 – Condomínio de apartamentos de padrão médio localizado na ACHU e habitado por universitários.....	133
Figura 20 – Conjunto de <i>kitnets</i> de padrão médio localizado na ACHU e habitado por universitários	134
Figura 21 – Casas geminadas de padrão médio localizadas na ACHU e habitadas por universitários	134

Figura 22 – Fachada do Bar Mattos, o bar é autointitulado “ <i>O ponto de encontro do universitário</i> ”	135
Figura 23 – Fluxograma da relação entre público consumidor e serviços e comércio.....	138
Figura 24 – Anúncio de que haveria telão em um jogo entre Corinthians e Flamengo em um bar localizado na ACHU.....	144
Figura 25 – <i>Post</i> nos <i>stories</i> do Instagram de um jovem universitário que participava de uma divulga.....	147
Figura 26 – <i>Post</i> nos <i>stories</i> do Instagram de um jovem universitário que participava de uma divulga.....	148
Figura 27 – Plantão de vendas da festa Calourada das Agrárias.....	152
Figura 28 – Divulgação de um plantão de vendas no Instagram.....	152
Figura 29 – Divulgação de plantão de vendas da festa <i>Cheerland</i> via Instagram.....	153
Figura 30 – Pontos de vendas de ingressos da festa noturna do JIAD – 2019.....	153
Figura 31 – Aglomeração na porta do Bamboa Lounge Bar.....	158
Figura 32 – Aglomeração na porta do Bamboa Lounge Bar.....	158
Figura 33 – Aglomeração na porta do Bamboa Lounge Bar.....	159
Figura 34 – Carimbo utilizado como passaporte no Baile de Favela da Leãozada.....	160
Figura 35 – Bebidas disponíveis na divulga do JIAD 2019.....	161
Figura 36 – Jovens fumam narguilé na divulga.....	161
Figura 37 – Jovens universitários na divulga Baile de Favela da Leãozada, 2019.....	162
Figura 38 – Jovens universitários na divulga Baile de Favela da Leãozada, 2019.....	163
Figura 39 – Mesas de sinuca no Bamboa Lounge Bar.....	163
Figura 40 – Coolers com gelo para os participantes na divulga Baile de Favela da Leãozada.....	164
Figura 41 – <i>Post</i> no Instagram da Calourada das Engenharias.....	168
Figura 42 – Fachada da Mix Beer Conveniência.....	169
Figura 43 – Local da divulga da Calourada das Engenharias, vazio.....	169
Figura 44 – Local da divulga da Calourada das Engenharias, cheio.....	170
Figura 45 – DJ tocando em divulga da Calourada das Engenharias.....	170
Figura 46 – Calouro de curso de Engenharia durante divulga da festa Calourada das Engenharias	171

Figura 47 – Calouro de curso de Engenharia com o corpo pintado durante evento da Atlética FAEN	172
Figura 48 – Integrantes da atlética do curso de Direito da UFGD (Hedionda).....	173
Figura 49 – Anúncio de venda de ingressos da festa noturna do JIAD – 2019.....	179
Figura 50 – Jovens com suas canecas atravessadas no peito.....	185
Figura 51 – Portal de entrada da festa noturna do JIAD – 2019.....	186
Figura 52 – Jovens universitários tirando foto no <i>banner</i> da festa noturna do JIAD 2019.....	187
Figura 53 – Serviços de alimentação na festa noturna do JIAD – 2019.....	188
Figura 54 – Anúncio no Instagram sobre cerveja e corote disponíveis na festa noturna do JIAD – 2019.....	188
Figura 55 – Galões de bebidas de atléticas.....	189
Figura 56 – Jovem universitário fumando vaporizador.....	191
Figura 57 – Artistas durante a festa noturna do JIAD – 2019.....	193

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Histórico do quantitativo de IES no Brasil.....	37
Tabela 2 – Universidades Federais fundadas desde 2003.....	38
Tabela 3 – Quantitativo de IES por tipo no Brasil (2018).....	39
Tabela 4 – Municípios onde havia institutos e centros pedagógicos, que se tornaram unidades da UEMT e os anos de criação.....	41
Tabela 5 – Cursos superiores instalados no Estado de Mato Grosso do Sul por modalidade e municípios.....	42
Tabela 6 – Atléticas que compõem a Liga das Atléticas de Dourados.....	96
Tabela 7 – Colônias Agrícolas Nacionais (CANs).....	116
Tabela 8 – Dados populacionais em Dourados (1948-1960).....	116
Tabela 9 – Dados populacionais em Dourados (1960-1970).....	116
Tabela 10 – Cursos de graduação e pós-graduação ofertados nas principais IES de Dourados	118
Tabela 11 – Características de cidades universitárias.....	123
Tabela 12 – Artistas que se apresentaram na festa noturna JIAD – 2019.....	192

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 – Lugares onde ocorrem festas universitárias <i>open bar</i> em Dourados	105
Mapa 2 – Localização de IES em Dourados: FAD, UNIGRAN e FADIR (uma das faculdades da UFGD) localizadas na ACHU; UEMS e campus principal da UFGD estão localizadas fora da ACHU.....	129
Mapa 3 – <i>Points</i> de lazer noturno localizados na ACHU.....	143

LISTA DE SIGLAS

A.A.A: Associação Atlética Acadêmica

AAALQ: Associação Atlética Acadêmica da Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

ACHU: Área de Concentração Habitacional de Universitários

AEMS: Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul

CAND: Colônia Agrícola Nacional de Dourados

CANs: Colônias Agrícolas Nacionais

CETEP: Centro de Educação Tecnológica Profissional.

CEUD: Centro Universitário de Dourados

EaD: Ensino a Distância

EIC: Escola Franciscana Imaculada Conceição

ENEM: Exame Nacional do Ensino Médio

ESALQ: Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz"

FAC: Faculdade de Ciências Agrárias

FAD: Faculdade Anhanguera de Dourados

FADAFI: Faculdade Dom Aquino de Filosofia, Ciências e Letras.

FADIR: Faculdade de Direito e Relações Internacionais – UFGD

FAE: Federação Atlética de Estudantes

FAEN: Faculdade de Engenharia

FDUSP: Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

FLACSO: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais

FUCMT: Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso

FUPE: Federação Universitária Paulista de Esportes

GEA: Grupo Estratégico de Análise da Educação Superior no Brasil

HMO: *Houses of Multiple Occupation*

ICBCG: Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande

IES: Instituição de Ensino Superior

INEP: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

JIAD: Jogos Inter Atléticas de Dourados

JUPP: Jogos Universitários de Presidente Prudente

LADDS: Liga das Atléticas de Dourados

NASPA: *National Association of Student Personnel Administrators*

SENAI: Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria.

SOCIGRAN: Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados

UBC: União Brasileira de *Cheerleaders*

UCDB: Universidade Católica Dom Bosco

UEMS: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul

UEMT: Universidade Estadual de Mato Grosso

UFBA: Universidade Federal da Bahia

UFGD: Universidade Federal da Grande Dourados

UFMS: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul

UFPR: Universidade Federal do Paraná

UNESP: Universidade Estadual Paulista

UNIGRAN: Centro Universitário da Grande Dourados

UNMSM: *Universidad Nacional Mayor de San Marcos*

USP: Universidade de São Paulo

INTRODUÇÃO

Este trabalho teve origem na busca por compreender como ocorrem as práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários em uma cidade média – Dourados, Mato Grosso do Sul – que, em consonância com a expansão e interiorização do ensino superior no país ao longo dos últimos quinze anos, adquiriu características de cidade universitária, isso é, tornou-se uma cidade onde há concentração de instituições de ensino superior (IES) e população relevante de jovens universitários.

Qual foi a motivação para desenvolver uma tese sobre o tema? Minha vivência como jovem universitário *habitué* do lazer noturno em tempos pretéritos¹ e investigações precedentes que realizei, sempre tendo jovens como sujeitos de pesquisa. Essas pesquisas convenceram-me que o tema merecia ser estudado de maneira aprofundada, dada a lacuna na Geografia brasileira de estudos específicos sobre práticas de sociabilidade e lazer de jovens universitários².

Ao longo das últimas décadas, sobretudo, a partir do início do século XXI, a Geografia brasileira, em diálogo com outras ciências humanas – em especial a Antropologia, a Sociologia, a História, a Filosofia e a Psicologia – tem abarcado, em seu escopo, pesquisas que tratam de práticas socioespaciais de sujeitos jovens e processos de formação de grupos de referência juvenis, que apresentam seus esquemas de ação, *habitus*, simbolismos e elementos de caracterização identitária próprios.

Entre as pesquisas que seguem essa linha, destaco as teses de Turra Neto (2008) e Ramos (2017), que tratam de práticas de sociabilidade e lazer de sujeitos jovens em cidades médias. Turra Neto (2008) teve como sujeitos de pesquisa jovens adeptos das culturas *punk* e *hip-hop* em Guarapuava, sudoeste do Paraná. Ramos (2017), por sua vez, teve como sujeitos de pesquisa jovens frequentadores de “rolezinhos” e adeptos das culturas *wheeling* e *tunning*³, nas cidades de Marília e Bauru, região central do estado de São Paulo.

Embora as pesquisas citadas tenham servido de inspiração e compartilhem, em termos gerais, do objeto de pesquisa deste trabalho – práticas de sociabilidade e lazer

¹ Tempos pretéritos, mas não tão pretéritos. Afinal, até 2018 fui assíduo em meu lazer particular.

² Situação que não é surpreendente, tendo em vista o quão recente é o processo de expansão do ensino superior no país.

³ *Wheeling* é atividade sobre rodas (motocicletas, bicicletas, quadriciclos) com realização de manobras e acrobacias. *Tunning* é a alteração que se faz nos veículos de quatro rodas para personalizá-los e dar-lhes mais potência.

protagonizadas por sujeitos jovens em cidades médias – é imprescindível destacar que os sujeitos de pesquisa de Turra Neto (2008) e Ramos (2017) diferem, significativamente, dos sujeitos de pesquisa do trabalho aqui apresentado.

Nesses termos, esclareço que o presente trabalho tem como objeto de pesquisa específico as práticas de sociabilidade e lazer noturno – que são parte da experiência universitária – de jovens universitários em Dourados. Essas práticas de sociabilidade e lazer são representadas pelo ato de frequentar serviços e comércio inseridos na economia da vida noturna como bares, lojas de conveniência, tabacarias, casas noturnas, que serão chamados de *points*⁴, e festas noturnas, que serão chamadas ao longo do trabalho de festas universitárias, e que são realizadas por organizações estudantis como: associações atléticas acadêmicas (A.A.A ou, simplesmente, atléticas), baterias universitárias e equipes de *cheerleading* (animadoras de torcida).

A pouca existência de referencial teórico em língua portuguesa sobre práticas de sociabilidade e lazer de jovens universitários (embora haja uma crescente produção bibliográfica sobre culturas juvenis e suas práticas socioespaciais⁵) mostrou-se uma condição desafiadora, todavia gratificante, pois possibilitou (necessitou) que fosse estabelecido contato com obras de autores até então por mim desconhecidos, oriundos de países nos quais a tradição de pesquisas sobre práticas de sociabilidade e lazer de estudantes universitários, de forma sistematizada, perdura há mais de meio século.

Observa-se que essas pesquisas são rotuladas, majoritariamente, como Estudos Educacionais (*student affairs*). Assim, abrangem uma enorme gama de pesquisas que têm jovens universitários como sujeitos de pesquisa. Nesse âmbito, destaco pesquisas desenvolvidas nos Estados Unidos, na França, no Reino Unido e na Escandinávia⁶, onde

⁴ Conforme Ramos (2017), *points* são lugares que são especializados por sujeitos jovens em suas práticas de sociabilidade e lazer.

⁵ As produções do Grupo Estratégico de Análise de Educação Superior no Brasil (GEA) vinculado à Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO), que, muito competetemente, têm analisado o desenvolvimento do ensino superior no Brasil, sob perspectiva interdisciplinar, que envolve, vez ou outra, algum aspecto próximo ao estudo das práticas de sociabilidade e lazer de jovens estudantes universitários.

⁶ Nessa perspectiva, aponto a importância para a construção da presente tese, sobretudo pelo volume e pluralidade de publicações: a) *National Association of Student Personnel Administrators* (NASPA), instituição estadunidense fundada em 1919 em Madison, Wisconsin, atualmente sediada em Washington, DC. A associação possui mais de 15 mil membros (acadêmicos/pesquisadores) oriundos de mais de 2.100 IES, localizadas em 25 países diferentes; b) publicações da editora inglesa Routledge e da alemã Springer, que, sob múltiplas perspectivas teórico-analíticas, realizam estudos sobre diferentes grupos juvenis e suas práticas de sociabilidade e lazer, entre os quais, os *college students* (estudantes universitários); c) contribuições dos sociólogos franceses Pierre Bourdieu e Bernard Lahire, que permitem, a partir de suas leituras, estabelecer um entendimento sobre as práticas de sociabilidade e lazer de jovens estudantes universitários, sobretudo a partir do acesso às concepções de esquemas de ação, grupos de referência, *habitus* e capitais (BOURDIEU, 1985; WEIDMAN, 1989; BROWN; DOLCINI; LEVENTHAL, 1997; LAHIRE, 2002; LIMA, 2018; NASPA, 2020).

os jovens universitários e suas práticas socioespaciais são sistematicamente investigados em grupos de pesquisa instalados em universidades.

Quanto aos jovens universitários sujeitos desta pesquisa, a maioria deles faz parte da geração *post-millennial*⁷, isso é, são sujeitos nascidos desde 1997; e, também, em menor número, sujeitos *cuspers*, definidos por Codrington (2008) como aqueles nascidos nos anos finais de uma geração e que possuem *habitus* e esquemas de ação mais assemelhados aos da geração seguinte do que aos da própria geração⁸. No caso do presente trabalho, os *cuspers* são sujeitos *millennials*, que nasceram no período 1993-1996⁹.

Tem-se, assim, o aspecto geracional como elemento relevante ao analisar as práticas de sociabilidade e lazer noturno, que são, em si, práticas socioespaciais dos jovens universitários em Dourados, que envolvem processos de apropriação do espaço-tempo, territorialização e exercício de territorialidades, conformando uma cultura do lazer universitário no contexto de uma cidade de porte médio, que se tornou universitária e possui suas peculiaridades.

Cidade que, sob a perspectiva *lefebvrina* é produzida pelas ações das “gentes”¹⁰ e capitais que nela se projetam, ou seja, o espaço urbano é produzido no tempo, de acordo com as ações dos sujeitos sociais, em consonância com a ação do capital¹¹, fornecendo condições para a reprodução de modos de vida e práticas socioespaciais¹², que ganham tração de acordo com os recursos presentes localmente, estabelecendo ambiências próprias (LÖW, 2008).

Destaco, nesse sentido, que, em cidades universitárias, é comum que ocorra um processo socioespacial típico: a estudantificação, que pode ser compreendida em termos gerais, como o influxo – territorialização – de jovens universitários em áreas específicas

⁷ As gerações que são citadas neste trabalho são: *Baby boomer* (*boom* de filhos do pós-guerra): nascidos entre 1946 e 1964; Geração X: geração “faça amor, não faça guerra” - nascidos de 1965 a 1980; Geração Y ou *Millennial*: nascidos às vésperas da virada do milênio, entre 1981 e 1996; Geração Z ou *Post-Millennial*: para eles, a internet é o mundo; são sujeitos nascidos de 1997 a 2010. Geração Alfa: a vida digital para eles, é a própria vida; são sujeitos nascidos a partir de 2010 (COMAZZETTO, 2016). Tal categorização vem, sobretudo, com o objetivo de se entender o perfil psicológico e comportamental de cada uma delas, para saber como lidar com os sujeitos.

⁸ Nessa perspectiva, entende-se que um sujeito nascido em 1995 tem referências e esquemas de ação mais próximos aos de alguém que nasceu em 2001 que de alguém que nasceu em 1981.

⁹ São sujeitos que têm entre 27 e 30 anos de idade, em 2023.

¹⁰ Goettertt, 2008.

¹¹ Lefebvre, 1975; Harvey, 2003.

¹² Ou impossibilitando tais práticas, por exemplo, uma cidade sem IES e sem universitários não terá um circuito de lazer universitário. A presença de IES e jovens universitários é condição essencial para uma cidade ser categorizada como universitária.

das cidades, tornando-se agentes produtores do espaço por meio de suas práticas socioespaciais. Além disso, em áreas em que ocorre o processo de estudantificação, vão se instalando serviços e comércio diversificados, entre os quais aqueles inseridos na economia da vida noturna, que visam atender à demanda gerada pela população universitária. Destaque-se que foi identificada uma área na zona noroeste de Dourados que passa por processo latente de estudantificação. A essa área deu-se o nome de Área de Concentração Habitacional de Universitários (ACHU), tamanha a presença de jovens universitários entre os habitantes e a oferta de lazer noturno (GUMPRECHT, 2003; KINTON, 2013; LIMA, 2020).

Quanto às festas universitárias, esclareço que são realizadas pelas atléticas e organizações correlatas (baterias e equipes de *cheerleading*) e representam uma forma de lazer noturno que é amplamente disseminada entre jovens universitários em Dourados. Atualmente, há 27 atléticas *mainstream* na cidade¹³. Elas são responsáveis por promover grandes festas noturnas, quase sempre na modalidade *open bar*, realizadas ao longo dos calendários letivos das IES, e são elemento constituinte da cultura do lazer universitário (WEIDMAN, 1989; MOFFATT, 1991; LIMA, 2020).

Diante do exposto, surgiram alguns questionamentos. De que forma o estabelecimento de Dourados como cidade universitária favorece as práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários? Como as ações dos universitários no espaço-tempo se imbricam com o processo de estabelecimento de Dourados como cidade universitária? Qual é a relevância das práticas de sociabilidade e lazer noturno na experiência universitária? De que maneira ocorrem as práticas de sociabilidade e lazer noturno dos jovens universitários de Dourados (tanto em *points* como em festas universitárias)? Quais são as estratégias das organizações estudantis para sua própria manutenção e, portanto, da manutenção das práticas de sociabilidade e lazer noturno tipicamente universitárias, e como elas refletem na caracterização identitária dos estudantes?

Para responder aos questionamentos, recorri a procedimentos qualitativos de pesquisa, extensamente empregados nas ciências humanas ao investigar processos e

¹³ Além das atléticas *mainstream*, há atléticas *underground* como a Atlética Chronos do curso de História da UFGD, a Atlética do Vale (uma atlética que representa estudantes da comunidade LGBTQI+ de cursos diversos), a Atlética Suprema do curso de Estética e Cosmética da UNIGRAN, a Atlética do curso de Gestão Ambiental da UFGD. Defino como atléticas *mainstream*, aquelas que compõem a Liga das Atléticas de Dourados e como atléticas *underground*, aquelas que não compõem a Liga das Atléticas de Dourados. As atléticas *underground*, assim como as atléticas *mainstream*, realizam eventos e festas *open bar* de forma recorrente, além de comercializarem suas mercadorias, que são providas de valor simbólico.

práticas socioespaciais. Para tanto, iniciei com uma pesquisa bibliográfica focada em obras que tratam de jovens estudantes universitários, práticas de sociabilidade, lazer noturno, identidades, gerações, cidades universitárias, estudantificação, *habitus*, grupos de referência, referências culturais (g)localizadas, tempo, espaço, lugar, territórios e territorialidades.

Quanto aos procedimentos empregados para acessar os sujeitos de pesquisa, baseei-me em preceitos da etnografia realizada por meio de pesquisas de campo, o que possibilitou contato aprofundado com os sujeitos de pesquisa e tornou mais apurados os conhecimentos sobre suas práticas socioespaciais. Em outras palavras, por meio de pesquisas de campo, foi possível adquirir saberes empíricos que, somente no campo são observáveis/aferríveis e que, posteriormente, em articulação com o arcabouço teórico e as hipóteses inicialmente aventadas, suscitaram conclusões. Tal perspectiva caracteriza uma dialética ascendente (MARRE, 1991) que trespassa a definição de objeto e sujeitos de pesquisa, de onde é constituído um encadeamento do empirismo com a teoria, o que possibilita validar as hipóteses e questionamentos aventados (MARRE, 1991; ZUSMAN, 2011; VAN LIEMPT; VAN AALST; SCHWANEN, 2015).

Nas pesquisas de campo, apoiando-me na tradição etnográfica, foi empregada a observação participante, metodologia que envolve a inserção do pesquisador nos espaços de ação social dos sujeitos de pesquisa, com intuito de conviver com eles e realizar observações de maneira próxima, estabelecendo um “contato sensível” (FOOTE-WHYTE, 1980; BRANDÃO, 1985; BECKER, 1999; TURRA NETO, 2008; KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013).

Foram conduzidas entrevistas, buscando articular os discursos dos entrevistados com o arcabouço teórico e com as observações de campo, o que possibilitou analisar aspectos sobre a experiência universitária, sobretudo no que se refere à cultura do lazer universitário. Ainda tendo em vista a prática etnográfica e a dimensão dos ambientes de convivência e interação digital contemporâneos, sobretudo redes sociais on-line, que são vastamente utilizadas por sujeitos inseridos na faixa etária jovem, utilizei a netnografia, que é a etnografia realizada por meios digitais, de onde podem ser coletadas informações sobre os sujeitos de pesquisa, muitas vezes, em tempo real, mesmo sem que o pesquisador esteja fisicamente presente (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013; KOZINETS, 2014).

Dessa maneira, a netnografia se apresenta como uma metodologia de potencial elevado na produção de conhecimento, já que o uso “das tecnologias digitais e das redes

eletrônicas” para realizar investigações tem se revelado cada vez mais relevante no período contemporâneo (LYMAN; WAKEFORD, 1999, p. 139).

Nossos mundos sociais estão se digitalizando com [...] centenas de milhões de pessoas interagindo por meio de muitas comunidades on-line [...] Consequentemente, cientistas sociais ao redor do mundo estão constatando que para compreender a sociedade, é preciso seguir as atividades e interações das pessoas na internet e por meio de outros meios de comunicação mediados pela tecnologia (KOZINETS, 2014, p. 19).

O emprego da netnografia mostrou-se bastante adequado, pois permitiu seguir os sujeitos de pesquisa a distância, tendo em vista que só vivi em Dourados durante o primeiro ano de desenvolvimento deste trabalho (2019)¹⁴, quando a maioria das pesquisas de campo foram realizadas. E não foi apenas isso. Afirmo, veementemente, que o uso da netnografia enriquece estudos que envolvem sujeitos jovens, pois, mesmo que o pesquisador consiga realizar grande quantidade de pesquisas de campo baseadas na observação participante, existem aspectos das ações socioespaciais e expressões identitárias que só são observáveis por meios digitais.

Quanto à estrutura da presente tese, há cinco capítulos. No capítulo 1, apresento as concepções de território, territorialidade, sociabilidade, além de aspectos históricos sobre o ensino superior no Brasil e em Mato Grosso do Sul.

No capítulo 2, apresento os fundamentos metodológicos que direcionaram e fundamentaram minhas pesquisas, desde a graduação até o fim da escrita deste trabalho que agora vem a público, como pesquisador de práticas de sociabilidade e lazer de sujeitos jovens, e práticas de lazer noturno de universitários. No capítulo 2, encontra-se, também, uma descrição mais aprofundada dos procedimentos metodológicos empregados, especificamente, na investigação que precedeu esta tese. Assim, em alguns momentos, o texto é, a um só tempo, abstração teórico-metodológica e descrição do início da aplicação da teoria nas ações de pesquisa propriamente.

No capítulo 3, apresento a cultura do lazer universitário tal qual observei em minhas pesquisas de campo, interpretando-a à luz dos referenciais teóricos, ratificando, nas observações, seus preceitos. A sociabilidade e o acesso ao lazer noturno dos jovens universitários, em Dourados, informam-nos muito sobre a tessitura das características locais e gerais de uma cidade universitária, com população estudantil migrante e não

¹⁴ Nos anos seguintes, voltava à cidade em períodos específicos para observação/participação em festas, e realização de entrevistas, tendo em vista minha volta ao mercado de trabalho, desenvolvendo atividade docente em Ponta Porã e Nova Andradina nas redes de ensino municipal, estadual, federal e em instituições privadas.

migrante. Isso leva-nos à compreensão do ingresso na universidade e sua relação com o rompimento do controle parental e o ingresso na vida universitária como um rito de passagem para a vida adulta, o que inclui as participações no lazer noturno peculiarmente universitário, sobretudo as festas universitárias *open bar*. Apresento também como é a dinâmica das ligas esportivas universitárias e seus torneios e o envolvimento dos universitários nessas ligas. Acrescentam-se as baterias, que animam os jogos, mas também desenvolvem atividades independentes, participando de competições. Por fim, apresento as equipes *cheerleading*, que começam a ter presença marcante nos eventos esportivos universitários nos últimos anos.

Ao observar de forma participativa, dialogar, vivenciar e registrar, em textos verbais e imagens, as dinâmicas da vida universitária de Dourados, fui constatando e, também, descrevendo a dinâmica da identidade universitária da cidade, e a indústria de mercadorias culturais, que compõem, com outros elementos, a identidade dessa cidade como um centro universitário, uma cidade estudantificada, conceito que é apresentado no capítulo seguinte.

No capítulo 4, apresento teorizações de autores que nos oferecem elementos para analisar o contexto universitário de Dourados, o qual foi exposto nos capítulos anteriores. Chega-se à constatação de que Dourados é uma cidade universitária, no sentido epistemológico, tendo como base – principalmente – Gumprecht (2008) e Kinton (2013). Nos subitens a seguir, exponho a caracterização da cidade como universitária, o processo de estudantificação que se deu, conforme se pôde observar ao analisar o seu histórico, desde sua formação até o presente. Dentro do processo de estudantificação, tem-se a apresentação da dinâmica de formação da Área de Concentração Habitacional de Universitários – ACHU com suas moradias, serviços e comércio. Por fim, apresento a dinâmica da mancha de lazer noturno na ACHU e seus eventos que atraem e que dão colorido a toda a cidade e à área.

No capítulo 5, apresento relatos das atividades de campo, quando estive (participei, observei, fotografei, dialoguei, entrevistei) nas festas divulgadas – pequenas festas para divulgar as grandes festas *open bar* –, plantões e nas grandes festas universitárias *open bar* propriamente. Alguns registros dessas atividades de campo aparecem, também, nos capítulos anteriores. Todas as informações, no entanto, auxiliam no mergulho que o leitor poderá fazer para bem conhecer e comprovar o que se declara neste trabalho: Dourados é uma cidade universitária, onde está estabelecida a cultura do lazer universitário.

Na sequência, apresento uma síntese sobre os cinco questionamentos iniciais que nortearam a tese. Faço, por fim, considerações sobre esse trabalho, o que se espera dele como contribuição para as ciências humanas e especificamente para a Geografia.

CAPÍTULO 1

1. TERRITÓRIO

O conceito de território, possui – etimologicamente – conotação dupla; conotação material e conotação simbólica. A palavra território é próxima de *terra – territorium* – e de *térreo-territor* (HAESBAERT, 2009). De acordo com o referido autor:

Desde a origem, o território nasce com uma dupla conotação material e simbólica, pois etimologicamente aparece tão próximo de terra-territorium quanto de térreo-territor (terror, aterrorizar), ou seja, tem a ver com dominação (jurídico-política) da terra e com a inspiração do terror, do medo – especialmente para aqueles que, com esta dominação ficam alijados da terra, ou no “territorium” são impedidos de entrar (HAESBAERT, 2009, p. 5).

No entendimento posto por Haesbaert (2009, p. 43), compreende-se que território significa “terra apropriada”, que incorpora a construção da identidade dos sujeitos. Analisando a definição de território com base em Lefebvre (1975), Haesbaert (1997) salienta a dimensão simbólico-cultural do território, indo além da definição política *ratzeliana*. O referido autor sustenta que:

O território deve ser visto na perspectiva não apenas de um domínio ou controle politicamente estruturado, mas também de uma apropriação que incorpora uma dimensão simbólica, identitária e, por que não dizer, dependendo do grupo ou classe social a que estivermos nos referindo, afetiva (1997, p. 41).

Sob perspectiva semelhante, Raffestin (1993) afirma que a conceituação de território é “muito ampla” (LIMA, 2018, p. 31), pois vai além de “conceituações geológicas, geomorfológicas e topográficas”, sendo, dessa forma, “a própria expressão da materialização da dominação, bem como das relações de poder superpostas e que se apropriam do espaço” (LIMA, 2018, p. 31).

Analisando o território sob a perspectiva sociocultural, Lima (2018, p. 31), baseando-se na concepção de Turra Neto (2008) defende que o entendimento de um território deve ser feito, a partir dos grupos sociais que “nele estão inseridos” e “há que se considerar” que as “formas assumidas pelas relações sociais de poder projetadas no espaço são diversas”, conferindo-lhes características variantes.

Nessa seara, Raffestin (1993, p. 143) afirma que o espaço se torna território conforme as ações dos sujeitos que dele se apropriam, afinal, “ao se apropriar de um espaço, concreta e abstratamente, o ator territorializa o espaço” (RAFFESTIN, 1993, p. 143). Tendo em vista que o espaço é anterior ao território, Raffestin (1993) afirma que “o espaço e o território não podem ser dissociados, pois enquanto o primeiro se faz necessário para demarcar a existência do segundo”, o segundo é necessário para que o

primeiro (espaço) se humanize. Nessa perspectiva, destaco a definição de território de Porto-Gonçalves (2010, p. 43):

Território é espaço apropriado, espaço feito coisa própria, enfim, o território é instituído por sujeitos e grupos sociais que se afirmam por meio dele. Assim, há, sempre, território e territorialidade por meio de processos sociais de territorialização. Num mesmo território há, sempre, múltiplas territorialidades.

“O território é [...] um espaço cultural ou de pertencimento” (MEDEIROS, 2009, p. 217). Guattari (1996, p. 323) observa o simbolismo do território, agregando a dimensão identitária, afirmando que o território pode ser entendido como apropriação espacial e conjunto de representações atreladas aos esquemas de ação no espaço e no tempo, considerando, sempre, as práticas socioculturais dos sujeitos. Mucknik e Sautier (1999), em consonância, definem o território como espaço que é construído pelas ações sociais – contidas na história – e condicionado de maneira profunda pelas relações de proximidade e pertencimento.

O pertencimento – e as relações de poder – envolvem “relações (i)materiais”, seja no âmbito econômico ou cultural. Sendo o território um compartimento do espaço, advindo da diversificação e estruturação espacial, pode-se afirmar que o território tem “duas funções principais”: a) “ser abrigo”, simbolizar segurança; b) ser um “trampolim para oportunidades” (SAQUET, 2007, p. 27). Quanto ao “abrigo”, entende-se: estar entre sujeitos com os quais há traços identitários compartilhados. Quanto ao trampolim para oportunidades, tem-se que: a partir do domínio sobre o espaço – feito território – há condições favoráveis para que oportunidades de existência, exercício identitário e práticas e esquemas de ação se desenvolvam.

O território é observável como “campo de forças”, no qual há alteridades e limites, sob as dinâmicas das relações sociais; não sendo a constituição territorial – necessariamente – a produção de um novo espaço, mas, também, a “apropriação de espaços já construídos”, onde são estabelecidos limites, que sob a perspectiva de Elias e Scotson (1997) e Turra Neto (2008) diferem: *we-nós* e *them-eles*, a partir de “simbologias” diversas (TURRA NETO, 2008, p. 467).

1.1 TERRITORIALIDADE

Ao buscar o entendimento de territorialidade, é imprescindível considerar os simbolismos e práticas culturais intrínsecas, que se manifestam na caracterização territorial. Conforme Reis (2011):

Podemos inferir que territorialidade configura-se sempre como uma relação baseada, entre outros atributos, em valores simbólicos e/ou culturais, nas relações e ações que os indivíduos desenvolvem no território, criando assim um referencial simbólico com o lugar em questão, são ações que constituem a territorialidade de um grupo em relação ao seu território (p. 14).

Sob a perspectiva de Souza (1995, p. 99) “a territorialidade tem a ver com um certo tipo de interação entre homem e espaço, a qual é, aliás, sempre entre seres humanos mediatizada pelo espaço”. Nesse sentido, é importante salientar que a territorialidade é “consustancial a todas as relações e seria possível dizer que, de certa forma, é a ‘face vivida’ da ‘face agida’ do poder” (RAFFESTIN, 1993, p. 161).

A territorialidade, deve ser compreendida então, como “um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional”: sociedade, espaço e tempo (RAFFESTIN, 1993, p. 160). Assim, a territorialidade e sua manifestação, têm como cerne, “os objetivos do controle social através de sua territorialização” que “variam conforme a sociedade ou cultura, o grupo e, muitas vezes, com o próprio indivíduo” (HAESBAERT, 2007, p. 22). Assim, Saquet (2009, p. 88) elucida que:

A territorialidade é um fenômeno social que envolve indivíduos que fazem parte do mesmo grupo e de grupos distintos. Há continuidade e descontinuidade no tempo e no espaço; as territorialidades estão intimamente ligadas a cada lugar: elas dão lhe identidade.

Neste âmbito, Saquet (2007), salienta que deve ser considerada a dimensão subjetiva intrínseca à territorialidade, como desdobramento de relações perpetradas pelos sujeitos, sendo essas as relações que constituem o território vivido de cada sujeito ou grupo social. Sob essa perspectiva, Saquet (2007, p. 129) afirma que:

A territorialidade é o acontecer de todas as atividades cotidianas [...] resultado e determinante do processo de cada território, de cada lugar; é múltipla, e por isso, os territórios também o são, revelando a complexidade social, e ao mesmo tempo, as relações de domínios de indivíduos ou grupos sociais com uma parcela do espaço geográfico, outros indivíduos, objetos, relações.

Entende-se, assim, que a territorialidade é um processo, que envolve aspectos culturais de um grupo específico, correspondendo às relações sociais e sendo de grande importância no processo de construção identitária e organização dos esquemas de ação

dos sujeitos e da produção do espaço. Todo território possui uma territorialidade, mas nem toda territorialidade possui um território, vide a “terra prometida” de Haesbaert (2007, p. 23), afinal a territorialidade é o dimensionamento imaterial, que se faz presente, mesmo na falta de um território concreto.

1.2 SOCIABILIDADE

De acordo com Simmel (1983), o convívio social, a sua necessidade e capacidade recebem o nome de sociabilidade. Assim, entende-se como sociabilidade: “o instinto humano que leva os sujeitos a se interessarem pela interação com outros sujeitos e estabelecerem relações que se fazem e desfazem” sob perspectivas diversas, que partem de “objetivos compartilhados” (LIMA, 2018, p. 41).

Turra Neto (2008, p. 399), por sua vez, defende que a sociabilidade:

Ganhou autonomia em relação aos conteúdos [...] É uma forma pura, no sentido de ser uma “inter-relação interativa”, ou seja, não há conteúdos concretos, nem objetivos a perseguir. As motivações que originam perdem sentido em benefício de uma relação cujo único objetivo é estar em relação.

Dessa forma, a sociabilidade é uma “maneira de materializar a interação com terceiros de forma pura e espontânea”, baseando-se na interação em si. Seria, metaforicamente, uma interação que se faz por si própria, e a “chama da interação reside no interesse dos sujeitos” em estabelecer e manter contato entre si (LIMA, 2018, p. 40).

Quanto às práticas de sociabilidade de sujeitos jovens, saliento a perspectiva de Carrano (2003) que afirma que existem e prevalecem referências culturais – que podem ser globais – no processo em que se estabelecem redes de sociabilidade juvenis, tendo o lazer e a diversão como condicionantes. Sob essa perspectiva, Pires (2013, p. 97) afirma que:

Acerca das relações de sociabilidade da juventude e da origem de diferentes culturas juvenis, pode-se dizer que elas se dão, preferencialmente, no domínio do lazer e da diversão. Ademais, é em torno dos espaços-tempos dessas atividades que a juventude ganha, em certo sentido, especificidade unitária. Ademais, é a partir delas que se pode melhor compreender os diferentes modos de “ser jovem” e, a partir daí, a juventude na sua diversidade.

Mais além, Carrano (2003) aponta o valor das mercadorias culturais nas sociabilidades juvenis. O contato dos “jovens com as mercadorias culturais ocorre, sobretudo, em seus espaços de lazer e recreação”, que têm relação com “o universo

simbólico no qual ocorre a sobreposição de escalas locais e globais”, aos quais está atrelada a constituição identitária dos sujeitos (LIMA, 2018, p. 41).

A sociabilidade constitui-se em uma dinâmica de relações, trocas afetivas, de valores, de informações, de experiências, de identidade, de busca de entretenimento e de reconhecimento social. Ela se dá cotidianamente e acontece em vários lugares, seja nos espaços institucionais (como a família, a escola, a universidade, o trabalho, os grupos juvenis e as igrejas), seja nos espaços de lazer e diversão, ou no espaço virtual e cibernético (PIRES, 2013, p. 95).

É imprescindível salientar que, as práticas de sociabilidade juvenis, tomam corpo – de maneira geral – a partir de aspectos identitários compartilhados, a partir dos quais delineiam-se processos particulares de interação, regidos por códigos e esquemas de ação e simbolismos, que constituem estilos de vida tipicamente juvenis na esfera do lazer (SIMMEL, 1983; CARRANO, 2003). Por fim, destaco, que no que pese a escala global no estabelecimento de estilos de vida, a sociabilidade que é resultado da relação global-local, se materializa – sobretudo – na escala local, “sendo que o processo no qual” as redes de sociabilidade tomam forma, corresponde “à dialética entre o global e o local” (LIMA, 2018, p. 42).

1.3 ENSINO SUPERIOR NO BRASIL

Apesar das mazelas sociais compartilhadas historicamente por diferentes países latino-americanos, nos países de colonização espanhola, no que se refere à política educacional e instituição do ensino superior, o processo foi iniciado séculos antes que no Brasil, sob colonização portuguesa. Em vários desses países de colonização espanhola, já existiam universidades no século XVI, enquanto no Brasil a primeira universidade somente surgiu no século XX (SAMPAIO, 1991; SAVIANI, 2010; LIMA, 2018).

Os colonizadores espanhóis fundaram “ainda no século XVI [...] em 1538, a primeira universidade das Américas, a Universidade Autônoma de Santo Domingo, onde hoje é a República Dominicana” (LIMA, 2018, p. 67).

Na América do Sul, a primeira universidade, foi a Universidad Nacional Mayor de San Marcos (UNMSM), fundada em 12 de maio de 1551 em Lima, Peru. Em 1580, foi fundada a Universidad Santo Tomás, em Bogotá, Colômbia e, em 1613, foi fundada a Universidad Nacional de Córdoba, na cidade homônima, na Argentina (DURHAM, 1998; SAVIANI, 2010; SAMPAIO, 2015; LIMA, 2018).

Enquanto os espanhóis expandiam sua rede de instituições de ensino superior e estabeleciam o ensino superior em diferentes colônias, que posteriormente se tornariam países independentes, os colonizadores portugueses encaravam o desenvolvimento do ensino superior nas colônias como algo pouco importante, algo tratado com desdém e mesmo prejudicial para os interesses da coroa portuguesa (SAMPAIO, 1991; DURHAM, 1998; FÁVERO, 2006; GOMES, 2007; SAVIANI, 2010; LIMA, 2018).

A pequena casta de jovens de famílias abastadas que, no período colonial, viviam no Brasil, em geral, buscava acesso ao ensino superior na Europa, sobretudo, na Universidade de Coimbra, Portugal, ou na Inglaterra e na França. Observa-se, que essa prática era comum também a jovens oriundos de elites econômicas de outras colônias portuguesas, como Angola e Moçambique, na África (SAMPAIO, 1991; DURHAM, 1998; FÁVERO, 2006; SAVIANI, 2010; LIMA, 2018).

A história da criação de universidade no Brasil revela, inicialmente, considerável resistência, seja de Portugal, como reflexo de sua política de colonização [...] não viam justificativa para a criação de uma instituição desse gênero na Colônia, considerando mais adequado que as elites da época procurassem a Europa para realizar seus estudos superiores. Desde logo, negou-a a Coroa portuguesa aos jesuítas que, ainda no século XVI tentaram criá-la na Colônia. Em decorrência, os alunos graduados nos colégios jesuítas iam para a Universidade de Coimbra ou para outras universidades europeias, a fim de completar seus estudos (FÁVERO, 2006, p. 20).

No Brasil, o ensino superior somente foi instituído em 1792, tendo como primeira instituição a Real Academia de Artilharia, Fortificação e Desenho, no Rio de Janeiro, que oferecia curso de Engenharia Naval voltado à carreira militar.

Uma década e meia depois, surgiria o primeiro curso de Medicina do Brasil, instalado em Salvador, em 1808, quando da fundação da Escola de Cirurgia da Bahia, que atualmente é parte da Universidade Federal da Bahia – UFBA (LIMA, 2018, p. 67). Deve ser observado, também, que 1808 foi o ano da fuga às pressas da corte portuguesa para o Brasil, em circunstância única na história, na qual por razões geopolíticas um reino europeu teve sua capital, seu centro de poder, transplantada para outro continente (GOMES, 2007; LIMA, 2018). O curso de Medicina da Escola de Cirurgia da Bahia foi fundado com o objetivo de formar profissionais, visando atender à demanda por saúde da elite que vivia no Brasil.

Após a “transferência” da corte portuguesa, outras instituições de ensino superior surgiram Brasil afora ao longo do século XIX, como a Faculdade de Direito, que hoje é parte da USP (FDUSP), também conhecida por Faculdade de Direito do Largo de São Francisco, criada como *Cursos de Sciencias Jurídicas e Sociaes*, por Dom Pedro I, em 11

de agosto de 1827, mesma data em que o imperador fundou a Faculdade de Direito de Olinda, também *Cursos de Ciências Jurídicas e Sociais*, que, atualmente, é parte da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE (DURHAM, 1998; CUNHA, 2000; SAMPAIO, 2015).

Depois de 1850, sob o governo de Dom Pedro II [...] presencia-se uma expansão gradual das instituições educacionais e consolidação de alguns centros científicos, como o Observatório Nacional, o Museu Nacional e a Comissão Imperial Geológica. Quanto à atividade científica, até o início da República, ela pode ser caracterizada por sua extrema precariedade (SAMPAIO, 1991, p. 4).

Ao longo do século XIX, houve diversas tentativas de se criar universidades no Brasil, mas essas tentativas não prosperaram. No período 1808-1882, foram apresentados pelo menos 24 projetos de criação de universidades no país. Campos (1940) aponta que desde o século XVI, os jesuítas já haviam apresentado propostas de criação de universidades e, de tempos em tempos, essas propostas surgiam de maneira isolada em diferentes lugares do Brasil. Segundo o referido autor, o total de projetos de criação de universidades que não foram aprovados, desde 1592 até 1882, é de trinta e seis (CAMPOS, 1940; SAMPAIO, 1991; DURHAM, 1998; CUNHA, 2000).

Uma instituição de caráter universitário, com departamentos e faculdades diversos, somente surgiria no Brasil – já independente de Portugal – em 1909, no início do século XX, ou seja, 371 anos depois da fundação da Universidade Autônoma de Santo Domingo, primeira universidade do continente americano (SAMPAIO, 1991; DURHAM, 1998; GOMES, 2007; SANTOS; CERQUEIRA, 2009; SAVIANI, 2010; LIMA, 2018).

Contrariando informação imprecisa divulgada de forma ostensiva, a Universidade Federal do Paraná – UFPR, localizada em Curitiba, não é a universidade mais antiga do Brasil. A referida universidade, instituída em 1912, é na realidade, a mais antiga universidade continuamente em atividade (com várias mudanças de nome) no país. A primeira universidade instituída no Brasil, todavia, foi a Universidade de Manaus, fundada em 1909 e posteriormente dissolvida em 1926.

A Universidade de Manaus foi financiada por recursos advindos do próspero Ciclo da Borracha e foi dissolvida em decorrência da derrocada das atividades relacionadas ao referido ciclo econômico. Quatro décadas depois, os antigos departamentos da Universidade de Manaus foram reagrupados sob o nome de Universidade Federal do Amazonas – UFAM, em 1965, se mantendo em atividade até o presente (SAMPAIO, 1991; LIMA, 2018).

Nas décadas seguintes, a expansão do ensino superior e das universidades, em especial, foi tímida no Brasil. Conforme Lima (2018, p. 68), “o ensino superior se expandiu de forma demasiadamente lenta e se manteve restrito às classes dominantes da sociedade brasileira, completamente fora da realidade de grande parte da população do país”.

Observa-se que, nesse sentido, a Reforma Universitária de 1968, foi um marco no que se refere a expansão do ensino superior no país. Conforme Cunha (2000, p. 178):

A reforma universitária do ensino empreendida em 1968 nos marcos da leis 5.540 e 5.539 (estatuto do magistério superior federal) bem como dos documentos legais que as antecederam, propiciaram condições institucionais para a efetiva criação das instituições universitárias no Brasil, onde até então existiam somente faculdades isoladas ou ligadas por laços mais simbólicos do que propriamente acadêmicos [...] foi nesse período que o processo tardio de formação da universidade brasileira recebeu o maior impulso.

A partir da Reforma Universitária (1968), o Brasil testemunhou processo de expansão mais amplo do ensino superior, tanto no que se refere à oferta de cursos, quanto ao número de vagas. Dentre as mudanças promulgadas pela reforma, destacam-se quatro: a) instituição de departamentos nos quais se desenvolve ensino e pesquisa; b) flexibilidade curricular e semestralidade; c) instituição do sistema de créditos; d) estabelecimento de sistema de organização duplo: vertical e horizontal. A organização vertical consistindo em departamentos, unidades e reitoria; e a organização horizontal por colegiados de curso (SAMPAIO, 1991).

A partir do início da década 1970, surgiram muitas IES privadas e os cursos com aulas no período noturno passaram a se proliferar, o que favoreceu o processo que levou um número maior de sujeitos ao ensino superior, já que os cursos noturnos permitiam/permitem que os estudantes conciliem uma ocupação laboral durante o período diurno, dedicando o período noturno, geralmente entre as 19 e 23 horas, aos estudos em alguma IES (SAMPAIO, 1991; DURHAM, 1998; SAVIANI, 2010; BENFICA, 2016; LIMA, 2018).

Mesmo com a expansão do ensino superior no Brasil, ao longo da década de 1970, e retomada no final da década de 1990, com a lei 9.394/96, observa-se que, até o início do século XXI, muitos jovens periféricos, negros, indígenas e de baixo poder econômico ainda tinham muitas dificuldades para acessar o ensino superior. Somente a partir do início do século XXI, sobretudo a partir de 2003, é que houve o estabelecimento de

políticas públicas inclusivas, que resultaram em extensa ampliação do acesso ao ensino superior público e privado no Brasil, que ocorreu por meio:

Do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e do Sistema de Seleção Unificada (SiSU), e ainda, por meio de políticas de cotas raciais e sociais, e de financiamento, pelo Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior (FIES) e Programa Universidade para Todos (PROUNI) (LIMA, 2018, p. 70).

A partir de 2003, com o estabelecimento das referidas políticas públicas, surgiram muitas IES privadas e públicas, no país, sobretudo IES federais. Além disso, ocorreu processo de expansão de outras IES já existentes, com a criação de novos cursos de graduação e pós-graduação. Na tabela a seguir, observa-se o crescimento no quantitativo de IES no Brasil, desde 1808, até a contemporaneidade (Tabela 1).

Tabela 1 – Histórico do quantitativo de IES no Brasil

Ano	Quantitativo de IES no Brasil
1808	3
1908	28
1952	470
1990	920
2018	2.537

Fonte: INEP, 2019. Elaborado pelo autor, 2020.

Diante de tais fatos, é possível afirmar que nesse início de século, embora não tenha ocorrido, de fato, a universalização do ensino superior no Brasil, o seu acesso se tornou mais amplo do que algumas décadas atrás, quando jovens de baixo poder econômico enfrentavam muito mais dificuldades para acessar o ensino superior, seja o privado, ou o público gratuito (SAVIANI, 2010; BENFICA, 2016; LIMA, 2018).

Desde 2003, 23 universidades federais foram criadas no Brasil (Tabela 2), algumas como resultado de processos de desmembramento de outras universidades pré-existentes, como a UFGD, que se desmembrou da UFMS. Foram, todavia, criadas muitas universidades novas. Na tabela 2 é possível observar as universidades federais criadas desde 2003 no Brasil.

Tabela 2 – Universidades Federais fundadas desde 2003

Universidade – Cidade sede	Ano de fundação
Federal do ABC (UFABC) - Santo André/SP	2005
Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA) - Porto Alegre/RS	2008
Federal de Alfenas (UNIFAL) - Alfenas/MG	2005
Federal do Triângulo Mineiro (UFTM) - Uberaba/SP	2005
Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM) - Diamantina/MG	2005
Federal Rural do Semiárido (UFERSA) - Mossoró/RN	2005
Tecnológica Federal do Paraná (UTFPR)	2005
Federal da Grande Dourados (UFGD) - Dourados/MS	2005
Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB) - Cruz das Almas/BA	2005
Federal do Oeste do Pará (UFOPA) - Santarém/PA	2009
Federal da Fronteira Sul (UFFS) - Chapecó/SC	2009
Federal da Integração Latino Americana (UNILA) - Foz do Iguaçu/PR	2010
Federal da Integração Luso Afro-Brasileira (UNILAB) - Redenção/CE	2010
Federal do Cariri (UFCA) - Juazeiro do Norte/CE	2013
Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) - Marabá/PA	2013
Federal do Oeste da Bahia (UFOB) - Barreiras/BA	2013
Federal do Sul da Bahia (UFESBA) - Itabuna/BA	2013
Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE) - Garanhuns/PE	2018
Federal do Delta do Parnaíba (UFDPar) - Parnaíba/PI	2018
Universidade Federal de Catalão (UFCat) - Catalão/GO	2018
Federal de Jataí (UFJ) - Jataí/GO	2018
Federal de Rondonópolis (UFR) - Rondonópolis/MT	2018
Federal do Norte do Tocantins (UFNT) - Araguaína/TO	2019

Fonte: INEP, 2019. Elaborado pelo autor, 2022.

De acordo com o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira – INEP (2019), há, no Brasil, atualmente, 2.537 IES, que totalizam 8.450.755

estudantes matriculados. Em 2003 o total de matriculados no ensino superior no Brasil era de 3.887.022. Ou seja, houve um aumento bastante significativo no total de estudantes universitários matriculados no país ao longo dos últimos 20 anos.

Das 2.537 IES que existem no Brasil, 85% delas são privadas; apenas 15% são públicas. Nota-se, ainda, que as IES brasileiras, em sua maioria, não são universidades, e sim centros universitários, faculdades, institutos federais ou centros de educação tecnológica profissional (CETEPS). Dentre as IES brasileiras, apenas 199 preenchem os requisitos para serem categorizadas como universidades (pouco menos de 8% do total de IES), todavia, as 199 universidades existentes no Brasil concentram 53% das matrículas (possuem 4.467.694 estudantes matriculados).

Na tabela 3 é possível conferir, o quantitativo de IES, de acordo com sua tipologia, no país atualmente (INEP, 2019).

Tabela 3 – Quantitativo de IES por tipo no Brasil (2018)

Tipo de IES	Pública	Privada
Universidade	107	92
Centro universitário	13	217
Faculdade	139	1929
IF e CEFET	40	n.a.

Fonte: INEP, 2019. Elaborado pelo autor, 2020.

É possível observar, assim, que, embora o total de universidades seja pequeno no quantitativo de IES brasileiras, as universidades concentram a maior parte dos alunos do ensino superior no país (INEP, 2019). Isso ocorre, pois há, Brasil afora, muitas IES que oferecem poucos, ou somente um ou dois cursos de graduação, congregando, assim, um número pequeno de estudantes matriculados, diferente de universidades, algumas das quais possuem centenas de cursos de graduação dispostos em múltiplos departamentos e faculdades. Essas universidades contam, portanto, com um total de estudantes matriculados bastante expressivo, como, por exemplo a USP, instituição pública estadual que possui 93 mil estudantes matriculados em 246 cursos diferentes de graduação e 229 de pós-graduação, em suas 42 unidades de ensino e pesquisa, distribuídas por dez *campi*: São Paulo (três *campi*) e Bauru, Lorena, Piracicaba, Pirassununga, Ribeirão Preto, Santos e São Carlos (todos municípios do interior do estado de São Paulo).

1.4 ENSINO SUPERIOR EM MATO GROSSO DO SUL

Hércules Maymone (1989) cita que esteve em atividade, entre 1929 e 1933, a Faculdade Matogrossense de Odontologia e Farmácia de Campo Grande [...] uma vez que naquele tempo não existiam os Conselhos de Educação – o nacional e o estadual – e os conselhos profissionais daquelas áreas, o Conselho Federal de Farmácia e o Conselho Federal de Odontologia [...] não há mais informações (BENFICA, 2019, p. 7).

Maymone (1989) afirma que houve uma faculdade em Campo Grande que formou uma turma de dentistas e farmacêuticos e que esteve em atividade entre 1929 e 1933, todavia não há maiores registros sobre essa instituição. Assim, o ensino superior institucionalizado, que possui uma sede e estrutura burocrática foi oficialmente estabelecido no então estado de Mato Grosso, por meio da fundação da Faculdade de Direito de Mato Grosso, em Cuiabá, IES estadual pública e gratuita, criada por força do decreto estadual nº 87, de 18 de setembro de 1936 (MAYMONE, 1989; BENFICA, 2016).

A instituição, todavia, não teve vida longa e foi fechada, pois foi proibido que servidores públicos acumulassem funções (DORILEO, 2005; BENFICA, 2016). Isso esvaziou a faculdade e o curso, já que seu corpo docente era formado por magistrados e membros ativos do judiciário local, que acabaram optando “pela magistratura, pela promotoria”, pois “o salário estadual de professor era minguado” (DORILEO, 2005, p. 28-29).

Em 1954 a Faculdade de Direito de Mato Grosso, foi reaberta, fechada novamente no ano seguinte e finalmente reaberta, em 1956, quando o governador de Mato Grosso recebeu o aval do “presidente da República, Juscelino Kubitschek de Oliveira [...] que [autorizou] o funcionamento da Faculdade de Direito de Mato Grosso”, oficializada três anos depois, em 3 de dezembro de 1959, por força da Lei Federal nº 47.339 (DORILEO, 2005, p. 32).

Onde atualmente é o estado de Mato Grosso do Sul, o ensino superior foi, de fato, iniciado em 1948, quando da fundação do Instituto Pedagógico São Vicente, em Campo Grande, que era um seminário da Missão Salesiana em Mato Grosso. No instituto, era oferecido o curso de Filosofia aos internos. A Missão Salesiana, posteriormente, fundou, em 1961, a Faculdade Dom Aquino de Filosofia Ciências e Letras (FADAFI), em Campo Grande, IES privada, e que, inicialmente, ofertava os cursos de Pedagogia e Letras e expandir-se-ia, tornando-se, em 1965, Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso – FUCMT e, em 1993, Universidade Católica Dom Bosco – UCDB, que é atualmente uma

das maiores universidades de Mato Grosso do Sul (DORILEO, 2015; MORENO, 2013; BENFICA, 2016).

Em relação ao ensino superior público gratuito, a primeira IES fundada onde atualmente é Mato Grosso do Sul, foi a Faculdade de Farmácia e Odontologia de Campo Grande, instituição pública estadual, fundada em 1962 e que foi, quatro anos depois, conforme a Lei Estadual nº 2.620 de 26 de julho de 1966, incorporada ao Instituto de Ciências Biológicas de Campo Grande (ICBCG), onde, no mesmo ano, foi criado o curso de Medicina (DORILEO, 2015; MORENO, 2013; BENFICA, 2016).

Em seguida, uma série de instituições públicas de ensino superior foram criadas no estado. Em 1967, criou-se, em Corumbá, o Instituto Superior de Pedagogia e, em Três Lagoas, o Instituto de Ciências Humanas e Letras (DORILEO, 2005; MORENO, 2013; BENFICA, 2016). Em 1969, de acordo com a Lei Estadual, nº 2.947, foi criada a Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT), que incorporou os institutos de Campo Grande, Corumbá e Três Lagoas. Em 1970, foram criados centros pedagógicos em Aquidauana e Dourados, logo incorporados, também, à UEMT e em 1976 foi criado um centro pedagógico em Rondonópolis (MORENO, 2013; BENFICA, 2016; LIMA, 2018).

No que se refere aos institutos e centros pedagógicos que compunham a UEMT, é imprescindível salientar que foram importantíssimos no processo de interiorização do ensino superior na porção sul de Mato Grosso, que corresponde atualmente a Mato Grosso do Sul. A UEMT teve unidades nos seguintes municípios (Tabela 4):

Tabela 4 – Municípios onde havia institutos e centros pedagógicos, que se tornaram unidades da UEMT e os anos de criação

Município	Ano de criação
Aquidauana	1970
Campo Grande	1962
Corumbá	1967
Dourados	1970
Rondonópolis	1976
Três Lagoas	1967

Fonte: MORENO, 2013; BENFICA, 2016. Elaborado pelo autor, 2020.

Posteriormente, com a criação do Estado de Mato Grosso do Sul, em 1977, a UEMT deixou de existir, e suas unidades foram incorporadas à UFMS, que foi fundada conforme a Lei Federal nº 6.674, de 05 de julho de 1979. A única exceção foi a unidade de Rondonópolis, que foi absorvida pela Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT, já que, na nova divisão estadual, Rondonópolis permaneceu no Estado de Mato Grosso (MORENO, 2013; BENFICA, 2016).

Na década seguinte, a década de 1980, o processo de expansão do ensino superior ocorreu de maneira mais lenta. Aquela década terminou com apenas três novas IES criadas em Mato Grosso do Sul: a FINAV, em Naviraí (1987), a FANAS, em Nova Andradina (1988) e a FAP em Ponta Porã (1988). Já a década de 1990, testemunhou um crescimento mais significativo no quantitativo de IES em Mato Grosso do Sul; naquela década foram criadas 18 novas IES no estado, chegando ao total de 23 IES no ano 2000 (DIAS, 2016).

No que se refere à expansão do ensino superior na década de 1990, destaco a fundação da UEMS, uma universidade *multicampi*, com unidades distribuídas pelo interior do estado. A UEMS foi instituída pela Lei Estadual, nº 1461 de 20 de dezembro de 1993. Também na década de 1990, ocorreu expansão da rede privada de ensino superior, interiorizando, em certa medida, a oferta de ensino superior no estado.

Posteriormente, desde o início do século XXI, assim como em todo o Brasil, de maneira geral, Mato Grosso do Sul testemunhou extensa ampliação do ensino superior. IES que já existiam foram ampliadas, casos da UEMS¹ e da UFMS, e foram criadas 23 novas IES, totalizando 45 IES diferentes no estado, em 2020. Conforme dados do Ministério da Educação (MEC), existem, atualmente, 140 cursos de graduação presenciais, ofertados em 24 municípios e 253 cursos na modalidade EaD, ofertados em 57 municípios diferentes em Mato Grosso do Sul (Tabela 5).

Tabela 5 – Cursos superiores instalados no Estado de Mato Grosso do Sul por modalidade e municípios

Modalidade	Total de cursos	Municípios
Curso Presencial	140	24
Curso EaD	253	57

Fonte: MEC, 2020. Elaborado pelo autor, 2020.

CAPÍTULO 2

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A pesquisa qualitativa usa o texto como material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes, em suas práticas do dia a dia e em seu conhecimento cotidiano relativo à questão em estudo. Os métodos devem ser adequados àquela questão e devem ser abertos o suficiente para permitir um entendimento de um processo ou relação (FLICK, 2009, p. 16).

Trago, aqui, uma descrição mais aprofundada dos procedimentos metodológicos empregados na pesquisa qualitativa. Devo destacar que o percurso percorrido teve como objetivo articular o arcabouço teórico, à artesanaria, com as observações de campo, com a netnografia e com a história oral. A apresentação dos percursos metodológicos tomados busca trazer elementos, que possibilitem o aprofundamento sobre formas de lidar com aquilo que ocorre, aquilo que é inesperado, aquilo que é a pesquisa.

O uso de métodos qualitativos em pesquisas geográficas, conforme Ramos (2017, p. 23) confere a estas, uma expressão “metodológica e epistêmica” relevante, pois “entra-se nas zonas de contato, negociação e conflitualidades vividas por sujeitos [...] de grupos que expressam suas identificações e territorialidades”. Em pesquisas qualitativas, existe uma “relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito”, há um vínculo, indissociável entre “o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito que não pode ser traduzido em números” (SILVA; MENEZES, 2005, p. 20).

Creswell (2007) afirma que na pesquisa qualitativa, as interpretações pessoais, ou seja, as interpretações do pesquisador, são inevitáveis. Nesse sentido, salienta-se que a interpretação dos fenômenos e a atribuição de significados são comuns na pesquisa qualitativa, afinal, a pesquisa qualitativa “não se baseia em um conceito teórico e metodológico unificado” e sim em várias “abordagens teóricas e seus métodos”, que “caracterizam as discussões e práticas da pesquisa” (FLICK, 2004 p. 22).

Denzin e Lincoln (2011, p. 3) afirmam que a pesquisa qualitativa é uma “atividade” que “posiciona o observador no mundo”, isso é, leva o pesquisador a contextos socioespaciais diversos, ao longo de pesquisas de campo. As pesquisas qualitativas transformam o mundo, “fazendo dele uma série de representações, incluindo notas de campo, entrevistas, conversas, fotografias, gravações e anotações pessoais” (DENZIN; LINCOLN (2011, p. 3).

Dessa forma, entende-se que a pesquisa qualitativa tem papel interpretativo diante dos fenômenos, buscando interpretá-los nos termos dos sentidos que as pessoas lhes atribuem (FLICK, 2004; CRESWELL, 2007; DENZIN; LINCOLN, 2011).

Observa-se que os “pontos de vista subjetivos são um primeiro ponto de partida” (FLICK, 2004, p. 22). Entende-se, assim, que a pesquisa qualitativa foca em uma realidade pouco aferível por números, pois trabalha com o “universo dos significados”, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes. Assim, por meio da pesquisa qualitativa, busca-se compreender a complexidade de fenômenos, “fatos e processos particulares e específicos” que ocorrem em espaços distintos (BRITO; OLIVEIRA; SILVA, 2021, p. 4).

Nesse âmbito, Flick (2009, p. 16) afirma que:

O termo pesquisa qualitativa foi usado, durante muito tempo, de forma diferenciada, para descrever uma alternativa à pesquisa “quantitativa”, e foi cunhado no contexto de crítica à segunda, especialmente seus desdobramentos nos anos 1960 e 1970. Entretanto, a pesquisa qualitativa tem uma longa história em muitas disciplinas, onde a pesquisa social como um todo, começou com abordagens que agora seriam resumidas sob o título de pesquisa qualitativa. Quanto mais esse desdobramento avança, mais claro foi ficando um perfil daquilo que o termo significa. Esse perfil não é mais definido por eliminação – a pesquisa qualitativa é a pesquisa não quantitativa ou não padronizada, ou algo assim –, e sim dispõem de várias características próprias. Sendo assim, a pesquisa qualitativa usa o texto material empírico (em vez de números), parte da noção da construção social das realidades em estudo, está interessada nas perspectivas dos participantes em suas práticas do dia a dia.

Para que se possa iniciar uma pesquisa, seja qualitativa ou quantitativa, todavia, é necessário que seja realizada, primeiramente, uma pesquisa bibliográfica, que fornece o arcabouço teórico-metodológico que sustenta a investigação. Sob tal perspectiva, deve-se destacar que a pesquisa bibliográfica é primordial, e possibilita validar as hipóteses inicialmente aventadas (TURRA NETO, 2008). A pesquisa bibliográfica é uma revisão da literatura sobre as teorias que têm relação com a investigação, e pode ser realizada por meio de livros, artigos, trabalhos publicados em anais, dissertações, teses, fontes eletrônicas etc.

Nesse sentido, Boccato (2006, p. 266) afirma que:

A pesquisa bibliográfica busca a resolução de um problema (hipótese) por meio de referenciais teóricos publicados, analisando e discutindo as várias contribuições científicas. Esse tipo de pesquisa trará subsídios para o conhecimento sobre o que foi pesquisado, como e sob que enfoque e/ou perspectivas foi tratado o assunto apresentado na literatura científica. Para tanto, é de suma importância que o pesquisador realize um planejamento sistemático do processo de pesquisa, compreendendo desde a definição temática, passando pela construção lógica do trabalho até a decisão da sua forma de comunicação e divulgação.

Na pesquisa bibliográfica realizada para a construção do presente trabalho, por vezes foram utilizadas produções em língua inglesa, sobretudo sobre lazer noturno,

sociabilidade de jovens universitários, cidades universitárias e estudantificação. Tal situação ocorreu porque há pouca produção na Geografia brasileira sobre os citados temas. Como a maior parte dessa bibliografia em inglês não tem tradução para o português, fez-se necessário traduzi-las do original.

Traduzir demanda tempo e atenção, de forma que “o tradutor deve caminhar pelas duas faces: a face da língua e a face da cultura” (AGRA, 2007, p. 4), pois deve considerar as diferenças linguísticas e culturais, junto de seus contextos, para que não fuja dos sentidos expressos pelo autor original. Sobre esses aspectos, Agra (2007) afirma:

Ao pensar em fazer um trabalho de tradução, o tradutor não deve levar em conta, somente a transcodificação da palavra, a equivalência de significado, mas sim, deve levar em conta os sentidos do autor, o contexto, o cenário a ser traduzido. Sem agir assim, este profissional estará saltando as conclusões sobre sentidos e significados do autor, fazendo interpretações errôneas, de acordo com seus próprios valores, ou seja, de acordo com seus próprios sentidos, seus pontos de vista (p. 4).

Durante a pesquisa bibliográfica, que foi o início, o meio e o fim, pois esteve presente durante toda a construção desta tese, eu procedia da seguinte maneira: lia a bibliografia pertinente e fazia fichamentos, resenhas e resumos a mão em um caderno. Em seguida, destacava as folhas, grampeava-as e deixava em minha mesa de trabalho, a um braço de distância. Alguns dos fichamentos, resenhas e resumos que fiz a mão foram, posteriormente, digitados e salvos em meu notebook, mas foram poucos. A maioria manteve em papel, tendo somado 571 folhas de caderno.

2.1 AS PESQUISAS DE CAMPO

Desde os primórdios da Geografia, os trabalhos de campo são parte fundamental do método de trabalho dos geógrafos. Aliás, a sistematização da Geografia enquanto ciência muito deve ao conjunto de pesquisas e relatórios de campo elaborados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros, verdadeiro manancial de informações que foram essenciais para a construção das bases para o desenvolvimento da Geografia (ALENTEJANO; ROCHA-LEÃO, 2006, p. 52).

Ao longo das pesquisas de campo, busquei realizar uma “Geografia do contato” (KAYSER, 2006), da proximidade, da interação, e da amizade (GOETTERT, 2008). Assim, é imprescindível a proximidade com os sujeitos de pesquisa no campo e entende-se que “a pesquisa de campo é um meio e não um objetivo em si mesma” (KAYSER, 2006, p. 97). A pesquisa de campo é “indispensável à análise da situação social”, a partir da inserção nos espaços de ação dos sujeitos, subsidiando a observação de aspectos que somente em campo podem ser observados (KAYSER, 2006, p. 97).

Nesse sentido, Lakatos (2003, p. 186) afirma:

Pesquisa de campo é aquela utilizada com o objetivo de conseguir informações e/ou conhecimentos acerca de um problema, para o qual se procura uma resposta, ou de uma hipótese, que se queira comprovar, ou, ainda, descobrir novos fenômenos ou as relações entre eles. Consiste na observação de fatos e fenômenos tal como ocorrem espontaneamente, na coleta de dados a eles referentes e no registro de variáveis que se presume relevantes, para analisá-los.

Sob essa perspectiva, esclareço que as pesquisas de campo ocorreram ao longo de 2018, 2019, 2020, 2021 e 2022. As pesquisas de campo foram realizadas em locais em que fosse possível observar sujeitos e situações de pesquisa, visando a compreensão das práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários em Dourados. Assim, atendo-me aos princípios da observação participante, foram realizadas pesquisas de campo em ruas, nas residências de jovens universitários, em *points* de lazer noturno localizados na ACHU e em festas universitárias realizadas em diversas áreas da cidade.

Sobre observação, é possível afirmar que “observar é aguçar o olhar, o ouvir e o sentir, enquanto descreve o que é observado”, é “o modo em que materializamos, por meio da escrita, as nossas experiências” durante o campo (MOTA, 2015, p. 59). Dessa forma, inserir-se nos múltiplos espaços de vivência dos sujeitos de pesquisa é primordial, para que as observações sejam materializadas em escrita pelo pesquisador.

Ao realizar pesquisa de campo com emprego da observação participante, é importante que o pesquisador “se abra” para o inusitado, seja flexível, estabeleça relação próxima com os sujeitos de pesquisa (SILVEIRA, 1936; DA MATTA, 1978; FOOTE-WHYTE, 1980; SPINK, 2003; TURRA NETO, 2008).

Quanto à conceituação da observação participante, é uma metodologia que consiste na inserção do pesquisador nos espaços de socialização dos sujeitos de pesquisa, convivendo enquanto observa seus esquemas de ação específicos. Dessa forma, é estabelecida uma relação próxima, de confiança mútua, que permite ao pesquisador tomar conhecimento aprofundado sobre aspectos biográficos e *habitus* dos sujeitos de pesquisa (FOOTE-WHYTE, 1980; BRANDÃO, 1985; BECKER, 1999; KULAVUZONAL; VÁSQUEZ, 2013).

Neste sentido, conforme Brandão:

Só se conhece em profundidade alguma coisa da vida, da sociedade ou da cultura [...] através de um envolvimento – em alguns casos, um comprometimento – pessoal entre o pesquisador e aquilo, ou aquele que ele investiga (BRANDÃO, 1985, p. 8).

O pesquisador convive e observa. Observa e convive. Nesses termos, é possível afirmar que a observação participante é uma vivência-observante cuja peculiaridade é o fator da improvisação, diante da falta de um conjunto fixo de regras que a guie (BECKER, 1999; DIOGENES, 2008; TURRA NETO, 2018). Todavia, conforme Lima (2018, p. 23):

Não quer dizer que devemos relegar a segundo plano teorias e métodos anteriores, mas que, como pesquisadores, devemos trilhar um caminho livre de amarras, no qual possamos desenvolver nossas próprias teorias de maneira pertinente às situações específicas da pesquisa.

Empregar a metodologia da observação participante é uma escolha que deve ser pautada pelo bom senso, atendo-se às contribuições de autores que a utilizam, como Turra Neto (2008), que, ao tratar da observação participante, declara:

É preciso mencionar que esta metodologia não oferece um conjunto de regras fixas que possa orientar o pesquisador no campo. O que se apresenta, nos autores e autoras que a discutem, são sugestões, a partir de experiências já realizadas, relatos de como cada um/a foi se deparando com problemas no campo e os resolvendo. Por isso, observação participante, como afirma Becker (1999), é um tipo de metodologia que exige certo grau de improvisação (TURRA NETO, 2008, p. 376).

Em complementaridade, Diógenes (2008) sustenta que, de acordo com a literatura disponível, na qual são descritas experiências anteriores empregando a observação participante, é possível seguir “indícios” do caminho que pode ser tomado, porém o pesquisador deve adequar os passos ao seu tema específico de pesquisa. Especificamente, ao tratar de sujeitos jovens, Turra Neto (2012, p. 246) afirma que a observação participante “tem possibilitado” aproximação com os “diversos agrupamentos juvenis, na qual é possível realizar uma imersão nesses universos”.

Dessa forma, diante do fato que o objeto de estudo desta tese são as práticas de sociabilidade e lazer noturno, e os sujeitos de pesquisa são jovens universitários de Dourados, o emprego da observação participante significou frequentar espaços de sociabilidade e lazer noturno, onde há jovens universitários como *habitués*, na busca por respostas para questões que surgiam o tempo todo. Sobre os lugares de realização de pesquisas de campo e emprego da observação participante, destaco, os *points* localizados na ACHU e festas universitárias, realizadas em diferentes lugares da cidade, onde foi possível vivenciar a cultura do lazer universitário, enquanto realizava observações.

Nota sobre a pandemia de Covid-19

É necessário deixar claro, que a pandemia de Covid-19, eclodida no primeiro trimestre de 2020 e as medidas – corretíssimas – de distanciamento social, afetaram a

realização deste trabalho, de forma que festas universitárias e atividades/eventos de atléticas entraram no limbo. Assim, pesquisas de campo planejadas para 2020 foram afetadas. Afinal, como pesquisar práticas de sociabilidade e lazer de jovens universitários, se tais práticas deixaram de ocorrer? 2020 foi um ano de dificuldades no processo de pesquisa. Dessa maneira, foi necessário adaptar o cronograma inicialmente estabelecido. Esclareço, nestes termos, que no processo de exploração de campo poderia ter ido além do que fui, caso a pandemia não tivesse ocorrido. Foi necessário reestruturar o planejamento de pesquisas de campo e fazer adaptações que tornassem possível a escrita da tese. Obstáculos? Existiram. Mas como já afirmado, o replanejamento e a reestruturação possibilitaram que este trabalho ganhasse vida e viesse à público.

2.2 ENTREVISTAS

Ao longo da pesquisa, me amparei na história oral, que é “a prática de apreensão de narrativas [...] destinada a recolher testemunhos” (MEIHY, 1996, p. 17), por meio de entrevistas, a partir das quais é possível realizar análises sobre aspectos sociais, culturais e identitários, por meio do acesso à memória do sujeito entrevistado, afinal “a memória é a identidade em ação” (CANDAUI, 2011, p. 16) e as histórias de vida devem ser consideradas como instrumentos de reconstrução da identidade (COLOGNESE; MELO, 1998; DUARTE, 2004; GONÇALVES, 2012).

Observa-se, dessa maneira, que a memória individual é influenciada pela coletiva, por isso há pessoas com memórias similares sobre alguma situação específica. Cada memória, todavia, é “única e original”. Assim, “cada entrevista, cada relato, tem um valor em si mesmo, que não lhe pode ser subtraído”. Narrar é uma arte “profundamente pessoal”, mesmo que trate de situações de convívio coletivo (TURRA NETO, 2008, p. 383).

Mais além, Meihy (1996, p. 16-17) sustenta que a história oral:

É um conjunto de procedimentos que se iniciam com a elaboração e continuam com a definição de um grupo de pessoas (ou colônia) a ser entrevistadas. O projeto prevê: planejamento da condução das gravações; transcrição, conferência da fita com o texto; autorização para o uso; arquivamento e, sempre que possível, publicação dos resultados, que devem em primeiro lugar, voltar ao grupo que gerou a entrevista.

Nesse sentido, conforme os preceitos de Meihy (1996), houve aproximação com a etnobiografia, ao utilizar ativamente aspectos das narrativas particulares dos sujeitos de pesquisa, em que o discurso sobre acontecimentos pessoais toma posição de

protagonismo e não apenas de complementariedade. Assim, tem-se o sujeito entrevistado como coautor daquilo que o pesquisador coloca em papel, pois é realizada autonarração, em um exercício flexível e de “experimentação” (GONÇALVES, 2012).

Quanto à definição de uma entrevista, entende-se que a entrevista é um processo de interação social no qual o entrevistador busca informações sobre/a partir (d)o entrevistado, que possibilitem uma interpretação posterior. Conduzir uma entrevista não é situação simples, pois envolve o estabelecimento de contato e confiança, um pouco de informalidade para “quebrar o gelo” e disposição para ouvir (COLOGNESE; MELO, 1998; DUARTE, 2004; GONÇALVES, 2012).

Segundo Duarte (2004, p. 216), a condução de uma entrevista exige que: a) o pesquisador-entrevistador tenha definidos quais são seus objetivos; b) que o pesquisador-entrevistador tenha conhecimento aprofundado sobre o contexto que explora; c) que o pesquisador-entrevistador sintam-se confiante e seguro daquilo que está fazendo; d) que o pesquisador-entrevistador tenha algum nível de informalidade, porém, sem se perder do motivo que lhe levou a entrevistar aquele sujeito em específico, a quem julga ser fonte relevante.

Em relação às entrevistas realizadas, elas foram realizadas de três formas diferentes. Houve entrevistas realizadas: a) face a face; b) por meio de chamadas de vídeo on-line; c) por escrito, via e-mail e WhatsApp. A maior parte das entrevistas conduzidas face a face ocorreram nas residências dos entrevistados e algumas poucas foram realizadas em minha residência, em serviços e comércio da cidade, em *points* e nas instalações das IES. Essas entrevistas envolveram contatos anteriores e demandaram arranjo de datas com as fontes. Nas entrevistas face a face, para gravação do áudio utilizei um *smartphone*.

Nas entrevistas realizadas por chamadas de vídeo, utilizei um notebook e um *smartphone*. Elas foram gravadas utilizando o *software Screencastfy* e, assim como as entrevistas face a face, demandaram arranjo de datas.

As entrevistas por meio de WhatsApp foram conduzidas de duas formas: áudio e texto. Na verdade, todas as entrevistas (utilizando WhatsApp), com exceção de uma, foram realizadas utilizando os recursos de áudio, apenas uma foi realizada por texto. Por fim, houve entrevistas realizadas por e-mail. Nesses casos, foi enviado um e-mail com as questões, as quais foram posteriormente respondidas.

Em relação às entrevistas, atendo-me a princípios éticos, mesmo em posse de termos de consentimento assinados pelos entrevistados, optei por substituir seus nomes

reais por nomes fictícios e omitir determinados trechos, evitando exposição despropositada e eventuais prejuízos pessoais. Por fim, após a realização das entrevistas, elas foram transcritas e foi realizada a conferência do conteúdo, ouvindo a gravação enquanto lia a transcrição, de acordo com o preconizado por Colognese e Melo (1998).

No que tange às realizações das entrevistas, foram entrevistados vinte e um jovens estudantes universitários, sete outras pessoas que não são estudantes universitários, e treze proprietários ou funcionários de serviços e comércio, totalizando quarenta e uma entrevistas e doze horas, quarenta e três minutos e vinte e sete segundos de áudio.

2.3 NETNOGRAFIA

Outra condição que deve ser salientada é que diversas pesquisas realizadas ao longo da última década e meia mostram que, entre os sujeitos jovens contemporâneos (entre os quais, jovens universitários), é bastante comum que haja a extensão das suas existências-representações identitárias ao meio virtual, por meio de perfis em redes sociais – sobretudo Instagram e Facebook – e da utilização de aplicativos de comunicação instantânea, principalmente WhatsApp (BENGRY-HOWELL et al., 2011; KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013; KOZINETS, 2014; LIMA, 2020).

Dessa maneira, acompanhar as ações dos sujeitos de pesquisa por meios digitais representa um novo caminho, uma nova porta que se abre para que o pesquisador tenha acesso aos sujeitos, que podem ser acompanhados instantaneamente em sua metamorfose, afinal, “a tecnologia constantemente molda e remolda nossos corpos, nossos lugares e nossas identidades” (KOZINETS, 2014, p. 28).

Trata-se, então, da pesquisa etnográfica on-line, a netnografia, que estende a etnografia ao meio virtual, com intuito de compreender a sociedade no contexto contemporâneo, no qual, cada vez mais, se utiliza a tecnologia como mediadora de contatos interpessoais (LYMAN; WAKEFORD, 1999; SCHAU; GILLY, 2003; BRAGA, 2006; BENGRY-HOWELL et al., 2011; KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013; KOZINETS, 2014; RAMOS, 2017).

Tal como define Kozinets (2014), a netnografia não deixa de ser uma etnografia aplicada à comunicação mediada por computador e plataformas de comunicação virtuais. O trabalho netnográfico permitia ampliar com informações e entendimentos aspectos além daqueles produzidos em contato imediato com as unidades de observação (os próprios agentes, seus locais de encontro, festas), atingindo uma escala maior de abordagem, mas sem necessariamente perder contato com o campo (RAMOS, 2017, p. 50)

Conforme Braga (2006), o termo netnografia “foi originalmente cunhado” por Bishop et al. (1995), com intuito de “descrever um desafio metodológico”, que é “preservar os detalhes ricos da observação em campo etnográfico, usando o meio eletrônico para seguir os atores” (p. 5). Não é possível dissociar a etnografia da netnografia, pois ambas têm como pressuposto a “imersão do pesquisador no grupo a ser estudado e a sua convivência com a cultura local para entender, ou melhor, mergulhar no modo de ver e pensar o mundo daquele grupo” (MARTINS, 2012, p. 1).

Assim, a netnografia, na confluência das ciências humanas, permite que os processos socioespaciais sejam apreendidos não apenas sob o escopo da representação fisicamente materializada, mas também das que tomam corpo virtualmente. Mais além, pode-se afirmar que a netnografia representa uma ruptura, de forma que é uma metodologia que se relaciona com a contemporaneidade, com tecnologias e sujeitos atuais (MARTINS, 2012; FERRO, 2015).

Em 2023, é possível afirmar que as tecnologias de informação estão cada vez mais presentes em nossas vidas e, assim, a netnografia se desvela como um novo caminho para conduzir investigações (KOZINETS, 2014; FERRO, 2015). De acordo com Kozinets (2014, p. 9):

Nossos mundos sociais estão se tornando digitais. Consequentemente, cientistas sociais ao redor do mundo estão constatando que, para compreender a sociedade, é preciso seguir as atividades e interações das pessoas na internet e por meio de outros meios de comunicação mediados pela tecnologia.

Como indicativo da ampliação do uso das tecnologias de informação, observamos que, na atualidade, disseminaram-se de tal maneira, que algumas redes sociais on-line não são mais território estritamente juvenis. Pelo contrário, pais e avós, sujeitos membros de gerações anteriores, (majoritariamente *baby boomers* e *millennials*¹⁵) inseridos às novas tecnologias digitais, tornaram-se, por exemplo, maioria entre os usuários da rede social Facebook (McCARTHY, 2019; VIENS, 2019, HONG; OH; 2020).

A geração *baby boomer*, composta por sujeitos nascidos entre 1946 e 1964, com idades entre 58 e 77 anos, em 2023, apresenta o maior índice de crescimento de usuários por faixa etária em redes sociais e plataformas on-line, em comparação com outras gerações. Entre 2016 e 2019, o quantitativo de *baby boomers* no Facebook cresceu 59%,

¹⁵ A maioria dos *millennials* são filhos de membros da Geração X, embora haja número grande de filhos de *baby boomers*. Um *millennial* pode já ser avô em 2023, tendo em vista que há *millennials* que já passaram dos 40 anos de idade.

e no Instagram, 44%, o maior aumento percentual dentre todas as faixas etárias (McCARTHY, 2019; VIENS, 2019; HONG; OH; 2020).

Observou-se, também, desde 2016, tendência de migração de sujeitos membros da geração *post-millennial*, para a rede social Instagram (entre os *post-millennials*, muitos não chegaram sequer a ter perfis na rede social Facebook) (McCARTHY, 2019; VIENS, 2019; HONG; OH; 2020).

De acordo com Kozinets (2014) “uma vez que as tecnologias de informação e comunicação têm permeado tantas áreas da vida social contemporânea, de forma tão abrangente, atingimos um ponto” em que parece improvável recuar na utilização da netnografia para realizar pesquisas (p. 10). Assim, “observa-se, que os cientistas sociais chegam cada vez a mais à conclusão” de que é difícil “compreender adequadamente muitas das facetas mais importantes da vida social e cultural sem incorporar a internet e as comunicações” (KOZINETS, 2014, p. 10).

2.4 ETNOGEOGRAFIA

Além da netnografia, destaco a perspectiva de análise etnogeográfica, uma “etnografia geografizada”, cujas primeiras experiências ocorreram em pesquisas sobre populações indígenas, isso porque a etnogeografia, baseando-se nas cosmologias diversas de povos indígenas, é uma possibilidade para o entendimento sobre as respectivas sociedades e seus lugares, a partir de suas representações, simbolismos e relações desenvolvidas no espaço e no tempo (PALADIM JÚNIOR, 2010; GONÇALVES, 2012; FEITOSA, 2017; RAMOS, 2017).

A etnogeografia se ocupa das representações que uma sociedade faz do mundo e das espacialidades e das relações culturais e identitárias, assim, entende-se a etnogeografia como o estudo e a análise da distribuição geográfica de povos [...] e seu comportamento em relação ao meio (FEITOSA, 2017, p. 37).

A etnogeografia, no entanto, também serve às pesquisas cujos sujeitos são não-indígenas, afinal, ela foca nas inter-relações entre os sujeitos e o espaço. “Etnogeografia, dessa maneira, é mais do que um diálogo de disciplinas”, é “uma possibilidade que se faz em construção, que envolve territorialidades” e “a percepção da mesma por sujeitos diferenciados” (PALADIM JÚNIOR, 2010, p. 17).

A etnogeografia, “reconstitui primeiramente a percepção que os homens têm do mundo, aprofunda aquilo que pode explorar” e se baseia “nos valores que norteiam sua

ação”. Assim, reflete o espaço, as pessoas, “sua sociabilidade” e representações (CLAVAL, 1999, p, 72-73).

Fora da seara de estudos cujos sujeitos de pesquisa são indígenas, no âmbito dos estudos sobre grupos juvenis urbanos, destaco o entendimento de Ramos (2017) sobre etnogeografia:

[A] etnogeografia deriva de pesquisas [...] que demonstram que, através da articulação de métodos qualitativos, com ênfase nos processos e práticas socioespaciais, como aqueles elaborados e desenvolvidos em Turra Neto (2012a, 2012b), torna-se possível abordar não apenas as microculturas juvenis nas suas especificidades locais, como também nas redes e com as culturas transterritoriais as quais estariam articuladas. Um tipo de abordagem que permite alcançar as diferentes articulações entre redes, escalas e territorialidades de grupos juvenis na cidade (RAMOS, 2017, p. 36-7).

Deve ser salientado, também, que, de acordo com Ramos (2017), a etnogeografia está, também, associada a pesquisas sobre sujeitos jovens a partir da Geografia, por meio da articulação de métodos qualitativos, com ênfase nos processos e práticas socioespaciais.

Tem-se, assim, que métodos de cunho qualitativo, engendrados de forma coerente, conformam a etnografia geografizada, a etnogeografia, o que possibilita que se investigue sujeitos jovens e suas práticas socioespaciais. No “baile” onde metodologias são empregadas e adaptadas às particularidades, afinal pesquisar o cotidiano envolve a criação de metodologias e a construção de caminhos possíveis, busquei a experimentação (CLAVAL, 1999; TURRA NETO, 2012; RAMOS, 2017).

Esclareço, assim, que a ciência se faz por método, mas também se faz por artesanaria. A ciência se faz a partir de termos, terminologias, palavras e geografias; visões e imaginações, métodos e metodologias, pensamentos e desdobramentos. As geografias possíveis são muitas. As geografias possíveis são múltiplas.

2.5 DIÁRIO DE CAMPO

“Estava com bastante gente, muitos calouros (pintados, com cabeça raspada etc.) e uma situação que eu vi que chamou minha atenção foi uma menina que estava de salto alto, sendo que lá é brita no chão. Aí não tem como andar. Aí ela tinha bebido e isso juntou com o salto, aí ela caiu no chão. Eu já suspeitava que ela era caloura (estava muito arrumada para uma divulga ¹⁶). Então, ouvi duas meninas que estavam perto comentando

¹⁶ Pequenas festas realizadas para divulgar e vender ingressos para a grande festa *open bar* vindoura.

que a menina era caloura e que chegaram a falar para ela não ir de salto porque o chão era de pedra e ela podia acabar caindo”.

O trecho acima é um registro de campo sobre pesquisa realizada em uma divulga, em 18 de maio de 2019 e registrada no diário de campo no dia seguinte. O trecho destacado, que trata de uma caloura que calçava salto alto e caiu no chão de brita, foi uma situação de campo que me chamou atenção, pois, antes, eu já a tinha visto e suspeitei que fosse uma caloura diante da “falta de experiência” de calçar aquele tipo de calçado em um ambiente que não é o mais adequado. Quando a situação ocorreu e ouvi duas meninas confirmando aquilo que eu suspeitava, senti-me seguro com minhas observações. Mas foi isso, apenas.

O trecho destacado, sobre a estudante que caiu, chamou atenção, mas é um registro que pode parecer banal no processo de escrita final. Dessa forma, no diário de campo, pode haver registros de muita utilidade e outros que não são tão úteis, mas que devem ser registrados, pois o pesquisador só saberá o que é útil ou não, quando ler o diário como um todo.

Ao tratar de diário de campo, Winkin (1998) afirma que é uma ferramenta para o pesquisador registrar aquilo que ocorreu, observou e/ou viveu durante as pesquisas de campo, de forma que os registros no diário de campo, em leitura posterior, permitam interpretações sobre aquilo que é investigado. No diário de campo, o pesquisador deve tomar notas de forma confessional e catártica de suas ideias e sentimentos, “dessa forma, o diário de campo [deve] ser privado e totalmente confidencial” (TURRA NETO, 2008, p. 380).

O diário de campo é essencial, pois há informações que podem não parecer importantes, mas que, posteriormente, durante o processo de escrita, podem ganhar relevância diante da ressignificação daquilo que foi registrado. O diário de campo deve ser compreendido como uma ferramenta para o pesquisador analisar as informações registradas, podendo haver partes que não serão publicadas, mas que subsidiam a compreensão daquilo que está sendo pesquisado (SPINK, 2003; WEBER, 2009; KROEF; GAVILLON; RAMM, 2020).

Sob a mesma perspectiva, Turra Neto (2008, p. 380) afirma que:

O diário é, assim, o instrumento que reflete o processo de aproximação com o grupo estudado, reflete o processo de deciframento mútuo, pela consideração de como as questões que se tornaram relevantes foram aparecendo e sendo respondidas. A totalidade da vivência é dada pela sua releitura, ao final da pesquisa, também aqui numa atitude de escuta, mas também de seleção das

informações que podem ajudar a construir uma interpretação sobre o grupo estudado.

A pesquisa sobre a cultura do lazer universitário em Dourados resultou em 112 páginas de observações registradas em diário de campo. Ao longo da pesquisa procedi em campo da maneira a seguir. Enquanto observava, dentro das possibilidades, gravava áudios no *smartphone*, ou anotava quando estava com caneta e papel, depois sublinhava com caneta vermelha as partes que me pareciam mais relevantes. Depois, em casa, transplantava o conteúdo para o diário de campo. À medida que fazia os registros no diário de campo, lia registros anteriores, o que possibilitava aferir como as dinâmicas e processos vinham ocorrendo cronologicamente. Essa prática permitiu enxergar que havia situações recorrentes e situações de exceção. Permitiu, também, que detalhes que, de memória certamente não guardaria, estivessem à disposição para conferência quando necessário.

Assim, entendo que ao realizar pesquisas de campo, é primordial manter um diário, que subsidiará a redação do texto final, enriquecendo o texto com o conteúdo, cabendo ao pesquisador avaliar de maneira ponderada aquilo que é banal e aquilo que é relevante diante da proposta que se põe – se põe, pois vai se impondo ao longo da investigação – para a redação final.

2.6 ENTRÉE E ESTABELECIMENTO DE CONTATOS

Entrée é “o processo de entrada inicial em uma cultura ou comunidade, às vezes facilitado por um contato” (KOZINETS, 2014, p. 176). Assim, entende-se que, caso haja um contato facilitador, a entrada em um grupo que será observado é menos dificultosa, pois o contato favorecerá a aceitação do pesquisador pelo grupo, diminuindo as chances de rejeição (TURRA NETO, 2008). Quando o pesquisador surge “cacifado” por um sujeito que faz parte do grupo, os outros sujeitos ficam mais propensos a colaborar com a pesquisa, pois um pouco do sentimento de desconfiança se perde.

No caso de minha entrada na cultura do lazer universitário em Dourados, o processo foi favorecido por contatos que estabeleci antes mesmo de ingressar no Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG) da UFGD (em março de 2019). Os primeiros contatos, que facilitaram o processo de pesquisa, foram estabelecidos em novembro de 2018, quando estive em Dourados pela primeira vez, para participar do processo seletivo do PPGG. Naqueles dias, me hospedei via Airbnb em uma república de

estudantes localizada na ACHU, todavia só descobri que era uma república de estudantes após ter confirmado as reservas. O acaso da escolha, mostrou-se muito afortunado, afinal, por meio dos jovens universitários moradores daquela república de estudantes, que chamo de República Mangureira, tive acesso a diversas fontes.

Para os moradores da República Mangureira, esclareci logo sobre minha pesquisa e seu tema, o que causou curiosidade entre eles. A partir daí, estabelecemos uma relação de amizade, compartilhando diversos momentos de sociabilidade e lazer na cidade. Não raro, quando me apresentavam a alguém, contavam sobre minha pesquisa, o que causava curiosidade nas pessoas, que, por vezes, se estendiam em questionamentos sobre o tema da pesquisa. Após esclarecimentos realizados, era comum que eu trocasse contatos com as pessoas, que poderiam se constituir como fontes orais.

Ser apresentado a outras pessoas pelos três universitários moradores da República Mangureira (Marla, Ebenézer e Godolias), certamente, tornava as pessoas que eu conhecia mais suscetíveis a colaborarem com a pesquisa, e essa situação pôde ser apreendida sob a perspectiva do capital social exercido pois, sendo reconhecido como um semelhante, as portas se abriam para mim.

À medida que acumulava capital social, sendo reconhecido como “o cara que tá pesquisando as festas e é amigo de fulano e fulana”, percebia que a prospecção de contatos se tornava menos árdua. Em situações em que entrei em contato com desconhecidos via redes sociais on-line, eu afirmava que “já falei com tal pessoa da atlética tal”, ou “sou amigo da Marla”. Nesses casos, observei que a cooperação era mais provável que naquelas situações em que não citei o nome de terceiros, quando encontrei menos disposição para colaborar com a pesquisa e, por vezes, nem resposta aos contatos iniciais recebi.

Turra Neto (2008, p. 378), ao tratar do estabelecimento de contatos, diz:

Essa primeira fase da pesquisa é decisiva – o estabelecimento dos contatos e a conquista da confiança das pessoas, a permissão e aceitação da convivência –, pois indicam como serão os contatos posteriores. Por isso, uma boa porta de entrada no grupo é fundamental – como, por exemplo, uma pessoa em quem o grupo confia e respeita.

Nesse sentido, “essa primeira fase” foi bem-sucedida. Os laços entre Marla, Ebenézer, Godolias e eu se estreitaram de tal forma, que passou a ser comum que eu frequentasse a República Mangureira. Marla, Ebenézer e Godolias realizavam festas caseiras constantemente. Cada festa era (des)organizada por algum deles. Eram

frequentes os “rolês” às sextas-feiras, sábados e, eventualmente, entre domingos e quintas-feiras.

Essas situações sociais, restringidas àqueles que são parte de um grupo de referência confinado, aconteciam, em geral, da seguinte forma: Marla, Ebenézer e Godolias conversavam entre si sobre um possível rolê na casa. Se os três estivessem de acordo¹⁷ o rolê acontecia, seja qual dia da semana fosse. Os três tinham amizades compartilhadas, mas tinham, também, outras amizades, resultantes de suas vivências individuais enquanto jovens universitários na cidade.

Em uma festinha caseira, apareciam, portanto, sujeitos que eram parte de um grupo de referência compartilhado pelos três e sujeitos dos grupos de referência específicos de cada um deles. Dessa maneira, observou-se que a República Mangureira era “passagem” de muitas pessoas, pois além do grupo de referência compartilhado pelos três moradores, cada um tinha o seu próprio.

Godolias agendava noites de FIFA¹⁸, em que nos reuníamos na República Mangureira para jogar o citado jogo no Playstation, bebendo cervejas. Ebenézer, por outro lado, reunia pessoas para simplesmente beber e fumar narguilé, todavia não demorava muito, alguém tinha mandado mensagem para alguém que mandou para outro alguém, e logo a República Mangureira tinha 25, 30 pessoas curtindo o “rolê”. Quanto a Marla, ela também promovia festinhas com seus colegas de curso, regadas a cerveja e narguilé. Estive presente em muitas dessas oportunidades sociais com os três moradores da República Mangureira, cada vez mais, estabelecendo novos contatos¹⁹ e refinando nossa amizade.

Além disso, em pesquisas de campo, eu, frequentemente os encontrava, em divulgas, em *points*, em festas *open bar*. Mesmo quando não havíamos combinado de nos encontrar, acabávamos nos encontrando. Diante do exposto, observa-se que a quantidade de situações sociais que se apresentaram a partir do contato inicial com os moradores da República Mangureira foi imensa. Assim, afirmo que a entrada em campo foi “uma entrada

¹⁷ Algumas vezes, um dos moradores queria fazer um rolê, mas os outros não eram favoráveis. Assim, o rolê não acontecia. Havia um senso de igualdade entre os moradores da república, as decisões eram tomadas de maneira democrática.

¹⁸ Jogo de futebol para videogame licenciado pela FIFA.

¹⁹ Observa-se ainda, que não foram poucas as vezes que Marla e eu fomos a algum bar localizado na ACHU para assistir a jogos de futebol que só passariam na TV fechada. Nessas ocasiões, invariavelmente, conhecia alguém que conhecia Marla, favorecendo os diálogos e prospecção de fontes orais.

bem-sucedida” que é “precedida por pesquisa e investigação específica da cultura e da comunidade” como assevera Kozinets (2014, p. 176).

No que se refere ao contato inicial com sujeitos de pesquisa que conheci em pesquisas de campo em divulgas, festas universitárias e *points*, o contato sempre foi realizado de forma respeitosa e descontraída. Afinal, como constatou Turra Neto (2008, p. 378):

As pessoas com as quais o pesquisador irá trabalhar sabem que não são obrigadas a colaborar com um trabalho científico e, por isso, o pesquisador deve demonstrar que não representa nenhum perigo ao grupo, e que está disposto, inclusive, a colaborar e a participar de suas atividades.

Assim, ser cortês, solícito e paciente é algo que o pesquisador deve levar em consideração se estiver almejando uma entrada de sucesso, que cause o menor nível possível de não aceitação pelos sujeitos de pesquisa. Nessa perspectiva, é importante adequar a linguagem ao dialogar com diferentes sujeitos, é necessário observar a forma como os sujeitos se comunicam naquele espaço-tempo e procurar se adequar, para, de fato se inserir.

No mergulho no campo, se o pesquisador optou por utilizar a observação participante, ele deve mergulhar de forma comprometida, caso contrário, não conseguirá jamais compreender o grupo que investiga. Na entrada e vivência no campo, humildade, paciência para ouvir, empatia, capacidade de contextualização, disposição, desapego, apego e gratidão, devem conduzir o pesquisador.

2.7 INÍCIO DO CAMPO AO ACASO: UMA PARTIDA, UMA CHEGADA

Era isso. Havia chegado a hora. Seriam aqueles os dias. Algo poderia acontecer! O tempo havia chegado. Mas aquele ainda não era o lugar. Tampouco era o tempo propriamente dito. Mas era o tempo de véspera, de expectativa, tempo de desejo e planejamento. Tempo vivido? Ainda não. Tempo imaginado? Esse já era! Tempo de imaginação. Imaginação vivida e vívida!

Com o notebook ligado, conectado, em rede, on-line, inseri “Dourados” no campo de busca do serviço de hospedagem Airbnb. Atendo-me às ofertas que apareciam na tela, “garimpei” duas opções para minha estadia em Dourados. As opções, que fique claro, não

eram certas. Eram, incertezas, possibilidades, opções, pois dependiam do aceite dos sujeitos que as anunciavam. Se eu quisesse e eles não quisessem, nada feito!

A primeira opção dizia na descrição: “Quarto na Vila Aurora, banheiro compartilhado, sem garagem, 50 reais a diária”. A segunda opção dizia: “Suíte na Vila Aurora, com garagem, 50 reais a diária”. Na primeira opção, além de não haver um banheiro exclusivo dentro do quarto, não havia garagem. Assim, caso eu a escolhesse, teria que dividir o único banheiro disponível no imóvel e teria que deixar meu automóvel estacionado na rua. Já havia ouvido/assistido a histórias sobre os perigos da fronteira²⁰, como uma que conta que automóveis são, rotineiramente, roubados e levados por ladrões ao Paraguai, onde são registrados normalmente, de maneira alheia a qualquer verificação, e/ou desmanchados, posteriormente retornando ao Brasil, já em forma de autopeças.

E se eu me tornasse uma vítima? Então eu perderia minha capacidade – prazerosa e individualista – de transitoriedade pelo espaço ao meu próprio tempo. Não desejava isso. A transitoriedade pelo espaço ao meu gosto, ao meu próprio tempo, era algo que eu queria manter, sim! E se acordasse pela manhã e tivesse a desagradável surpresa de não encontrar meu automóvel onde deixei estacionado? Como eu iria me deslocar até a distante unidade II da UFGD? Chamaria um Uber? Daria tempo de chegar no horário? Eu estava na “nóia”²¹? Preocupado demais? Talvez! Melhor não dar sopa para o azar, não, é?

Embora as fotografias da primeira opção de hospedagem, a da casa sem suíte e sem garagem, mostrassem um ambiente, aparentemente, mais limpo e organizado, descartei aquela opção, isso é, “não fui atrás”, pois, mesmo que eu a escolhesse, dependeria do aceite de quem ofertava. Eu estava decidido, durante minha estadia em Dourados ao longo do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD, eu gostaria de me hospedar na segunda opção apresentada pelo Airbnb, a que tinha suíte e garagem.

Por meio do chat do aplicativo, entrei em contato com o anunciante, de nome Godolias. Seriam cinco diárias. Cada diária por 50 reais. Godolias era um jovem universitário migrante de 23 anos que às vezes alugava seu quarto para “levantar um dinheiro”. Após meu contato inicial, Godolias me respondeu. Algumas poucas palavras foram trocadas digitalmente entre nós e o negócio foi fechado. A suíte de Godolias seria minha base nos dias seguintes.

²⁰ Terra de ninguém, perigo (MARTINS, 1997; ALBUQUERQUE, 2010).

²¹ Significa preocupação descabida, exagerada, com alguma coisa.

No dia de minha partida, acordei cedo, planejando encarar os quase 500 quilômetros de estrada entre Presidente Prudente/SP e Dourados. Sairia ainda pela manhã, evitando, assim, as altas temperaturas daquele dia. Minutos após me levantar da cama, enviei mensagem para Godolias, desejando bom dia e perguntando se “estava tudo certo”. Recebi uma mensagem confirmando que estava “tudo certo”, mas que, ele, Godolias, não estaria em casa para me receber antes das 18:00, entretanto, conforme esclareceu, já havia sido combinado com os outros moradores do imóvel para que me recebessem.

Decidi refazer os planos. Não parti no horário que eu havia originalmente planejado. Aquela manhã já estava excepcionalmente quente! Ir naquela hora ou mais tarde, daria na mesma. Adieei a partida, de maneira que chegasse a Dourados, em um horário no qual Godolias estivesse prestes a chegar à casa, ou já tivesse chegado. Sabendo do fuso-horário, saí de casa às 13:50 de Brasília, 12:50 de Dourados. Enchi o tanque de meu automóvel com etanol, configurei o GPS de meu *smartphone* e parti.

Entre na Rodovia Raposo Tavares e segui. Seguí, segui, segui e, cerca de cinco horas depois de iniciar minha jornada (que foram quatro horas, devido ao fuso-horário), cheguei a Dourados. Na sequência, segui observando as orientações do GPS. Eu já estava um pouco consumido pelo tempo ao volante, mas segui a voz do GPS.

Enfim, “embiquei” em uma das esquinas da rua do destino. Segui por duas quadras até a voz feminina do GPS avisar de forma definitiva: “Você chegou ao seu destino.”. Parei o carro, conferi o número escrito em tinta verde desbotada no descascado muro branco-acinzentado. Realmente, havia chegado ao destino. A voz do GPS estava certa.

Buzinei e chamei por Godolias, embora eu soubesse que ele poderia não estar em casa (afinal, ainda era antes das 18:00, horário em que ele me dissera que chegaria), aquela era a única forma de anunciar minha chegada para quem quer que estivesse no interior da casa, afinal, por descuido, esqueci de perguntar para Godolias os nomes dos outros moradores, que conforme ele, já estavam cientes de minha chegada.

Não demorou, uma jovem de silhueta esbelta que não aparentava ter mais que 20 anos, descalça, trajando shorts da atlética de seu curso (onde se lia o nome do curso de graduação nos fundilhos), abriu a porta da casa, aproximou-se do portão e perguntou se eu era o “hóspede”: “Você é o Matheus, o hóspede que o Godolias falou?” Eu confirmei. A moça perguntou: “Você quer guardar seu carro agora?” Eu confirmei. Ela, então tentou abrir o desbotado e velho portão de correr. Fez bastante esforço, puxou com força, mas o portão se moveu apenas até menos da metade. Era espaço suficiente para entrarem pessoas e motos, mas não um carro. Eu disse, “Vou te ajudar. No três, puxamos juntos”.

Ela concordou. Alinhamos os lados e puxamos ambos com força, ergui um pouco a “parte dentada” que passava pelo motor, daquele portão que um dia foi elétrico: o portão deslizou alguns centímetros, “duro”, não corria. A força da moça combinada com a minha não era o bastante.

Lembrei que no porta-malas de meu carro, eu tinha um pequeno frasco de óleo Singer. Disse para a moça, que eu ia resolver o problema. Ela ficou observando. Peguei o frasco de óleo e despejei na engrenagem empenada que passava pela roldana do motor quebrado. Despejei sem dó, foi-se quase tudo que havia no frasco (penso que estava pela metade). Realmente, o portão precisava de uns pingos de óleo! Puxei sozinho e o portão deslizou macio. Entrei com meu carro. A moça puxou o portão de volta, fechando-o e agradeceu, eu lhe agradei, também. Obrigada! Obrigado! Ambos gentis.

Assim que descí do carro, ela abriu a porta da sala e por entre suas pernas, veio correndo a agitada e valente cachorrinha Vicky, de cor mesclada: preta, branca e caramelo. Vicky possuía traços que sugeriam alguma descendência *pinscher*, mas, parecia, também, uma típica cachorra vira-lata, sem lenço nem documento. Quanto à moradora da república em que aluguei um quarto e me recepcionou, destaco que, durante toda aquela “missão” de chegada e de desempenhar o portão, eu não havia perguntado seu nome e nem ela havia dito. Só aí me dei conta e perguntei. “Como você se chama?” “Eu sou Marla. Nossa! Nem falei meu nome, né? [risos]”, deu-me um beijinho no rosto, protocolar, e entramos na casa. Marla, Vicky e eu.

Naquele momento, após a longa viagem e a pequena aventura com o portão, eu tinha sede. Perguntei se Marla poderia me servir um copo d’água. Marla foi buscar. Enquanto isso, voltei ao carro para buscar minha mala. Em seguida, Marla me serviu o copo d’água, que bebi quase em um gole só, de tanta sede que aquele calor – com o qual me acostumaria – causava. Em seguida, Marla e eu conversamos amenidades, enquanto ela me acompanhou até a porta da suíte de Godolias, e me pediu para esperar por um momento. Marla foi até a sala e voltou com um chaveiro na mão, abriu a porta da suíte e me entregou o chaveiro. Disse-me: “Pode entrar”. Como Marla não me entregou apenas uma chave e sim um chaveiro com três chaves, eu lhe questionei sobre as outras duas chaves. Conforme me explicou, quando eu saísse, eu poderia trancar a porta da suíte que eu estava ocupando e poderia, também, trancar a porta da casa, pela qual eu saísse. Dessa maneira, no chaveiro que ela me entregou, além da chave da porta da suíte de Godolias, havia as chaves das duas portas de acesso ao interior da casa, as portas da sala e da cozinha. O portão não tinha chave.

Logo em seguida, Marla me entregou um papel rasgado de folha de caderno, com a senha da internet *wi-fi* da casa. Digitei a senha em meu *smartphone*, que conectou de primeira! Pedi licença, já adentrando a suíte. Queria tomar um banho. Marla, em tom de brincadeira, mas séria, disse-me, em meio a risos, “Aproveita o luxo!”, ao se referir à suíte de Godolias, que realmente era um oásis naquele contexto espacial.

A casa de alvenaria de cerca de 60 metros quadrados estava localizada em um terreno de cerca de 200 metros quadrados. Na frente, recuo de cerca 10 metros entre a porta e o muro e o portão. Nos fundos, um quintal grande, onde havia uma mangueira de copa larga, frondosa de cerca de 15 metros de altura. A velha mangueira²² dividia o quintal com muito mato²³ que crescia de forma profusa após a intensa e nutritiva chuva caída dias antes e que prenunciava o longo e úmido verão naquele vermelho e fértil pedaço de solo sul-mato-grossense.

Na sala da casa, havia pouca coisa, qualquer som era ecoante. Lá jaziam, apenas: um rack MDF sem um dos pés, substituído por um tijolo de oito furos, e, dois colchões velhos, ainda “dormíveis”, sem valor para venda, mas ainda bons demais para irem para o lixo²⁴. Na cozinha, havia uma pia pequena, uma mesa velha de madeira de quatro cadeiras, uma bancada verde e branca um pouco mais alta que a mesa, coberta por algumas panelas, copos, pratos, talheres e mantimentos guardados em potes de plástico. Havia, também, uma geladeira Electrolux antiga, coberta de imãs, com números de telefones de serviços como: pizzarias, lanchonetes, marmitarias e entregas de água e gás. A geladeira não era duplex, tampouco *frost-free*, tinha só uma porta, com o congelador dentro e sem a portinha²⁵.

Naquela pouco espaçosa cozinha, havia, ainda, um fogão – utilizável – e outro fogão que servia de mesa, sobre o qual estava uma panela elétrica de arroz, uma fritadeira elétrica e uma sanduicheira. Anexo à cozinha, ficava o banheiro compartilhado da casa, que era antecedido por uma passagem estreita, onde ficava uma máquina de lavar roupa – de marca Brastemp – bastante avariada, mas ainda usável, da qual vazava água, abundantemente, quando em funcionamento. Essa água invadia a cozinha, pois a queda

²² Naquele momento não havia mangas maduras, mas nos meses seguintes elas se tornariam abundantes, chegando ao ponto de cair do pé e apodrecer no chão, causando cheiro ruim.

²³ O mato continuou crescendo, até atingir um metro e meio de altura (já atraía insetos e roedores indesejados), quando os três moradores chamaram uma pessoa para capinar, dividindo o valor do serviço.

²⁴ Godolias dormiria em um daqueles colchões durante minha estadia.

²⁵ Isso fazia a formação de gelo ser mais rápida do que os moradores desejavam, conseqüentemente, gerando discussões sobre quem seria o incumbido da missão de descongelar a geladeira.

d'água não direcionava a água para o ralo que havia no espaço de serviço, nem para o banheiro²⁶.

A casa tinha uma distribuição de cômodos pouco convencional, com diferentes padrões de materiais e medidas claramente não uniformes. O forro do teto da sala, por exemplo, era de PVC, já o dos outros cômodos, era de madeira e, o piso dos cômodos, também variava. No quarto que aluguei, do qual me apropriei e onde me territorializei, no espaço de dormir havia um forro, no banheiro, outro forro. O banheiro, em si, era bem simples. Faltavam alguns azulejos na parede, e o local de tomar banho, embaixo do chuveiro, era separado do restante do banheiro por uma cortina plástica; não havia um box de acrílico ou vidro. No espaço de dormir, havia uma cama de solteiro, um rack de MDF, uma TV de 32 polegadas, um videogame PlayStation 4, um computador de mesa e um ventilador de mesa da marca Britânia, além de um ventilador de teto; tudo à disposição do hóspede que topasse pagar 50 reais pela diária.

A suíte bem equipada de Godolias era destoante do restante da casa. O local onde ele dormia, seu lugar de aconchego, sua cama, tornou-se seu complemento, não apenas de renda, mas de sua existência transitante, entre a sala onde jazia o colchão dormível, no qual passava as noites quando havia hóspedes presentes e a suíte equipada, onde dormia quando não havia hóspedes. Godolias vivia uma transitante existência doméstica; territorializava-se e desterritorializava-se, conforme a ausência ou presença de hóspedes²⁷.

2.7.1 REPÚBLICA MANGUEIRA E A HISTÓRIA DE EBENÉZER

Recebido por Marla e recém-instalado na suíte que Godolias me alugou, fui tomar um banho. Relaxei sob a água morna do chuveiro, vesti-me e saí. Naquele momento, ouvi um barulho de moto chegando. Era Godolias. Finalmente eu iria conhecê-lo pessoalmente. O jovem estudante da UFGD, 23 anos de idade, foi logo se apresentando. Vestia uniforme da empresa em que trabalhava na época.

A primeira impressão que tive foi que Godolias possuía hospitalidade quase treinada, adequada a um profissional do setor hoteleiro. Em nossos primeiros minutos de conversa, ouvi coisas como: “Seja bem-vindo.”, “Fique à vontade.”, “Qualquer coisa que

²⁶ A impressão que se tinha era que a casa havia sido construída “de qualquer jeito”; “do jeito que deu”.

²⁷ Conforme Godolias – Marla e Ebenézer confirmaram – houve um mês no qual Godolias alugou sua suíte mais de vinte noites; dessa forma, passou a maior parte do mês no colchão dormível que jazia no chão da sala.

precisar é só falar comigo.”, “se você comprar alguma coisa no mercado para comer, pode deixar na terceira prateleira da geladeira, que ninguém mexe em nada, já deixo livre para quem vem aqui.”, “Você tem toalha para tomar banho?”. Por aí seguiu a conversa; uma série de questionamentos hoteleiros de Godolias e minhas respostas de hóspede satisfeito.

Godolias pediu, então, para entrar na minha (sua) suíte. Desculpou-se! Havia esquecido de separar roupas para ir a faculdade e para o próximo dia de trabalho. Ele precisava entrar na suíte para pegá-las no guarda-roupas. Já dentro da suíte, com as portas do guarda-roupas abertas, explicou-me: “Essa parte toda, você pode colocar suas roupas, deixo separada para os hóspedes”. “Essa parte toda”, à qual Godolias se referia, eram duas portas do guarda-roupas de quatro portas que permaneciam à disposição dos hóspedes, com cabides disponíveis, para guardarem/pendurarem suas roupas da forma que achassem mais conveniente durante suas estadias.

Godolias era estudante universitário no período noturno e, durante o dia, trabalhava. Das sete, ou oito da manhã até as cinco, ou seis da tarde, a depender do dia, dava expediente em uma empresa, realizando serviços técnicos. O emprego de Godolias foi conseguido a duras penas, conforme contou. O emprego que passou a ocupar de forma definitiva, de carteira assinada, só veio após um bem-sucedido estágio, no qual se mostrou eficiente.

Em seu longo horário de almoço, de duas horas, Godolias tinha o hábito de ir para casa almoçar e tirar uma sesta. Naquele dia, entretanto, não tinha sido possível, por isso ele aparentava estar especialmente cansado. Naquele momento, Marla ocupava o banheiro da casa, Godolias queria ir logo se banhar, pois logo teria que partir para sua aula. Além disso, conforme contou Godolias, Ebenézer devia chegar logo, o que congestionaria o banheiro. Testemunhando sua apreensão, ofereci-lhe o banheiro de minha (sua) suíte para que pudesse se banhar. Godolias não hesitou; perguntou-me, se realmente “não tem problema”, eu confirmei que não, e lhe disse para que fosse se banhar logo. Godolias, então, apropriou-se momentaneamente do banheiro da suíte que foi dele, e que lhe foi temporariamente retirada; livre-espontaneamente cedida.

Godolias entrou no banheiro da suíte para tomar um banho. Passou cerca de um minuto e Marla veio desde o banheiro coletivo da casa, passando pela cozinha, enrolada em toalha branca, recém-saída do banho. Tinha os cabelos molhados, nos pés tinha calçados chinelos de dedo. Cruzou o pequeno corredor entre a cozinha, a sala e os quartos e sumiu detrás de uma cortina vermelha. Só aí notei, que devido à ausência de uma porta, o quarto de Marla tinha como limite uma cortina que, na verdade, era um pano vermelho

que se fez de cortina, preso na parede, de forma improvisada, amarrado no batente da porta ausente. A separação entre seu quarto e o restante da casa, era aquela cortina, que simbolizava uma fronteira. Da cortina para dentro era o quarto de Marla, seu microterritório doméstico de limites porosos. Logo, ouviu-se pela casa o som de secador de cabelo, amplificado pelo vazio da sala, que tinha acústica similar à de um ginásio de esportes vazio. Era Marla secando os longos cabelos.

Enquanto Marla e Godolias se aprontavam para irem para suas respectivas aulas na UFGD, Ebenézer chegou à casa. Apresentou-se, apertou minha mão. Perguntei-lhe em qual curso ele estava matriculado. Ebenézer, respondeu, mas me disse que naquela noite não iria para a aula. O jovem de 23 anos, contou-me que ficaria em casa “de boa”, pois estava chateado. Naquela tarde, havia sido dispensado do trabalho temporário de vendedor em uma operadora de telefonia móvel. Explicou-me que esse trabalho vinha sendo sua principal fonte de renda. Pediu licença, entrou em seu quarto – que tinha porta – e, na sequência, partiu para o banheiro coletivo da casa para tomar um banho.

Fiquei na varanda da casa sentado por alguns minutos em um velho sofá, quando percebi que Marla e Godolias já estavam prontos para irem para a aula. Marla “acelerava” Godolias para irem logo. Passaram pela porta, já iam se despedindo de mim, quando lhes questionei “De que jeito vocês vão lá para a UFGD?”. Responderam que iam pegar uma carona no “ponto da figueira”, próximo da República Mangureira.

Ofereci uma carona para eles. Pensei ser uma boa oportunidade para conversar um pouco com Godolias e Marla e me familiarizar com o trajeto da manhã seguinte, quando eu faria a prova do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD. Marla e Godolias aceitaram a carona de prontidão e agradeceram. Embarcamos no automóvel, Marla atrás, Godolias na frente, no assento do passageiro e eu ao volante. Pelo caminho, passamos pelo referido “ponto da figueira”, local onde “todo mundo pega carona pra ir pra aula”, conforme afirmou Marla.

Seguimos os três conversando pelos 12 quilômetros que separavam a República Mangureira e a UFGD, sendo premiados com um esplendoroso sol poente, de tons âmbar, alaranjados-claros meio amarelados com leves tons de púrpura, que coloriam o céu vasto e infinito do centro-oeste (Figura 1).

Figura 1 – O céu do centro-oeste



Fonte: o autor, 2019.

Naqueles 15 minutos juntos, no trajeto entre a República Mangureira e a UFGD, os três seres humanos dentro do automóvel – não surpreendentemente – observaram e deslumbraram-se com o espetáculo apresentado gratuitamente pela natureza. Godolias e Marla tiraram fotos do céu deslumbrante com seus *smartphones*, algo que eu não poderia fazer por estar dirigindo. Entre observações verbalizadas sobre a exuberância do céu naquele fim de tarde, descobri alguns fatos sobre Marla e Godolias.

Naquele ponto, já sabia que ambos eram universitários migrantes, mas não sabia quais eram seus lugares deixados. Perguntei-lhes sobre suas origens. Marla era de outro estado e Godolias era de outro município de Mato Grosso do Sul. Ambos cresceram em cidades pequenas, de menos de 15 mil habitantes. Eram jovens, universitários – Godolias, também trabalhador – migrantes e interioranos; não eram oriundos de algum grande centro urbano.

O papo estava bom, mas havíamos chegado à UFGD. Marla e Godolias desembarcaram e eu iniciei o caminho de volta até a República Mangureira. Dirigindo, muitas coisas passavam por minha mente, mas, certamente, não que aquele já era o início da pesquisa. O trajeto entre a UFGD e República Mangureira foi mais rápido que o trajeto no sentido contrário, afinal, o fluxo do tráfego era predominante no sentido cidade – UEMS/UFGD àquela hora.

Ao chegar à república, com meu automóvel “embicado” na calçada, em frente ao portão, no jeito para entrar na garagem, antes que eu pudesse descer do automóvel e abrir o portão, Ebenézer, que estava fumando um cigarro na varanda sentado em um velho sofá, levantou-se e, solícitamente, abriu o portão. Desci do automóvel, agradei-lhe e foi iniciada uma conversa despreziosa entre nós que duraria horas. Seguiu-se um convite,

feito por Ebenézer, para que bebêssemos “umas cervejas” naquela noite quente. Aceitei o convite.

Juntamos 4 litros retornáveis, que estavam encostados atrás do velho sofá. Garrafas em uma sacola e porta da casa trancada, seguimos, a pé, para uma loja de conveniência próxima. Ebenézer e eu dividimos a conta, cada um de nós pagou dois “litrões” de cerveja Antarctica. Ebenézer, comprou ainda um maço de cigarros²⁸.

Enquanto o atendente da loja de conveniência voltava com as quatro garrafas de Antarctica do freezer, Ebenézer sugeriu que bebêssemos uma dose de uma “raizada”²⁹ vendida na conveniência. Ebenézer explicou-me que a raizada era feita de “pinga e umas raízes, cipós, ervas” e que era gostosa, deixando uma leve sensação dormente na boca. Embora não aprecie este tipo de bebida, senti-me desafiado. Aceitei a proposta e cada um de nós bebeu uma dose. O valor: um real cada. Viramos num gole e voltamos para a República Mangureira, com uma leve sensação de dormência na boca.

Lá chegando, sentamo-nos na varanda e começamos a conversar. Ebenézer contou sobre sua origem, e “como foi parar” em Dourados. Ebenézer contou ser natural de um município de pouco menos de 10 mil habitantes, no sul de Mato Grosso do Sul. Contou que seu pai era proprietário de um sítio, mas a família mora na área urbana do município, onde seu pai ganha a vida com trabalhos braçais. Sua mãe, igualmente, fazia serviços braçais.

Ebenézer viveu na pequena cidade natal até completar o ensino médio, mas, conforme afirmou, desde os 14 anos de idade “não via a hora de sair de lá”, pois via a cidade como um lugar “sem futuro”, no qual não havia opções de lazer, tampouco de estudo.

Pesquisador: Lá na cidade, o rolê da galera, qual é?

Ebenézer: Mano, lá é conveniências só! São duas conveniências e um puteiro na cidade. Aí a gurizada fica bebendo na frente de uma das conveniências ou vai na praça. Depois de 10 horas da noite fecha as conveniências. Aí só funciona o puteiro mesmo.

Pesquisador: E quem frequenta o puteiro? Os jovens da cidade vão?

Ebenézer: Não, mano. É caro! Fica em uma chácara, só vai os *véio* da cidade que *quer* gastar dinheiro.

Pesquisador: Não tem mais nenhum rolê?

Ebenézer: Não, nada, mano. O que acontece, é de ir na casa de alguém e ficar bebendo até de manhã. É basicamente esse tipo de coisa. Balada, festa, nada disso. Se quer dar um rolê diferente, aí tem que ir para outra cidade.

Pesquisador: Entendi, Ebenézer. Mas me fala mais sobre rolê na praça. Como que é?

Ebenézer: Ah, todo mundo da cidade vai na praça mesmo e fica por lá tomando [bebida alcoólica] e trocando ideia. Tem gente que vai tomar tereré. O pessoal fica lá de noite.

²⁸ Ele era tabagista inveterado, e as tentativas de largar o vício não foram bem-sucedidas. A marca do cigarro comprado por Ebenézer era Chesterfield. Ele contou que fumava aquela marca específica de cigarros “porque não é tão ruim igual cigarro paraguaio e não é tão caro igual Marlboro”.

²⁹ Cachaça conservada em um grande tubo de vidro, repleto até a boca e curtida em uma infinidade de folhas, cipós e raízes.

Pesquisador: Ebenézer, e você já reparou algo sobre a dinâmica, como que eu falo... Tipo, tem uma galera que fica mais em um pedaço, outros em outros [pedaços] da praça? Tem dia que vai mais gente?

Ebenézer: É, fica as rodinhas. Tem dia que aparece “cowboyzinho” de cavalo, vai um pessoal que curte ficar de boa só bebendo, outras pessoas ficam ouvindo [música] na caixinha de som. Mas é o rolê que tem lá, aí não tem outras coisas pra fazer. Aí tem vez que rola briga, sabe? Têm uns que sai de casa só para arrumar briga. Aí, eu e meus amigos *prefere* ir na casa de alguém [fazer o rolê].

Como explicitado por Ebenézer, a praça e a frente das lojas de conveniência são os principais espaços de sociabilidade e lazer juvenil na pequena cidade em que cresceu, onde os jovens locais se territorializam, diante da pouca oferta de opções de lazer noturno, o que é comum em cidades pequenas em que as opções de lazer noturno são limitadas, como sustenta Turra Neto (2008). Além disso, há a opção de ir ao “puteiro”, todavia essa forma de divertimento adulto seria majoritariamente desfrutada por sujeitos mais velhos com poder econômico condizente com os altos valores cobrados no local, onde “uma latinha de cerveja é 15 conto”, como mencionou Ebenézer. Fora isso, ir à casa de alguém e passar a noite bebendo era uma das poucas opções de lazer noturno de jovens de baixo poder econômico como ele. Além disso, ao “fazer rolês” na casa de alguém, evitavam-se confusões, afinal há pessoas que vão à praça “só para arrumar briga”.

Após terminar o ensino médio, tomado pela monotonia, logo que pôde, ansiando por novas vivências – que certamente resultariam em processo de migração – Ebenézer mandou-se para Campo Grande, cidade grande, a capital, mais populosa e importante cidade do estado de Mato Grosso do Sul.

Mano, lá [sua cidade natal] não dá! Chega uma hora que ou você é um fracassado por ficar ou sai de lá e fracassa fora. Eu tive problema ainda, meu! Sei lá Matheus... É difícil explicar. Mas, tipo, assim, como eu vou falar? Pra minha família foi difícil aceitar, né? Meu pai é muito machista, escroto, homofóbico até o talo. Mudou comigo totalmente. É triste? É! Mas, a vida é uma só. Vamos viver, né? Não vou deixar de fazer coisas que quero por causa da opinião do meu pai (EBENÉZER, 2019).

Admitido via vestibular em um curso na UFMS, campus Campo Grande, Ebenézer permaneceu por um ano na capital de Mato Grosso do Sul. Nesse breve pouso, experimentou, em suas próprias palavras, um profundo processo de “contato com minha essência interior”. Por conta do pouco apoio financeiro dos pais, que lhe enviavam, segundo ele, 200 reais por mês, Ebenézer buscou e conseguiu um emprego como vendedor em uma loja localizada em um shopping center³⁰.

³⁰ Como *freelancer*, já que seu curso era integral, então somente trabalhava quando não tinha aulas.

No âmbito da vida pessoal, em Campo Grande, Ebenézer identificou-se como pessoa de sexualidade fluida, pois, até então, enxergava-se homossexual. Frequentou muitas festas universitárias *open bar* e baladas no “celeiro do sertanejo universitário”.

Com o passar dos meses, o interesse de Ebenézer pelos estudos diminuiu. Não estava gostando do curso; arrependeu-se da escolha e passou a pouco frequentar as aulas. No fim de 2014, deixou o curso e voltou para a casa dos pais sem avisar. Seu retorno foi encarado com surpresa. Seus pais não gostaram nem um pouco da novidade. Afinal, Ebenézer, oriundo de família de poucos recursos teve oportunidade de estudar em uma universidade federal, e abandonou o curso! Como pôde fazer isso? Seus pais lhe davam apoio, enviando 200 reais por mês! Conforme Ebenézer, essa foi, durante algum tempo, a fofoca na cidadezinha. Ele era mais um que havia saído de lá, se deslumbrado com a vida da cidade grande e “não aproveitou a oportunidade” dada pelos pais de estudar para “ser alguém”.

Morando novamente na casa de seus pais, mas sem nenhum apoio financeiro deles, Ebenézer se arranjou com pequenos serviços. Com pouco dinheiro, e almejando, ingressar em outro curso de nível superior e migrar novamente, Ebenézer começou a planejar. O fim de 2015 se aproximava, e se aproximava, também, o tempo de nova migração. Ebenézer conseguiu ingressar em curso de graduação da UFGD. Próximo pouso? Dourados. Ebenézer mudou-se em janeiro de 2016.

2.7.2 A HISTÓRIA DE MARLA

Marla, nasceu e cresceu em uma cidade pequena. Na pequena cidade natal de Marla, não há nenhuma instituição de ensino superior, o que faz com que os sujeitos que queiram cursar algum curso de nível superior, tenham que migrar ou fazer movimento pendular para centros urbanos maiores localizados nas proximidades. A chegada de Marla ao mundo, em 1999, faz dela, geracionalmente, uma *post-millennial*³¹. A gravidez de sua mãe causou controvérsia e foi assunto nas rodas de fofoca da pequena cidade³².

O pai de Marla, já viúvo, era, na época de sua concepção e nascimento, um homem idoso, sexagenário. Descendente de uma família tradicional, porém pobre, o velho

³¹ *Post – Millennial*, conforme ligeiramente mencionado, é um termo de uso recente na Sociologia, para se referir aos sujeitos nascidos a partir de 1º de janeiro de 1997. É a geração composta por pessoas com no máximo 26 anos de idade, em 2023, essa geração é a seguinte à Geração *Millennial*, que é composta por sujeitos nascidos entre 1981 e 1996, ou seja, sujeitos que têm entre 26 e 42 anos de idade em 2023.

³² Como explicam Elias e Scotson (1997), em pequenas cidades há propensão de que os moradores tenham o hábito de ocupar seu tempo falando da vida alheia.

homem era conhecido na cidade pela vida dedicada ao trabalho manual que desenvolveu por décadas. Não havia quem não soubesse quem ele era na pequena cidade. Quando Marla havia acabado de entrar na adolescência, seu pai faleceu, o que lhe causou grande sofrimento.

Quando Marla estava no último ano do ensino médio, surgiu o convite de um de seus irmãos do primeiro casamento de seu pai, morador de uma metrópole, para que Marla, após concluir o ensino médio, se mudasse para sua casa e estudasse em alguma instituição de ensino superior localizada ali. Marla aceitou o convite e, quando terminou o ensino médio, passou um período vivendo na casa do irmão junto à esposa dele e seus sobrinhos (mais ou menos de sua idade). Viu-se, entretanto, sob um nível de controle parental que não lhe interessava mais. Conforme relatou, o “cuidado” do irmão e esposa não era menos rigoroso que aquele experimentado vivendo com sua mãe na cidadezinha. Marla passou apenas alguns meses na metrópole e retornou para a casa de sua mãe antes de iniciar qualquer curso superior.

Para ter acesso ao ensino superior, havia, ainda, a possibilidade de Marla estudar em alguma IES localizada em alguma cidade próxima, todavia essa opção não lhe parecia muito atraente, pois teria que continuar a morar com a mãe e fazer movimento pendular, diante da grande oferta de transporte de sua cidadezinha para os centros urbanos próximos, onde há várias IES instaladas.

Ávida por novas experiências, Marla não se interessava por aquela perspectiva de vida: morar na cidadezinha, estudar em alguma cidade maior próxima, e ficar indo e voltando diariamente. Ela queria viver longe da mãe. E qual era a solução?

Desejando estudar em alguma IES pública longe da cidadezinha, que exigisse que ela migrasse, Marla começou a pesquisar. Após dias de pesquisa, enfim, constatou que a UFGD era a IES ideal para indicar no SiSU, afinal era uma IES que ofertava o curso que ela desejava cursar, com menos concorrência que nas IES próximas de sua cidade e o principal: localização distante (cerca de 1000 quilômetros).

Foi assim que Marla ingressou na UFGD, no início de 2018. Não teria mais a mãe superprotetora “em seu pé”, mas teria dinheiro para “me virar do jeito que eu quiser”, como afirmou em entrevista³³. Tal situação, conforme Marla, é ótima e lhe traz grande satisfação.

³³ A pensão deixada por seu pai era administrada por sua mãe, até Marla ingressar na UFGD.

Pesquisador: Como é viver com sua mãe, Marla?

Marla: Matheus, cara do céu. Você não tá ligado! Minha mãe rouba muito a brisa! Como meu pai morreu, deixou uma pensão que eu recebo até terminar a *facu*, eu vivo com essa grana.

Pesquisador: Você já trabalhou algum dia da sua vida, Marla?

Marla: Nunca. É privilégio total isso, nem precisa me dizer que eu já sei [risos].

Pesquisador: Privilégio total [risos]. Mas, como você disse, morar longe da casa da sua mãe exige mais responsabilidade sua, né? Como lida como isso?

Marla: Ah, com certeza. Quando eu morava com a minha mãe ela fazia tudo. Agora eu tenho que me virar, mas eu prefiro. Eu administro a pensão do meu pai do jeito que eu achar melhor e sempre sobra.

Pesquisador: Sempre sobra? Explica aí, porque você já falou que é um salário [mínimo] e meio. Como você se vira?

Marla: É de boa. É isso mesmo, um salário e meio, aí quando aumenta o salário mínimo, aumenta a pensão, também [risos]. Eu não gasto muito, tô guardando um pouquinho todo mês para viajar depois que acabar a faculdade. Queria fazer uma “eurotrip” [viagem pela Europa].

Dessa forma, Marla, que não costuma fazer grandes gastos, consegue se manter em Dourados, estudando na UFGD sem precisar desempenhar qualquer atividade remunerada paralela, diferentemente de Ebenézer e Godolias, que trabalham durante o dia. Marla contou, que “curte bastante” a vida que leva em Dourados, que não gosta de viajar para sua cidade de origem, em períodos de férias e que, às vezes, “inventa” algum empecilho que justifique para a mãe a “impossibilidade” de viajar à cidadezinha, mas isso não impede que sua mãe apareça em Dourados, na porta da República Mangueira, sem aviso prévio, para “ver como eu estou”, como já ocorreu algumas vezes.

2.7.3 A HISTÓRIA DE GODOLIAS

Godolias nasceu e cresceu em uma cidade pequena de Mato Grosso do Sul. Seus pais, são servidores públicos da prefeitura municipal; não são pessoas de posses, tampouco chegam perto da miséria. Logo, no que tange à origem familiar, pode-se afirmar que tanto Godolias, como Marla e Ebenézer, são sujeitos oriundos da mesma classe social, a classe média-baixa, porém os pais de Godolias têm mais estabilidade em seus empregos.

Godolias contou que seus pais são evangélicos e que ele próprio, assim como o irmão mais velho, foi criado sob preceitos e valores cristãos neopentecostais, dos quais se afastou a partir da adolescência. Godolias afirmou que sente grande afeição pela família, em especial pelo irmão, com quem vivenciou momentos marcantes ao longo da vida, porém, conforme Godolias, o irmão e ele são bastante diferentes no que tange às perspectivas de vida.

Godolias: Meu irmão é parceiro, mas é mais na dele. É mais acomodado.

Pesquisador: Explica isso aí.

Godolias: Meu irmão é casado. Quis ficar naquela vida e trabalha em fazenda. Na visão dele, do pai e da mãe, está bom! Ele fica próximo do pai e da mãe. Eu sou diferente, já pensava em sair de lá, procurei estudar, né?

Pesquisador: Ah sim, estou entendendo. O seu irmão não terminou de estudar?

Godolias: Não. Ele terminou o médio. Mas depois não quis fazer uma faculdade. Parou.

Pesquisador: Entendi. Ele não teve interesse em seguir nos estudos, mas você teve? É isso?

Godolias: Foi. O meu irmão sempre teve “traia”, negócio de sítio, fazenda. Vixe! Ele gosta demais. Ele foi por esse ramo, aí já sabem [outros] que ele trabalha bem. Então ele fica por lá mesmo.

Pesquisador: E você como foi? Como foi seu interesse de estudar?

Godolias: Eu fiz um curso lá em [nome da cidade ocultado], aí fui me interessando. Aí vai uma coisa chamando a outra, né? Peguei e saí para fazer faculdade aqui em Dourados. Expliquei para meus pais e mudei. Meu irmão é mais parado. A coisa dele, que ele gosta mesmo, de diferente é carro [risos]. Nós dois gostamos muito de carro, na verdade [risos].

Pesquisador: Reparei que sua moto é bastante personalizada.

Godolias: Sim, mano. Eu curto mexer, e lá em [nome da cidade omitido] eu tenho um Passat 79, todo mexido, também.

Pesquisador: E com quem você pegou gosto? Quem te ensinou?

Godolias: Foi com meu irmão. Ele já curtia *tunning* e campeonato de som. Ele me levava. Eu gostava de olhar os carros, os acessórios, todas as coisas, né?

Pesquisador: Entendi. E teve uma moto sua que roubaram, não teve?

Godolias: Foi. Roubaram outra moto minha no ano passado. Eu fui em uma festa no [clube] Indaiá. Aí na hora de ir embora a moto tinha sumido. Eu fiquei desesperado, não botava fê! Meio louco das cachaças, né? Aí dei parte, registrei B.O. Aí passou umas duas semanas acharam o chassi e me chamaram na delegacia. Quem roubou foi na fissura de pegar as peças. Depenou inteirinha e largou só o chassi jogado no mato. Mas aqui em Dourados, o que vira mais é moto mesmo. Tanto que comprei outra. Em Dourados, não vira caro rebaixado do jeito que eu gosto. Tem umas valetas que são osso, e os quebra-molas e os buracos nas ruas, né? Você já viu, né? Aqui o asfalto é ruim. Mas não fico lamentando não. Deus dá e Deus tira também. A fita é trabalhar.

Pesquisador: Que situação ruim a da moto, cara! Mas acontece. Cara, você falou aí que tem que trabalhar, porque Deus dá e Deus tira. Sobre trabalho, você poderia dizer mais alguma coisa?

Godolias: Ah, eu penso assim, que tem que trabalhar sem frescura, mas procurar crescer, se aperfeiçoar naquilo que você é bom. Estudar e trabalhar. Só estudando e trabalhando que consegue prosperar.

Nota posterior

As narrativas expostas até aqui, retratam o primeiro contato estabelecido com os habitantes da República Mangueira, em minha primeira vinda a Dourados para participar do processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFGD, em novembro de 2018, e trechos de entrevistas conduzidas posteriormente, enquanto Ebenézer, Godolias e Marla eram coabitantes da República Mangueira (que deixaria de existir no segundo semestre de 2019).

Godolias, Marla e Ebenézer têm origens diferentes, mas similares. Os três jovens são oriundos de famílias de classe média-baixa. Nenhum dos três jovens passou por necessidades básicas na infância, tampouco usufruíram de luxos. Seus pais sempre foram capazes de prover as necessidades de suas respectivas famílias, e os três cresceram com o entendimento, de que a educação de nível superior é um instrumento de mobilidade social. Os três afirmam que seus pais sempre lhes disseram que tinham que “fazer faculdade”, para “ter um bom emprego” e ter “sucesso na vida”.

Com o propósito compartilhado de acessar o ensino superior, tendo em vista o mundo do trabalho, os três migraram de suas pequenas cidades para Dourados. Posteriormente, com objetivo compartilhado de reduzir despesas com moradia, os três passaram a coabitar, conviver, se relacionar. Nasceu, assim, a República Mangueira.

2.7.4 A ORIGEM DA REPÚBLICA MANGUEIRA

A República Mangureira originou-se a partir de um contato inicial estabelecido entre Marla e Ebenézer, ambos estudantes da UFGD. Eles se viam nos corredores do prédio onde têm aulas, ou em situações sociais nas casas de colegas e amigos que tinham em comum. Aos poucos se aproximaram, depois tornaram-se amigos. Na época, Marla e Ebenézer moravam em outras repúblicas de estudantes, que estavam se desmantelando. Os dois procuravam lugar para morar. Diante da incerteza, de onde iriam morar num futuro próximo, decidiram formar uma nova república.

Decidiram, em comum acordo, um limite orçamentário, e qual a área da cidade – a ACHU – na qual iriam procurar um imóvel. Primeiramente, encontrariam um imóvel com três quartos, mudar-se-iam, e depois iriam encontrar mais uma ou duas pessoas para irem morar com eles. Ebenézer ficou incumbido de “garimpar” o imóvel, todavia, diante do processo de especulação imobiliária, que atinge a área que concentra universitários em Dourados, os valores de aluguel eram altos para eles. A missão não foi fácil para Ebenézer.

A procura foi árdua. Em contato com imobiliárias, Ebenézer não encontrou nada que agradasse a Marla e a ele. Decidiram, então, que queriam fugir da burocracia de imobiliárias. Começaram a procurar imóveis “direto com o dono”. Mais algumas semanas se passaram, e finalmente Ebenézer encontrou o imóvel que passaria a abrigar a República Mangureira. E como Ebenézer “descobriu” esse imóvel? Andando pelas ruas, observando imóveis que lhe pareciam desocupados.

Andando por uma rua na ACHU viu uma casa – aparentemente desocupada – com mato alto na frente (não havia nenhuma placa de “aluga-se”). Ebenézer bateu palmas na casa vizinha, a moradora atendeu, confirmou que a casa estava desocupada e que a proprietária tinha interesse de alugar. A senhora, que conhecia a proprietária, informou-lhe o número de telefone. Ebenézer agradeceu, entrou em contato com a proprietária e, dois dias depois, o contrato já estava fechado. Valor do aluguel: 600 reais por mês e IPTU de 50 reais por mês por conta dos locatários. Nasceu a República Mangureira.

Na semana seguinte, início de junho de 2018, Ebenézer e Marla se mudaram. Como o imóvel tinha três quartos, agora teriam que procurar mais uma pessoa, ou duas, caso fossem dividir quarto, para ocupar o terceiro quarto da casa. Não foi preciso procurar muito, no entanto, pois Marla encontrou Godolias.

Godolias não conhecia Marla, tampouco Ebenézer. Seus grupos de referência no campo da sociabilidade e do lazer eram distintos. Nunca tinham se visto, tampouco tinham amigos em comum. Naquele momento entra em cena a tecnologia, e o destino. Godolias, certo dia, na república em que habitava com outros sujeitos e que estava perto do fim, com seu *smartphone* em mãos, à procura de um encontro de uma noite, navegava no aplicativo Tinder. Godolias olhava para a tela, aumentava o brilho para visualizar melhor as fotos e passava o dedo para o lado direito, uma, duas, três, incontáveis vezes. Entre as fotos para as quais passou o dedo para direita estava a de Marla.

Da República Mangueira, Marla também navegava no Tinder³⁴. Passou o dedo para o lado direito, uma, duas, três, incontáveis vezes. Não demorou: “plim”! Deu *match*. Combinação! Godolias e Marla haviam curtido um ao outro. Godolias não demorou a dar um “oi” pelo chat do aplicativo. Na sequência, o desdobramento protocolar: conversa amena, troca de números de celular e início de flerte via WhatsApp. Alguns poucos dias se passaram, conversa vai, conversa vem, o próximo passo, que seria, de acordo com o *script* das interações iniciadas no Tinder, um encontro pessoalmente, ao vivo e em cores, não ocorreu. Conforme foram conversando pelo WhatsApp, Marla perdeu interesse. Não deu química. Não rolou.

O encontro virtual entre os dois, todavia, teve desdobramento, se não sexual, ao menos habitacional. Nas conversas, Marla tomou conhecimento que Godolias procurava lugar para morar, diante do fim iminente da república onde estava morando na época. Godolias, por sua vez, tomou conhecimento que Marla e Ebenézer procuravam alguém para se juntar a eles na nova república. Godolias, então, manifestou interesse em ir morar com Marla e Ebenézer. Marla informou Ebenézer, e os três marcaram um encontro em um bar localizado na ACHU. Conversaram, conversaram, conversaram e finalmente entraram em acordo. Na semana seguinte Godolias “juntava suas tralhas” para ir morar com Marla e Ebenézer.

³⁴ O Tinder é um aplicativo de relacionamentos. No Tinder, os usuários passam o dedo para a direita para dar “match” e para a esquerda para recusar o usuário que lhes aparece. Para que seja aberto o contato entre os usuários, é necessário que ambos passem o dedo para a direita, dando “match”. O aplicativo foi lançado em 2012 e em 2021 tinha 75 milhões de usuários ativos (IQBAL, 2023).

CAPÍTULO 3

3. CULTURA DO LAZER UNIVERSITÁRIO

Quando falamos em culturas juvenis nos referimos a modos de vida específicos e práticas cotidianas dos jovens, que expressam certos significados e valores não tanto no âmbito das instituições como no âmbito da própria vida cotidiana. [...] O processo de construção das culturas juvenis tem de ser entendido no contexto da origem social e das condições concretas de vida na qual os jovens estão sendo socializados (DAYRELL, 2005, p. 35-36).

“Amarrado a teias de significados”; nessa situação encontra-se o sujeito que está inserido em alguma cultura juvenil, como a do lazer universitário (GEERTZ, 1973, p. 5). Geertz sustenta que pertencer a uma cultura envolve a assimilação de uma constelação de signos e simbolismos. Mais além, Geertz (1973, p. 5) afirma que entende “a cultura como sendo essas teias e sua análise, como uma ciência interpretativa, à procura de significado”. Entende-se, assim, que as culturas juvenis envolvem significados advindos de referências que se apresentam e são compartilhadas pelos sujeitos que são parte da cultura em questão. Além disso, as culturas juvenis envolvem processos de constituição identitária, inserção em grupos de referência, exercícios de sociabilidade e por seguinte territorialidades (BERGER; LUCKMANN, 1976; MERCER, 1990; ELIAS; SCOTSON, 1997; HAESBAERT, 1997; MARGULIS, 1997; HALL, 2001; DAYRELL, 2005; TURRA NETO, 2008).

Dessa maneira, entende-se que cultura é o meio pelo qual as pessoas transformam o fenômeno do mundo material em um mundo de simbolismos e signos ao qual atribuem significado e valor (COSGROVE; JACKSON, 1987, p. 99). No que tange às culturas juvenis, especificamente, deve ser salientado, que essas culturas são “precipitados da história” e encontram-se em constante estado de mutação, pois há multiplicidade de culturas juvenis e de acordo com a época surgem culturas diferentes (FEIXA, 1999).

Entendo, sob essa ótica, que a cultura tomada em um entendimento mais abrangente – baseando-me em Marcellino (1987) – é “uma conjuntura de fatores”, que envolvem: fazer, ser, interagir e representar. O fazer, interagir, representar e ser são “produzidos, socialmente, e envolvem simbolismos que definem a maneira como a vida social se desenvolve”, de forma que a “a atividade humana se vincula à construção de significados” nos quais se baseiam os sentidos da existência (LIMA, 2018, p. 50).

Cada cultura juvenil, ou *little culture*, subcultura, conforme conceituou McCracken (2003), está atrelada a referências distintas, que envolvem algum modo de vida, ou uma prática relacionada à sociabilidade, lazer e “sistemas entrelaçados de signos interpretáveis” (GEERTZ, 1973, p. 10). Assim, ao abordar a **cultura do lazer**

universitário, não se pode afirmá-la como **a cultura universitária**, tendo em vista que os aspectos festivos da experiência universitária constituem apenas uma fração daquilo que é a cultura universitária, que é mais abrangente. Sob essa perspectiva, Turra Neto (2008, p. 460) afirma que:

Correa (2003), inspirada nos teóricos do CCCS³⁵, também acredita que as culturas juvenis são uma subcultura dentro de uma cultura maior que as condiciona. Contudo, também reconhece que elas têm expressões culturais próprias e gozam de certa autonomia. De forma resumida, para Correa, as culturas juvenis podem ser definidas como maneiras coletivas de expressão, mediante a construção de estilos distintivos, tanto em relação à cultura dominante, do mundo adulto, quanto em relação a outros grupos juvenis. Via de regra, estão situadas no tempo livre e nos espaços intersticiais da vida institucional.

Tratar da cultura do lazer universitário é tratar de uma *little culture*, pois a dimensão da cultura do lazer universitário não permite que seja tratada como “a” cultura universitária. A cultura do lazer universitário, todavia, é elemento relevante da cultura universitária, que é mais ampla. A cultura do lazer universitário encontra-se difundida nacionalmente nas cidades que contam com quantidade considerável de jovens universitários, tendo se transformado, na contemporaneidade, em um segmento mercadológico e, mais além, adquiriu aspectos que a aproximam de uma indústria cultural (ADORNO; HORKHEIMER, 1985; GOHN; ALBIN, 2006; LIMA, 2018).

A cultura do lazer universitário que se vê em Dourados é uma cultura juvenil, brasileira, nacional, “orgânica”, ou têm origens em culturas globais que se expandem na era da informação? Ramos (2017) ao tratar de culturas juvenis, afirma que há culturas juvenis transterritoriais, definidas como culturas surgidas em algum lugar e que encontram condições para se reproduzir em lugares localizados a milhares de quilômetros de distância. De maneira semelhante, Pilkington (1997) usa como exemplos de culturas juvenis transterritoriais, as cenas de *hip-hop* desenvolvidas em vários países da África. O próprio Ramos (2017) apresenta a cultura do *wheeling*, que é uma cultura transterritorial, pois surgiu nos Estados Unidos, e encontrou em Bauru e Marília, interior do estado de São Paulo, condições para se reproduzir, assim como Turra Neto (2008) ao investigar a cultura *punk* em Guarapuava, interior do Paraná, cujas origens encontram-se na Inglaterra dos Sex Pistols³⁶.

³⁵ Escola de Birmingham de estudos sobre jovens.

³⁶ Banda inglesa de punk rock formada em 1975 em Londres. Os Sex Pistols tiveram carreira curta (dois anos e meio), mesmo assim, são considerados como uma das bandas mais influentes na história da música, pois estabeleceram bases para o movimento *punk* em escala global, principalmente a partir das icônicas figuras de Johnny Rotten e Sid Vicious (vocalista e baixista da referida banda, respectivamente). Em sua curta carreira, os Sex Pistols “causaram” ao quebrar convenções sociais da época com o álbum *Never Mind*

Dados alguns exemplos de culturas transterritoriais, pode-se afirmar que a cultura do lazer universitário que se vê no Brasil é uma cultura brasileira, todavia suas origens estão distantes do Brasil. A cultura do lazer universitário é influenciada, sobretudo por representações da cultura universitária estadunidense, extensivamente propagada por meio da indústria cultural (KJELDGAARD; ASKEGAARD, 2006; LIMA, 2018). Assim, observa-se que produções cinematográficas estadunidenses têm mostrado jovens universitários vivendo a sociabilidade e o lazer quase ao limite do hedonismo, como em filmes da saga *American Pie* (1999), que se tornaram muito populares no Brasil. A referência aos filmes da saga *American Pie* (1999) inclusive surgiu durante uma entrevista conduzida com um jovem integrante da diretoria de uma atlética:

Sim, cara [risos]. Os calouros chegam achando que é tipo *American Pie* [risos]. Acham que ser da atlética é só vida mansa. Tem uns que são comédia, se vacilar muito, o cara acha que é o Stifler³⁷ [risos]. Por isso, olhamos bem o perfil no processo seletivo da atlética. Tem que ser pessoa comprometida com as coisas. Se o cara ou a mina não for, têm vida curta. Já aconteceu de termos que desligar alguns porque não era a coisa para eles. Ficavam achando que é só “festinha”, “sou da atlética”, aí tem que mandar seguir “o rumo da roça” [risos] (INTEGRANTE DE DIRETORIA DE ATLÉTICA, 2020).

Pode-se afirmar, nessa perspectiva, que essas representações se tornaram, ao longo das duas últimas décadas, moldes para o desenvolvimento da cultura do lazer universitário no Brasil, a partir de representações cinematográficas/midiáticas, que permitem a transterritorialização de bases culturais amplas, que se desdobram em subculturas (CANEVACCI, 2005; CANCLINI, 2010; MORIN, 2011).

Evidentemente há diferenças entre as culturas juvenis, todavia, deve ser entendido que, seja qual for a cultura juvenil, a sociabilidade, o “sair”, o conviver, o estar junto com sujeitos semelhantes, será sempre algo relevante. “Sair para um baile funk”, “sair para uma festa universitária”, “sair para um rolê”, “sair para o encontro de jovens da igreja” ... Enfim, sair, se divertir, se relacionar, contactar, experimentar, experienciar.

Diante daquilo que foi observado em campo ao longo da investigação que originou a tese – e outras observações precedentes – aponto os seguintes elementos como constituintes da cultura do lazer universitário: a) atléticas e organizações correlatas; b) eventos promovidos pelas atléticas e organizações correlatas; c) esquemas de ação compartilhados por jovens universitários, que envolvem frequentar os citados eventos e

the Bollocks, Here's the Sex Pistols (1977). Além disso, a banda chocou o Reino Unido, quando o guitarrista Steve Jones disse *fuck* ao-vivo pela primeira vez na história da televisão britânica.

³⁷ Steve Stifler, personagem hedonista da saga *American Pie*, interpretado pelo ator estadunidense Seann William Scott.

estabelecimentos inseridos na economia da vida noturna; d) a posse de objetos providos de valor simbólico, que são comercializados pelas atléticas e organizações correlatas.

3.1 O JOVEM UNIVERSITÁRIO: SOCIABILIDADE E ACESSO AO LAZER NOTURNO

Problemas comuns no estabelecimento de independência, fazer amizades e adequação ao novo ambiente, isso faz estudantes universitários se juntarem, criando uma coesão social forte, que tem influência considerável nas atitudes e valores dos estudantes (DALTON, 1989, p. 1, tradução minha).

Para jovens recém-saídos do ensino médio e ingressantes no ensino superior, os anos vividos como estudantes universitários são tempo de desenvolvimento pessoal e de experimentação, afinal, “os anos na universidade são tempo de dramática mudança pessoal, social e cognitiva” (GOETHALS, 1999, p. 1, tradução minha). A chegada à maioridade e o ingresso em alguma IES representam um rito de passagem e início de uma trajetória que envolve responsabilidade e liberdade de viver/acessar espaços e modos de vida até então inacessíveis devido à idade, isso é, de exercer a territorialidade além das fronteiras anteriormente estabelecidas (MOFFATT, 1991; HAESBAERT, 2006; WEIDMAN, 2006; TURRA NETO, 2008).

Gohn e Albin (2006, p. 17) afirmam que a sociedade tende a ver a universidade como preparadora de força de trabalho, por meio da qualificação profissional, que produz mão de obra para o mercado, porém, para jovens universitários, a experiência universitária vai muito além de salas de aula, provas, seminários. A experiência universitária envolve sociabilidades e lazeres inseridos na cultura do lazer universitário (MOFFATT, 1991; GONH; ALBIN, 2006).

No período vivido como estudantes universitários, os jovens “encontram normativas que lhes influenciam [...] de maneiras formais e informais” (WEIDMAN, 2006, p. 257, tradução minha). As normativas formais são aquelas experimentadas na IES. Institucionalmente, há regras que devem ser seguidas. As normativas não formais são aquelas atreladas ao convívio com os pares e comportamentos/esquemas de ação que envolvem a sociabilidade e o lazer (MOFFATT, 1991; ZHAO; KUH, CARINI, 2005; WEIDMAN, 2006; GUMPRECHT, 2008).

As normativas variaram e variam ao longo do tempo, dada a multiplicidade de fatores que influenciam os modos de vida. Dessa maneira, os universitários, ao longo do tempo, têm desenvolvido modos de vida e características identitárias de acordo com os

valores vigentes na sociedade, alinhados à geração à qual pertencem (HOWE; STRAUSS, 2003; COOMES; DEBARD, 2004; GOHN; ALBIN, 2006; TURRA NETO, 2008).

Ao ingressar em alguma IES, os sujeitos encontram contextos normativos e influências culturais diferentes daquelas do período precedente ao ingresso no ensino superior. Assim, entende-se que a inserção no ensino superior apresenta o jovem universitário a grupos de referência que são compostos por outros sujeitos que compartilham de aspectos identitários e que exercem papéis sociais relevantes no processo de territorialização e caracterização identitária, adequados aos contextos socioespaciais específicos (BOURDIEU, 1985; PORTES, 2000; GIDDENS, 2002; LAHIRE, 2002; LE BRETON, 2004; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2020).

Entre jovens que pertencem à geração *post-millennial* e que são *cuspers*, as práticas de sociabilidade e lazer têm grande relevância. Sociabilizar em contexto festivo e conhecer pessoas com as quais se identificam, são parte do modo de vida juvenil que podem estar presentes desde antes de ingressar no ensino superior. Ao ingressar no ensino superior, porém, as opções de sociabilidade e lazer se multiplicam e é comum que o jovem passe a frequentá-las, sobretudo aquelas que são caracterizadas como lazer noturno (GUMPRECHT, 2003; ZHAO; KUH; CARINI, 2005; WEIDMAN, 2006, LIMA, 2020).

Quanto ao lazer noturno, entende-se que é qualquer atividade de lazer realizada entre o pôr do sol e o amanhecer, entretanto o lazer noturno é representado, na maioria das vezes, em diferentes contextos, por atividades desenvolvidas em serviços e comércio inseridos na economia da vida noturna como bares, lojas de conveniência, tabacarias, casas noturnas (baladas) que têm suas atividades direcionadas ao lazer e diversão durante a noite e que são locais de encontro frequente entre jovens (MARGULIS, 1997; SHAW, 2010; RAMOS, 2017; VALVERDE, 2021).

Nesses espaços diversos, a juventude circula e “ganha visibilidade”, aparecendo para a sociedade. Nesses espaços diversos “os jovens vivenciam” a “sua condição juvenil” e experienciam o espaço geograficamente, praticando o lazer, encontrando seus pares, estabelecendo relações de sociabilidade (PIRES, 2013, p. 93).

Quanto ao termo, economia da vida noturna, observa-se que “tem sido usado para se referir a uma porção das atividades econômicas noturnas”, mais especificamente, aquelas desenvolvidas em locais “de entretenimento e comércio”, os *points*³⁸ (SHAW, 2010, p. 896, tradução minha). Em Dourados, grande parte dos *points* frequentados por

³⁸ Ramos, 2017.

jovens universitários, estão localizados na ACHU, onde, ao cair da noite, as ruas ganham ambiência da vida noturna, com jovens transitando, conversando, flertando, bebendo, fumando, sentados, em pé: sociabilizando e vivenciando o lazer.

Ao tratar do estabelecimento de relações de sociabilidade, há que se notar que calouros, em geral, procuram estabelecer uma “rede de pares”, que pode ser uma “fonte de apoio, de intimidade” que os ajuda na transição para a universidade, lhes fornecendo modelos de conduta e “oportunidades sociais” (BORSARI; CAREY, 2001, p. 392, tradução minha).

Há que se salientar que um modelo de conduta estabelecido entre jovens universitários, diante das diversas “oportunidades sociais”, é frequentar a noite, seja em *points* ou em festas universitárias e compartilhar os momentos vividos na noite nas redes sociais on-line, tendo em vista que entre jovens é comum dar importância aos valores e opiniões de outros membros de seu grupo de referência, nesse caso, outros jovens (DALTON, 1989; RUCKER; GALINSKY, 2013; WEIDMAN; DEANGELO; BETHEA, 2014; WICKEL, 2015; LIMA, 2020).

Entende-se, assim, que um grupo de referência é um “grupo, ou coletividade que um sujeito leva em consideração quando opta por um curso de ação particular dentre alternativas diversas” (WEIDMAN; DEANGELO; BETHEA, 2014, p. 295, tradução minha). Dessa forma, é possível compreender que nos grupos de referência são estabelecidos esquemas de ação, que são compartilhados pelos sujeitos que se identificam com o grupo (BEARDEN; ETZEL, 1982).

Dessa maneira, ao tornar-se estudante universitário, o sujeito cruza uma fronteira que lhe permite acessos, apresenta-lhe possibilidades e poder que conferem um maior nível de independência e opções de escolha no campo da sociabilidade e do lazer (GUMPRECHT, 2003). Sob tal perspectiva, deve ser observado que a expansão da internet, desde meados da década de 1990, contribuiu para o surgimento e disseminação das redes sociais on-line, que atualmente tem testemunhado ampla expansão global, o que contribui para transformações nos modos como os seres humanos têm acesso à informação e se comunicam³⁹ (CASTELLS, 2000; COSTA, 2006; RECUERO, 2012; KOZINETS, 2014; MORAIS; DOS SANTOS; GONÇALVES, 2020).

Na contemporaneidade, as redes sociais on-line são utilizadas por sujeitos das mais diversas faixas etárias, desde pré-adolescentes até nonagenários. Observa-se, porém,

³⁹ Inicialmente entre sujeitos inseridos na faixa etária jovem, posteriormente entre sujeitos de diferentes faixas etárias.

que cada rede social on-line tem prevalência de sujeitos de faixas etárias diferentes⁴⁰. O que se observa, entre jovens universitários *post-millennials* e *cuspers*, é que a rede social de maior relevância é o Instagram, enquanto entre idosos, é o Facebook (JOY; VENKATACHALAM, 2019; HONG; OH; 2020; LIMA, 2020).

Por meio das redes sociais on-line, especialmente, o Instagram, os jovens universitários interagem, sociabilizam, se territorializam e expandem sua existência física ao meio digital. Por meio de recursos, como *reels* e principalmente, *stories*, os jovens “narram” suas vidas em tempo real, compartilham momentos de sociabilidade e lazer, além de situações cotidianas diversas (RECUERO, 2012; WICKEL, 2015; JOY; VENKATACHALAM, 2019).

Dessa forma, entende-se que “a mídia social envolve inexoravelmente a exposição de selfies para uma audiência virtual”, tendo a preocupação com “opiniões favoráveis dos outros” (BARRY, et al., 2015, p. 3, tradução minha). Compartilhar momentos de sociabilidade e lazer nas redes sociais é um esquema de ação, que se torna *habitus*, que busca a construção da autoimagem e sua representação diante de seus pares. Compartilhar nas redes sociais auxilia na sociabilização e na visibilidade social, por meio de interações geradas, que são fontes de capital social (BOURDIEU, 1985; RECUERO, 2012; WICKEL, 2015; RAMOS, 2017; JOY; VENKATACHALAM, 2019; HONG; OH; 2020).

Quanto ao capital social, Bourdieu (1985, p. 248) o define como “o agregado de recursos efetivos ou potenciais ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de reconhecimento mútuo”. Assim, a participação em grupos e a prática deliberada da sociabilidade podem dar acesso a benefícios, provenientes das relações sociais estabelecidas.

O capital social é uma forma intangível de capital, que reside nas estruturas que sustentam as relações entre os sujeitos. Para adquirir o capital social, o sujeito necessita estabelecer relações de sociabilidade com outros sujeitos, que constituem a verdadeira fonte de capital social, isso é, a fonte de benefícios e esquemas facilitadores. Assim, é possível afirmar que o capital social modela relações de altruísmo confinadas, nas quais os membros do grupo são parte de uma rede de solidariedade seletiva, isso é, restrita àqueles reconhecidos como semelhantes (LIMA, 2020, p. 18-19).

⁴⁰ Isso é, sujeitos jovens têm preferido utilizar outras redes sociais on-line, especialmente o Instagram. Essa condição aponta que os *posts* no Facebook têm maior potencial de atingir sujeitos que não são jovens, ao passo que *posts* no Instagram têm maior potencial de atingir sujeitos jovens.

Em relação ao conceito de *habitus*, destaco que é concebido como um esquema de ações constituído socialmente por “disposições estruturadas e estruturantes”, e é adquirido por meio de experiências-vivências constantes que orientam as funções e os modos de agir, sendo compreendido como “conjunto de esquemas [...] que é experimentado e posto em prática, tendo em vista que as conjunturas [...] o estimulam” (SETTON, 2002, p. 63).

Habitus é um conceito que descreve as práticas socioespaciais dos sujeitos, buscando considerar as “cosmologias diversas, configuradas e adquiridas” a partir da “repetição, da frequência” e da habituação, que é adquirida ao ser reproduzida “por períodos duráveis” (LIMA, 2020, p. 18). Quanto mais um sujeito interage com seus pares, mais exposto está aos valores, atitudes e modos de vida daqueles que compõem o seu grupo de referência (MOFFATT, 1991; WEIDMAN; DEANGELO; BETHEA, 2014).

Observa-se, dessa forma, que ao ingressar em alguma IES, o jovem universitário fica mais exposto ao que Moffatt (1991), Goethals (1999), Weidman (2006) e outros autores apontam como *peer influence*, a influência dos pares, no caso, outros jovens universitários.

Nesse sentido, Goethals (1999) recorre à teoria da comparação social de Festinger (1950), que, embora tenha mais de meio século, continua a ter relevância nos estudos sobre grupos de referência juvenis. Festinger (1950) preconiza que, ao se identificar como parte de um grupo, o sujeito passa a se comparar com seus pares, o que pode favorecer condutas específicas. Dessa maneira, os sujeitos que “andam juntos” tendem a ter condutas parecidas, que são refletidas em suas identidades, autoconceitos e em seus *habitus* (MOFFATT, 1991; ELIAS; SCOTSON, 1997; SETTON, 2002; WEIDMAN; DEANGELO; BETHEA, 2014).

Sob essa perspectiva, é possível afirmar que entre os *habitus* adquiridos por jovens universitários, está o de frequentar *points* do lazer noturno e festas universitárias que são realizadas por atléticas e organizações correlatas (BORSARI; CAREY; 2001; ROMERA, 2014; LIMA, 2020). Quanto às festas universitárias, uma condição relevante é sua associação com o consumo de bebidas alcoólicas⁴¹. Isso ocorre pelo fato de a maior parte das festas universitárias serem festas *open bar*, condição que pode favorecer situações de

⁴¹ Ao longo das duas últimas décadas, as festas universitárias *open bar* passaram por escrutínio da mídia, devido a emergências médicas e fatalidades ocorridas. Lima (2018) afirma que, no período de uma década, foram identificados 38 casos de fatalidades em festas universitárias *open bar* no Brasil.

binge-drinking/hiperconsumo alcoólico pelos participantes (ROMERA, 2014; LIMA, 2018).

O hiperconsumo alcoólico, todavia, pode ser uma das “normas sociais” do grupo de referência em que o jovem universitário está inserido, podendo ser uma situação normal, aceitável, não condenável pelos pares (BORSARY; CAREY; 2001; ROMERA, 2014; LIMA, 2018). Nos últimos anos, houve polêmica sobre as festas universitárias *open bar*, mas o que se observa é que essa forma de lazer está estabelecida como um elemento da cultura do lazer universitário e passa por processo de difusão no território nacional, onde o número de atléticas e organizações correlatas é crescente.

3.2 UNIVERSITÁRIOS MIGRANTES, UNIVERSITÁRIOS NÃO MIGRANTES: CONTROLE PARENTAL E MODOS DE VIDA

No que diz respeito aos modos de vida de jovens universitários, observa-se que há diferenças entre os migrantes e os não migrantes, isso é, os que já moravam em Dourados, com suas famílias antes de ingressarem em alguma IES da cidade. Embora muitos deles compartilhem do *habitus* constituído por frequentar *points* e festas universitárias *open bar*, na busca por sociabilidade e lazer noturno, é possível observar que entre universitários migrantes há menor grau de supervisão parental, condição que lhes deixa mais propícios à novas experiências (CZIKSZENTMIJALYI; LARSON, 1984; WEIDMAN, 1989; MOFFATT, 1991; SMETANA; ASQUITH, 1994; BROWN; DOLCINI; LEVENTHAL, 1997).

Nessa perspectiva, entende-se que jovens universitários migrantes passam a ter seus pares (o grupo de referência) como influências de maior relevância, do que os estudantes não migrantes, que continuam a morar nas casas de suas famílias. Além disso, o controle parental é reduzido drasticamente quando o jovem universitário migra para estudar, diante do não compartilhamento do mesmo lar e da distância da família (BROWN; DOLCINI; LEVENTHAL, 1997; LIMA, 2020).

O controle parental é exercido de maneira mais rígida, quando o jovem universitário vive com a família, sendo, dessa forma, sujeito às regras do lar, o que torna alguns comportamentos inaceitáveis perante os coabitantes, podendo desencadear conflitos domésticos de cunho geracional (SANFORD, 1962; SMETANA; ASQUITH, 1994; WEIDMAN; DEANGELO; BETHEA, 2014; SEEMILLER; GRACE, 2016; FRY; PARKER, 2018; LIMA, 2020).

Para um jovem universitário que viveu toda a vida com a família em Dourados, ingressar em uma IES localizada na cidade pode não ser uma condição que lhe trará maior liberdade de ação, considerando que o sujeito continue a viver na casa da família, que tem regras, às quais terá que se adequar, visando a boa convivência familiar (LIMA, 2020).

Entende-se, assim, que, caso o sujeito continue a viver na casa da família após completar 18 anos e ingressar no ensino superior, ainda estará submetido ao controle parental, isso é, o controle imposto pelos pais, as regras da família, que podem ser antagônicas aos anseios de vivência juvenil (MOFFATT, 1991; SMETANA; ASQUITH, 1994; BROWN; DOLCINI; LEVENTHAL, 1997; BORSARI; CAREY, 2001; LIMA, 2020).

Para os estudantes migrantes, isso é, aqueles que se mudam para Dourados, com intuito de acessar o ensino superior nas IES locais, a mudança, em geral, é mais significativa, já que seus pais estão morando longe, o que diminui sua capacidade de controle parental. Morando longe da cidade onde está localizada a IES, é difícil que os pais possam exercer o mesmo nível de controle parental que era exercido quando os filhos moravam sob o mesmo teto (MOFFATT, 1991; BORSARI; CAREY, 2001; LIMA, 2020).

Nessa perspectiva, busquei compreender as possíveis diferenças nos modos de vida de estudantes migrantes e oriundos de Dourados. Assim, passei a tratar do assunto em entrevistas com os jovens universitários, constatando que são comuns entre universitários migrantes, relatos de experimentar maior “liberdade” após deixar a casa dos pais e estabelecer residência em Dourados.

Houve universitários migrantes que foram questionados sobre o motivo que os levou a fazer escolha por alguma das IES localizadas em Dourados. Não foi raro ouvir que migrar para Dourados para estudar na IES locais foi uma decisão que não se restringiu às motivações acadêmicas. Na perspectiva de alguns universitários migrantes, a distância dos locais de origem e da supervisão parental são consideradas benéficas (DALTON, 1989; MCDAVID, 2002). Na ânsia por um modo de vida diferente do experimentado até então, jovens universitários migrantes apontam a oportunidade de “viver longe de casa”, como a possibilidade de adotar um modo de vida que não seria possível em seus lugares deixados (DALTON, 1989; MCDAVID, 2002).

Alguns jovens universitários participantes da pesquisa contaram que haviam sido aprovados para ingressar em IES públicas e privadas, localizadas em cidades menos distantes de suas cidades de origem ou localizadas na própria cidade em que residiam,

mas fizeram a opção por IES de Dourados em razão do desejo de vivenciar o período universitário longe do controle parental rígido.

Que tipo de condutas o controle parental coibiria a ponto de levar um jovem a optar por estudar em uma IES distante de sua cidade de origem? Articulando as teorias de autores que tratam sobre aspectos diversos da experiência universitária e fontes orais, foi possível estabelecer o entendimento de que continuar morando na casa dos pais, após ingressar no ensino superior, não favorece algumas práticas como: a) estabelecer os próprios horários, para acordar, dormir, voltar para casa; b) faltar às aulas na universidade de acordo com a própria vontade, sem ser repreendido; c) consumir bebidas alcoólicas⁴² e tabaco sem repressão; d) manter vida sexual ativa, podendo receber os parceiros/as em casa; e) frequentar formas variadas de lazer noturno (WEIDMAN, 1989; MOFFATT, 1991; GUMPRECHT, 2008; KINTON, 2013; LIMA, 2020).

Destaco, entretanto, que isso não significa que jovens universitários que moram na casa de seus pais não poderão ter tal autonomia, porém, a depender dos arranjos domésticos, terão que prestar contas aos pais, que poderão não compactuar com os comportamentos desses jovens.

Dessa forma, entende-se que, para jovens universitários que não são oriundos de Dourados, migrar para estudar é uma oportunidade para exercer esquemas de ação específicos, sem reprovação parental e sem vivenciar o *stress* de uma possível situação de convivência familiar desarmoniosa que, no fundo, tem fatores territoriais e geracionais em seu cerne. Sobre esses comportamentos, Weidman (2006) os define como *within-college effects*, isso é, experiências de vida, que podem estabelecer *habitus* e são vivenciadas, adquiridas e limitadas aos anos passados na universidade⁴³.

Viver longe da família pela primeira vez na vida, porém, requer amadurecimento e adequação à novas responsabilidades, como, por exemplo, pagar contas no prazo, fazer matrícula na IES dentro do prazo, ir ao supermercado, ir ao banco, lidar com burocracia de maneira geral, cuidar da própria saúde (marcar uma consulta com dentista, oftalmologista, ginecologista etc.), isso é, arcar com possíveis ônus da “liberdade”. Migrar para estudar, saindo do radar do controle parental é algo que requer equilíbrio,

⁴² Algumas vezes *binge drinking*/hiperconsumo.

⁴³ E razão das identidades múltiplas e cambiantes, após sair da faculdade, muitos sujeitos tomam para si outros estilos de vida que estão relacionados a outros esquemas de ação e simbolismos, adotando postura mais “conservadora”.

pois apresenta aspectos positivos, aspectos negativos e armadilhas que podem causar prejuízos (MOFFATT, 1991; GOETHALS, 1999; WEIDMAN, 2006).

3.3 ATÉTICAS, ORGANIZAÇÕES CORRELATAS E O LAZER NOTURNO DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS EM DOURADOS

A primeira universidade do mundo é a Universidade de Bolonha, Itália, fundada em 1088, mas as primeiras competições esportivas – documentadas – envolvendo estudantes de diferentes IES ocorreram somente no início do século XIX, na Inglaterra. A primeira competição de que se tem notícia foi uma regata disputada entre as equipes de remo das universidades de Oxford e Cambridge, em 1829, e que ficou conhecida como *The Boat Race*⁴⁴ (EDWARDS; GUY; HETTINGA, 2016).

No Brasil, os primeiros registros de competições esportivas universitárias são de fins do século XIX, no College Mackenzie, em São Paulo, e na Faculdade de Medicina e Cirurgia da Praia Vermelha no Rio de Janeiro⁴⁵. Nas duas IES, ocorriam competições esportivas internas, envolvendo seus estudantes, mas a primeira atlética registrada no Brasil surgiu em 1903, a atlética AAALQ, representante da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ) localizada em Piracicaba/SP, atualmente um campus da Universidade de São Paulo – (USP) (LIMA, 2018).

Em 1916, as competições esportivas universitárias foram expandidas e passaram a ser entre equipes que representavam universitários dos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, mas foi somente na década 1930 que foram criadas as primeiras federações de esportes universitários do país: a Federação Atlética de Estudantes (FAE), no Rio de Janeiro, e a Federação Universitária Paulista de Esportes (FUPE), em São Paulo (STAREPRAVO et al., 2010; LIMA, 2018).

Nas décadas seguintes – ao longo do século XX – o esporte universitário no Brasil se expandiu e se estruturou. Surgiram federações universitárias de esportes em diferentes estados do país, entretanto o número de atléticas cresceu timidamente, tendo em vista que o ensino superior, e, portanto, a quantidade de estudantes universitários se manteve bastante restrita até o início do século XXI (LIMA, 2020).

⁴⁴ A regata ocorre com regularidade desde então, com alguns períodos curtos de inatividade. Em 2019, foi disputada pela 166ª vez.

⁴⁵ Atualmente, Universidade Presbiteriana Mackenzie e Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), respectivamente.

No que tange ao papel histórico das atléticas, deve ser esclarecido que, quando de seu surgimento, o foco em práticas esportivas era mais acentuado. Na contemporaneidade, por outro lado, embora mantenham equipes esportivas, as atléticas têm sua imagem mais atrelada a promoção de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários (LIMA, 2018).

Atendo-me ao fator geracional, tem-se o seguinte: entre um jovem universitário, em 1968, e um jovem universitário, em 2023, há um *gap geracional*⁴⁶ de meio século. O sujeito que era um jovem estudante universitário em 1968 já passou dos 70 anos de idade em 2023 – é um *baby-boomer* – ao passo que um jovem universitário em 2023, é muito provavelmente, um *post-millennial*.

Sendo sujeitos de gerações diferentes, não é surpresa que seus esquemas de ação sejam diferentes. Trata-se de uma questão temporal, logo, trata-se de uma questão geracional. Sendo gerações diferentes, observamos que as pautas⁴⁷ centrais de debate e ação dos jovens universitários tendem também a ser diferentes. Isso não significa que a dimensão esportiva das atléticas tenha se esvaído, porém, em 2023, o esporte não é o aspecto mais representativo das atividades das atléticas.

Tendo em vista que há atléticas que possuem poucos quadros esportivos, é possível afirmar que, na atualidade, as atléticas são reconhecidas e têm como nicho principal de ação e representação social, as festas *open bar* que promovem (LIMA, 2018).

É, nesse panorama, que as práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários brasileiros ganharam relevância, constituindo-se na atualidade, como tema de pesquisa pouco estudado, porém com grande potencial, tendo em vista a importância tomada por debates acerca de questões que partem da dimensão espaço-temporal e que envolvem fatores de auto(reconhecimento) identitário, *habitus* adquiridos e modos de

⁴⁶ Intervalo de uma geração para a próxima. Geralmente, sujeitos de gerações diferentes apresentam valores, aspirações e comportamentos distintos. Para os sujeitos jovens, a década de 1950 marcou o início da consolidação da figura do jovem como sujeito rebelde, em “busca de si mesmo”, atormentado. Essa imagética da rebeldia juvenil da década de 1950 é representada, sobretudo, pela figura do ator norte-americano James Dean e seus papéis de jovem rebelde em filmes da época (LIMA, 2018).

⁴⁷ O papel político exercido pelos estudantes universitários ainda é relevante no Brasil, conforme vimos nos recentes embates entre movimentos estudantis e o governo federal, em razão de cortes orçamentários na educação pública (2019-2022). Desde a década de 1970, todavia, com a difusão da televisão e a partir do fim da década de 1990, com a difusão da internet, a forma como os sujeitos jovens têm acesso à informação passou por mudanças drásticas. Na atualidade, os *smartphones* são verdadeiras “próteses”, o acesso à informação é instantâneo e as opções/possibilidades de existência/vivência dos seres humanos são múltiplas, o que resulta em fragmentações e esvaziamento de algumas pautas de debate. Não é que a política não seja mais um assunto de interesse dos jovens universitários, todavia, o lazer e a “curtição” descompromissada – vide o grande aumento no número de atléticas Brasil afora – nos mostra que o lado festivo ganha cada vez mais corpo.

vida entre os jovens contemporâneos (HALL, 2001; GIDDENS, 2002; WEIDMAN; DEANGELO; BETHEA, 2014; FRY; PARKER, 2018; LIMA, 2018).

Desde o início do século XXI, em consonância com a expansão do ensino superior no país, houve aumento considerável na quantidade de atléticas, “ao ponto de, na atualidade, praticamente todas as IES brasileiras possuem uma atlética que representa a IES como um todo”, atléticas que representam cursos específicos de mais de uma IES, ou atléticas “que representam cada qual um curso específico” de cada IES (LIMA, 2021, p. 101). Há uma lacuna de dados sobre o total de atléticas existentes no país, entretanto, é possível afirmar que as atléticas estão estabelecidas em todas as regiões do Brasil e são agentes de “primeira importância na promoção de práticas de sociabilidade” e lazer noturno “entre estudantes universitários” (LIMA, 2021, p. 102).

As atléticas, com poucas exceções, possuem CNPJ, o que agiliza transações comerciais e estabelecimento de convênios e parcerias. Além disso, possuem estrutura hierárquica, com a existência de presidentes e vice-presidentes, tesoureiros e diretores ou coordenadores nos seus diferentes setores: eventos, esportes, marketing, produtos. As diretorias das atléticas são eleitas pelos integrantes e associados para que exerçam mandatos, que podem ser de um ano, na maior parte das vezes, ou dois anos.

Nesse sentido, observa-se a preocupação constante de renovar os quadros que compõem as diretorias das atléticas, tendo em vista que todos os anos há integrantes que se formam e deixam a IES. Diante de tal situação, as atléticas promovem processos seletivos entre universitários que queiram ser integrantes. Observa-se, nesse sentido, que é importante integrar universitários de primeiro ano – calouros – ou segundo ano de cursos de graduação, que podem potencialmente evoluir na hierarquia interna, assumindo papéis de liderança.

Outro fator que deve ser destacado é que, na contemporaneidade, a partir do início do século XXI, as atléticas passaram a comportar outros quadros, compostos pelas baterias universitárias e pelas equipes de *cheerleading* (Figura 2).

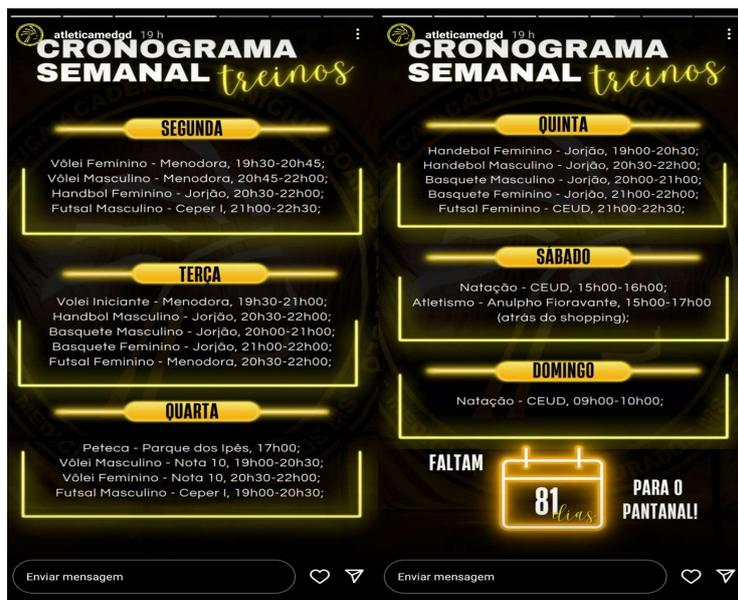
Figura 2 – Bateria universitária e equipe de *cheerleading* em Dourados



Fonte: pesquisa netnográfica. Organizado pelo autor, 2022.

Quanto aos esportes, as atléticas mantêm equipes de diferentes modalidades que disputam competições entre atléticas representantes de diferentes IES. Essas competições são chamadas de “jogos”, os quais são organizados por ligas universitárias de esportes. Há atléticas que pouco investem nas equipes esportivas, mas há, também, atléticas que “profissionalizam o preparo das equipes, com rotina de treinos constantes, ao longo do ano, e treinadores e comissões técnicas contratados”, visando a participação em jogos (Figura 3) (LIMA, 2018, p. 79).

Figura 3 – Cronograma de treinos de equipes esportivas de uma atlética



Fonte: @atleticamedgd, 2022.

De onde vêm os recursos para manter as equipes esportivas? Ao longo do ano, as atléticas realizam festas, o que lhes garante recursos, mas eles não são suficientes para manter as operações. Dessa forma, recorrem ao comércio de produtos diversos com seus logotipos, que por serem providos de valor simbólico-identitário, têm boa aceitação entre jovens universitários, sendo fonte importante de receitas (Figuras 4, 5, 6).

Figura 4 – Produtos de atléticas



Fonte: @atleticacenicassufgd, 2022.

Figura 5 – Produtos de atléticas



Fonte: @atleticadireitoufgd, 2022.

Figura 6 – Produtos de atléticas.



Fonte: @aaafaen, 2023.

Além disso, as atléticas possuem planos de associação que lhes garantem receita. Tais planos funcionam da seguinte forma, conforme Lima (2021, p. 109):

Os associados das atléticas – que não necessariamente são membros ativos nas atividades – pagam anuidade pelo título de sócio e têm direito a uma série de benefícios/facilidades, que variam muito de acordo com a atlética. Geralmente, os associados têm direito a desconto nos valores pagos por convites de festas realizadas pela atlética (são disponibilizados lotes exclusivos para associados), participação em jogos e/ou desafios, bem como na aquisição de objetos da atlética.

Assim, tornar-se associado de uma atlética (Figura 7), mediante o pagamento de um valor anual, que varia conforme a atlética, é uma forma de o jovem universitário ter acesso a uma série de benesses. Observa-se, também, que há atléticas que estabelecem

parcerias com serviços e comércio diversos que garantem descontos aos associados⁴⁸ (LIMA, 2018).

No que se refere à tipificação dos serviços e comércio que estabelecem parcerias com as atléticas em Dourados e oferecem descontos aos sujeitos associados, eles são bastante diversificados. Vão desde bares, lojas de conveniência, tabacarias, lanchonetes e restaurantes, até academias, barbearias, estúdios de tatuagem e de *piercing*, salões de beleza, clínicas de estética, clínicas odontológicas, clínicas oftalmológicas e sex shops. Dessa maneira, ser associado a uma atlética é um passaporte para descontos em serviços e comércio diversos.

As vantagens que as atléticas oferecem aos seus associados são bem recebidas, e os universitários sentem-se dispostos a se associar, pois essa dinâmica estabelece o sentimento de pertencimento, que, se associado à eventual posse de produtos providos de valor simbólico, sobretudo de vestuário, reforça o processo de construção identitária (BERGER; LUCKMANN, 1976; BELK, 1988; CUCHE, 1999; RUCKER; GALINSKY, 2013).

Figura 7 – Publicidade sobre associações a uma atlética



Fonte: @aaafaen

As atléticas oferecem “associações fechadas”, destinadas aos estudantes dos cursos vinculados com a atlética, e “associações abertas”, destinadas aos estudantes vinculados a outros cursos e aos não universitários (Figura 8).

⁴⁸ De maneira geral, os descontos variam entre 10% e 30%.

Figura 8 – Anúncio, chamando para associação a uma atlética.



Fonte: @aaafaen

Como pode ser observado, há diferenças no valor pago pela associação fechada e pela associação aberta, sendo o valor da associação aberta mais elevado que da associação fechada. Todavia, na prática, a única diferença substancial, é que aqueles que têm associação aberta não podem frequentar treinos das equipes esportivas, ao passo que os que têm associação fechada podem. Os outros benefícios, como descontos em serviços e comércio, em produtos e em eventos são iguais para associação aberta ou fechada.

3.4 ATLÉTICAS EM DOURADOS, SOCIABILIDADE E LAZER NOTURNO

No que se refere às atléticas em Dourados, é necessário esclarecer que elas não existiam na passagem do século XX para o século XXI. A primeira atlética somente surgiu em 2009⁴⁹, mais de um século após a criação da primeira atlética do país. Entende-se, dessa maneira, que as atléticas são um tipo de organização de história recente na cidade, onde foram encontradas condições para que se reproduzissem e se multiplicassem.

Desde o surgimento da primeira atlética de Dourados, em 2009, até 2023, esse tipo de organização se disseminou na cidade, e atualmente há mais de 30 atléticas e todas promovem festas *open bar* ao longo dos períodos letivos das IES. Essas festas mobilizam quantidade significativa de jovens universitários e são opção de sociabilidade e lazer muito apreciada por essa população.

Nas festas *open bar* realizadas por atléticas das IES de Dourados, em geral, são disponibilizadas no menu as bebidas: água, refrigerante, cerveja, destilados – geralmente

⁴⁹ A atlética do curso de Medicina da UFGD.

vodka ou cachaça – e outras bebidas alternativas *trend* (da moda)⁵⁰, que variam de uma época para outra (LIMA, 2021).

Ao longo da pesquisa, houve períodos em que a bebida da moda era a “Catuaba Selvagem”, em outros tempos foi o “Corote Sabores” e, a partir de 2021, passou-se a observar a oferta crescente de gin. Mais além, observa-se que as atléticas de Dourados têm seus coquetéis próprios, preparados a partir de alguma bebida destilada e com nomes sugestivos, como os coquetéis Clorofila, da atlética do curso de Ciências Biológicas da UFGD e Deflação, da atlética do curso de Ciências Econômicas da mesma IES.

Em 2023, a presença de atléticas em Dourados é massiva. A grande quantidade de atléticas em Dourados é condição preponderante para a existência, na cidade, de uma liga universitária de esportes, a Liga das Atléticas de Dourados (LADDS) (uma espécie de “federação atleticana”), à qual estão associadas 27 atléticas (Tabela 6), que representam diferentes cursos de diferentes IES douradenses e até de fora da cidade⁵¹.

Tabela 6 – Atléticas que compõem a Liga das Atléticas de Dourados

Atlética	Cursos representados
Associação Atlética Acadêmica de Direito – UFGD	Direito da UFGD
Associação Atlética Acadêmica FAC	Administração e Ciências Contábeis da UFGD e da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica Vinicius Soares Ceravolo	Medicina da UFGD
Associação Atlética Acadêmica de Nutrição - UFGD	Nutrição da UFGD
Associação Atlética Acadêmica de Fisioterapia - UNIGRAN	Fisioterapia da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica Diego Espindola	Economia da UFGD
Associação Atlética Acadêmica de Biologia – UEMS	Biologia da UEMS
Associação Atlética Acadêmica de Educação Física - UFGD	Educação Física UFGD
Associação Atlética Acadêmica Sanguinária	Enfermagem da UEMS
Associação Atlética Acadêmica Ciência Biológicas -UFGD	Biologia da UFGD
Associação Atlética Acadêmica Nausira Noriko Namiuchi - UFGD	Agronomia da UFGD

⁵⁰ De tempos em tempos, a bebida da moda muda. Assim, há períodos em que uma bebida é “hypada” e outros em que o *hype* é tomado por outra bebida.

⁵¹ Em 2023 houve expansão da LADDS além dos limites de Dourados. A Associação Atlética Acadêmica Licenciaturas UEMS, que representa os seguintes cursos: Letras/Inglês e Espanhol da UEMS de Dourados, Letras/Inglês, Geografia e Logística da UEMS de Jardim e Letras/Inglês e Matemática da UEMS de Cassilândia, passou a fazer parte da LADDS. A citada atlética pode participar de eventos da LADDS, porém não pode participar das competições esportivas dos jogos JIAD (por questão de estatuto, somente atléticas de Dourados podem participar).

Associação Atlética Acadêmica das Engenharias Agrárias - UFGD	Engenharia Agrícola e Engenharia de Aquicultura UFGD
Associação Atlética Acadêmica de Educação Física – UNIGRAN	Educação Física da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica das Engenharias - UEMS	Engenharia Ambiental, Engenharia Sanitária e Engenharia Física
Associação Atlética Acadêmica de Computação - UFGD e UEMS	Engenharia da Computação da UFGD, Ciências da Computação da UEMS e Sistemas de Informação da UFGD e da UEMS
Associação Atlética Acadêmica de Direito - UEMS	Direito UEMS
Associação Atlética Acadêmica de Biotecnologia - UFGD	Biotecnologia da UFGD
Associação Atlética Acadêmica das Engenharias - UNIGRAN	Agronomia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Engenharia de Software, Tecnologia em produção Agrícola, Engenharia Ambiental, Engenharia Sanitária e Engenharia de Produção da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica de Arquitetura e Urbanismo – UNIGRAN	Arquitetura e Urbanismo e Design de Interiores da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica de Química	Química da UFGD e da UEMS
Associação Atlética Acadêmica de Relações Internacionais – UFGD	Relações Internacionais da UFGD
Associação Atlética Acadêmica de Direito - UNIGRAN	Direito da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica de Psicologia – UFGD	Psicologia UFGD
Associação Atlética Acadêmica de Odontologia – UNIGRAN	Odontologia da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica de Farmácia - UNIGRAN	Farmácia da UNIGRAN
Associação Atlética Acadêmica Licenciaturas UEMS	Letras/Inglês e Espanhol da UEMS de Dourados, Letras/Inglês, Geografia e Logística da UEMS de Jardim e Letras/Inglês e Matemática da UEMS de Cassilândia
Atlética FAEN	Cursos de Engenharia da FAEN (uma das faculdades da UFGD)
Atlética Midiática	Publicidade e propaganda da UNIGRAN

Fonte: LIGA DAS ATLÉTICAS DE DOURADOS. Elaborado pelo autor, 2022.

A LADDS organiza os Jogos Inter Atléticas de Dourados (JIAD), um evento anual no qual ocorrem competições esportivas entre as atléticas integrantes durante o período

diurno e uma grande festa *open bar* no período noturno. Além disso, ao longo dos semestres letivos, a LADDS realiza outras grandes festas *open bar*.

Conforme pôde ser aferido, as atléticas de Dourados têm composições flexíveis, não se limitando a um único curso de uma única IES. Há atléticas que representam um conjunto de cursos da mesma IES e há atléticas que representam um curso, ou cursos de áreas afins de IES diferentes, como a Associação Atlética Acadêmica de Computação – UFGD e UEMS, que reúne cursos de computação da UFGD e da UEMS.

Diante da relevância das ligas universitárias de esportes, dos jogos universitários e das festas *open bar* para as atléticas e para a cultura do lazer universitário, na próxima seção trato especificamente das ligas universitárias de esportes e das festas universitárias *open bar*, as quais proporcionam que o jovem universitário vivencie seu “momento de lazer”, na busca pelo rompimento com a rotina, rumo a uma atividade que proporcione “prazer e satisfação” (LIMA, 2018, p. 97).

3.5 LIGAS E JOGOS

As atléticas, em grande parte, compõem alguma liga universitária de esportes. As ligas realizam jogos, que são grandes eventos que envolvem esporte e lazer noturno. As ligas têm composição flexível. Há ligas que abrangem diferentes cidades, estados e regiões. Há ligas como a que organiza os jogos INTER. No caso da liga dos jogos INTER, observa-se que as atléticas participantes são todas representantes de diferentes *campi* da mesma IES, no caso a Universidade Estadual Paulista (UNESP), que é uma IES estadual, logo a abrangência dos jogos INTER é estadual. De maneira semelhante, em Mato Grosso do Sul existem os jogos Interatléticas da UFMS e Inter UEMS, que, igualmente, são organizados por ligas, e abrangem atléticas somente do estado.

Há jogos que não se atêm aos limites estaduais, como os Jogos Engenharíadas Paranaense, que reúne atléticas que representam IES públicas e privadas de diferentes estados e regiões, pois participam atléticas dos seguintes estados: Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina (Sul); São Paulo (Sudeste); Mato Grosso do Sul (Centro-Oeste). Nesse sentido, os Jogos Engenharíadas Paranaense, permitem a “integração” de jovens universitários de diferentes cidades, regiões e estados.

Há, ainda, as ligas que se limitam às atléticas de uma única cidade, caso da liga dos Jogos Universitários de Presidente Prudente (JUPP), que reúne atléticas de IES públicas e privadas da cidade paulista. Em Dourados, semelhantemente, há a LADDS,

que reúne atléticas de IES públicas e privadas localizadas na cidade, e que realiza os Jogos Inter Atléticas de Dourados (JIAD).

Quanto aos jogos, eles ocorrem em algum fim de semana, ou feriado prolongado, em alguma cidade previamente escolhida⁵². Durante o dia, são realizadas competições esportivas entre as equipes que representam cada atlética e, à noite, são realizadas grandes festas. No que diz respeito ao esporte, é importante salientar que alguns jogos dividem as atléticas em duas divisões, de acordo com os resultados esportivos, utilizando o sistema de subida e rebaixamento de maneira similar à utilizada em ligas profissionais de esportes, como o Campeonato Brasileiro de Futebol.

Além disso, nos jogos podem ocorrer competições de baterias universitárias e de equipes de *cheerleading*. As competições de baterias já são situação consolidada, sendo comuns nos jogos, ao passo que as competições entre equipes de *cheerleading* são menos constantes, mas encontram-se em expansão.

3.6 FESTAS *OPEN BAR*

Quanto às festas noturnas, são na modalidade *open bar* e têm atrações artísticas variadas, de acordo com o poder econômico da liga que organiza os jogos. Algumas ligas possuem recursos para contratar shows de artistas de renome, ao passo que ligas de menor poder econômico contratam artistas menos conhecidos, com cachês mais acessíveis, para se apresentarem em suas festas noturnas *open bar* (LIMA, 2018).

As festas *open bar* realizadas no período noturno são terreno fértil para a sociabilização dos estudantes participantes, bem como para o exercício de sua territorialidade, a partir da identidade compartilhada enquanto estudantes universitários que se apropriam do espaço em busca de “integração”, essencialmente, estabelecendo territórios a partir de seus grupos de referência, da interação social, da aceitação, do sentimento de pertencimento (LIMA, 2021, p. 104).

As festas universitárias *open bar* são festas noturnas de grande proporção e são realizadas, principalmente, por atléticas e organizações correlatas (baterias e equipes de *cheerleading*), que podem realizá-las de maneira individual ou coletiva⁵³. Quanto ao

⁵² Os jogos universitários, a depender da forma que são organizados, podem ser itinerantes, ocorrendo cada ano em uma cidade diferente, caso dos jogos Inter e dos Jogos Engenhariadas Paranaense. Há outros jogos, como o JIAD, que ocorrem somente em Dourados de maneira fixa. Os jogos que são itinerantes são responsáveis por dinamizar a economia das cidades sede, em razão do fluxo dos participantes dos jogos. Assim, os jogos itinerantes, geralmente, recebem apoio dos setores privados e dos poderes públicos municipais, que disponibilizam instalações esportivas.

⁵³ As atléticas fazem parcerias entre si.

termo *open bar*, observa-se que passou a ser utilizado na primeira década do século XXI, diferenciando as festas que têm bebidas à vontade e festas que não têm bebidas à vontade (ROMERA, 2014; LIMA, 2018).

Nas festas *open bar*, em que há um amplo menu de bebidas às quais o participante da festa tem acesso, mediante o pagamento de um valor único, o bar está aberto, basta o sujeito se direcionar até o bar e escolher qual bebida quer beber. E, se for de sua vontade, repetir o processo quantas vezes desejar⁵⁴.

Outro elemento comum em festas universitárias *open bar* são as bebidas de atlética. São coquetéis alcoólicos gelados, a base de cachaça ou vodca, misturadas, geralmente, com refrigerantes e sucos. As bebidas de atlética são preparadas em galões, onde são despejados todos os ingredientes e então misturados até formar uma bebida de cor uniforme, o que indicaria, segundo um jovem universitário que foi entrevistado “que ficou bom, tá bem misturado” (Figura 9).

Figura 9 – Preparo de uma bebida de atlética



Fonte: pesquisa netnográfica, 2020.

Outro aspecto que chama atenção é que cada bebida de atlética tem um nome, sendo comum nomes que façam alusão ao curso que a atlética representa e/ou ao consumo de bebidas alcoólicas⁵⁵. Após o preparo das bebidas das atléticas, elas são acondicionadas em galões de 50 ou 100 litros que ficam à disposição, durante a festa, para quem desejar se servir (Figuras 10 e 11). À medida que os galões vão sendo esvaziados, a atlética ou organização correlata responsável pela festa repõe os galões.⁵⁶

⁵⁴ Todas as bebidas ficam disponíveis para livre consumo.

⁵⁵ Há alguns nomes como: Criminosa, da atlética do curso de Direito da UFGD; DNA da atlética do curso de Biotecnologia da UFGD; Narcótica, da atlética do curso de Farmácia da UNIGRAN.

⁵⁶ Em grandes festas *open bar*, como a festa noturna dos JIAD, há mais de 20 bebidas de atlética disponíveis para os participantes se servirem.

Figura 10 – Bebida de atlética servida em galão durante festa *open bar*



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Figura 11 – Jovens universitários com galão de bebida de atlética



Fonte: pesquisa de campo. 2019.

Durante a divulgação das festas *open bar*, as atléticas e organizações correlatas informam quais bebidas estarão disponíveis na festa, por meio de *posts* em redes sociais, como pode ser visto nas figuras 12 e 13, nas quais é possível observar as bebidas disponíveis em diferentes festas *open bar*.

Figura 12 – Divulgação on-line das bebidas de atlética disponíveis em festa *open bar*



Fonte: @ligadasatleticas, 2023.

Figura 13 – Divulgação on-line das bebidas disponíveis em festa *open bar*



Fonte: @calouradaengenharias, 2019.

As festas universitárias *open bar* não são restritas a alguma região específica do Brasil. Elas ocorrem em todas as regiões e se disseminaram entre jovens universitários brasileiros, ao longo das duas últimas décadas, no rastro da expansão das atléticas.

As atléticas e organizações correlatas que realizam festas *open bar* as têm como uma importante fonte de recursos financeiros que contribuem para sua manutenção. Os ingressos das festas *open bar* realizadas pelas atléticas de Dourados têm venda iniciada a preços que variam entre 25 e 30 reais, em valores de lote promocional, lançado antes do 1º lote. Posteriormente, as atléticas disponibilizam novos lotes de ingressos a preços que, gradualmente, vão sendo elevados.

Em 2023, as vendas de ingressos para festas *open bar* são realizadas a partir de: a) “plantões” (plantões de venda) que são realizados em diferentes lugares da cidade; b) “divulgas” (festas de menor dimensão realizadas antes da grande festa); c) por meio de plataformas on-line especializadas na venda de ingressos para festas universitárias; d) a partir de *promoters* (pessoas que se responsabilizam pela venda de certa quantidade de ingressos, podendo ser integrantes das diretorias das atléticas ou não).

Nas horas que antecedem a grande festa *open bar*, é comum que só se consiga um ingresso na portaria a preços inflacionados, não sendo raro que a diferença de preço entre os ingressos do lote promocional e daqueles comprados na portaria do evento seja até de 300% (Figura 14).

Figura 14 – Anúncio do preço de ingresso para festa universitária *open bar* “na hora”



Fonte: pesquisa netnográfica, 2022.

Quanto ao preço dos ingressos, há diferenças para associados da atlética, universitários e não universitários, sendo o preço para não universitários sempre mais elevado. Tal situação aponta para a existência de uma estratégia de controle sobre quais sujeitos têm acesso ao evento, considerando a dificuldade maior de acesso representada pela diferença nos preços dos ingressos. Quanto à essa dinâmica em que preços mais altos são cobrados de sujeitos não universitários, um jovem diretor de uma atlética que entrevistei, afirmou o seguinte:

Cara, a fita é assim, quem já é do meio [universitário] sabe se portar. Claro que rola de ter assédio, cara babaca que tenta beijar as minas a força, isso acontece. Mas aí, é “cancelado”, o cara fica muito queimado na faculdade, é isolado pela galera, porque ninguém mais aceita essas coisas hoje em dia. Então, assim, o que eu penso, né? Quem é de alguma faculdade só vai ter postura errada se for sem noção, porque fica muito marcado, aí o cara tem que ir pra aula todo dia e todo mundo isolando ele... Aí, tipo, uma pessoa que não é do meio [universitário], às vezes se tiver uma postura dessas, não vai afetar nada, porque a pessoa não é aluno, não vai ser cancelado, ai mete o louco. Já rolou muita coisa assim, de assédio, de confusão, briga, sabe? E na maioria das vezes é pessoa que não é aluno de nenhum curso, que não sabe se portar na festa. E

outra coisa, cara, a gente meio que busca fazer um rolê universitário para universitários, né? (DIRETOR DE ATLÉTICA, 2021).

Este contexto, de relações subscritas, códigos de conduta e práxis aceitáveis ou condenáveis, pode ser aplicado à outras situações/processos. Dentre os estudantes universitários, por exemplo, é relativamente comum que alguns sujeitos sofram *blacklisting* ou *public shaming*, ou ainda “cancelamento”⁵⁷, em razão de exposição pública de algum suposto comportamento inapropriado e/ou condenável moralmente, a partir do qual o sujeito é estigmatizado e excluído/evitado pelo grupo principal de outros estudantes universitários, do qual fazia parte integralmente, ou, marginalmente. Caso a acusação seja de conduta sexual inadequada/criminosa, o sujeito está à mercê de um nível de estigmatização que se amplia, diante da imensidão das redes sociais on-line que rapidamente disseminam informações.

É comum, também, que, em festas universitárias *open bar*, ocorram apresentações artísticas. Na maior parte das vezes, tem-se um ou vários DJs que tocam ritmos variados, sobretudo, vertentes do funk. Por vezes, há apresentações de cantores, cantoras, bandas e de equipes de *cheerleading* e baterias universitárias que, de maneira invariável, utilizam jogos de luzes como recurso técnico, o que contribui para o estabelecimento de uma “atmosfera festiva” noturna (WEIDMAN, 1989; SHAW, 2010; LIMA, 2021; VALVERDE, 2021).

Embora as festas *open bar* ocorram regularmente ao longo dos semestres letivos, observamos que os períodos de início e fim de semestre são os que mais concentram essas festas em Dourados. Tal situação ocorre, pois, em inícios e fins de semestres, na perspectiva das atléticas, os jovens universitários encontram-se com maior disponibilidade de tempo para frequentar as festas, tendo em vista que as provas ainda não se iniciaram, ou já terminaram. Assim, livres de obrigações acadêmicas, os jovens universitários veem-se em situação mais favorável para “sair e curtir” (LIMA, 2018).

Conforme um estudante de 23 anos, matriculado na UNIGRAN, que entrevistei:

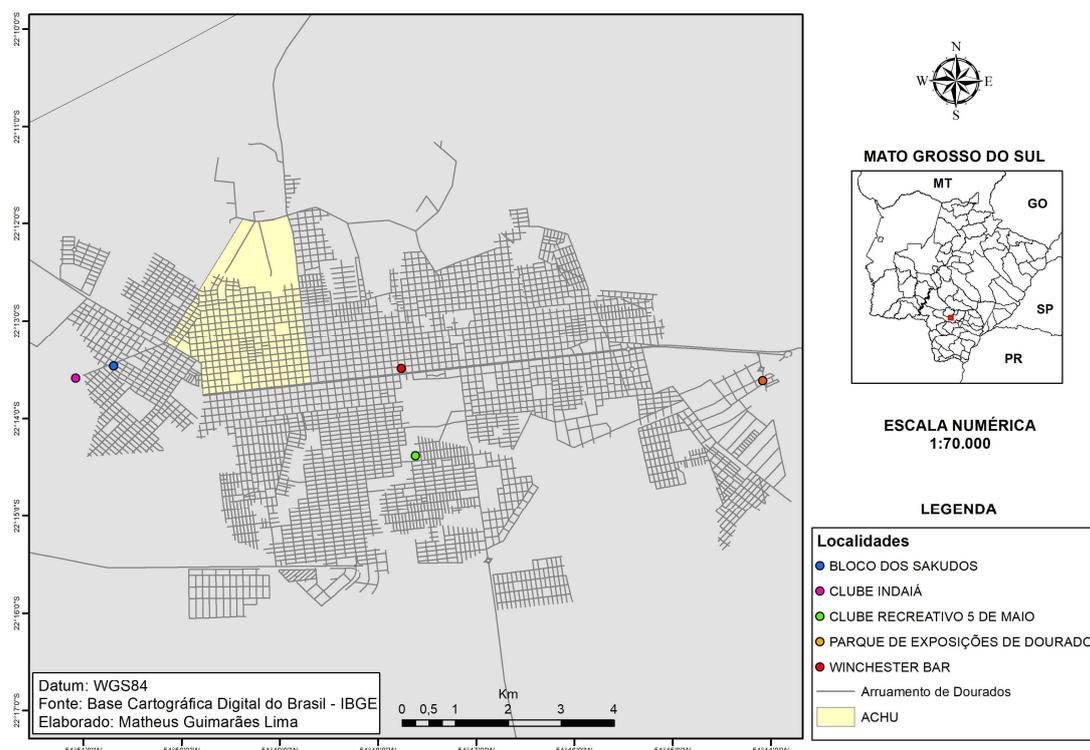
⁵⁷ Tem-se assim, que as condutas dos sujeitos são direcionadas conforme os espaços-tempos de vivência-inserção nos grupos de referência, de forma que sejam compatíveis com os diferentes contextos socioespaciais nos quais estão os grupos, evitando uma queda no ostracismo por não agir conforme as condutas subscritas, que eventualmente pode levar ao seu “cancelamento”. No “universo social” dos jovens universitários, sujeitos que adotam discursos e/ou práticas consideradas preconceituosas ou moralmente condenáveis são “cancelados” por outros sujeitos. A prática do “cancelamento” é basicamente, levar à irrelevância social algum sujeito que possuía visibilidade social.

Pois é. Já percebi isso também. Tem mais festas no início do ano [letivo] e no fim. Ah, no meio do ano, também. O motivo? Como você perguntou, eu acho que é porque todo mundo está com mais tempo sobrando. Época de provas dá uma quebrada, né? Às vezes você tem uma prova na segunda-feira, aí vai em uma festa no sábado, aí fica ruim pra dar aquela estudada no domingo, você fica 'cozido', na rebordosa, só quer descansar, ficar na boa. Vai ter energia para ir revisar matéria? Fica ruim! Mas dá pra ir. Só saber levar [risos]. Mas, Matheus, óbvio, né? Se você não tem nada importante da *facu* na segunda-feira, aí é claro que você sai, vai na festa e fica tranquilo, sem preocupação. Acho que é isso, é por isso que têm mais festas no começo e fim do ano e no meio também, quando já vai começar as férias (ESTUDANTE UNIVERSITÁRIO, 2021).

Quanto aos horários das festas universitárias *open bar* em Dourados, observa-se que ocorrem, majoritariamente, no período noturno, iniciando às 22 ou 23 horas e terminando às 04 ou 05 horas do dia seguinte. Por vezes, há festas que iniciam à tarde, por volta das 16 ou 17 horas, terminando por volta das 22 ou 23 horas, embora tais situações sejam menos frequentes.

Sobre a localização das festas universitárias *open bar* em Dourados, observa-se que ocorrem em diversos lugares. Conforme foi possível observar ao longo da pesquisa, elas são realizadas em lugares fora da ACHU (Mapa 1).

Mapa 1 – Lugares onde ocorrem festas universitárias *open bar* em Dourados



Elaborado pelo autor, 2022.

3.7 BATERIAS UNIVERSITÁRIAS

No início do século XXI, em concomitância com a disseminação das atléticas no Brasil, testemunhou-se, também, a disseminação de um tipo de organização correlata, porém, ainda hoje, menos disseminada que as atléticas⁵⁸. São as baterias universitárias, grupos de instrumentos de percussão, inspirados nas baterias das escolas de samba que desfilam no carnaval do Rio de Janeiro e de São Paulo (MESTRINEL, 2015; BERTONI; SARMENTO; SEVERINO; 2018; LIMA, 2018).

As baterias universitárias, na maioria das vezes, são um braço das atléticas, embora possam ser organizações independentes. Elas têm como integrantes estudantes das IES que assumem a identidade cultural de ritmistas. As baterias se reúnem regularmente para ensaios, sob a supervisão de um mestre, geralmente o integrante mais antigo da bateria e que acumula conhecimentos sobre a orquestração dos instrumentos.

Outra prática indissociável das baterias é a tutoria. Como muitos ritmistas ingressam no ensino superior leigos no que se refere aos instrumentos de percussão, algum ritmista mais antigo que domina determinado instrumento ensina o novo ritmista a tocar, tendo em vista que o ritmista mais antigo irá concluir o ensino superior e deixará a IES e a bateria em breve, sendo necessário que as baterias mantenham ritmistas prontos para possível substituição.

Uma formação típica de bateria de escola de samba conta com naipes de instrumentos: surdos - primeira (ou marcação), segunda (ou resposta) e terceira (ou corte) - repinique, caixa, tamborim, ganzá (ou chocalho) e agogô de 4 bocas [...] Cada instrumento possui uma função na batucada: marcação, condução e célula clave. As funções podem se alternar de um naipe para outro, de acordo com o ritmo executado. Geralmente os surdos são responsáveis pela marcação; ganzá pela condução, agogôs e tamborins pela célula clave. Repiniques e caixas possuem uma função híbrida, executando uma batida que apoia a marcação, apresenta acentos das células claves, e conduzem o ritmo num fluxo de semicolcheias e suas combinações (MESTRINEL, 2015, p. 3).

Assim, o ritmista recém-admitido é preparado pelo ritmista mais antigo para possivelmente ocupar seu lugar. Nota-se que há preocupação constante de atrair novos integrantes, preferencialmente estudantes dos primeiros anos de graduação, visando à sua “vida útil” mais longa, já que podem permanecer como ritmistas por quatro, cinco, seis anos, a depender do tempo de duração do curso no qual estão matriculados, aprimorando-

⁵⁸ Bertoni, Sarmiento e Severino (2018) afirmam que a primeira bateria universitária de que se tem notícia data de 1969 e representava a Atlética dos cursos de Engenharia da Universidade Federal de Uberlândia – UFU.

se no instrumento que tocam e contribuindo para a evolução da bateria, que procura, constantemente, elevar seu patamar de qualidade.

A função principal das baterias é acompanhar as equipes esportivas das atléticas durante jogos universitários e eventos esportivos. Enquanto as equipes esportivas disputam em quadra ou campo o jogo contra a equipe adversária, as baterias permanecem na arquibancada tocando, torcendo, animando os atletas e o público presente.

Para sua manutenção, no entanto, as baterias desenvolvem atividades paralelas como apresentar-se em eventos privados e, vez ou outra, promovem festas *open bar*, de onde advêm recursos que são aplicados na compra de instrumentos. Além disso, as baterias que possuem recursos financeiros suficientes têm por hábito realizar *workshops* para seus integrantes, os quais são ministrados por ritmistas de baterias de escola de samba de São Paulo e do Rio de Janeiro, que se deslocam até a cidade para, durante alguns poucos dias, supervisionar os ensaios.

Como é de se esperar, os custos para promover os citados *workshops* são elevados, porém baterias bem estruturadas financeiramente não hesitam em realizá-los, sobretudo em momentos próximos de competições de baterias universitárias, conhecidas como “desafios”.

Os desafios de baterias universitárias ocorrem geralmente ao longo de algum feriado prolongado ou em um fim de semana, e reúnem baterias que representam diferentes IES. Os desafios são realizados da seguinte maneira: primeiro as baterias se apresentam diante do público, sendo julgadas por um júri que, por vezes, tem carnavalescos como jurados. Entre a apresentação de uma bateria e outra, a música continua, por meio de um DJ ou algum cantor/a ou banda. Após todas as baterias se apresentarem, os jurados juntam-se para decidir qual foi a bateria que teve a melhor apresentação, e, logo, é sagrada campeã do evento. Na sequência, no mesmo recinto, ocorre uma grande festa *open bar*, onde os integrantes das diferentes baterias, assim como o público em geral sociabilizam, ao som de DJ, cantor/a ou banda, que voltam a se apresentar.

Os desafios de bateria não são tão disseminados como os jogos universitários, já que muitas atléticas e IES não possuem baterias, todavia a quantidade desses grupos já é significativa no Brasil atualmente, sendo possível citar alguns grandes desafios de bateria já tradicionais, como a *Taça das Baterias Universitárias*, realizada anualmente em Sumaré, São Paulo; *Copa de Baterias Universitárias*, realizada anualmente em

Jacarezinho, Paraná; *Interbatuc*, realizado anualmente em Bauru, São Paulo, além dos desafios de baterias que ocorrem durante jogos universitários anualmente.

Em Dourados, destacamos o desafio *Batukaria* (Figura 15), que foi realizado pela última vez na cidade em 2019 e reuniu baterias universitárias representantes de IES de Dourados e de outras cidades de Mato Grosso do Sul, do Paraná e do estado de São Paulo.

Figura 15 – Baterias universitárias se apresentando no desafio de baterias *Batukaria*, Dourados, 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Entende-se, assim, que os desafios de baterias universitárias têm composição flexível e não necessariamente reúnem baterias oriundas de uma única cidade, estado, região, de maneira similar aos jogos universitários.

3.8 EQUIPES DE *CHEERLEADING*

Além das baterias, há outro tipo de organização atrelada às atléticas e as festas universitárias *open bar*. São as equipes de *cheerleading*, organizações que têm se popularizado gradativamente no país ao longo da última década. As equipes de *cheerleading* têm como integrantes, as/os *cheerleaders*. Com movimentos coreografados que se juntam à música, à dança e a elementos de ginástica artística, as equipes entretêm o público em festas, apresentações, jogos e desafios (ADAMS; BETTIS, 2005; MORITZ, 2011).

No que se refere à origem do *cheerleading*, a data mais aceita é o ano de 1877, quando houve registro na Universidade de Princeton, Estados Unidos. Nos anos seguintes, a prática do *cheerleading* se disseminou naquele país, sendo introduzida em escolas de ensino fundamental e médio e nos esportes profissionais, ao ponto de o *cheerleading* ter se tornado uma referência cultural norte-americana, praticado por mais de um milhão de pessoas naquele país (ADAMS; BETTIS, 2005; MORITZ, 2011).

Sendo uma prática cultural estrangeira que encontrou no Brasil condições para se reproduzir, pode-se afirmar que é uma cultura (g)local, territorializada no Brasil, mas que possui origem distante, reunindo, também, as condições para, nos termos de Clifford (2000), ser apontada como uma cultura viajante.

No Brasil, as primeiras equipes de *cheerleading* universitárias iniciaram as atividades na metade final da primeira década dos anos 2000 e, em 2009, foi fundada a União Brasileira de Cheerleaders (UBC). Atualmente, a prática do *cheerleading* tem se expandido consideravelmente nas IES brasileiras e, não raro, as atléticas mantêm equipes. O *cheerleading*, entretanto, ainda não alcançou o nível de popularidade e disseminação das baterias, sendo o número de equipes ainda limitado, e pouco, também, o número de competições (GARCIA, 2019).

As equipes promovem processos seletivos todos os anos para novos integrantes, promovem treinamentos e participam de competições ao longo do ano, além de promoverem *workshops* ou *camps*. Assim, observa-se, que a prática do *cheerleading*, que traz consigo uma forma de exercício cultural transnacional encontra, em cidades universitárias como Dourados, as condições para se reproduzir.

3.9 IDENTIDADE UNIVERSITÁRIA COMO BUSINESS NA CONTEMPORANEIDADE: A INDÚSTRIA DE MERCADORIAS CULTURAIS

As práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários são distintas conforme o local em que ocorrem. São distintas, mas mantêm similares. Ao longo dos últimos quatro anos, pude perceber poucas diferenças no formato estrutural das festas universitárias *open bar* e nas interações sociais que acontecem entre os sujeitos em diferentes lugares do país. Por outro lado, nos aspectos que envolvem as atléticas, observei muitas diferenças, seja na organização enquanto negócio, seja na informatização da venda de ingressos para festas, seja na expansão que houve na produção e venda de produtos das atléticas, que são de grande diversificação.

Ao longo da última década, foi possível observar a expansão no número de atléticas e, paralelamente, o surgimento de empresas que prestam serviços para as atléticas na venda on-line de ingressos para festas e na produção, e comercialização de seus produtos, que são providos de simbolismo, sendo, por vezes, inseridos na ampla relação de aspectos que se refletem na caracterização identitária do sujeito que os adquire (BELK, 1988; RUCKER; GALINSKY, 2013). As empresas a que me refiro são empresas

que se especializaram e expandiram suas atividades, focando em prestar diferentes tipos de serviços e comércio que envolvam eventos universitários, atléticas e organizações correlatas.

Sobre os produtos que as atléticas de Dourados comercializam e que possuem seus nomes e logotipos e são providos de valor simbólico, observa-se que não é uma prática exclusiva de atléticas de Dourados. Diante da dimensão que as práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitário tomou no Brasil, a prática das atléticas de comercializar produtos com seus nomes e logotipos tornou-se amplamente disseminada e, mais que isso, tornou-se um negócio bastante lucrativo para empresas que se especializaram em produzir esse tipo de produto. Um exemplo é a empresa Cheers, de Curitiba, Paraná, fundada em 2017 e que, atualmente, tem relações comerciais com mais de 1000 atléticas de todas as regiões do país.

Os produtos comercializados pelas atléticas e organizações correlatas são incorporados às identidades dos jovens estudantes universitários, que, ao portá-los, se sentem validados socialmente e integrantes de um grupo de referência. Ao circular pela cidade, o sujeito permite-se ser identificado por outros sujeitos: *“Olha só! Aquele cara é do curso de Matemática. Veja só o moletom que ele está vestindo!”* ou *“Aquele menina é do curso de Medicina. Olha só o boné da atlética de Medicina que ela está usando!”*⁵⁹.

Como afirma Gumprecht (2003), jovens estudantes universitários são facilmente identificados, reconhecidos, por cidadãos não universitários na paisagem urbana. Ao portar produtos de organizações universitárias como as atléticas, a identificação torna-se ainda mais fácil, afinal o objeto tem estampado o nome do curso ou da atlética.

Os produtos comercializados pelas atléticas são diversificados, desde chaveiros, adesivos, canetas, porta lápis, *mousepads*, bandeiras, almofadas, travesseiros, lençóis, fronhas, mochilas, estojos, carteiras, porta-documentos, garrafas d’água (*squeezes*), copos, canecas, canudos, guarda-chuvas, capas de chuva, até peças diversas de vestuário como camisetas, jaquetas, moletoms, calças, bermudas, meias, *croppedes*, tops e peças íntimas (cuecas, calcinhas, sutiãs).

De acordo com diretores de atléticas que foram entrevistados, a lógica, essencialmente mercadológica, é inovar, inovar e inovar, criando demanda sazonal. Segundo os diretores entrevistados, elaborar e comercializar a maior gama de produtos possível é a regra, pois os jovens estudantes, no anseio de sentirem-se incluídos e,

⁵⁹ Suposições de diálogos. Diálogos fictícios utilizados para exemplificar como o ato de portar tais produtos permite a identificação do sujeito por outros sujeitos.

possivelmente, movidos por impulsos consumistas, adquirem os produtos e garantem fluxo de caixa para as atléticas.

Outra estratégia mercadológica é utilizar do artifício oferta-demanda. Alguns produtos são fabricados em pequenas quantidades, o que desencadeia um *rush* para adquiri-los. Terminado o estoque, novos objetos com novos projetos gráficos são encomendados às empresas que os produzem. Algumas atléticas, por exemplo, têm por hábito lançar, assim como as grandes grifes internacionais, coleções de verão e de inverno. Por outro lado, produtos que não caem no gosto dos jovens universitários e “encalham” são postos à venda por valores módicos, no estilo “bota fora” (quase sempre utilizando o termo *sale*).

Para não ter produtos “encalhados”, as atléticas e organizações correlatas precisam de planejamento. A falta de planejamento ou de experiência dos diretores pode levar a algumas situações como a relatada pelo integrante da diretoria de uma atlética, a quem chamarei de Juscelino, que me concedeu entrevista:

Tem que ter muito planejamento, fazer análise, postar no Instagram. Agora, a questão de gestão evoluiu muito se for ver como era uns anos atrás. Tipo, eu já cheguei a ver atlética pedindo coleção de inverno no meio de maio. Aí demorava para chegar, em julho já tem férias, aí quem comprou só foi receber em agosto na volta às aulas [...] O correto é lançar em março que aí em junho todos que compraram conseguem receber (JUSCELINO, UNIVERSITÁRIO, 2021).

Juscelino narra a situação para exemplificar como o planejamento é primordial, para que se maximizem os lucros da atlética, através de otimização da organização. Caso não haja otimização, a atlética sofre risco de derrocada, pois resultados ruins vão se acumulando, como afirma Juscelino:

Cara, atlética que para no tempo não vai pra frente. No quesito *business* têm que se adequar, tem que utilizar as ferramentas, né? Que é a internet, as redes, a inovação nos nossos produtos e saber estabelecer parcerias que vão trazer coisas boas. As oportunidades tão aí, né? Tem que saber aproveitar, mas sempre com a visão de um *business*. A gestão tá cada vez mais ‘profissa’, hoje eu falo pra você, cara, não pode fazer como era antigamente, tudo meio ‘amadorzão’. Tem que pegar visão empresarial, planejar, organizar, agir e se der errado fazer a contenção do prejuízo com uma *sale*.

Na perspectiva de que atlética “que para no tempo, não vai pra frente”, observa-se que a organização interna, enquanto *business*, aliada às parcerias e uso da internet para os mais variados fins, é indispensável. Sob essa ótica, empresas que administram o comércio de ingressos para eventos de atléticas e fornecem produtos diversos, têm papel

importantíssimo. As possibilidades de acesso dos universitários, e de qualquer um que deseje, aos ingressos para festas e produtos das atléticas por meio da internet favorece tanto os consumidores, que podem comprar com meia dúzia de cliques, mas também as atléticas, que veem seus produtos com exposição muito maior a possíveis consumidores, logo, aumentando a possibilidade de levantar receitas.

3.9.1 MERCADORIAS CULTURAIS

O ato de possuir determinados produtos, como os que são vendidos pelas atléticas de Dourados, representa um reforço positivo para o jovem universitário, fortalece a sua autoestima, logo, aumenta o valor que autoconfere à sua imagem (autoconceito). Pode-se afirmar que há uma “ética do consumo” que se ajusta as “relações determinadas pela sociedade envolvente e, simultaneamente”, é “compartilhada pelos seus membros” (ORTIZ, 1994, p. 118).

Assim, baseando-me em Belk (1988), Ortiz (1994), Hall (2001), Carrano (2003), McCracken (2003) e Rucker e Galinsky (2013), considero que os produtos comercializados pelas atléticas de Dourados, podem ser categorizados como mercadorias culturais, que “são referências para os sujeitos, a partir das quais se delineiam processos de pertencimento e não pertencimento subjetivos, que têm objetos materiais providos de simbolismo como constituintes” (LIMA, 2021, p. 109).

Nesse sentido, observa-se que o processo pelo qual o sujeito incorpora mercadorias culturais à sua identidade, entre as quais os produtos de atlética, sobretudo os de vestuário, é recorrente entre sujeitos jovens na construção de seu “self estendido” (BELK, 1988; RUCKER; GALISNKY, 2013).

Hall (2001, p. 53) afirma que simbolismos atrelados a uma identidade se manifestam através de objetos que deixam explícito que o sujeito pertencente a um ou outro grupo, que é um fator determinante na identificação do sujeito com seus pares.

Segundo Pires (2013), a corporalidade é relevante entre sujeitos jovens, pois “nas suas práticas espaciais “os corpos e a aparência” são elevados ao papel de externalização individual, tendo em vista que “a singularidade e o pertencimento encontram nos estilos corporais seus principais pontos de referência” (PIRES, 2013, p. 92). Sob tal perspectiva, o uso simbólico dos corpos por sujeitos jovens “influencia o cotidiano [...] associando-se a certos estilos de vida e pertencimentos grupais” (PIRES, 2013, p. 92).

Ao tratar dos simbolismos e identidades, Lima (2017), baseando-se em Hall (2001), faz uma metáfora com um time de futebol, na busca pelo entendimento da dimensão tomada pela relação:

Como exemplificação: um indivíduo que torce para um determinado time de futebol, provavelmente, terá uma camisa desse time. A maneira como um indivíduo se auto define em relação à sua própria identidade leva o nome de autoconceito. Dessa forma, os indivíduos afirmam e expressam sua identidade por meio de posses, seja individualmente ou enquanto parte de um grupo (LIMA, 2017, p. 41).

Destaco, nesse sentido, que a identidade dos sujeitos (*self*) se estende para “além de seus corpos (fisionomias)” (LIMA, 2021, p. 109). Ocorre, então, um processo de junção do “eu” ao “meu”, progredindo na integração do corpo e da psique, em razão da posse de alguma mercadoria cultural, que expressa/comunica “quem são, o que fazem da vida, a qual organização (grupo, instituição) estão vinculados. Em suma, transmitem ao mundo mensagens sobre si e, mais que isso, transmitem mensagens para si próprios” (LIMA, 2021). De forma sucinta: as mercadorias culturais estão estreitamente ligadas à territorialidade exercida enquanto integrante ou entusiasta de alguma atlética, tendo assim, elevado teor identitário (PILKINGTON, 1997; CARRANO, 2003; LIMA, 2018).

Devo destacar que os produtos das atlética são símbolos identitários, sob a perspectiva de Hall (2001), que afirma que uma das formas de exercer a identidade na contemporaneidade é por meio do consumo de produtos de todo tipo que são carregados de simbolismos, produtos que fazem o sujeito se sentir integrado. Dessa forma, jovens universitários, muitos dos quais experimentando a *freshman-personality*⁶⁰ (personalidade de calouro), têm suas práticas de consumo guiadas por seus grupos de referência.

⁶⁰ Weidman; Deangelo; Bethea, 2014.

CAPÍTULO 4

4. DOURADOS: A CONSTITUIÇÃO DE UMA CIDADE UNIVERSITÁRIA

Onde hoje é o município de Dourados, iniciou-se, no fim do século XIX, o extrativismo comercial de erva mate, o qual tinha como mão de obra, sobretudo, a população indígena que ali vivia. Posteriormente, esgotado o ciclo do mate e descartada a mão de obra indígena, tendo essa população sido confinada na Reserva Indígena de Dourados, o governo federal planejou povoar a região com não indígenas e estabelecer uma ampla cadeia de produção agrícola, a partir da distribuição de mais de 8 mil lotes rurais, que somavam trezentos mil hectares, e que atraíram migrantes desprovidos de terra oriundos de todas as regiões do país, mas, sobretudo, das regiões Sul e Nordeste, com intuito de trabalhar a/na terra (GRESSLER; SWENSSON, 1988; SANTANA JÚNIOR, 2009; MORENO, 2013; NAGLIS, 2014, IORIS, 2020).

O plano de povoamento teve como ponto de partida a *Marcha Para o Oeste* e a *Colônia Agrícola Nacional de Dourados* (CAND), fundada em 28 de outubro de 1943⁶¹ e, de fato, estabelecida em 1948. Inicialmente, houve expansão efetiva da cadeia de produção agrícola e a região foi povoada por população não indígena, de acordo com aquilo que foi planejado por Getúlio Vargas quando da criação das colônias agrícolas nacionais (CANs). O estabelecimento de Dourados enquanto polo de produção agrícola e o influxo de população não indígena, todavia, desencadeou, também, processo latente de urbanização (SANTANA JÚNIOR, 2009; MORENO, 2013; NAGLIS, 2014).

No que tange às CANs, observa-se que tinham como principal atrativo para os migrantes a distribuição de lotes rurais e urbanos a pessoas aptas ao trabalho e que não fossem proprietárias rurais. As CANs criadas, foram as seguintes (Tabela 7):

⁶¹ Foi criada em 28 de outubro de 1943, porém somente foi implementada em 1948 e demarcou no total, trezentos mil hectares, em duas fases. Na fase 1, foram distribuídos 2.232 lotes rurais. Na fase 2, foram distribuídos 6.500 lotes rurais e 6.832 lotes urbanos.

Tabela 7 – Colônias Agrícolas Nacionais (CANs)

Colônia	Ano do decreto de criação
Colônia Agrícola Nacional de Goiás	1941
Colônia Agrícola Nacional do Amazonas	1941
Colônia Agrícola Nacional do Maranhão	1942
Colônia Agrícola Nacional do Pará	1943
Colônia Agrícola Nacional “General Osório”, no Paraná	1943
Colônia Agrícola Nacional de Dourados	1943
Colônia Agrícola Nacional do Piauí	1944
Colônia Agrícola Nacional de Jaíba, em Minas Gerais	1948

Fonte: SILVA, 2017. Elaborado pelo autor, 2020.

Tomando como marco o ano de 1948, quando a CAND foi efetivamente estabelecida, e 1960, a população do município aumentou 272%, a população rural aumentou 278% e a população urbana aumentou 248% (Tabela 8).

Tabela 8 – Dados populacionais em Dourados (1948-1960)

Aumento numérico	62.121
Aumento percentual/total	272%
Aumento percentual /urbano	248%
Aumento percentual/rural	278%

Fonte: IBGE, 2022. Elaborado pelo autor, 2023.

Na década de 1960, porém, houve mudanças populacionais relevantes em Dourados. Se, e de 1948 a 1960 a população total do município aumentou, e tanto a população rural como a urbana cresceram mais de 200%, no período 1960-1970 ocorreu diminuição na população total do município, aumento na população urbana e diminuição drástica da população rural (Tabela 9).

Tabela 9 – Dados populacionais em Dourados (1960-1970)

Diminuição populacional em habitantes	5.769
Diminuição percentual/total	6,7%
Aumento percentual /urbano	92%
Diminuição percentual/rural	- 30,5%

Fonte: IBGE, 2022. Elaborado pelo autor, 2023.

Como pode ser observado na tabela 9, entre 1960 e 1970 o município perdeu 5.769 habitantes, o que representa diminuição de 6,7%. A população urbana teve aumento de

92%, passando de 16.468 para 31.599 habitantes. Por outro lado, a população rural decaiu 30,5%, passando de 68.483 para 47.587 habitantes. Nesse sentido, observa-se que, a agricultura familiar desenvolvida em pequenos lotes, conforme o pressuposto da *Marcha Para o Oeste* e do estabelecimento da CAND, perdeu viço. Muitos dos migrantes anteriormente desprovidos de terra que chegaram a Dourados com suas famílias para trabalhar a/na terra, paulatinamente, desfizeram-se de seus lotes, que foram adquiridos por sujeitos de maior poder econômico e transformados em sítios de grandes dimensões e fazendas. Além do êxodo rural, passou-se, então, da estrutura de agricultura familiar para a de grandes propriedades (GRESSLER; SWENSSON, 1988; SANTANA JÚNIOR, 2009; MORENO, 2013; NAGLIS, 2014).

E o que aconteceu com os migrantes que chegaram em razão da *Marcha Para o Oeste* em busca da “Terra Prometida”? Alguns tornaram-se empregados nas terras que originalmente lhes pertenciam, outros migraram Brasil afora, buscando se territorializar em outras “terras prometidas”, e houve aqueles que se estabeleceram na área urbana de Dourados (HAESBAERT, 2007; SANTANA JÚNIOR, 2009; NAGLIS, 2014).

O crescimento da população urbana entre 1960 e 1970 “favoreceu a criação de um mercado consumidor que viabilizou a expansão e concentração de atividades comerciais em Dourados, contribuindo para elevar a cidade a um novo patamar de desenvolvimento” (SILVA, 2000, p. 111). Em 1970, a área urbana de Dourados já concentrava serviços e comércio diversificados que lhe conferiam característica de centro regional. Foi nesse mesmo ano que ocorreu a instalação da primeira IES da cidade, o Centro Universitário de Dourados (CEUD), na época, um dos *campi* da Universidade Estadual de Mato Grosso (UEMT)⁶². Em 1976, foi fundada a Sociedade Civil de Educação da Grande Dourados (SOCIGRAN), atual Centro Universitário da Grande Dourados (UNIGRAN)⁶³ (MORENO, 2013; BENFICA, 2016; LIMA, 2020).

Um ano depois, com a criação do estado de Mato Grosso do Sul, a UEMT deixou de existir, e seus *campi* foram desinstitucionalizados, sendo, posteriormente, incorporados à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), fundada a partir da Lei Federal nº 6.674, de 05 de julho de 1979. Nas décadas seguintes, a população urbana de Dourados continuou crescendo, conforme apontam dados dos censos demográficos de 1980, 1991, 2000 e 2010, assim como a oferta de serviços e comércio diversificados. A economia urbana expandiu-se de tal maneira, que as atividades

⁶² Dorileo, 2005; Moreno, 2013; Benfica, 2016; Vascon, 2019; Gomes e Calixto, 2020

⁶³ Maior IES privada de Dourados e uma das maiores de Mato Grosso do Sul.

agrícolas deixaram de ser a principal matriz econômica do município, que passou a ser representada pelo setor terciário⁶⁴, e a cidade tornou-se centro de atividades econômicas urbanas (VASCON, 2019; GOMES; CALIXTO, 2020).

Em 1993, a partir da Lei Estadual nº 1461, foi fundada a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), universidade *multicampi*, cuja reitoria e maior campus ficam localizados em Dourados. Ainda na década de 1990, seis anos depois, em 1999, surgiu outra IES privada, a Faculdade Anhanguera de Dourados (FAD) (MORENO, 2013; LIMA, 2020).

Tem-se, assim, que, na passagem do século XX para o século XXI, encontravam-se instaladas em Dourados quatro IES de expressão: UNIGRAN e FAD (IES privadas), um campus da UEMS e um campus da UFMS (IES públicas). Nos anos seguintes, o estabelecimento de Dourados como importante polo de educação superior em Mato Grosso do Sul foi intensificado em concomitância com a expansão das IES locais.

Nesse âmbito, tem-se como acontecimento mais significativo a criação da Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), em 2005, quando, valendo-se do REUNI⁶⁵, o campus local da UFMS, tornou-se universidade autônoma. A criação da UFGD resultou em aumento significativo na oferta de cursos de graduação e pós-graduação, em relação à quando a IES era um dos *campi* da UFMS. Além disso, FAD, UNIGRAN e UEMS também aumentaram a oferta de cursos de graduação e pós-graduação e, em 2023, as citadas IES somadas ofertavam 104 cursos de graduação e 48 de pós-graduação (Tabela 10).

Tabela 10 – Cursos de graduação e pós-graduação ofertados nas principais IES de Dourados

IES	Cursos de graduação (presenciais)	Cursos de pós-graduação (presenciais)
UFGD	37	29
FAD	26	1
UNIGRAN	25	12
UEMS	16	6
TOTAL	104	48

Fonte: INEP, 2020. Elaborado pelo autor, 2022.

A presença das IES em Dourados e a grande oferta de cursos contribuiu para que houvesse a chegada de migrantes. Migrantes que trocaram seus lugares de origem por Dourados não para trabalhar a/na terra como os migrantes que chegaram na época da

⁶⁴ Atualmente, a principal matriz econômica do município não é mais representada por atividades agrícolas e sim pelo setor terciário, que concentra 80% da economia do município (LIMA, 2020).

⁶⁵ REUNI – Programa de Expansão das Instituições Federais de Ensino Superior no Brasil, criado com o objetivo de expandir a rede federal de IES.

Marcha Para o Oeste, mas para estudar nas IES localizadas na cidade, atendendo as exigências crescentes do mercado de trabalho, diplomar-se e posteriormente trabalhar: “Migrar para estudar e estudar para trabalhar” (LIMA, 2020).

Diante da expansão da oferta de ensino superior, Dourados, que, até o início do século XXI recebia universitários migrantes primordialmente da região sul de Mato Grosso do Sul, passou a ser “lugar chegado” (GOETTERT, 2008) de jovens universitários oriundos de outras regiões de Mato Grosso do Sul, de outros estados do Brasil e até do exterior, em busca de acesso ao ensino superior nas IES locais, resultando no aumento de universitários matriculados nas IES da cidade. A partir de dados das principais IES instaladas em Dourados (UNIGRAN, FAD, UEMS e UFGD), sabe-se que cerca de 25 mil universitários se encontram matriculados nas IES locais, quantitativo significativo diante da população do município, estimada em 230 mil habitantes em 2022 (MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO, 2021; IBGE, 2022).

A expansão da oferta de cursos de graduação e pós-graduação e a população universitária significativa, além do fluxo de universitários – migrantes e pendulares – refletiu-se em diversos aspectos da constituição do espaço urbano de Dourados, conferindo à cidade a condição de cidade universitária (MOFFATT, 1991; GUMPRECHT, 2003; KINTON, 2013).

A presença na cidade de IES que ofertam ampla gama de cursos de graduação e pós-graduação e de população relevante de universitários, porém, não é o suficiente para explicar totalmente por que Dourados é uma cidade universitária. Há outros fatores que devem ser considerados ao afirmar se uma cidade é ou não uma cidade universitária (GUMPRECHT, 2008).

Diante do exposto, na seção seguinte explorar-se-á de forma mais aprofundada, os processos e fatores que subsidiam a caracterização de uma cidade universitária, a partir, sobretudo, de Gumprecht (2003), Kinton (2013) e Moore (2016).

4.1 CARACTERIZANDO A CIDADE UNIVERSITÁRIA

O crítico literário Henry Seidel Canby escreveu uma vez ‘Certamente é incrível que nem a história, nem a sociologia, nem a ficção tenham dado atenção às cidades universitárias, já que certamente elas têm papel e personalidade diferente das de outras cidades’ (1936, p. 3). Quase quatro décadas depois, Wilbur Zelinsky observou que a geografia social e cultural das comunidades universitárias é ‘quase totalmente terra incógnita’ (1973, p. 136). De fato, nenhum grande estudo sobre cidades universitárias foi publicado (GUMPRECHT, 2003, p. 51, tradução minha).

Por muito tempo, as cidades universitárias foram negligenciadas em pesquisas acadêmicas. Foram praticamente “terra incógnita”⁶⁶, como explicitado por Gumprecht em seu artigo *The American College Town* (2003). No artigo, o referido autor afirma que, até aquele momento (2003), nenhum grande estudo sobre cidades universitárias havia sido publicado. Essa lacuna foi preenchida pelo próprio Gumprecht cinco anos depois, quando foi publicado o livro *The American College Town* (2008). No livro, o autor explora a partir da Geografia, a caracterização de cidades universitárias nos Estados Unidos, discorrendo sobre as peculiaridades dessas cidades e sobre as práticas socioespaciais de jovens universitários.

Desde então, observa-se que a obra de Gumprecht tornou-se referência para pesquisas sobre cidades universitárias⁶⁷, que se tornaram mais frequentes ao longo da última década em diferentes países, tendo suas premissas adaptadas a diversos contextos socioespaciais, como foi feito no presente trabalho.

Antes de prosseguir, deve ser salientado que toda cidade categorizada como universitária possui uma ou mais IES instaladas e população significativa de universitários. Além disso, em razão da ampla oferta de cursos de graduação e pós-graduação, as cidades universitárias atraem pessoas que migram para estudar e os fluxos migratórios renovam-se constantemente, já que todo ano há formandos e ingressantes que deixam e chegam à cidade, conformando processos de desterritorialização e territorialização (HAESBAERT, 2006; GUMPRECHT, 2008; KINTON, 2013).

Devo destacar, porém, que nem toda cidade que tem uma ou mais IES instaladas, população significativa de universitários e que recebe fluxos de migrantes que se renovam ano após ano é uma cidade universitária. Ao empreender estudo que vise caracterizar uma cidade universitária é imprescindível considerar as escalas. É necessário levar em consideração a relevância da população universitária no contexto específico da cidade, seja em termos de percentual em relação à população total da cidade, seja em relação ao papel exercido na dinamização da economia da cidade em sua totalidade (GUMPRECHT, 2008; McGRAIL, 2013; MOORE, 2016).

Nesse sentido, Gumprecht (2003) elucida que há cidades que apresentam concentração de IES e estudantes universitários, mas que possuem outras características

⁶⁶ Deve ser destacado que, em 1936, essa lacuna já era notada.

⁶⁷ Conforme indexação da plataforma Google Scholar, o artigo *The American College Town* já serviu de referência para 239 produções e o livro *The American College Town* para 148. Utilizando primordialmente o arcabouço teórico de Gumprecht, já foram conduzidas investigações sobre aspectos diversos de cidades universitárias em países tão diferentes como Eslováquia e Malásia.

mais marcantes/definidoras, como é o caso da cidade de Nova Iorque, que é sede de diversas IES internacionalmente renomadas⁶⁸, que atraem universitários do mundo todo, mas que tem como característica marcante a condição de principal centro de negócios e decisões políticas do mundo, sendo uma cidade onde se encontram instaladas as sedes de grandes conglomerados empresariais transnacionais e da Organização das Nações Unidas.

Neste sentido, Gumprecht (2008, p. 1-2, tradução minha) afirma:

O que é uma cidade universitária? Eu considero como cidade universitária qualquer cidade onde uma universidade e as culturas por ela criadas exercem influência dominante sobre o papel da cidade. Há muitos lugares que claramente não são cidades universitárias. Nova Iorque, por exemplo, não é uma, apesar de tentativas ocasionais de rotulá-la como uma [...] Eu considero que cidades universitárias [...] têm população de menos de 350.000 habitantes, pois uma cidade universitária não pode ser muito grande.

Aplicando o raciocínio de Gumprecht ao contexto brasileiro, pode-se usar como exemplo a cidade de São Paulo, onde estão instaladas algumas das mais renomadas IES brasileiras, dentre as quais a maior IES pública do Brasil, a USP, que possui mais de 90 mil estudantes matriculados e é rotineiramente a IES ibero-americana com melhor colocação em rankings internacionais de produção científica⁶⁹.

São Paulo, todavia, é a maior metrópole do continente americano, com população de 25 milhões de habitantes em sua região metropolitana e mais de 12 milhões na cidade. São Paulo é reconhecida como uma cidade global *alpha*, sede regional de grande parte dos conglomerados empresariais transnacionais instalados no Brasil e onde prevalece o turismo de negócios e cultural. São Paulo é uma cidade onde se encontram instaladas muitas IES, possui quantitativo elevado de universitários e testemunha fluxos migratórios de universitários que se renovam ano após ano, mas não pode ser considerada uma cidade universitária, pois a movimentação econômica gerada pela grande população de estudantes universitários representa apenas uma fração do todo, isso é, a movimentação econômica gerada por outras atividades que ocorrem na cidade é muito mais relevante que aquela gerada pelas IES e pelos estudantes universitários (HEPNER, 2010; CARVALHO, 2011).

⁶⁸ New York University, Columbia University, City of New York University, State University of New York, St. John's University.

⁶⁹ A USP ocupa a 12ª posição no ranking de produção científica do Centro de Estudos em Ciência e Tecnologia da Universidade de Leiden, Holanda. O ranking considera as produções indexadas na plataforma Web of Science e compila as produções de 1318 IES do mundo todo (CRUZ, 2022).

Além disso, cidades universitárias não se localizam em áreas metropolitanas, pois, no contexto metropolitano, o impacto econômico proveniente da presença de IES não é tão relevante, e as práticas socioespaciais dos universitários, diluem-se na vastidão metropolitana. Assim, Belo Horizonte, Curitiba, Goiânia, Porto Alegre, Recife e Rio de Janeiro, dentre outras cidades que concentram IES e população universitária, não podem ser qualificadas como cidades universitárias, diante do contexto metropolitano em que se encontram (GUMPRECHT, 2008).

Cidades universitárias são cidades médias, interioranas, localizadas a certa distância de metrópoles e de outras cidades médias, e exercem papel intermediário na rede urbana, atraindo população universitária que movimenta a economia local e não passa despercebida na paisagem urbana (CORRÊA, 2004; GUMPRECHT, 2008; KINTON, 2013; MOORE, 2016).

Aplicando os ditames a uma cidade média interiorana de Mato Grosso do Sul, é possível analisar o caso de Três Lagoas, cidade com cerca de 130 mil habitantes, localizada às margens do Rio Paraná, no extremo leste do estado, na divisa com o estado de São Paulo e que exerce papel de centralidade regional dos dois lados do rio. As duas principais IES de Três Lagoas, Associação de Ensino e Cultura de Mato Grosso do Sul (AEMS) (IES privada) e um campus da UFMS ofertam, somadas, mais de 50 cursos de graduação e pós-graduação, atraindo universitários migrantes de diferentes lugares do país. A presença dos universitários dinamiza a economia local e certamente não passa despercebida na paisagem da cidade.

Três Lagoas, todavia, não pode ser considerada uma cidade universitária, pois seu aspecto mais relevante é seu parque industrial⁷⁰, e como explicitado por Gumprecht (2008) e McGrail (2013)⁷¹, cidades que possuem grandes parques industriais, em que pesem outras características, não podem receber o qualificador de cidades universitárias; devem ser qualificadas como cidades industriais⁷². Dourados, diferentemente, não é uma

⁷⁰ Em especial, a indústria da celulose, que confere ao município o segundo maior PIB de Mato Grosso do Sul, menor apenas que o da capital (Campo Grande) e maior que o de Dourados, que tem o dobro da população (LIMA, 2020).

⁷¹ No artigo “*Lehigh University and Bethlehem, Pennsylvania: Partnering to Transform a Steel Town into a College Town*”, publicado no periódico *Journal of Higher Education Outreach and Engagement* em 2013, McGrail faz uma análise muito bem fundamentada do processo de transformação de uma cidade industrial em cidade universitária, a partir da derrocada da indústria siderúrgica local e da expansão de uma IES, o que se reflete em reestruturação urbana e no papel da cidade.

⁷² A maior parte do fluxo migratório em Três Lagoas se dá por conta da presença de grande parque industrial que atrai gentes de todo o Brasil para trabalhar, especialmente nordestinos.

cidade industrial. Em Dourados, há indústrias, mas o setor econômico de maior expressão é o de serviços (IBGE, 2022).

No que se refere às características definidoras de cidade universitária, Dourados têm o suficiente para que seja entendida como tal. Com objetivo de sintetizar a caracterização, elenco sete características definidoras, baseadas em Gumprecht (2008), que são relevantes ao justificar a condição de Dourados como cidade universitária (Tabela 11).

Tabela 11 – Características de cidades universitárias

Características de cidades universitárias	Dourados
É uma cidade média interiorana com menos de 350 mil habitantes?	Sim, é uma cidade média interiorana com menos de 350 mil habitantes
Apresenta ampla oferta de cursos de graduação e pós-graduação?	Sim, nas principais IES da cidade existem 104 cursos de graduação e 48 de pós-graduação
Possui quantitativo relevante de universitários?	Sim, possui quantitativo elevado de universitários matriculados nas IES locais, que representam cerca de 10% da população total do município
Os universitários e seu consumo, tem relevância para a economia local?	Sim, Dourados tem os universitários como agentes produtores do espaço urbano e dinamizadores da economia local
A cidade testemunha práticas socioespaciais típicas de jovens universitários?	Sim, Dourados testemunha práticas socioespaciais típicas de jovens universitários
Na cidade há quantidade elevada de organizações estudantis – atléticas, baterias, equipes de <i>cheerleading</i> – que promovem práticas de sociabilidade e lazer noturno?	Sim, em Dourados há quantidade elevada de atléticas, além de baterias e equipes de <i>cheerleading</i>
A cidade apresenta alguma área específica onde há concentração habitacional de universitários e de serviços e comércio mercadologicamente direcionados a eles?	Sim, a área “estudentificada” (ACHU)

Elaborado pelo autor, 2022.

Diante dos sete qualificadores listados, é possível afirmar que Dourados reúne as condições para ser apontada como uma cidade universitária, de fato, na qual os estudantes universitários e suas práticas socioespaciais refletem-se na constituição do espaço urbano e na dinamização econômica. Dentre os processos socioespaciais que são recorrentes em cidades universitárias, destaco a studentificação, sobretudo, diante da relação entre studentificação e práticas de sociabilidade e lazer noturno, que estão inseridas na cultura

do lazer universitário. Assim, na próxima seção, é abordada a estudantificação. Primeiro explica-se o processo e depois apresenta-se como ocorre em Dourados.

4.2 EXPLICANDO A ESTUDANTIFICAÇÃO

Estudantificação é o processo pelo qual bairros específicos tornam-se dominados por ocupação residencial de estudantes. O termo estudantificação foi criado por Smith (2002) para descrever altas concentrações de estudantes nas proximidades de IES [...] esses estudantes geralmente acomodam-se em casas de ocupação múltipla (HMO) e em kitnets construídas especificamente para a população de estudantes [...] há quatro dimensões no processo de estudantificação: a) social: a substituição ou deslocação de residentes de longa data por grupos de sujeitos, em geral, jovens e solteiros; b) cultural: o crescimento no número de jovens que compartilham de práticas de consumo, culturas e modos de vida, resultam no crescimento de certos tipos de comércio e infraestruturas de serviços; c) econômico: a inflação no valor de imóveis e desbalanço na oferta resultam em bairros dominados por imóveis de aluguel; d) físico: deterioração ou melhora no ambiente físico, dependendo do contexto local (ANDERSON, 2006, p. 1, tradução minha).

Os processos de estudantificação em cidades brasileiras, ao menos com a utilização desse termo, não têm sido estudados de forma consistente, embora haja estudos pontuais sobre a relação entre a presença de IES, estudantes universitários e transformações no espaço urbano. Dessa forma, é importante esclarecer que a estudantificação é um processo socioespacial que tem ocorrido em muitas cidades brasileiras, sobretudo a partir da expansão do ensino superior no país, desde o início do século XXI. O processo, todavia, carece de mais estudos que se prestem a abordá-lo em diferentes cidades brasileiras. Tomando como recorte espacial a cidade de Dourados, tem-se, aqui, uma abordagem do processo de estudantificação.

Cidades universitárias testemunham fluxos de universitários migrantes que se renovam ano após ano. À medida que uns se formam e deixam a cidade na qual moraram durante o tempo necessário para completar o curso no qual se matricularam, outros recém admitidos – calouros – chegam e se estabelecem (GUMPRECHT, 2008). Tem-se, assim, que a população de universitários se renova constantemente. Uns chegam, outros vão, mas, no período em que vivem na cidade onde está localizada a IES, todos têm uma necessidade primária: um lugar para morar (KINTON, 2013; MOORE, 2016).

A maior parte dos jovens universitários migrantes não possui veículo próprio. Dessa forma, para se deslocar até as instalações das IES, é conveniente morar em algum lugar próximo, que permita realizar o trajeto caminhando ou que permita acesso facilitado pelo transporte coletivo (HUBBARD, 2008; KINTON, 2013).

Com quantidade elevada de universitários demandando moradia nas proximidades das instalações das IES, imóveis nas áreas que as circundam passam a ser disputados e ocorre “a substituição ou deslocação de residentes de longa data” (ANDERSON, 2006, p. 1, tradução minha). À medida que aumenta a quantidade de universitários que visam ocupar imóveis localizados nessas áreas, passa a ocorrer processo de especulação imobiliária, pois os proprietários aumentam o valor dos aluguéis, e imóveis ocupados por núcleos familiares passam a ser ocupados por universitários migrantes, que, geralmente, não possuem laço de parentesco entre si, mas que, em conjunto, são capazes de arcar com os valores crescentes dos aluguéis, que se tornam impraticáveis para os antigos moradores (GUMPRECHT, 2003; KINTON, 2013; LIMA, 2020).

Nessa perspectiva, Chrisafis (2000) descreve um caso extremo de territorialização de estudantes e desterritorialização de moradores antigos, ao tratar do processo de estudantificação ocorrido em Headingley, Leeds, Inglaterra, em razão da presença de um campus da Universidade Leeds Beckett:

Nos últimos três anos, mais de 8.500 famílias se mudaram. No último ano, 1.600 casas se tornaram casas de estudantes. O preço das casas subiu 50%, jogando pessoas que procuram comprar a primeira casa para fora do mercado. Algumas escolas da área estão com medo de terem que fechar devido à falta de crianças na área. Por conta da ocupação pelos estudantes, houve um acréscimo de 52% no número de eleitores em Headingley (CHRISAFIS, 2000, p. 1).

Observa-se, assim, que os antigos moradores são desterritorializados e os universitários se apropriam do espaço, se territorializando, a partir do estabelecimento daquilo que Mosey (2017) define como *houses of multiple occupation* (HMO), que, de acordo com o autor, são imóveis alugados, nos quais vivem “pelo menos três pessoas que não compõem um *household*⁷³” (núcleo familiar), mas compartilham de “instalações essenciais do imóvel, como banheiro e cozinha” (2017, p. 2, tradução minha). Quanto a este tipo de moradia (HMO), ao se tratar de moradias compartilhadas por jovens universitários no Brasil, são chamadas de repúblicas de estudantes.

Os jovens universitários que habitam as repúblicas de estudantes, na maioria das vezes, se conhecem quando migram para a cidade da IES, não possuindo qualquer tipo de relação anterior. Nas repúblicas de estudantes, os moradores dividem as despesas (aluguel, conta de água, conta de energia elétrica e conta de internet) e tarefas domésticas,

⁷³ *Household* em tradução livre para o português tem o significado de “casa de família”, uma casa na qual mora uma única família, algo similar a categoria “domicílio familiar” no censo brasileiro do IBGE.

sendo comum que seja estabelecida uma escala de quem ficará responsável por cada tarefa em cada dia da semana⁷⁴.

Observa-se, também, que as repúblicas de estudantes podem ter várias composições. Os moradores não são, necessariamente, do mesmo sexo ou estudantes do mesmo curso e/ou IES (embora tal situação seja comum). Há repúblicas com moradores de ambos os sexos, há outras com moradores que são estudantes de diferentes cursos de graduação e pós-graduação, outras são compostas por estudantes de IES diferentes.

Quanto ao uso do imóvel, nas repúblicas os jovens universitários compartilham não apenas os espaços de uso comum (sala, cozinha, banheiro) mas também, em muitos casos, o quarto de dormir (LIMA, 2020). Dividir quarto é uma estratégia acionada por universitários que desejam mitigar despesas, pois o valor de um quarto compartilhado é menor que de um quarto solo. Assim, não é incomum que três, quatro universitários de menor poder econômico dividam quarto.

Quanto às repúblicas de estudantes, Malta (2010) elucida que:

Os critérios de organização de uma república orientam-se pela centralização de leis e regras comuns. A formação das repúblicas estudantis pode ser considerada uma tática encontrada pelos estudantes para a permanência nas universidades, principalmente para aqueles que moram fora de suas cidades e conseqüentemente longe da família (p. 52).

Mais além, observa-se que há situações em que os proprietários de imóveis que se tornam moradia de universitários providenciam a reforma do imóvel, anexando mais um quarto de dormir, visando deixar o imóvel apto para ser ocupado por mais estudantes, logo, podendo aumentar o valor do aluguel (SMITH, 2004). Em outras situações, quando o proprietário possui recursos financeiros suficientes, é providenciada a demolição do imóvel em que habitava uma única família e a construção no local de conjuntos de pequenas casas e/ou *kitnets* térreas ou edifícios de apartamentos e *kitnets*, direcionados mercadologicamente aos universitários, gerando adensamento habitacional, pois no lote em que habitava uma família de quatro, cinco pessoas ou menos, passam a habitar, vinte, trinta, quarenta pessoas, a depender da quantidade de unidades habitacionais construídas (ANDERSON, 2006; KINTON, 2013; LIMA, 2020).

Situação similar foi observada por Anderson (2006, p. 2) ao analisar processos de estudantificação no Reino Unido:

⁷⁴ Lavar o banheiro, lavar louças, limpar o quintal etc. Em repúblicas cujos moradores têm melhor condição financeira, é comum que as tarefas domésticas fiquem relegadas a diaristas e, mais raramente, a empregadas domésticas fixas.

Em Cardiff, estudantes tendem a dividir casas térreas de três ou quatro quartos, embora na popular área de Roath haja casas maiores que podem acomodar até nove estudantes. Com o número crescente de estudantes, partes de cidades como Leeds, Birmingham, Nottingham e Newcastle têm sido tomadas por uma população temporária de jovens (ANDERSON, 2006, p. 2, tradução minha).

No processo de estudantificação, há, também, os agentes estudantificadores, representados por incorporadoras, que compram imóveis unifamiliares, daqueles que não têm recursos para investir, os demolem e, no lugar, constroem múltiplas unidades habitacionais, sejam térreas ou verticais⁷⁵ (SMITH, 2004; KINTON, 2013; LIMA, 2021).

Diante da população significativa de universitários, emerge nas áreas estudantificadas demanda por serviços e comércio que possam suprir suas necessidades: imobiliárias⁷⁶, supermercados, mercearias, farmácias, panificadoras, restaurantes, pizzarias, “marmitárias”⁷⁷, papelarias, fotocopiadoras etc. (GUMPRECHT, 2003; KINTON, 2013; LIMA, 2021).

Havendo demanda, não tarda para que esses serviços e comércio surjam nas áreas estudantificadas, podendo originar um subcentro. Dessa forma, além da concentração de universitários, as áreas estudantificadas testemunham o estabelecimento de serviços e comércio diversificados, o que pode conferir características de centralidade à área, dependendo da extensão da oferta de serviços e comércio, segmentados ou não (SPOSITO, 1991; GUMPRECHT, 2003; SMITH, 2004; KINTON, 2013; LIMA, 2020).

Sob essa perspectiva, Castells (1983) afirma que há uma dimensão social no estabelecimento de centralidades, tendo como fato a presença de atividades diversificadas que se espacializam, visando atender a um público. Ao tratar de centralidade e subcentro, Sposito (1991) afirma que:

[...] o centro não está necessariamente no centro geográfico, e nem sempre ocupa o sítio histórico onde esta cidade se originou, ele é antes de tudo o ponto de convergência/divergência, é o nó do sistema de circulação, é o lugar para onde todos se dirigem para algumas atividades e, é o ponto de onde todos se deslocam para a interação destas atividades aí localizadas com as outras que se realizam no interior da cidade ou fora dela. Esta qualidade pressupõe, provoca e reforça os traços concentradores desta área, permitindo dizer que mesmo que a dimensão ou uma nova dinâmica da divisão territorial do trabalho provoque a emergência de outros centros, o principal e cada um deles, desempenha um papel de concentricidade, ou seja, para diferentes setores da cidade e para diferentes escalas de atuação/atração, é uma área de interesse de convergência.

⁷⁵ No Reino Unido, há incorporadoras especializadas nesse tipo de empreendimento, como a Opal Property Group, que construiu grande quantidade de moradias estudantis, sendo um importante agente estudantificador.

⁷⁶ Pode-se observar que existem imobiliárias cujo foco é alugar imóveis para estudantes migrantes, direcionando-os para áreas sob seu controle. Essas imobiliárias tornam-se, assim, em certo grau, dependentes do fluxo contínuo de estudantes para a cidade, que se renova ano após ano.

⁷⁷ Marmitárias são estabelecimento que vendem marmitas. São muito comuns em Dourados.

Ao investigar a dinâmica da centralidade e definir a densidade das atividades comerciais e de serviços que os núcleos centrais urbanos oferecem, apreende-se que os fluxos que sustentam essas localizações e que delas resultam, através da articulação entre o que está fixo e o que está em movimento configura a centralidade (p. 6).

Outra situação que é possível observar é que, em áreas estudantificadas, além dos serviços e comércio que visam suprir as demandas cotidianas dos universitários, surge, também, demanda por serviços e comércio relacionados a práticas de lazer noturno, inseridas na economia da vida noturna, que é constituída por bares, lojas de conveniência, tabacarias e casas noturnas (MARGULIS, 1997; KINTON, 2013; VAN LIEMPT; VAN AALST; SCHWANEN, 2015; TURRA NETO, 2017).

4.3 ESTUDANTIFICAÇÃO EM DOURADOS E ÁREA DE CONCENTRAÇÃO HABITACIONAL DE UNIVERSITÁRIOS (ACHU)

Em Dourados, os jovens universitários que chegam todos os anos, para estudar nas IES locais, estabelecem moradia em lugares diversos da cidade, de acordo com suas condições econômicas, todavia há uma notável concentração habitacional de jovens universitários migrantes em uma área específica da cidade que pode ser compreendida como área estudantificada, não somente devido à concentração de universitários, mas também, em razão da concentração de serviços e comércio.

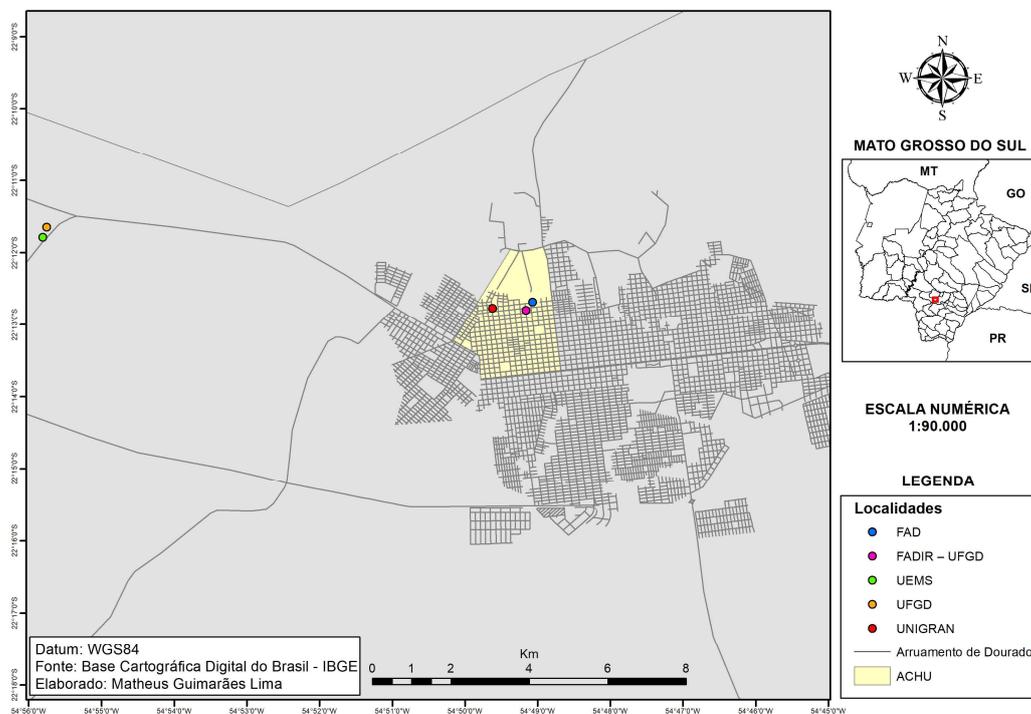
Os bairros que compõem a área estudantificada localizam-se na zona noroeste da área urbana de Dourados, e tem como limites: a) sul, a Avenida Marcelino Pires; b) leste, a Avenida Presidente Vargas; c) oeste, a Praça do Parque Alvorada e Avenida Presidente Vargas; d) área de mata que circunda o Córrego Laranja Doce. A área é composta pelos seguintes bairros: parte do Parque Alvorada, Jardim Valéria, Vila Aurora, Jardim Tropical, Jardim Girassol, Residencial Iparacay, Vila São Luiz, Jardim Pilau, Jardim Zeina, Jardim Bara, Vila Alvorada, Vila Delfus, Vila Matos, Jardim Itaipu, Vila Progresso, Vila São José, Jardim Universitário, Jardim Faculdade, Jardim da Figueira, Vila Rui Barbosa e parte do BNH I Plano.

Nessa área, em consonância com o processo de expansão do ensino superior em Dourados (a partir do início do século XXI), passou a ocorrer concentração significativa de população de jovens universitários. A concentração é tão notável, que é comum que cidadãos se refiram à área como “região universitária” (LIMA, 2020). Nesse sentido, com intuito de designar a referida área, utiliza-se, na presente tese, o termo Área de

Concentração Habitacional de Universitários (ACHU), pioneiramente empregado por Lima (2021) no trabalho *Jovens Universitários e lazer noturno em Dourados, Mato Grosso do Sul*, publicado nos anais do *XIV Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia*.

Na ACHU de Dourados, há instalações de duas IES privadas (FAD e UNIGRAN), além de uma das faculdades da UFGD, a Faculdade de Direito e Relações Internacionais (FADIR). A localização das referidas IES na ACHU (Mapa 2) permite que os jovens universitários que lá moram tenham facilidade de acesso aos seus locais de aula, que podem ser acessados caminhando, não sendo necessário percorrer grandes distâncias, ou utilizar veículo próprio, ou serviço de transporte coletivo.

Mapa 2 – Localização de IES em Dourados: FAD, UNIGRAN e FADIR (uma das faculdades da UFGD) localizadas na ACHU; UEMS e campus principal da UFGD estão localizadas fora da ACHU



Elaborado pelo autor, 2021. Fonte: pesquisa de campo.

Como é possível observar no mapa 2, diferentemente da FAD, UNIGRAN e FADIR-UFGD, a UEMS e o campus principal da UFGD estão localizados fora da ACHU, nas franjas urbanas, em área periurbana, cuja distância até a ACHU é de 13 quilômetros, o que não favorece o deslocamento de seus estudantes a pé.

Para os universitários da UEMS e da UFGD, entretanto, morar na ACHU favorece o deslocamento, não a pé, mas por meio do transporte coletivo, pois o itinerário de linhas de ônibus que partem do terminal central de Dourados rumo à UEMS e UFGD, cruzam a ACHU. Observa-se, nesse sentido, que embora a ACHU seja distante da UEMS e da

UFGD, para estudantes dessas IES morar na ACHU é vantajoso comparativamente a outros locais da cidade, tendo em vista a disponibilidade de transporte coletivo.

Há universitários, porém, que se queixam do transporte coletivo, pois os pontos de ônibus da ACHU são os últimos no trajeto área urbana – UEMS/UFGD, sendo comum que os ônibus cheguem até ali lotados, sem assentos disponíveis, o que os obriga, por vezes, a encarar o trajeto em pé. Segundo um estudante da UFGD que foi entrevistado, “tinha que ter mais horários e ônibus, porque têm dias que nós vamos igual sardinha na lata”⁷⁸.

Diante de tal situação, estabeleceu-se em Dourados uma cultura da carona, que consiste no seguinte: universitários que possuem veículo particular agrupam-se com outros que não possuem e lhes dão carona entre a ACHU e a UEMS e UFGD. Esses grupos são formados por meio de interações que podem ocorrer pessoalmente, ou, por redes sociais on-line. Os grupos são fixos, de certa forma institucionalizados, e o proprietário do veículo cobra dos “caroneiros” um valor mensal para custear o combustível, apanhando-os em locais combinados, ou, buscando-os em suas residências.

Quando algum dos integrantes do grupo deixa de participar, surge uma vaga, a qual é preenchida por alguém que faz parte dos círculos sociais próximos de algum dos integrantes remanescentes e há situações em que a vaga é divulgada nas redes sociais, a partir de onde é encontrado o novo integrante.

Verifica-se que, embora os estudantes tenham o benefício do meio-passe para utilização do sistema público de transporte, muitas vezes optam por usufruir do sistema informal de viagens compartilhadas (caronas). O compartilhamento de viagens pode se tornar interessante para ambos os envolvidos quando caroneiro e motorista compartilham o mesmo itinerário de deslocamento. Esse modelo permite o contato social, mesmo entre pessoas que não se conhecem, em troca de serviços que beneficiam tanto os ofertantes quanto os demandantes (CARVALHO, et al., 2020, p. 5).

Outras caronas ocorrem de forma mais espontânea, sem combinação prévia. Universitários que não desejam utilizar o transporte coletivo e não se encontram inseridos em algum grupo fixo de caronas simplesmente se dirigem todas as manhãs, ou fins de tarde para aqueles que estudam no período noturno, até um lugar conhecido como ponto da figueira, que é um ponto de ônibus localizado no início da Avenida Guaicurus, a via que dá acesso a UEMS e UFGD. Como o tráfego de veículos é intenso, sinalizam a necessidade de uma carona para os motoristas que por lá passam.

⁷⁸ Entrevista concedida em 10 de dezembro de 2019.

Alguns universitários estendem uma folha de caderno escrita “UEMS – UFGD” e não tarda para que algum motorista pare e lhes dê carona. Outros, simplesmente, fazem sinal com o dedo, o que é igualmente eficiente, pois logo conseguem a carona desejada. Além disso, muitos motoristas que por ali passam, por já saberem que o ponto da figueira é um lugar onde estudantes da UEMS e da UFGD pedem carona, param seus veículos sem nenhuma solicitação e oferecem carona⁷⁹ (LIMA, 2020).

Segundo universitários caroneiros que entrevistei, o tempo de espera por uma carona geralmente é curto: 10 minutos ou até menos. Segundo uma jovem caroneira, estudante da UFGD:

É raro ter que esperar muito. Toda hora passa carro [...] de manhã, algumas vezes está muito lotado na figueira [ponto de ônibus da figueira]. Se está lotado, eu vou perto da borracharia⁸⁰. Não precisa nem pedir, o pessoal de carro passa, abaixa o vidro do carro e chama com a mão para oferecer carona. Algumas vezes é mais fácil ali, na borracharia, porque vem bastante carro da rua do [supermercado] Kadema (JOVEM CARONEIRA, 2020)⁸¹.

Pode-se afirmar, diante dos fatos relatados, que pedir e dar carona constituem um esquema de ação disseminado entre estudantes e cidadãos, já que nem mesmo é necessário qualquer tipo de sinalização para conseguir uma carona, tendo em vista que motoristas param seus veículos para oferecer carona sem nenhuma solicitação.

4.4 MORADIA, SERVIÇOS E COMÉRCIO NA ACHU

No que se refere às transformações ocorridas na ACHU em razão do influxo de universitários e estabelecimento das HMO, observa-se que a substituição de casas unifamiliares por HMO, em especial repúblicas de estudantes, é bastante acentuada. A desterritorialização de moradores antigos e territorialização de universitários migrantes, acompanhada de processos de verticalização e adensamento populacional, típico de áreas que passam por processo de estudantificação, fazem-se presentes na ACHU.

⁷⁹ A prática é disseminada de tal maneira, que muitos motoristas que seguem rumo a UEMS e UFGD, em geral, professores, técnicos administrativos e estudantes que fazem o trajeto com seus veículos particulares têm como *habitus* parar brevemente seus veículos para que os jovens estudantes “caroneiros” embarquem (Lima, 2020).

⁸⁰ O “perto da borracharia” está localizado em um canteiro central, no cruzamento da Rua Afonso Pena com a Avenida Guaicurus, cerca de 150 metros adiante do ponto da figueira.

⁸¹ Entrevista concedida em 18 de dezembro de 2019.

Nesse sentido, observa-se que imóveis antigos, alguns dos quais feitos de madeira (Figura 16), remanescentes das décadas de 1950, 1960 e 1970, localizadas em grandes lotes, têm sido demolidos, dando lugar a imóveis novos para habitação de universitários.

Figura 16 – Casa antiga de madeira, localizada na ACHU



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

No que se refere aos padrões dos imóveis ocupados por universitários, é possível observar padrões diferenciados de habitação que se intermeiam, em consonância com as diferenças de poder econômico dos jovens universitários que habitam a área. Dessa forma, um condomínio residencial de apartamentos de alto padrão, habitado por universitários de alto poder econômico pode estar localizado na mesma quadra de uma casa térrea de padrão médio-baixo, habitada por universitários de menor poder econômico, como pode ser observado nas figuras 17 e 18.

Figura 17 – Condomínio de apartamentos de alto padrão localizado na ACHU e habitado por universitários



Fonte: pesquisa de campo, 2022.

Figura 18 – Casa térrea de baixo-médio padrão localizada na ACHU e habitada por universitários



Fonte: pesquisa de campo, 2022.

Na ACHU, podem ser encontrados, também, condomínios de apartamentos, conjuntos de *kitnets* e sobrados geminados de padrão médio (Figuras 19, 20 e 21). Observa-se, dessa forma, que há diferentes configurações nos imóveis ocupados por jovens universitários na área: térreos, condomínios verticais, conjuntos de *kitnets* e casas térreas e sobrados geminados.

Figura 19 – Condomínio de apartamentos de padrão médio localizado na ACHU e habitado por universitários



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Figura 20 – Conjunto de *kitnets* de padrão médio localizado na ACHU e habitado por universitários



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Figura 21 – Casas geminadas de padrão médio localizadas na ACHU e habitadas por universitários



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Sendo imóveis de diferentes padrões, há também diferença nos valores de aluguel. O valor do aluguel de um apartamento de alto padrão com dois quartos, conforme universitários que moram em imóveis desse tipo⁸², é de aproximadamente um salário mínimo e meio⁸³, ao passo, que uma *kitnet* de um quarto, igualmente localizada na ACHU pode ser encontrada por 600 reais.

No que se refere à oferta de serviços e comércio, na ACHU há serviços e comércio de diferentes tipos que atendem à demanda dos universitários que moram na área. Na ACHU, há mercados, mercearias, supermercados, farmácias, lanchonetes, restaurantes, marmitarias, pizzarias, salões de beleza, clínicas de estética, consultórios médicos e odontológicos, academias, frutarias, postos de combustível, “ervaterias”⁸⁴, dentre outros.

⁸² Em conformidade com pesquisas realizadas em imobiliárias.

⁸³ Cerca de 2 mil reais, somando valor do aluguel, de taxa de condomínio e IPTU, sem as contas de água, energia elétrica e internet.

⁸⁴ As ervaterias são um tipo de comércio bastante peculiar. São lojas especializadas no comércio de ervamate, utilizada para preparar chá, chimarrão e tereré. Em Mato Grosso do Sul, o tereré é uma bebida muito consumida. As ervaterias, no estado, portanto, são muito comuns. Como esse consumo é uma característica regional, esse tipo de comércio não é presente em todo o Brasil.

Assim, a população universitária é beneficiada pela presença dos serviços e comércio próximos dos lugares em que moram, que podem ser facilmente acessados a pé. Já os proprietários dos serviços e comércio são beneficiados pela população universitária que injeta recursos em seus negócios, constituindo uma relação que se retroalimenta, como apontado por Kinton (2013).

Outra condição encontrada na ACHU e que, conforme Gumprecht (2003), é comum em cidades universitárias e suas áreas estudantificadas é a presença de serviços e comércio que adicionam “universidade/universitário/a” aos seus nomes. Na ACHU, identificou-se um bar (Figura 22), uma loja de conveniência, uma tabacaria/*hookah bar*, uma pizzaria, uma mercearia e, até mesmo, um posto de combustível, que trazem em seus nomes alguma referência aos universitários⁸⁵.

Figura 22 – Fachada do Bar Mattos, o bar é autointitulado “*O ponto de encontro do universitário*”



Fonte: pesquisa de campo, 2022.

⁸⁵ Bar Mattos (Rua Balbina de Matos, 1478), Empório Universitário – Conveniência & Tabacaria (Avenida Weimar Gonçalves Torres, 550), Arcanjus Tabacaria Universitária (Rua Olinda Pires de Almeida, 455), Pizzaria *Universidade da Pizza* (Rua Balbina de Matos, 2120), Mercearia Universitária (Rua Manoel Santiago, 345), Auto posto Universitário (Rua Major Capilé, 22).

Quanto à pertinência da localização de serviços e comércio diversificados na ACHU, seguem trechos de duas entrevistas, uma realizada com uma jovem universitária e outra realizada com a proprietária de uma marmitaria. Elas expõem seus pontos de vista sobre a relação entre universitários e serviços e comércio na ACHU.

Primeiro, trago um trecho de entrevista conduzida com uma estudante de 22 anos, que chamarei de Verônica⁸⁶. Estudante da UNIGRAN, Verônica é uma estudante migrante e vive na ACHU desde que se mudou para Dourados, em 2017.

Pesquisador: Verônica, desde que você se mudou para Dourados, você sempre morou nessa área, como você falou?

Verônica: Sim. Desde que eu vim de [nome da cidade ocultado] eu moro nesse apartamento. Morava outra menina comigo, mas aí ela se formou e foi embora, aí entrou a [nome omitido] que mora comigo agora. É de boa.

Pesquisador: Entendi. E quando você se formar, ela vai colocar outra no seu lugar? É isso?

Verônica: Acho que sim, né? [risos]. Quando eu terminar ela coloca outra pessoa se ela quiser, porque ela é do primeiro ano ainda. Então vai continuar morando em Dourados, já vai ser outro contrato [com a imobiliária], aí ela resolve [risos].

Pesquisador: Entendi. E sobre o comércio, as lojas aqui perto, você acha o quê?

Verônica: Se eu acho o comércio bom?

Pesquisador: É. Estou falando de comércio para as coisas do dia a dia, se é conveniente para você? O comércio aqui serve bem você ou é insuficiente?

Verônica: Eu acho bom, é de boa. Qualquer coisa que eu quiser tem aqui perto. É só eu descer [escadas do prédio] e ir no mercado, na padaria... Loja de conveniência têm várias. Aí é de boa, né? Pra comprar um xampu, pão, essas coisas, né? Não precisa ir longe pra comprar coisas básicas. Se eu quiser sair pra comer, tem vários lugares, ou, se eu quiser pedir no *delivery* chega super rápido o pedido.

Pesquisador: Então, diante das coisas que você falou, você considera vantajoso ou desvantajoso morar aqui?

Verônica: Acho, sim.

Pesquisador: Acha vantajoso ou desvantajoso?

Verônica: Vantajoso, vantajoso, com certeza. Eu acho que não pra mim só, né?

Pesquisador: Como assim?

Verônica: Tipo, a facilidade de resolver os B.O [risos]. Pra todo mundo que é estudante e veio de outra cidade, se tiver como morar aqui, vai dar “bote certo” [risos]. Não precisa ficar indo no centro direto.

Pesquisador: E para rolês? Você pensa o quê?

Verônica: Até pra rolê [lazer noturno] é bom.

Pesquisador: Quais rolês você pensa?

Verônica: Ah, tipo, divulga é sempre por aqui. As divulgas das atléticas. Mas eu curto barzinho [risos], aí fica tudo perto aqui. Ah, mas eu curto os rolês, né?

Pesquisador: Você vai para as festas *open bar*?

Verônica: Eu vou. Não toda vez, né? Mas eu vou mais, como eu falava, eu vou mais nos rolês aqui perto. Na casa das amigas, barzinho, essas coisas, ou sair pra comer com elas.

Pesquisador: Legal. E para a faculdade, como você vai?

Verônica: Eu vou andando, né? Não tem nem como. É aqui do lado. É mais uma coisa boa de morar aqui nesse lado da cidade. Se você estuda na UNIGRAN, morando aqui você vai de boa pra aula andando, não precisa ficar atrás de carona e nem pegar “busão”.

Como pode ser observado, Verônica mostra-se satisfeita com a oferta de serviços e comércio na ACHU, afinal para comprar um xampu ou pães, basta descer as escadas do prédio em que mora e caminhar poucas quadras. A entrega de alimentos é rápida. Morar

⁸⁶ A entrevista foi conduzida no condomínio de apartamentos em que a jovem vivia na ACHU em 17 de novembro de 2019.

na área é vantajoso até para seus rolês, isso é, o lazer noturno. Por fim, Verônica salienta que considera que a área é a mais conveniente para universitários migrantes como ela morarem, sobretudo, caso seja estudante da UNIGRAN, pois o deslocamento pode ser feito a pé, algo que ela própria faz.

A outra entrevistada é Porfíria. A mulher que tem entre 50 e 60 anos, administra junto da sócia, um negócio de marmitas na ACHU. Porfíria destaca a importância econômica da população universitária, que se renova ano após ano, para seu negócio. Conforme Porfíria, alguns de seus clientes são funcionários de outros serviços e comércio localizados na ACHU, mas salienta que a maior parte dos clientes são jovens universitários que vivem na área. Segue trecho de entrevista conduzida com Porfíria⁸⁷.

Pesquisador: Eu gostaria de saber como funciona o serviço que a senhora oferece.

Porfíria: A gente faz marmita só para entregar, são duas opções de carne: boi ou frango. Têm três tamanhos: pequena, média e grande.

Pesquisador: E qual tamanho que sai [vende] mais?

Porfíria: A que o pessoal pede mais é a grande. A pequena é 14, a média é 16 e a grande é 18 [reais]. Mas a grande dá para duas pessoas dividir.

Pesquisador: A senhora falou que a grande dá para dividir em duas pessoas. Acha que bastante gente faz isso?

Porfíria: Sim. Os guris comentam comigo. Pede uma grande e dois dividem. E tem gente que mora sozinha e come metade no almoço e de noite esquenta o resto no micro-ondas [risos]. É cada história desses guris [risos].

Pesquisador: A senhora falou dos guris. São os estudantes?

Porfíria: Sim. O que mais sai [vende] aqui é para estudante, aí tem uns que a gente já conhece, né? Os que pedem sempre. Eu fico mais na cozinha, mas ajudo com os pedidos, aí tem cliente que já sei quem é. Você vai conhecendo as pessoas, sabe?

Pesquisador: Sim, entendo. Mas, como a senhora afirmou, os estudantes são a maioria dos clientes...

Porfíria: É. Como aqui perto tá cheio de estudantes, quem pede mais são eles. Tem gente que não é estudante e pede, mas a maioria são estudantes. Da UNIGRAN, da Federal, da UEMS.

Pesquisador: Ah, sim. E as outras marmitarias, a senhora pensa que os estudantes são os principais clientes, também?

Porfíria: Pelo que eu tenho conhecimento, são sim. Esses estudantes vêm de fora pra estudar, aí tem curso que é mais corrido, né? Não dá tempo de ficar fazendo almoço, aí eles pedem marmita.

Pesquisador: Estou entendendo. Então, assim, diante disso que a senhora me falou, dá para afirmar que o negócio da senhora depende bastante dos estudantes?

Porfíria: Isso, Matheus. Como eu te falei, tem gente que não é estudante, tem gente que trabalha aqui perto, gente que mora [mas não é estudante] que pede, mas os estudantes têm sido os que mais pedem. E falo mais, esses estudantes são os clientes que mais consomem no comércio que têm aqui perto. Padaria, mercadinho, tudo depende bastante dos estudantes.

Pesquisador: Então os estudantes que movimentam a economia?

Porfíria: É, aqui é. A cidade cresceu bastante, né? Mas como aqui é perto da faculdade, é mais fácil pedir aqui porque entrega mais rápido. E os outros tipos de comércio é a mesma coisa. Só você ver o tanto de conveniência que tem, né? Porque, olha, essa gurizada das faculdades gosta de festa, viu? [risos]

Pesquisador: Ah, sim. Entendi, o comércio, em um modo geral, que têm aqui nessa parte da cidade ganha dinheiro com os estudantes. Essa é a sua opinião?

Porfíria: Sim. Desse jeito.

Pesquisador: Assim, eu estava pensando, e se fechassem todas as faculdades de Dourados, como ia ser para o negócio da senhora e para os outros negócios aqui perto?

Porfíria: Eita, que isso! Ia ficar ruim. Muito ruim. Mas, primeiro que nunca vai acontecer isso [risos] Mas se acontecesse muita gente ia passar necessidade, porque depende desses estudantes. Eles que movimentam

⁸⁷ Entrevista realizada na marmitaria de Porfíria em 26 de novembro de 2019.

o comércio nesse lado da cidade. Eu mesmo, tem uns prédios, *kitnet* que entrego 6, 7 marmitas por dia. Não pode fechar as faculdades não! [risos].

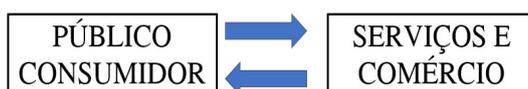
O discurso de Porfíria mostra que, de acordo com suas observações, os estudantes universitários são indispensáveis para a manutenção dos serviços e comércio localizados na ACHU, pois representam a maior parte da clientela. Questionada sobre uma hipotética situação em que todas as IES deixassem de existir, Porfíria manifestou que desencadearia um processo em que pessoas “passariam necessidade”, em razão do colapso econômico que se abateria, pois sem os universitários, muitos serviços e comércio perderiam a maioria de seus clientes.

Sob essa perspectiva, Ackermann e Visser (2016), ao tratar da importância da população universitária para a manutenção dos serviços e comércio localizados em áreas estudantificadas, afirmam que:

Estudantes podem ser considerados como significativamente importantes, já que certos negócios existem somente por conta da presença dos estudantes. A presença de estudantes cria demanda por certos serviços e produtos, às vezes similares, às vezes diferente daqueles demandados por residentes que não são estudantes universitários. Essa demanda contribui para a formação de negócios e subsequente criação de empregos. Esses negócios florescem durante os semestres acadêmicos, mas experimentam perdas durante as férias [...] os negócios são muito dependentes dos estudantes, já que o número de clientes diminui durante a ausência de estudantes, durante as férias das IES (p. 12, tradução minha).

Articulando os discursos de Verônica e Porfíria e o que preconizam Ackermann e Visser (2016), é possível afirmar que há uma dinâmica de retroalimentação. A presença dos universitários é importante para que comerciantes e prestadores de serviços mantenham suas operações e, paralelamente, a presença de serviços e comércio diversificados é conveniente para os universitários, que não precisam se deslocar por longas distância para suprir suas necessidades cotidianas (Figura 23).

Figura 23 – Fluxograma da relação entre público consumidor e serviços e comércio



Elaborado pelo autor, 2023.

Observa-se, também, que é comum que, fora dos períodos letivos, quando parcela considerável dos universitários migrantes retorna a suas cidades de origem para passar o recesso acadêmico, os serviços e comércio localizados na ACHU testemunhem queda de

movimento e faturamento. Tendo em vista a queda de movimento e faturamento, há funcionários que se tornam desnecessários, como garçons, auxiliares de cozinha, cozinheiros, entregadores, seguranças particulares. Estes funcionários são dispensados, mas voltam ao trabalho com o início dos períodos letivos.

Além dos serviços e comércio de primeira necessidade já citados, na ACHU estão estabelecidos serviços e comércio inseridos na economia da vida noturna, que conformam uma mancha de lazer noturno, frequentada pelos jovens universitários residentes e não residentes da área, o que será abordado na seção seguinte, acionando, sobretudo, as concepções de mancha de lazer de Magnani (2010) e de lazer noturno de Shaw (2010).

4.5 MANCHA DE LAZER NOTURNO NA ACHU

Quanto às manchas de lazer, destaco a definição de Magnani (2010, p. 17), extensamente utilizada ao tratar de áreas em que ocorrem práticas de sociabilidade e lazer de sujeitos jovens:

Manchas são áreas contíguas do espaço urbano, dotadas de equipamentos que marcam seus limites e viabilizam – cada qual com sua especificidade, competindo ou complementando – uma atividade ou prática predominante. Essa categoria foi proposta para descrever um determinado tipo de arranjo espacial, mais estável na paisagem urbana [...] resultado da relação que diversos estabelecimentos e equipamentos guardam entre si, e que é o motivo da afluência de seu público.

Entende-se, dessa forma, que a concentração de estabelecimentos que possuem como função compartilhada, a promoção da sociabilidade e do lazer noturno, em uma área específica da cidade, conformam uma mancha de lazer. Assim, é possível afirmar que diante da proximidade física que possuem e de sua função compartilhada, os bares, lojas de conveniência e tabacarias localizadas na ACHU compõem uma mancha de lazer, que é reconhecida-apropriada pelos jovens universitários moradores da área, mas que também atrai universitários que residem em outras áreas da cidade, e se deslocam até a ACHU para desfrutar da oferta de lazer noturno ali presente.

Dessa maneira, embora os principais frequentadores da mancha de lazer da ACHU sejam os jovens universitários moradores da própria área, diante da limitação de opções de lazer noturno em Dourados, universitários e não universitários residentes em outras áreas de Dourados e em cidades próximas frequentam a mancha de lazer noturno da ACHU.

Nesse sentido, destaco que em cidades de porte médio como Dourados, há uma mistura social maior, pois nelas formam-se áreas como a ACHU que centralizam os

serviços e comércio de lazer noturno, atraindo sujeitos que compartilham do objetivo de curtir alguma opção de lazer noturno. Saliento, todavia, que a referida mistura social não ocorre de forma completa, tendo em vista que há barreiras simbólicas entre sujeitos pertencentes a diferentes grupos de referência (TURRA NETO, 2017; PEREIRA; TURRA NETO; BERNARDES; 2019; LIMA, 2021).

Dessa forma, embora haja mistura social, é aferível a presença de *outsiders* (sujeitos não universitários) que buscam acesso à sociabilidade e lazer noturno em *points* frequentados por sujeitos identitariamente distintos – no caso, os universitários – que compõem – no que pese a fragmentação identitária – um “*we group*”, baseado em algum aspecto compartilhado da identidade, que se desdobra em processos de territorialização e exercício da territorialidade (ELIAS; SCOTSON, 1997; HAESBAERT, 2009; TURRA NETO, 2017)

Tratando da lógica locacional de serviços e comércio de lazer noturno, observa-se que áreas onde há população significativa de consumidores em potencial, como a ACHU, chamam a atenção de empresários que empreendem no segmento do lazer noturno, instalando bares, lojas de conveniência, tabacarias e casas noturnas (GUMPRECHET, 2003; KINTON, 2013). Tal lógica locacional alude ao processo de “magnetismo funcional” (CORRÊA, 2004), que envolve o estabelecimento de uma centralidade de serviços e comércio pertencentes a um mesmo segmento mercadológico, que se atraem de maneira mútua. Assim, a instalação de serviços e comércio relacionados com práticas de lazer noturno em uma área específica atrai outros do mesmo segmento, que, em conjunto, têm poder de atrair consumidores⁸⁸ (CORRÊA, 2004; MAGNANI, 2010; PEREIRA; TURRA NETO; BERNARDES; 2019).

Na mancha de lazer da ACHU, existem bares, lojas de conveniência e tabacarias. Quanto às baladas (casas noturnas), não há nenhuma localizada ali⁸⁹. As baladas de Dourados estão localizadas fora dos limites que utilizei para delimitar a ACHU.

Todavia, é possível observar que ao cair da noite, a ACHU se transforma. Surge uma atmosfera distinta daquela que se encontra no período diurno. Durante o dia tem-se a luz do sol. À noite têm-se as luzes artificiais, que trazem “luminosidade” aos lugares.

⁸⁸ Por exemplo: em uma área onde há população relevante de universitários, um empresário abre uma loja de conveniência. Ao observar o sucesso do negócio, outro empresário abre outra loja de conveniência. Em seguida um empresário abre um bar. Observando o sucesso da empreitada, outro empresário abre outro bar, e, dessa forma, a oferta de serviços e comércio é ampliada. Onde há público consumidor em potencial, haverá prestadores de serviço e comerciantes para suprir as demandas.

⁸⁹ As baladas de Dourados estão localizadas fora da ACHU, mas não ficam longe.

Luminosidade que “só se manifesta porque há lugares que permitem a sua existência” (GÓIS, 2021, p. 40).

Caminhando ou passando de carro por ruas da ACHU, é possível ver jovens universitários em trânsito e/ou aglomerados em bares, lojas de conveniência e tabacarias; sentados, em pé, bebendo, fumando, conversando, flertando, beijando e vivenciando um modo de vida juvenil universitário (MOFFATT, 1991; GUMPRECHT, 2008; LIMA, 2021).

Destaca-se que a situação detalhada no parágrafo anterior, converge com aquilo que Lima (2018) define como “integração”. E quanto aos locais onde essas práticas ocorrem? Ramos (2017) os define como *points*, que são locais especializados por sujeitos jovens que buscam rompimento com a rotina diurna; são “locais específicos de consumo da diversão” (RAMOS, 2017, p. 82).

A importância do rompimento com a rotina diurna e o lazer noturno entre sujeitos jovens é explicada da seguinte forma por Turra Neto, ao abordar a noite, que é:

Um tempo que exerce grande fascínio e atração sobre os jovens contemporâneos, por ser o antípoda do tempo em que operam com mais força os poderes de pais, patrões e professores [...] há uma hegemonia geracional do juvenil à noite, que acontece na ausência dos outros, dos que têm poder, que neste momento dormem (2017, p. 35).

De forma mais detalhada, ao tratar do conceito de *point* (*points*, no plural), Ramos (2017, p. 114) elucida que é um

Conceito nativo, ou seja, oriundo das práticas dos próprios sujeitos, neste caso dos jovens, relaciona-se ao lugar onde frequentam e reconhecem como um espaço de encontro e diversão na cidade. Bares ou locais similares que funcionam como espaços onde os jovens se aglomeram. Podendo servir como ponto de referência num núcleo de lazer noturno, onde existem outros estabelecimentos no entorno.

Mas, o que é integração? Conforme Lima (2018), trata-se da interação de um jovem universitário com outros jovens universitários em um contexto de sociabilidade e lazer, no qual ocorre (re)conhecimento mútuo e a qual “dá-se o nome de “integração” (LIMA, 2018, p. 81).

Têm-se, assim, uma forma de sociabilidade calcada na identidade compartilhada como jovens universitários, orientada por objetivos igualmente compartilhados.

A essa forma de sociabilização entre os estudantes universitários que se baseia no ato de interagir com estudantes universitários de outros cursos, *campi* ou universidades em um ambiente festivo de lazer [...] onde se estabelecem relações de conhecimento mútuo e amizade entre sujeitos que compartilham

da condição de estudantes universitários em busca de diversão, dá-se o nome de “integração” (LIMA, 2018, p. 81).

Ao tratar de interações sociais, Turra Neto (2008), assevera que:

A base da interação social são certos impulsos e propósitos, ou seja, a interação dá-se a partir de certos conteúdos e está orientada por objetivos [...] uma forma bastante variada pela qual os indivíduos se agrupam para satisfazer seus interesses [...] A individualidade cede espaço para imersão no coletivo. A sociabilidade pressupõe relação entre iguais, pois nela não cabem hierarquias (p. 398-99).

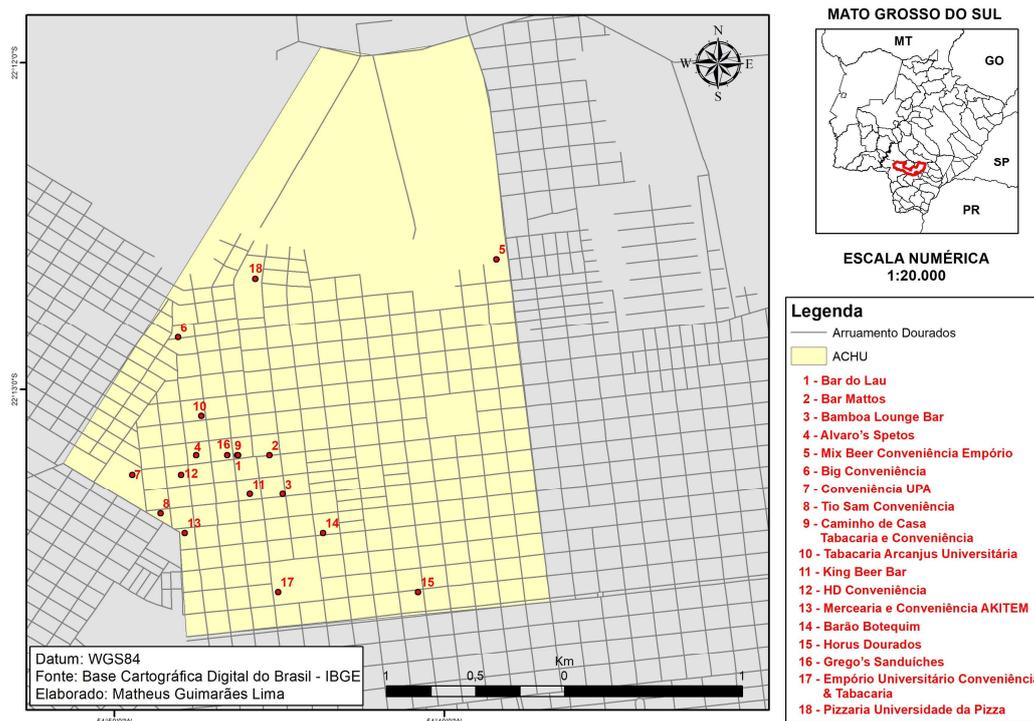
Assim, frequentar os *points* de lazer noturno da ACHU representa um esquema de ação que visa a sociabilização com sujeitos semelhantes, vivenciando, concomitantemente, um modo de vida juvenil universitário, marcado por experiências típicas dessa fase da vida e permeado por exercícios de capital social e simbólico.

Nessa perspectiva, frequentar os *points* de lazer noturno da ACHU é uma estratégia de visibilidade social. Os *points* são lugares para ver e ser visto e que, ao serem frequentados, agregam valor ao autoconceito, autoestima e *self-estendidos* dos *habitués* (SIMMEL, 1983; BOURDIEU, 1985; BELK, 1988; LAHIRE, 2002; RUCKER; GALINSKY, 2013; WEIDMAN; DEANGELO; BETHEA, 2014; SEEMILLER; GRACE, 2016, RAMOS, 2017).

Conforme foi possível observar durante as pesquisas de campo e em entrevistas, a mancha de lazer noturno da ACHU tem papel relevante na estruturação das práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários na cidade. Mesmo as festas universitárias, que ocorrem majoritariamente fora da ACHU, relacionam-se com os *points* localizados na ACHU, como será abordado mais adiante.

Na ACHU, identifiquei 18 *points* do lazer noturno que são frequentados assiduamente por jovens universitários residentes na área, outros universitários residentes em outras áreas de Dourados e cidades próximas, bem como por jovens não universitários, que se deslocam até a ACHU com intuito de desfrutar da ambiência de lazer presente. Com intuito de mostrar a localização dos 18 *points* identificados ao longo da pesquisa, foi elaborado o mapa 3.

Mapa 3 – *Points* de lazer noturno localizados na ACHU



Elaborado pelo autor, 2021.

Quanto à assiduidade do público, o movimento nos *points* é maior às quartas-feiras, quintas-feiras, sextas-feiras, sábados e domingos. Às quartas-feiras e quintas-feiras alguns *points* adotam uma estratégia de *marketing* que visa atrair consumidores: transmitem jogos de futebol em telões e diminuem o preço das bebidas. Essa estratégia favorece os *points* que dela se utilizam, atraindo público expressivo nesses dias, ao passo que os *points* que não utilizam a citada estratégia têm menos movimento (Figura 24).

Figura 24 – Anúncio de que haveria telão em um jogo entre Corinthians e Flamengo em um bar localizado na ACHU



Fonte: @bar.do.lau, 2022.

Além disso, a relação dos *points* com as festas universitárias ocorre da seguinte forma: as atléticas e organizações correlatas realizam eventos prévios às grandes festas universitárias em *points* da ACHU. Esses eventos prévios são chamados de “divulgas” e plantões e ocorrem em dias de menor movimento nos *points*, sendo vantajosos sob a perspectiva econômica, tanto para os proprietários dos *points*, quanto para as atléticas e organizações correlatas.

Nas duas seções seguintes, trato da caracterização das divulgas, dos plantões e das dinâmicas envolventes. Além disso, apresento trechos de entrevistas com proprietários e gestores de *points* e com integrantes de atléticas, buscando expor diferentes pontos de vista.

4.5.1 AS DIVULGAS

As divulgas são festas *per se* que antecedem e promovem uma grande festa universitária *open bar*. Para participar de uma divulga, paga-se um valor mais baixo que aquele que se paga para participar de uma grande festa universitária *open bar*. Geralmente, o valor gira entre 10 e 20 reais e os participantes podem consumir livremente as bebidas das atléticas, disponibilizadas em galões. Quando a divulga é de uma festa muito grande, pode ocorrer uma divulga da divulga. Durante as divulgas, são vendidos ingressos para a grande festa vindoura e há um DJ que toca música ao vivo. O *point* onde

está ocorrendo a divulgação comercializa suas próprias bebidas. Dependendo da capacidade do *point* onde é realizada a divulgação, é comum que o público passe de 300 pessoas.

Muitas divulgas ocorrem às terças-feiras, dia que, conforme proprietários e funcionários dos *points*, o fluxo de clientes é menor que em outros dias. Dessa forma, a realização de uma divulgação é vantajosa para o *point* e para atlélica ou organização correlata responsável. O *point* tem a vantagem de atrair público para consumir em dias de pouco movimento, gerando receitas. Para atlélica ou organização correlata responsável pela divulgação, o ganho vem mais do *hype* gerado em torno da grande festa vindoura, do que da receita levantada com o valor pago pelo público para participar da divulgação. É assim, um ganho simbólico.

Objetivando compreender como ocorre a dinâmica relatada, conduzi entrevistas com integrantes de diretorias de atlélicas e organizações correlatas e com proprietários e gestores de *points*. A seguir, trechos de entrevistas realizadas com o gestor de um *point* e com o integrante da diretoria de uma atlélica.

Antenor, 30 anos, é gerente de um bar localizado na ACHU onde, esporadicamente, são realizadas divulgas. Ele lamenta que o espaço do bar em que trabalha não seja capaz de comportar mais que 150 pessoas, o que faz as atlélicas e organizações correlatas, muitas vezes, optarem por *points* com maior capacidade de público. Segue o trecho da entrevista com Antenor⁹⁰:

Pesquisador: Como eu já vi, muitas atlélicas fazem divulgas em bares, inclusive eu já vim em uma divulgação aqui. Você pode, por favor, falar um pouco sobre como é que acontece? Como é o contato, a relação com as atlélicas?

Antenor: Sim, essas atlélicas fazem mesmo. Primeiro, bacana poder auxiliar aí na sua pesquisa, cara. Mas, como você já viu, as atlélicas são fortes em Dourados, né? Tem muitas e eles têm esse negócio de fazer evento prévio antes das festonas deles, né? Aí eles entram em contato com a gente para fazer a parceria, eu olho o dia se é ok, mas no fim é bom para nós e para eles é bom também. Todo mundo ganha.

Pesquisador: E quanto ao faturamento, o de vocês [do *point*] e o deles [atléticas]?

Antenor: Eles ganham com o ingresso e a gente ganha com o bar.

Pesquisador: O dia? Como assim? É da data que você está falando? E vocês ganham com o bar como?

Antenor: Cara, eu olho se o dia é bom, se é conveniente, porque é assim as coisas, senão o negócio desanda. Se é uma sexta-feira não é interessante. Mas, vamos lá, se é uma segunda ou terça-feira, aí já é interessante. Segunda a gente não abre, terça a gente abre, mas é mais parado, aí se vem esses meninos das atlélicas e querem fazer o evento deles em uma segunda ou terça, aí não tem muita ideia, a gente faz a parceria porque eles consomem bastante no bar. Aí eu aviso o pessoal [os funcionários] e a gente faz o negócio. É desse jeito, não tem muito mistério, não.

Pesquisador: Entendi. Em dias que o movimento de clientes é menor, como você disse, acaba sendo dia que é bom para você fazer uma divulgação porque movimentam e eles [os participantes da divulgação] consomem, aí gera receita. Mas, tipo, têm as bebidas deles, as bebidas das atlélicas, mesmo assim eles [os participantes da divulgação] consomem bastante?

Antenor: É, é... Pra gente uma segunda que não vai abrir [o bar] é prejuízo, receita que não entra. Abrindo com os eventos de atlélica, um dia que em tese já estava perdido vira um dia de receita entrando. Aí você falou das bebidas deles lá, aquelas bebidas de galão. Aquelas bebidas deles acaba, aí acabou a bebida eles

⁹⁰ Entrevista concedida em 14 de setembro de 2022 em um *point* localizado na ACHU.

têm que beber, né? Aí gira o bar. E tem quem não gosta de beber esses negócios de galão, aí eles consomem do bar. Cerveja sai bastante, outros preferem uma vodca. Então, mesmo com os meninos das atlética botando o galão [de bebida] deles, não altera o consumo no bar, só aumenta.

Pesquisador: Então dá pra falar que o seu lucro vem das bebidas que vende? E questão de tipo, aluguel? As atléticas pagam um aluguel?

Antenor: Cara, a receita é do giro do bar. Aluguel eles não pagam não. Aqui comigo, não. Até porque aqui a nossa capacidade é menor, o máximo que dá pra botar pra dentro é 150 [pessoas] se tirar todas as mesas. Isso é até uma coisa que perde pra outros [bares]. Lugar que cabe mais gente, às vezes eles fazem outros negócios, sabe? Conseguem fazer mais eventos e aumentar a receita. Aqui o acordo é de eles [atléticas] cobrir qualquer parte da minha estrutura que quebrar, porta de banheiro, essas coisas.

Pesquisador: Antenor, muito obrigado. Entendi como funciona essa parte. Aí, você falou da questão de ter algum prejuízo se quebrar alguma coisa. Já aconteceu?

Antenor: De nada, Matheus. Precisando, podendo ajudar, estamos aí. É, cara, já teve vez de entupir o vaso na sacanagem, socar um monte de papel higiênico dentro. Torneira, fechadura. Essas coisas acontecem, porque tem gente que fica embriagada [risos] e apronta. Aí eu não posso ficar com o “preju” [prejuízo], então isso já fica claro no acordo, deles arcarem com alguma coisa que quebrar.

O que foi relatado por Antenor lança luz sobre como se dão as relações entre atléticas e organizações correlatas e os *points* localizados na ACHU para a realização de divulgas, sob a sua perspectiva de gestor em estabelecimento de lazer noturno. Conforme Antenor, a realização de divulgas no bar em que trabalha é vantajosa pois atrai consumidores em dias de menor movimento, gerando receitas.

Apresentado trecho de entrevista com Antenor⁹¹, segue trecho de entrevista com um integrante da diretoria de uma atlética, que também trata da dinâmica de realização das divulgas. Deoclécio é diretor da atlética de seu curso e afirma que o principal ganho para a atlética, sob sua perspectiva, não é o financeiro, mas sim o simbólico, pois a realização de divulgas gera engajamento nas redes sociais on-line por meio de *hashtags* e gera um clima de antecipação – *hype* – em torno da festa grande que está por vir.

Pesquisador: Cara, me fala um pouco sobre as divulgas. Conversando com o pessoal dos bares, eles me disseram que é um negócio bom para eles porque gera dinheiro em dias que teria pouco movimento no bar e é bom também para as atléticas, porque gera dinheiro para o caixa de vocês. O que você tem para me falar sobre isso?

Deoclécio: Cara, tá certo, mas também não é assim. Não sei com quem você conversou, mas para a atlética a questão de dinheiro não é a principal. Porque, olha: a conta de uma divulga fecha? Fecha. Mas, não tem uma margem tão boa. A gente tem que fazer os corres de ir atrás de atração, ver equipamento de som. Se alguma coisa do patrimônio do bar do cara quebrar, temos que pagar. E às vezes acontece, porque sempre tem uns que fica muito louco e perde a noção. Aí tem que colocar os seguranças. Aí, faz as contas, é várias despesas. O [dinheiro] que entra, é só pra fechar a conta.

Pesquisador: Tô entendendo, mas, assim, e o dinheiro da entrada na divulga e os ingressos para a festona que vai rolar? Não dá uma receita boa?

Deoclécio: Na questão de vender ingressos, realmente na divulga vende até bem. Mas nos plantões vende bem, igual. E outra, muita gente compra o ingresso na net; pensa, é muito mais fácil comprar na net, né? E o [dinheiro] que entra da portaria da divulga é baixo. Tipo, pra entrar na divulga paga 10, 15, 20 reais no máximo. Aí dá 200 pessoas na divulga, só fazer a conta. Diante das despesas que nós temos, acaba não sendo uma margem grande. Inclusive, cara, se chover no dia e a divulga “flop”, aí não fecha nem a conta.

⁹¹ Entrevista realizada em 13 de dezembro de 2019.

Pesquisador: Realmente, não dá para controlar o tempo, né? Se chover, realmente vai ter menos gente. Mas, diante disso que você está dizendo, qual é a maior vantagem para a atlética de fazer divulga e não apenas plantões?

Deoclécio: É o *marketing* mesmo. É para gerar engajamento. A galera tira foto e marca [nas redes sociais] a atlética, coloca *hashtag* e posta nos *stories* [do Instagram]. A gente vê isso como muito importante. Ter gente falando da festa [festa grande vindoura]. É divulgação, quando alguém posta nos *stories* e marca a atlética. Rola um *hype*, tá ligado?

Pesquisador: Agora estou entendendo melhor. O *hype*, ter um monte de gente falando da festona que vai ter e marcando no Insta [Instagram] é o que vocês têm como mais vantajoso. É isso?

Deoclécio: Bem por aí. Ah, cara, e tem outra coisa. Não é todo mundo que tem 50, 60 reais pra ir na festa [festa grande vindoura], mas como a divulga é mais barato, quem não tem dinheiro pra ir na festa, vai na divulga. É até uma oportunidade de curtir um rolê gastando pouco. Aí a pessoa bebe a nossa bebida que tá lá pra pegar à vontade. Aí, essa pessoa acha legal, vê que a atlética faz um rolê bom e quando rolar uma outra festa, se estiver com dinheiro ela vai.

Pesquisador: Cara, muito bom as coisas que você está me contando. Vão ajudar bastante. Só tem mais uma coisa que eu pensei e acho que você pode contribuir. Eu queria saber do seguinte, cara: já vi divulga com fila dando a volta na esquina porque na divulga ia rolar venda de lote promocional para a festona. O que você tem pra dizer sobre isso? Pensa o que a respeito disso?

Deoclécio: Verdade, verdade mesmo. Rola isso mesmo, às vezes. Nem me liguei de falar alguma coisa disso. Cara, fazer uma divulga e meter um lote pra vender lá na hora de [ingresso] promocional é bom, também, cara. A fita [estratégia] é simples nesses casos, aí. Colocando lote promocional, atrai bastante gente, é certeza de lotar, se não chover. Aí a pessoa vai porque vai conseguir pegar o ingresso por 20 reais de uma festa que no primeiro lote já sai por 40 para quem não é sócio [da atlética]. Nessa, o cara já tá lá na divulga, paga 10 conto pra entrar, bebe a bebida da atlética na faixa [sem ter que pagar] e compra o ingresso para a festa que vai ter. Aí, como é lote promocional, tipo 100 ingressos, 50, o tanto que for, é vendeu acabou, tá ligado? Aí o *hype* explode, cara. Os 100 primeiros que entrar na divulga já conseguem comprar o promocional [ingresso promocional] da festa. Aí forma fila mesmo. Só não pode fazer isso direto porque dá uma quebrada. Tem que rolar só às vezes pra ter um *hype* bom, repercutir bem.

Conforme explicitado por Deoclécio, as receitas levantadas com as divulgas não resultam em margem de lucro elevada, diante das despesas para realizar o evento. Além disso, se no dia chover, menos pessoas vão à divulga, podendo acarretar prejuízo para a atlética. Dessa forma, o principal ganho é a visibilidade dada ao nome da atlética e à grande festa vindoura, por meio de posts – sejam fotos ou vídeos – nas redes sociais do público da divulga (figuras 25 e 26).

Figura 25 – Post nos *stories* do Instagram de um jovem universitário que participava de uma divulga



Fonte: pesquisa netnográfica, 2019.

Figura 26 – *Post nos stories* do Instagram de um jovem universitário que participava de uma divulga



Fonte: pesquisa netnográfica, 2019.

Diante da dimensão tomada pelas redes sociais no período contemporâneo, é possível observar que o hábito de tirar fotos e fazer vídeos e postar em tempo real, expondo a própria existência, por meio de ferramentas como *stories* do Instagram, se disseminou entre jovens, especialmente aqueles que pertencem à geração *post-millennial*, ou que são *millennial-cuspers* (CODRINGTON, 2008; SEEMILLER; GRACE, 2016; FRY; PARKER, 2018; LIMA, 2020).

Quanto aos *cuspers*, Codrington (2008, p. 7-8, tradução minha) elucida:

Um *cusp* é o ponto em que duas partes de uma curva se encontram. Na teoria geracional, os *cuspers* são os sujeitos que nasceram na transição entre duas gerações, nascidos em um tempo entre duas eras e influenciados por ambas [...] há, obviamente, uma geração *cusp* entre cada uma das gerações [...] Por causa disso, os *cuspers* têm um papel importantíssimo no mundo, sendo a ponte que liga os dois lados da fronteira [geracional] que, tão frequentemente, existe.

Os universitários de Dourados são, majoritariamente, *post-millennials* e *millennials-cuspers*, por isso não é surpresa que a referida prática de postar a existência em tempo real nas redes sociais on-line, seja disseminada entre eles, constituindo um esquema de ação que envolve projetar a si próprio como sujeito que curte os rolês, e divulgar onde está e o que está fazendo naquele espaço-tempo (CODRINGTON, 2008; RUCKER; GALINSKY, 2013; BARRY et al., 2015; SEEMILLER; GRACE, 2016; RAMOS, 2017).

Sob essa perspectiva da autoexposição via redes sociais on-line, Ramos (2017, p. 77) identifica uma busca dos jovens por visibilidade social:

O desejo de revelar a outros, que estão sabendo aproveitar, com sua idade e vitalidade a “ciranda de lazer” e jogos disponíveis, quanto a certificação para

si mesmos de que estão curtindo um *plus* de oportunidades e sensações. Portanto, ainda que a moratória vital seja usufruída de modo diferenciado pelos jovens em cada estrato e classe social, o fato primordial é de ser um tempo que se gasta com o máximo de sua potencialidade corporal e energética.

Partindo de observações realizadas ao longo da pesquisa e das falas de Deoclécio, jovem universitário que integra a diretoria de uma atlética, aventou-se a possibilidade de que as divulgas sejam eventos que se apresentam como possibilidade para que estudantes de pouco poder econômico insiram-se nas festas universitárias, já que o ingresso de uma divulga é consideravelmente mais barato que o de uma grande festa.

A partir desse pressuposto, em conversas informais e entrevistas com integrantes das diretorias de atléticas, passei a abordar tal hipótese, e muitos coadunaram a linha de raciocínio proposta. Em seguida, em entrevistas com jovens universitários que não são integrantes das diretorias de atléticas passei a incluir questões sobre as divulgas. Com base nessas entrevistas, foi possível estabelecer o entendimento de que frequentar as divulgas é, concretamente, uma forma de se inserir na cultura do lazer universitário. Dessa maneira, entende-se que a condição econômica é um fator que é limitador-possibilitador da inserção em situações-espacos-tempos.

Nesse sentido, na próxima seção, apresento trecho de uma entrevista realizada com uma jovem universitária migrante, moradora da ACHU e que pouco frequenta grandes festas universitárias, mas tem como *habitus* frequentar divulgas, pois sua condição financeira não permite que frequente as grandes festas com regularidade, mas as divulgas sim.

4.5.2 A JOVEM QUE SÓ VAI ÀS DIVULGAS

Era uma tarde chuvosa⁹², quando Berenice me recebeu no conjunto de *kitnets* em que vivia na ACHU. Meses antes, por meio da rede de contatos/fontes orais estabelecida ao longo da pesquisa, eu a havia conhecido em uma divulga. Na ocasião, ela e eu conversamos sobre as divulgas, que ela frequenta assiduamente, e trocamos contatos para combinar uma entrevista. Cerca de quatro meses depois, após muitas trocas de mensagens e áudios, finalmente conseguimos arranjar data e horário convenientes para ambos. Ficou combinado que eu iria até a residência dela, às 15:00 horas, para realizar uma entrevista que iria orbitar ao redor das divulgas.

⁹² Entrevista realizada em 17 de novembro de 2019 na residência de Berenice.

Cheguei na hora combinada. Como no conjunto de *kitnets* onde Berenice morava não havia interfone, liguei para seu celular e ela logo veio abrir o portão, conduzindo-me até o interior da *kitnet*. Em cima de um colchão jogado no chão, estava um livro da saga Harry Potter, que Berenice afirmou ser a sua favorita, já tendo lido os livros da saga algumas vezes. Segundo ela, cada leitura lhe traz novas interpretações, assim, não se cansa de ler os mesmos livros repetidamente.

Berenice, 24 anos, é uma jovem universitária migrante. Oriunda do sul de Mato Grosso do Sul, vivia em Dourados há seis anos. Após terminar o ensino médio em sua cidade de origem, ela migrou para Dourados, inicialmente para trabalhar como vendedora, função que já havia exercido em sua cidade. Após dois anos dedicando-se ao trabalho, ingressou na UFGD e, na época da entrevista, estava em vias de terminar sua graduação. A seguir, trecho de entrevista com Berenice.

Pesquisador: Mas aí, quando foi que você decidiu ir só nas divulgas e parar de ir a festas?

Berenice: Foi assim, como eu já te falei, eu ia muito em festa quando cheguei em Dourados, mas aí quando comecei a estudar eu tive que escolher, porque, tipo, meu dinheiro caiu, né? Eu consegui os auxílios por ser de baixa renda, peguei PIBIC, mas minha renda diminuiu.

Pesquisador: E aí?

Berenice: Aí que eu não estava mais podendo ficar gastando 50 reais com convite de festa. E os rolês, a maioria é sexta ou sábado, aí não é tão bom. Eu estou em outra já. Esportes, não dormir muito tarde. Então, eu vou nas divulgas quando quero me divertir, olhar uns boys, dar risadas [risos].

Pesquisador: Então, você vai só às divulgas por conta do seu amadurecimento ou do dinheiro?

Berenice: Os dois [risos]. Sair da festa às seis da manhã, chamar Uber, depois acordar com ressaca, aquele rolê pesado... Tô de boa disso aí. E, claro, sendo um preço maior, aí que eu não saio de casa mesmo [risos]. É os dois, é! O momento da minha vida atual e o dinheiro. Se eu tô querendo dar uma bagunçada, eu vou em uma divulga, vou a pé pro rolê, bebo e volto cedo [risos]

Pesquisador: E o fato de as divulgas acontecerem com muita frequência aqui [ACHU], tem influência? Como você vê?

Berenice: Aqui? Como assim?

Pesquisador: Aqui, nessa área da cidade.

Berenice: Ah tá. Mas, não de me influenciar, mas de tipo, se combinei com minhas amigas e o negócio [divulga] vai ser aqui perto, aí eu vou. Se estiver ruim, eu venho embora. Se fosse longe, acho que já perderia metade da vontade de ir [risos].

Pesquisador: Então, pra ver se eu entendi: o momento atual da sua vida tá diferente porque você tá se dedicando a outras coisas, como estudos, esporte e além disso, a condição financeira deixa as divulgas mais acessíveis pra você. É isso?

Berenice: Nossa, é isso. Sim! Você resumiu. E falando de gastos, se você vai na festa *open bar*, você não vai gastar só o dinheiro do convite, você vai gastar também com o Uber, se não conseguir arrumar uma carona, aí se tiver um esquentar antes, vai mais dinheiro, depois sei lá, se eu quiser comprar uma roupa, mais dinheiro. Entende?

Pesquisador: Entendo.

Depois de ser frequentadora de grandes festas universitárias *open bar*, alguns anos atrás, quando ainda não era estudante universitária, Berenice, 24 anos, é atualmente uma jovem universitária que quase só frequenta divulgas. Ela considera as grandes festas universitárias *open bar* como “rolê pesado”. Nessa perspectiva, uma grande festa

universitária *open bar* é pesada, pois são várias horas de festa, é necessário se deslocar até o lugar da festa (fora da ACHU), além de uma possível ressaca no dia posterior.

Na atualidade, Berenice prefere “rolês mais leves”, representados pelas divulgas, pois considera conveniente o fato de grande parte das divulgas serem realizadas próximas de sua residência, o que possibilita o deslocamento a pé, o que lhe dá a liberdade de simplesmente caminhar para sua casa quando desejar. Observa-se, também, que a jovem credita parte de sua predileção pelas divulgas, pelo fato de “estar mais velha” e consciente de seus objetivos maiores, não sendo festas universitárias *open bar* uma de suas prioridades no momento.

Conforme o que foi afirmado por Berenice, a ida a uma divulga é interessante, sob a perspectiva de uma jovem universitária que não tem mais o lazer noturno como algo primordial. Dessa maneira, ir a uma divulga se apresenta a ela como uma oportunidade de se inserir na cultura do lazer universitário, sem empenhar grandes esforços. Entende-se, assim, que as divulgas são um dos elementos da cultura do lazer universitário, sendo mais valorizada por alguns jovens universitários do que as grandes festas *open bar*.

Na sequência, na seção seguinte, faço considerações sobre os plantões realizados pelas atléticas e organizações correlatas em *points* da ACHU, com intuito de comercializar ingressos de suas grandes festas. Nesses termos, busco identificar as semelhanças e diferenças entre as divulgas e os plantões.

4.6 OS PLANTÕES

Os plantões são mais simples que as divulgas. O objetivo das atléticas ou organizações correlatas em realizá-los é vender ingressos para a grande festa vindoura (LIMA, 2021). Em algum local previamente divulgado via redes sociais, é montado um *stand* de vendas simples. Na figura 27, é possível observar um plantão de vendas da festa Calourada das Agrárias. O plantão de vendas foi realizado no dia 22 de janeiro de 2020 no Bar Mattos, localizado na rua Balbina de Mattos, na ACHU.

Figura 27 – Plantão de vendas da festa Calourada das Agrárias



Fonte: pesquisa de campo, 2020.

Diferente das divulgas, nos plantões não há atrações artísticas, tampouco é cobrado ingresso, mas pode haver um galão de bebida de atlética disponível (quando o plantão é realizado fora das IES). Além disso, o horário dos plantões é limitado. No caso do plantão de vendas da festa Calourada das Agrárias, observa-se que o horário foi limitado entre as 20:30 e 23:00 (horário de fechamento do Bar Mattos)⁹³. Observa-se, também, que, como as divulgas, os plantões são comumente publicizados via redes sociais on-line, como é possível observar na figura 28.

Figura 28 – Divulgação de um plantão de vendas no Instagram



Fonte: @calouradasagrarias, 2020.

Outra diferença entre divulgas e plantões é que, enquanto as divulgas ocorrem sempre fora das dependências das IES, os plantões podem ocorrer tanto dentro quanto

⁹³ O Bar Mattos, autoproclamado *ponto de encontro do universitário* era lugar de divulgas e plantões no passado. Atualmente, porém, os proprietários somente permitem que sejam realizados plantões no local. A justificativa é que as divulgas causavam transtornos por conta de música alta e grande aglomeração de pessoas em frente ao bar. Após sanções legais, o bar chegou a ter seu alvará de funcionamento ameaçado pelo poder público. Assim, o gestor atual (terceira geração da mesma família) optou por não mais permitir divulgas no bar, todavia ainda permite que sejam realizados plantões, desde que respeitadas regras pré-estabelecidas.

fora das IES. Na figura 29, é possível observar a divulgação, via Instagram do plantão de vendas da festa *Cheerland*, realizada pela equipe de *cheerleaders* da atlética FAEN, no centro de convivência da UFGD, no dia 24 de fevereiro de 2020.

Figura 29 – Divulgação de plantão de vendas da festa *Cheerland* via Instagram



Fonte: @cheerland, 2020.

Fora das IES, os plantões de venda ocorrem, principalmente, em *points*, localizados na ACHU, e há também pontos fixos de vendas de ingressos, estabelecidos conforme acordos entre as atléticas e/ou organizações correlatas e seus parceiros. Nesses pontos de venda, os ingressos ficam à disposição dos interessados, podendo ser adquiridos com dinheiro, cartão de crédito/débito e pix. Na figura 30, é possível observar cinco pontos de venda de ingressos da festa noturna dos jogos JIAD de 2019.

Figura 30 – Pontos de vendas de ingressos da festa noturna do JIAD – 2019



Fonte: @ligadasatleticas, 2019.

Como é possível observar, há semelhanças entre as divulgas e os plantões, assim como há diferenças. As divulgas ocorrem fora das IES, enquanto os plantões ocorrem dentro e fora das IES. Nas divulgas há bebidas alcoólicas disponíveis, ao passo que nos plantões essa situação só ocorre quando são realizados fora das IES. Nas divulgas há atrações artísticas, nos plantões somente quando são realizados fora das IES.

4.6.1 INFLUENCERS, MARKETING: TRECHOS DE ENTREVISTA COM SATURNINO, UM DIRETOR DE ATLÉTICA

No processo de promoção de festas *open bar* de atléticas e organizações correlatas, existe a figura do/a *influencer*. Os/as *influencers* que participam do processo de promoção das festas são, em geral, jovens universitários que possuem vasta rede de contatos e muitos seguidores no Instagram, podendo ser considerados *influencers* na escala local, pois há alguns que possuem mais de 50 mil seguidores na citada rede social. Quanto à caracterização dos *influencers*, Simas e Souza Júnior (2018) elucidam que:

O termo influencer digital se refere àquelas pessoas que se destacam nas redes e que possuem a capacidade de mobilizar um grande número de seguidores, pautando opiniões e comportamentos e até mesmo criando conteúdos que sejam exclusivos (p. 21).

Conforme um jovem de 21 anos (que aqui será chamado de Saturnino), integrante da diretoria de uma atlética, há alguns requisitos para que haja uma parceria com o/a *influencer* no processo de promoção de alguma festa realizada pela atlética. Segue trecho de entrevista com Saturnino, na qual o jovem fala sobre o assunto⁹⁴.

Pesquisador: Saturnino, primeiramente, muitíssimo obrigado pela disponibilidade, como eu já falei antes... A partir de agora, eu vou começar a gravar, ok?
Saturnino: Beleza, Matheus! Pode começar.
Pesquisador: Gostaria que você falasse um pouco sobre essa questão dos *influencers*. Como rola o contato? Quem procura quem? Como a atlética se posiciona? Tipo, alguns têm muitos seguidores no Instagram e às vezes aparecem promovendo alguma festa nos *posts*. Você percebe isso?
Saturnino: Sim. É normal, Matheus.
Pesquisador: Mas tipo, explica isso aí... De que forma vocês decidem quem é um *influencer* com potencial ou não? Se você se sentir à vontade pra falar disso... como te disse antes, é tudo anônimo, beleza?
Saturnino: Suave.
Pesquisador: Fala aí...
Saturnino: Cara, pra ter parceria tem que ser uma guria com muitos seguidores, porque aí o tanto de pessoas que vão visualizar é maior. Na questão de divulgação é importante.
Pesquisador: Sim. Mas, muitos seguidores seriam quantos?
Saturnino: Dois mil pra cima. Já é um tanto bom.
Pesquisador: Dois mil é bastante, né?
Saturnino: Depende. Para o que nós temos em mente, que é divulgar o evento, tá ótimo! Mas já fizemos parceria com guria com nove mil.
Pesquisador: Nove mil?
Saturnino: É, muito mesmo, né? [risos]
Pesquisador: Mas, assim, uma pessoa com dois mil seguidores pode se considerar *influencer*? Não tô nem falando dessas de nove mil...
Saturnino: [risos] Matheus, eu não sei se *influencer* em nível de pessoa famosa, cara. Mas aqui, pra MS, pra Dourados, tá ótimo! Duas mil pessoas vendo propaganda do seu evento? Tá ótimo.
Pesquisador: É uma divulgação com pouco investimento?
Saturnino: Tipo, eu sou eu, né? Não quero dizer nada pelos outros! Tô falando, assim... como fala? Tipo, Matheus, na minha visão, meu ponto de vista... cada atlética faz seus esquemas, né? Mas, se liga, questão de orçamento, vai imprimir vários *banners* pra ver o preço...
Pesquisador: Custa caro?

⁹⁴ Entrevista realizada em 19 de outubro de 2021.

Saturnino: Muito caro! Tem jeito não! O cara que é dono de gráfica, as empresas de *outdoor*, eles ganham dinheiro e não é pouco.

Pesquisador: E, aí?

Saturnino: A tendência é decair cada vez mais. Hoje em dia, o esquema é redes sociais. Tipo, jornal mesmo, sabe? A tiragem deles [jornais] está cada vez menor. As pessoas se informam pela internet.

Pesquisador: Então, tipo, o Instagram e as *influencers* fazem parte disso? Do futuro? Do presente? Como você vê? Qual a importância do Instagram, Facebook, os *influencers*... Tenta falar disso um pouco.

Saturnino: Ah, cara, nós só fazemos parceria com as *gurias* que têm muito seguidor, aquelas que têm mais de dois mil seguidores. O alcance de um *stories* delas é absurdo.

Pesquisador: Aprofunda mais nesse assunto...

Saturnino: Então, tem algumas *gurias* que têm muitos seguidores! É o dia inteiro um monte de gente olhando os *posts* delas. Coloca elas pra divulgar sua festa que é sucesso, cara!

Pesquisador: Mas explica melhor.

Saturnino: É aquele negócio que falei. Cara, em questão de *marketing* é isso... A *guria* tem cinco, seis mil seguidores... Ela posta no *stories* dela, já atinge mais gente [do que] se fosse uma *publi* na imprensa. Tá ligado? É isso, cara, você consegue uma divulgação boa... Tem que ter muitos seguidores e ponto final, cara. Outro jeito não dá certo.

CAPÍTULO 5

5. RELATO DE CAMPO: DIVULGA DA FESTA NOTURNA DOS JOGOS JIAD

A noite de sexta-feira, 27 de setembro de 2019 estava quente e úmida. Após alguns dias seguidos de chuva, naquele dia não choveu e a temperatura beirava os 30°C. Para aquela noite, eu havia planejado realizar uma pesquisa de campo em uma divulga que ocorreria em um bar localizado na ACHU, próximo de onde eu morava, e chamado, na época, Bamboa Lounge Bar⁹⁵.

O objetivo era observar *in loco*, atentamente, com intuito de registrar em diário de campo as observações, estabelecer contato com sujeitos de pesquisa e fazer registros fotográficos. A ausência de chuva permitiu que a divulga, enfim fosse realizada naquela data, após vários dias chuvosos, o que havia levado ao cancelamento do evento na data original, 25 de setembro.

A distância entre o apartamento em que eu morava, na ACHU, e o Bamboa Lounge Bar era de cerca de 1 quilômetro. Diante da pouca distância, eu fiz o trajeto a pé. Vesti uma bermuda e um abadá de atlética e calcei botas. Conferi se estava com celular e carteira nos bolsos. Tudo ok? Então peguei minha caneca de atlética, preendi-a no ombro com o tirante, desci as escadas do prédio e segui a pé até o Bamboa Lounge Bar.

Quanto à divulga que ocorreu naquela noite, saliento que foi para divulgação da festa noturna dos jogos JIAD, que aconteceria em 2 de novembro de 2019, no Parque de Exposições de Dourados. A divulga estava sob responsabilidade da atlética do curso de Ciências Econômicas da UFGD, que é atlética integrante da LADDS. O nome dado ao evento foi Baile de Favela da Leãozada⁹⁶.

No que se refere à festa noturna dos jogos JIAD, é uma festa noturna que costuma mobilizar grande quantidade de jovens universitários (e não universitários), e é considerada um dos principais eventos realizado pela LADDS ao longo do ano. Por isso, antes do JIAD, ocorrem diversas divulgas, realizadas em diversos *points* do lazer noturno, localizados dentro e fora da ACHU.

Pelas redes sociais on-line, a LADDS comunicou⁹⁷, via perfil do JIAD, que durante a divulga Baile de Favela da Leãozada, seria posto à venda um lote de ingressos promocionais, antes do início das vendas de ingressos de primeiro lote. Dessa forma,

⁹⁵ Posteriormente, o bar mudaria de nome duas vezes; primeiro Tardezinha Bar e depois Tropical Bar.

⁹⁶ O nome Leãozada é uma alusão ao personagem símbolo da referida atlética, que é um leão

⁹⁷ O Baile de Favela da Leãozada foi apenas a primeira divulga da festa noturna do JIAD.

quem fosse à divulga poderia comprar ingresso para a festa noturna dos jogos JIAD por preço baixo.

Logo ao chegar próximo do Bamboa Lounge Bar, observei que havia grande quantidade de pessoas esperando a abertura do bar. Quando cheguei, cerca de meia hora antes da abertura dos portões, já havia uma grande fila que dobrava a esquina, a partir da porta do bar (figuras 31, 32, 33).

Figura 31 – Aglomeração na porta do Bamboa Lounge Bar



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Figura 32 – Aglomeração na porta do Bamboa Lounge Bar



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Figura 33 – Aglomeração na porta do Bamboa Lounge Bar



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Diante da grande quantidade de pessoas, fiz registros fotográficos e mantive conversas com jovens universitários. Durante essas pequenas conversas, eu explicava meu papel de pesquisador e pedia que os sujeitos falassem sobre a motivação para encarar a fila do Bamboa Lounge Bar naquela noite. Após algumas conversas, um jovem aceitou conceder uma entrevista via WhatsApp, no dia seguinte. Anotei o número do jovem colaborador e entrei na fila⁹⁸

Até chegar ao portão do Bamboa Lounge Bar, permaneci 30 minutos na fila, tempo em que pude observar muitos jovens universitários conversando, rindo, bebendo de latinhas ou garrafinhas, fumando cigarros e vaporizadores. Na fila, observei muitos jovens vestidos com roupas das atléticas e/ou baterias e equipes de *cheerleading* (mercadorias culturais). O acessório indispensável? A caneca presa pelo tirante e pendurada no peito transversalmente.

Em dado momento, um carro azul escuro parou e desceram quatro jovens vestidas com roupas de atlética. Sem pudor algum, ao ver o tamanho da fila, foram logo entrando no início da fila onde já estava uma conhecida delas. A atitude não foi bem vista. Pessoas na fila manifestaram descontentamento de forma veemente, seguiu-se uma discussão com troca de palavras de baixo-calão, encerrada com as “fura-fila” indo para o fim da fila após um dos seguranças intervir na situação.

Na portaria do bar, havia seguranças, que me revistaram e permitiram que eu seguisse. Ao entrar no Bamboa Lounge Bar, a pessoa podia comprar ingresso do lote

⁹⁸ O universitário de 20 anos, matriculado na UEMS, afirmou que o único motivo para sair de sua casa localizada na ACHU, naquele 27 de setembro de 2019, foi para “comprar o ingresso suave” e aí “dar uma passada no rolê”, mas “vale a pena, porque, mano, as festas da liga são sempre as mais arrumadas, vale uma saída do nada”.

promocional da festa noturna do JIAD e curtir uma festa menor, quase *open bar*, já que embora não tivesse múltiplas opções de bebidas, era possível consumir à vontade as bebidas de atlética disponíveis.

Geralmente, em grandes festas universitárias *open bar* e divulgas, não é permitido retornar ao espaço após sair. Se o sujeito sair, não entra mais. No Baile de Favela da Leãozada foi diferente. Quem entrasse podia sair e entrar novamente no bar. Como forma de controle de acesso, todos tínhamos os pulsos carimbados por um segurança. O carimbo no pulso (Figura 34) era o “passaporte” para entrar e sair do bar quantas vezes a pessoa desejasse.

Figura 34 – Carimbo utilizado como passaporte no Baile de Favela da Leãozada



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Tive meu pulso direito carimbado e me dirigi ao canto em que estavam dispostos os galões com as bebidas de atlética. No que se refere às bebidas disponíveis livremente para os participantes da divulga, havia 60 litros de Afrodite (bebida oficial da atlética do curso de História da UFGD), 60 litros de Deflação (bebida oficial da atlética do curso de Ciências Econômicas da UFGD), 60 litros de Tróia (bebida oficial da atlética dos cursos de Computação da UFGD-UEMS⁹⁹) e ainda 100 litros da bebida Laddscordia (bebida oficial da LADDS), que organiza o JIAD. No total, havia 280 litros de bebidas liberadas (Figura 35).

⁹⁹ Os cursos de Computação da UFGD e da UEMS formam uma atlética conjunta.

Figura 35 – Bebidas disponíveis na divulga do JIAD 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Testemunhei, ao longo da noite, muitos jovens se servindo das bebidas de atlética, mas, desde o início, observei que o bar do Bamboa Lounge Bar tinha concentração de pessoas buscando comprar outras bebidas alcoólicas, que não fossem as bebidas gratuitas de atlética. No bar, eram vendidas três latas de cerveja Antarctica por 10 reais. Havia outras bebidas destiladas, como whisky e vodka, mas ficou evidente que a bebida mais consumida era a cerveja. No bar, era possível, também, alugar narguilés, ao valor de 30 reais, para fumar a noite toda (Figura 36).

Figura 36 – Jovens fumam narguilé na divulga



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Em relação à atração artística, havia um DJ que tocava diferentes vertentes do *funk*, especialmente, a vertente *funk* 150 bpm¹⁰⁰. Neste sentido, deve ser destacada a

¹⁰⁰ Vertente do *funk* que se popularizou a partir de 2017. É caracterizada por batidas mais rápidas que as do “pancadão tradicional” (NOVAES, 2022).

popularidade de vertentes do *funk* contemporâneo entre jovens universitários em seus momentos de lazer, afinal o *funk* é aquilo que Lahire (2006) chama de “música de festa”.

Em meados da década de 2010, a vertente *funk* ostentação era a de maior destaque no *funk*, e artistas que seguiam essa vertente, como MC Rodolfinho e MC Lon, tinham suas músicas tocadas/remixadas por DJs em festas universitárias. Além disso, era comum que grandes festas tivessem esses artistas como atrações. Houve, na mesma época, um *revival* da carreira de artistas como Bonde do Tigrão e Os Hawaianos, que foram ressignificados culturalmente, tornando-se artistas *cult*, com agendas recheadas por festas universitárias. Em 2023, observa-se que o *funk* e suas vertentes continuam populares em festas universitárias e, dificilmente, alguém presente em uma festa universitária chegará e irá embora sem ouvir alguma música do gênero.

Enquanto o DJ tocava, muitos jovens dançavam os sucessos do *funk*. A iluminação deixava o espaço com maior ambiência festiva. Pessoas chegavam a todo momento e, às 23:00 horas, o Bamboa Lounge Bar estava lotado (Figuras 37 e 38).

Figura 37 – Jovens universitários na divulga Baile de Favela da Leãozada, 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Figura 38 – Jovens universitários na divulga Baile de Favela da Leãozada, 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

A todo momento, chegavam pessoas ao Baile de Favela da Leãozada. Ocorria aglomeração e era difícil andar com tanta gente. Nas áreas descobertas do bar, muitos jovens fumavam narguilés alugados, passando as mangueiras de um para outro e soltando nuvens de fumaça¹⁰¹. Alguns se divertiam/exibiam fazendo truques como soltar a fumaça em formas geométricas diversas.

No lado de dentro do bar, o calor era forte. Lá dentro havia duas mesas de sinuca (Figura 39) onde poucos jovens se divertiram ao longo da noite (a ficha custava 2 reais). Observei, também, que o espaço onde estavam as mesas de sinuca atraía casais que trocavam beijos calorosos. Dessa forma, diante da falta de pessoas querendo jogar sinuca, o espaço adquiriu outra característica/função.

Figura 39 – Mesas de sinuca no Bamboa Lounge Bar



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

¹⁰¹ Observa-se que, em Dourados, o uso do narguilé é bastante disseminado não só em plantões e divulgas, mas também em estabelecimentos próprios para este fim – *os hookah bars* – como o Bamboa Lounge Bar.

Ao mesmo tempo, o som seguia alto. No espaço onde estavam as mesas de sinuca, o som era mais baixo. Dessa forma, fui três vezes àquele espaço para gravar áudios sobre observações que estava fazendo. Em uma dessas andanças pelo bar, encontrei Ebenézer, jovem estudante da UFGD que se tornara amigo e que sempre foi uma fonte oral importante para a pesquisa. Ebenézer e eu nos cumprimentamos. Havia algumas semanas que não nos víamos, tínhamos muito a conversar.

Enquanto Ebenézer e eu conversávamos, surgiram Marla, colega de casa de Ebenézer, e uma amiga dela, Valdirene. Elas bebiam o *drink* Laddscórdia, mas reclamaram que estava um pouco quente. Pediram para Ebenézer e eu olharmos se havia gelo disponível perto dos galões das bebidas de atlética. Como Ebenézer e eu estávamos de copo vazio, fomos até os galões reabastecer. Chegando lá, servimo-nos e vimos que havia gelo disponível em *coolers* (Figura 40).

Figura 40 – Coolers com gelo para os participantes na divulga Baile de Favela da Leãozada



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Retornamos ao local em que estavam Marla e Valdirene e informamos que havia gelo. As duas, que estavam com as bebidas quentes, foram logo ao local onde estavam os *coolers* com gelo para se servirem. Em entrevista realizada em outra data, Marla afirmou que “essas bebidas são todas parecidas, se tá quente não tem como beber, só doido pra beber [risos], mas se estiver bem geladinha, aí fica uma delícia, você vai tomando que nem percebe”.

Ao longo da divulga, continuei próximo de Ebenézer, Marla, Valdirene e outros jovens universitários conhecidos deles. Pouco a pouco, as pessoas começaram a ir embora. Por volta da meia-noite e meia, o local começou a ficar vazio. Valdirene, posteriormente, concedeu-me entrevista, conforme combinamos naquela noite, na qual tratou, sobretudo, de sua experiência como estudante pendular, e como aprecia festas

universitárias *open bar*, que não existem em sua cidade, localizada próxima de Dourados. Além de Valdirene, conheci um jovem, migrante, chamado Riquelme, 21 anos, que mora na ACHU e aprecia festas universitárias. O jovem, assim como Valdirene, concedeu entrevista em data posterior e falou de sua experiência universitária, principalmente no que tange às festas universitárias.

Após o contato inicial com Riquelme, no Baile de Favela da Leãozada, entrei em contato pelo WhatsApp e combinamos uma entrevista por videochamada. O jovem universitário migrante, de poder econômico médio, morador da ACHU, expôs suas razões para morar na ACHU, e elencou fatores que considera positivos. Falou também sobre festas universitárias. O conteúdo da entrevista é semelhante ao de outras que foram realizadas com jovens universitários moradores da ACHU. A escolha pelos trechos expostos a seguir, se deve a dois fatos: 1) o jovem, 21 anos, já morou em quatro lugares diferentes localizados na ACHU, desde que migrou para Dourados para estudar; 2) o jovem é assíduo em festas universitárias.

5.1 RIQUELME, HABITANTE DE LONGA DATA DA ACHU

Pesquisador: Riquelme, me conta, você morou em quantos lugares aqui em Dourados?

Riquelme: Matheus, que eu morei, que paguei aluguel foram três.

Pesquisador: E onde eram esses lugares que você morou? Que pagou aluguel?

Riquelme: O primeiro lugar foi numa *kitnet* na rua Iguassu, perto da BIG [conveniência], mas era muito ruim lá. Eu achei legal quando olhei, depois morando foi ficando ruim, era uma divisão bizarra a *kit* e era apertada e muito quente. Eu morava sozinho lá.

Pesquisador: É uma que tem um mezanino para colocar a cama? Por cima da cozinha? [a *kitnet*]

Riquelme: Nossa, lá mesmo, o nome acho que é [nome omitido] [risos]. Como você sabe?

Pesquisador: Eu olhei aquele imóvel quando fui me mudar para cá. Achei esquisito também [risos]. E aí, depois, para onde você foi?

Riquelme: Lá, aquele negócio bizarro era por imobiliária, né? A [nome da imobiliária omitido]. Você olhou por lá também?

Pesquisador: [risos] foi por lá mesmo.

Riquelme: [risos] Nossa! Aí, esperei dar um ano de contrato e entreguei. Aí eu mudei em um apartamento com um cara da FADIR [faculdade da UFGD] que já estava no último semestre. Aí já estava mobiliado, aí vendi minhas coisas e só entrei com a minha cama. Mas aí quando ele foi sair eu não consegui ninguém para colocar no lugar, aí saí.

Pesquisador: E onde era o apartamento?

Riquelme: Era perto da APAE, da UNIGRAN, aí como eu só tinha a cama, porque vendi as outras coisas antes de mudar pra lá, aí fui pra casa de um amigo por um tempo, que já era casa montada. Aí mudei nessa que estou agora, perto do Álvaro Espetos.

Pesquisador: E aí? Nesse lugar está bom?

Riquelme: Sim [risos]. Tá ótimo, o preço do aluguel, o lugar, né?

Pesquisador: O que tem o lugar? É bom? Pensaria em se mudar?

Riquelme: O lugar é bom, porque é perto de tudo. Tem farmácia, padaria, conveniência, fica perto do [bar] Mattos, do Parque dos Ipês, se quiser ir, do Parque do Lago é perto. A localização é ótima e o preço tá dentro do meu orçamento, né? Que é o principal, também, né? Mas mudar daqui eu não acho que seria bom, não!

Pesquisador: Entendi. Você só morou nessa área. Você diria que é uma área boa para morar? Digo, como um cara que veio de fora. O que você pensa?

Riquelme: Sem dúvida, né cara. Aqui é melhor, é a melhor região de Dourados pra quem é estudante que vem de fora, sabe?

Pesquisador: Entendi. Você consegue ir a pé para os lugares, né?

Riquelme: É. Eu faço tudo a pé.

Pesquisador: Cara, e quanto às festas das atléticas, divulgas, você vai com frequência?

Riquelme: Cara, eu tô sempre envolvido aí nos rolês [risos]. Eu saio direto.

Pesquisador: E antes de morar em Dourados, antes de entrar na faculdade, lá na sua cidade, você saia direto?

Riquelme: Saia na cidade do lado, porque minha cidade é muito pequena, aí tem que ir em [nome omitido] que é 15 quilômetros [de distância]. Na minha cidade mesmo, não tem nada de rolê.

Pesquisador: Entendi. Você saia na cidade próxima da sua, porque na sua não tinha rolê.

Riquelme: Isso.

Pesquisador: E era mais fácil para sair lá ou aqui em Dourados?

Riquelme: Ah cara, aqui, né. Sem comparação. Aqui é tipo o que fazia lá, lá eu ia dar rolê em [nome da cidade omitido] e aqui o pessoal dessas cidades perto vêm tudo dar rolê aqui.

Pesquisador: A dinâmica é similar, realmente. Mas e aí, aqui em Dourados você sai mais que lá?

Riquelme: Muito mais. Aqui, olha só, o negócio de festa universitária, é algo tão, assim, grande, que você tá fazendo sua pesquisa sobre isso. Em Dourados, esse negócio de festa universitária é diferente, não é todo lugar que têm esses rolês.

Pesquisador: Na sua cidade e na cidade próxima que você saia, tinha esse tipo de rolê?

Riquelme: Não, por isso que tô falando. Lá em [nome da cidade omitido] tem faculdade, aí tem umas festas lá, mas são poucas. Aqui é direto. É coisa de cidade que têm muito universitário, muita faculdade. Outras cidades não têm isso.

Pesquisador: Diante disso que você está dizendo, eu chego a pensar que quem mora em Dourados tem acesso a essa forma de lazer e quem mora em outras cidades não.

Riquelme: Cara, cada lugar tem um tipo de rolê, aqui é festa universitária que domina.

Pesquisador: Cara, interessante. Mas, aí, eu gostaria de saber o seguinte, você já recebeu alguma visita, tipo um amigo lá da sua cidade e levou ele para um rolê aqui?

Riquelme: Ah sim, já. Meu primo veio aqui duas vezes e as duas nós fomos para festas. Aí ele saiu de lá também [a cidade de origem] e tá fazendo facu em [nome da cidade omitido], aí por lá ele sai direto para as festas de *facu*. Mas, olha cara, igual aqui em Dourados não tem.

Conforme o relato de Riquelme, ele considera bom morar na ACHU e já morou em três lugares diferentes na área. Segundo o jovem universitário migrante, a localização é “ótima” devido ao fácil acesso a serviços e comércio, e à facilidade de acesso a opções públicas de lazer, como o Parque do Lago e o Parque dos Ipês, que costuma frequentar. Além disso, Riquelme deixa expresso que em sua cidade de origem não há rolês, o que leva os jovens a procurar opções de lazer noturno em uma cidade média localizada a pouca distância e que identifica dinâmica similar em Dourados, para onde jovens moradores de cidades próximas se deslocam em busca de lazer noturno, assim como faz Valdirene.

5.2 VALDIRENE, A ESTUDANTE PENDULAR QUE GOSTA DE DAR ROLÊ EM DOURADOS

Valdirene, tem 20 anos e gosta muito de ir a festas universitárias *open bar* e a divulgas. Moradora de uma cidade próxima a Dourados, ela é uma estudante pendular e faz o trajeto da cidade, onde vive com sua família, por meio de um ônibus disponibilizado pelo poder público municipal. Valdirene conta que foi criada em ambiente rural, que “até os 13 anos morava na fazenda”, quando sua família se mudou para a área urbana do

município. Foi possível observar que Valdirene aprecia bastante a cultura do lazer universitário, que conheceu ao ingressar na UFGD e fazer amizade com Marla. Questionada sobre sua relação com festas universitárias, Valdirene afirmou: “Vixe! Apareceu alguma festa eu já fico na orelha da Marla falando para a gente comprar ingresso logo”.

Conforme Valdirene, os laços de amizade criados com Marla foram responsáveis por lhe apresentar a um “novo mundo”, pois, até então, “ouvia alguma menina mais velha falar que tinha as festas, aí eu não via a hora de ter idade, ir pra faculdade e nas festas”. No primeiro semestre de sua graduação, logo ao ingressar no ensino superior, Valdirene não foi a nenhuma festa universitária *open bar*. Depois de algum tempo, após estreitar laços com Marla, passou a frequentar esse tipo de festa em sua companhia. A partir daí, tornou-se comum que Valdirene passasse finais de semana na casa de Marla, quando ambas vão a alguma festa.

De acordo com Valdirene, ela aproveita suas estadias em Dourados para, em suas palavras, “ter mais liberdade”, “sair da casinha”, o que envolve ir a festas, consumir bebidas alcoólicas, manter relacionamentos casuais, ser sexualmente ativa, isso é, ter comportamentos juvenis que são favorecidos pela cidade. Sendo impossível “ter mais liberdade” e “sair da casinha” na cidade em que mora com a família.

Segundo Valdirene, recentemente, um vídeo postado por ela nos *stories* do Instagram, no qual rebolava ao som do *funk* com a legenda “Saudade de rebolar a raba em um *open bar*” havia causado polêmica. O vídeo causou comentários depreciativos em sua cidade, o que a levou a alterar as configurações de privacidade de seu Instagram, para que somente pessoas selecionadas pudessem ver seus *stories*.

Dessa maneira, observa-se, que “dar rolê” em Dourados é uma situação que exerce papel significativo no processo de vivência juvenil de Valdirene; é um “salvo-conduto” espaço-temporal, um lapso para a transgressão. Fora do alcance dos olhos de seus familiares e da *tight-community*¹⁰² da qual faz parte e que é propensa a fofoca, Valdirene, sente-se à vontade para “curtir”, sem preocupação com comentários depreciativos alheios¹⁰³.

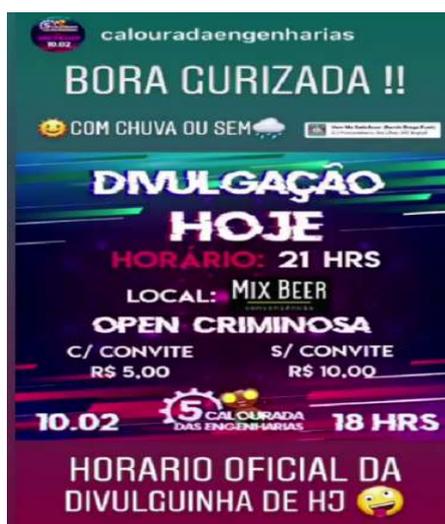
¹⁰² Comunidade coesa, conforme Elias e Scotson, 1997.

¹⁰³ Em data posterior, foi realizada entrevista com Valdirene. Dessa entrevista, originaram as informações expostas. Na divulga, apenas foi estabelecido o contato inicial.

5.3 RELATO DE CAMPO: DIVULGA DA FESTA CALOURADA DAS ENGENHARIAS

Era 31 de janeiro de 2020, sexta-feira. Há pouco tempo havia chovido e a temperatura estava agradável. Naquela noite, eu realizaria uma pesquisa de campo, na Mix Beer Bar e Conveniência, localizada na ACHU, onde ocorreria a divulga da festa Calourada das Engenharias da atlética FAEN (Figura 41)

Figura 41 – Post no Instagram da Calourada das Engenharias



Fonte: @calouradaengenharias, 2020.

Em contato com integrante da atlética FAEN, soube que a divulga “vai começar a torar umas nove horas”, ou seja, a divulga começaria a encher às 21:00 horas. Dessa forma, optei por sair para a pesquisa de campo mais tarde do que havia planejado. Em vez de sair às as 19:00, sairia um pouco depois. Fiz pesquisa netnográfica, alimentei-me, banhei-me e preparei-me para sair de casa. Vesti-me com um abadá de atlética, peguei minha caneca da atlética da UNESP – Presidente Prudente, conferi se estava com carteira e *smartphone* nos bolsos e parti.

A Mix Beer Bar e Conveniência, localizada na ACHU, ficava a cerca de um quilômetro do apartamento em que eu morava, por isso fui até o local caminhando. Quando cheguei lá (Figura 42), o relógio marcava 20:50. Não havia fila para entrar. Cheguei, fui protocolarmente revistado por um segurança e entrei no espaço da festa, que ocorreu em um grande terreno anexo, ao lado do prédio da loja de conveniência.

Figura 42 – Fachada da Mix Beer Conveniência



Fonte: pesquisa de campo, 2020.

Naquele horário, não havia muitas pessoas presentes, mas logo depois começaram a chegar várias pessoas, corroborando aquilo afirmado pelo integrante da atlética FAEN, de que o movimento ocorreria a partir das 21:00 horas. Nas figuras 43 e 44, observa-se o local da divulga, quando cheguei, e depois de uma hora, já lotado.

Figura 43 – Local da divulga da Calourada das Engenharias, vazio



Fonte: pesquisa de campo, 2020.

Figura 44 – Local da divulga da Calourada das Engenharias, cheio



Fonte: pesquisa de campo, 2020.

A bebida disponibilizada livremente na divulga tinha o nome de Criminosa¹⁰⁴. A bebida de cor rosa era armazenada em galões de 100 litros e, segundo um dos integrantes da atlética FAEN, não havia possibilidade de faltar bebida, pois havia um grande estoque de ingredientes para preparar mais e mais galões.

Em relação ao gelo, a bebida já era preparada com grande quantidade, então não havia gelo disponível em um *cooler* ao lado, como havia sido observado na divulga da festa noturna do JIAD (Baile de Favela da Leãozada). Em relação à música, o DJ (Figura 45) tocava repertório similar: o *funk* em suas vertentes contemporâneas: 120, 150, 180 bpm.

Figura 45 – DJ tocando em divulga da Calourada das Engenharias



Fonte: pesquisa de campo, 2020.

¹⁰⁴ A bebida Criminosa é a bebida oficial da atlética do curso de Direito da UFGD. Naquela noite, a atlética FAEN, que realizava a divulga, fez uma parceria com a atlética do curso de Direito, que ficou responsável pela bebida.

Naquela noite, havia previsão de chuva, mas não choveu. À medida que a noite seguia e a chuva não caía, mais gente chegava. Por volta das 23:00 horas, o espaço estava lotado de jovens com seus copos de Criminosa nas mãos. Os estudantes dos cursos de Engenharia eram facilmente identificáveis (Figura 46), em razão das siglas ENG, UF, UFGD, FAEN ou das palavras calouro e bixo, escritas em seus corpos.

Figura 46 – Calouro de curso de Engenharia durante divulga da festa Calourada das Engenharias



Fonte: pesquisa netnográfica, 2020.

Na andança pela noite, conheci um integrante da atlética responsável pela divulga que ficou curioso ao me ver tirando fotos. Estabelecemos contato, expliquei a pesquisa que estava realizando e perguntei-lhe se poderia conceder-me uma entrevista. O jovem foi muito receptivo, trocamos contatos e ele me concedeu uma breve entrevista em data posterior¹⁰⁵, na qual tratamos da pintura corporal dos universitários ingressantes.

Pesquisador: Cara, como é esse negócio de pintar os calouros?

Integrante da diretoria da atlética FAEN: Ah, todo mundo se pinta, entra na brincadeira. Não fazemos, nem apoiamos nada que seja abusivo. Alguns se pintam com as nossas cores (Figura 47), outros passam batom no corpo inteiro. Já teve guri que se pintou inteiro de verde e foi de cueca no rolê. É assim mesmo. Todo ano aparece umas figuras [risos]. Mas é normal.

Pesquisador: É uma tradição, então?

Integrante da diretoria da atlética FAEN: É, tipo a gente [veteranos] também se pinta quando dá vontade. Os que tão chegando agora [calouros] entram na onda junto. Se pintam inteiros, vem no primeiro rolê universitário da vida, às vezes fica loução, dá PT [fica embriagado], mas depois toma um banho, sara e tira tudo as tintas [risos].

¹⁰⁵ Entrevista realizada em 02 de fevereiro de 2020.

Figura 47 – Calouro de curso de Engenharia com o corpo pintado durante evento da Atlético FAEN



Fonte: pesquisa netnográfica, 2023.

Segui andando pela divulga, observando e gravando áudios em meu *smartphone*. O local, antes fresco, havia se tornado quente e úmido, devido à aglomeração de pessoas. Ainda assim, era possível estender a visão. De longe, avistei um grupo de moças e rapazes com trajes semelhantes, com o nome Hedionda estampado. De acordo com minhas experiências anteriores, aqueles trajes remeteriam a uma atlética ou a uma bateria universitária. Após alguns minutos gastos para atravessar a aglomeração, aproximei-me deles, apresentei-me para um dos rapazes e perguntei sobre os trajes do grupo, se eram de uma atlética ou uma bateria. O universitário respondeu-me que o grupo era de estudantes do curso de Direito da UFGD e que os trajes representam a atlética do curso e a bateria, ambas de nome Hedionda. Eles eram todos “hedionders”, nome dado aos integrantes, associados e fãs da Hedionda (Figura 48).

Perguntei ao jovem se havia alguma parceria entre a atlética do curso de Direito e a atlética FAEN, tendo em vista a presença da bebida Criminosa (bebida oficial da atlética do curso de Direito) na divulga. O jovem contou-me que sim, e que essas parcerias são esporádicas e acontecem de tempos em tempos. É o que ele chamou de “parcerias pontuais”, que ocorrem na realização de algum evento, ou fornecimento de bebidas de atlética. Conforme nos contou, um outro integrante da atlética de Direito ficou responsável por supervisionar o preparo da bebida Criminosa, que estava sendo servida aos participantes da divulga e os ingredientes foram financiados pela atlética FAEN.

Figura 48 – Integrantes da atlética do curso de Direito da UFGD (Hedionda)



Fonte: @atleticadireitoufgd

Ouvindo nossa conversa, uma jovem de 19 anos que estava no grupo se juntou a nós na conversa, discorrendo, com entusiasmo, sobre seu envolvimento com todas as atividades da Hedionda: a atlética, a bateria, e a equipe de *cheerleaders*. Trocamos números de celular, eu, o rapaz e a moça, combinamos que eu entraria em contato para tentarmos marcar uma entrevista. Havia conseguido fontes para a pesquisa, mas ainda havia mais a ser observado.

Andando pela divulga, avistei de longe três rapazes. Eles usavam agasalhos (embora fizesse calor), meias na canela e tênis Nike e Mizuno, além de correntes grossas no pescoço, e tinham cortes de cabelos com partes descoloridas e riscos e desenhos nas laterais feitos com navalha. De longe, pude notar que, provavelmente, não eram estudantes de alguma IES, todavia achar não é ter certeza. Era preciso investigar para não fazer julgamentos equivocados.

Lá fui eu falar com os rapazes. Embora não seja de meu feitio utilizar certo palavreado em meu cotidiano, no âmbito da pesquisa de campo, é necessário dialogar de acordo com o palavreado do sujeito de pesquisa. O pesquisador deve se colocar em condição de igualdade, pois tal atitude deixa os sujeitos de pesquisa mais confortáveis.

Cheguei já estendendo a mão e lançando um “E aí, suave? Tá suave trocar uma ideia aí?” Diante da sinalização positiva, passei a explicar que estava “fazendo um trampo para a faculdade” que consistia em pesquisar “os rolês dos alunos das faculdades”, que já havia realizado pesquisa sobre o *funk* e que agora fazia outra pesquisa. Os jovens, que bebiam canecas de Criminosa, ouviam atentamente minha explicação. Após alguns minutos conversando, eles consentiram em colaborar com a pesquisa, porém se recusaram a tirar foto.

Perguntei o que os atraía a rolês como aquela divulga e se tinham como hábito frequentá-las. Segundo os rapazes, de 19, 20 e 22 anos, ir às divulgas é uma oportunidade de se inserir em um contexto espacial diferente, gastando pouco dinheiro. É a chance de “ver umas meninas diferentes”, “beber sem gastar muito”, pois na “quebrada é diferente”. Nessa perspectiva, o discurso externaliza que a vantagem em frequentar divulgas é a de se inserir em um contexto socioespacial diferente, enquanto sociabiliza e goza do lazer noturno.

Ao dizer que “na quebrada é diferente”, o jovem elenca algumas características, que mostram como a inserção em diferentes espaços proporciona diferentes experiências no plano da sociabilidade e do lazer (SIMMEL, 1983; DAYRELL, 2005; TURRA NETO, 2008). O diferente chama-lhes atenção, causa-lhes curiosidade juvenil: rolê diferente, meninas diferentes, bebidas diferentes. Segundo o jovem, porém, não é fácil “desenrolar uma ideia com essas minas aqui, né mano?”.

Segundo ele, há diferença no tratamento entre universitários e não universitários em divulgas, pois os jovens não universitários são facilmente identificáveis por aqueles que o são, todavia ele conta que, em divulgas, já “ficou” com jovens universitárias, situação que, em sua concepção, é uma coisa positiva, diante da dificuldade que eles têm “de trocar ideia com elas”.

Assim, ir a uma divulga é a oportunidade de se inserir em um contexto socioespacial diferente daquele no qual vivem cotidianamente, gastando pouco dinheiro, já que na divulga há bebidas de atlética disponíveis. E sobre “trocar ideia” com umas meninas diferentes, entendo isso como um anseio por sociabilizar, por se integrar, apropriando-se de um espaço, que lhe é estranho, mas que passa a lhe pertencer, pois é onde está presente a forma de sociabilidade e lazer noturno que deseja acessar, e onde pode exercer sua territorialidade (SIMMEL, 1983; WEIDMAN, 1989; DAYRELL, 2005; TURRA NETO, 2008; RAMOS, 2017).

Perguntei-lhes sobre suas escolaridades. Os três jovens responderam ter o ensino médio completo, mas sem planos de cursar o ensino superior. Os três trabalhavam (não faziam, na época, parte das estatísticas de desempregados no Brasil). Um deles, todavia, provavelmente se viu desempregado alguns meses depois de nosso encontro, afinal o hipermercado no qual trabalhava acabou por fechar as portas no fim de 2020. Os outros dois rapazes afirmaram que trabalhavam juntos em uma oficina mecânica. Após cerca de vinte minutos de conversa, agradei aos rapazes pela atenção dispensada, despedi-me e afastei-me.

O relógio já marcava quase meia-noite. Já pensava em ir embora, pois muita gente já deixava a divulga. Até aquele momento, considerava ter realizado um trabalho de campo produtivo, frutífero, mas ainda não era a hora. Duas pessoas chamaram a atenção, abortei a missão de ir embora. E o porquê? Tamara e Sajida.

5.4 TAMARA E SAJIDA: 18 ANOS RECÉM COMPLETOS

A divulga estava esvaziando, já era possível andar entre as pessoas e ver mais longe. De longe, novamente, avistei duas jovens com feições especialmente jovens naquela multidão de jovens. Suspeitei que tivessem 18 anos recém completos, o que logo se confirmaria. Mas, para saber mais sobre aquelas jovens, eu teria que falar com elas, não é? Caminhei até o outro lado, onde as duas estavam. Aproximei-me e expliquei que estava fazendo uma pesquisa. Tamara e Sajida, confirmaram: haviam completado 18 anos nos últimos meses, e foram bem receptivas.

Conforme esclareceram, ambas moraram a vida toda em Dourados e aquela divulga era a primeira a que iam. Já quanto às festas, a primeira festa universitária *open bar* de suas vidas seria a Calourada das Engenharias, justamente a festa que era o motivo daquela divulga. Conforme as jovens, elas tinham muita curiosidade de saber como eram “festas de faculdade”, compartilhavam do desejo de experimentar uma forma de lazer diferente das que haviam experimentado até então.

Quando me disseram que a primeira “festa de faculdade” a que pretendiam ir era a Calourada das Engenharias, perguntei-lhes sobre a festa noturna do último JIAD (2019), se não foram por desinteresse ou por não terem idade suficiente para acessar o local. A resposta foi a seguinte: ambas já haviam completado 18 anos na época, 2 de novembro de 2019 e queriam muito ir à festa, entretanto, ambas iriam realizar a prova do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) no dia seguinte, apenas algumas poucas horas depois do fim da referida festa. Por esse motivo não foram à festa, deixando suas estreias em “festas de faculdade” para 2020.

As duas jovens eram bastante falantes e receptivas, o que favoreceu o fluxo de nossa conversa. Eu me interessava por aquilo que elas tinham a dizer, e elas tinham interesse em responder aquilo que eu perguntava. Perguntei-lhes sobre qual curso pretendiam cursar no ensino superior. Sajida revelou que era caloura de um curso da UFGD e que havia sido aprovada na primeira lista, o que deixou seus pais bastante contentes e orgulhosos. Suas aulas ainda não haviam iniciado, mas ela estava bastante animada e um pouco receosa da nova rotina de estudante universitária.

Tamara, por outro lado, não obteve o que Bourdieu (1985) e Lahire (2006) apontam como sucesso acadêmico atrelado ao capital cultural: sucesso acadêmico alcançado via pertencimento a uma classe social média-alta, que possibilita, via dinheiro, acesso dos filhos à educação formal de qualidade, institucionalizada e permeada por relações de privilégio e distinção social (BOURDIEU, 1985; LAHIRE, 2006; BONAMINO et al., 2010).

A noção de capital cultural surge da necessidade de compreender as desigualdades de desempenho escolar dos indivíduos oriundos de diferentes grupos sociais. O grau de investimento na carreira escolar está vinculado ao retorno provável que se pode obter com o título escolar, notadamente no mercado de trabalho (BONAMINO et al., 2010, p. 491-492).

Embora pertença à mesma classe social de Sajida, ambas tenham estudado na mesma escola privada¹⁰⁶, logo, tenham tido acesso ao mesmo “capital cultural institucionalizado”¹⁰⁷, Tamara não havia sido chamada até o momento em nenhuma lista dos cursos para os quais havia se candidatado. Ainda, conforme contou, se não fosse chamada, planejava cursar seis meses de um cursinho pré-vestibular específico para o curso que desejava, talvez em Campo Grande, ou Presidente Prudente/SP, para, então, tentar novamente ingressar no curso que desejava¹⁰⁸ em 2021.

As jovens contaram que se conheceram na infância, na escola, espaço apontado por Bourdieu (1985) e Lahire (2006) como um dos primeiros espaços de sociabilidade da vida fora do seio familiar, espaço que permite ao sujeito, um garotinho ou garotinha, de seis anos de idade, ter as suas primeiras interações em um ambiente institucionalizado, onde passa a adquirir conhecimento formal e também a desenvolver habilidades sociais, passando a formar suas próprias redes de sociabilidade com outros sujeitos da mesma faixa etária (SIMMEL, 1983; BOURDIEU, 1985).

Embora convivessem diariamente desde os seis anos de idade, Tamara e Sajida mantiveram, durante anos, um coleguismo superficial, conforme ambas afirmaram. De acordo com Tamara, a aproximação com Sajida ocorreu quando a família de Sajida se mudou para o condomínio de alto padrão, onde Tamara já morava com os pais e a irmã mais nova, na zona norte de Dourados. O fato de passarem a habitar no mesmo

¹⁰⁶ Em 2020, na época da pesquisa de campo, o valor da mensalidade da referida escola era de aproximadamente um salário mínimo e meio.

¹⁰⁷ BOURDIEU (1985).

¹⁰⁸ Não sabíamos que a pandemia de COVID-19 iria se instalar, muito em breve, depois daquele dia. Posteriormente, reencontraria Tamara, na Calourada das Engenharías.

condomínio significou, nesse caso, uma aproximação não apenas das duas jovens, mas também de seus familiares diretos, pais e irmãos, que se frequentam constantemente.

Não revelarei o nome do condomínio em que as jovens moram, nem as profissões de seus pais, tampouco em qual escola cursaram o ensino médio, todavia, diante dos preços dos imóveis no condomínio onde vivem, da colocação profissional de seus pais e da escola (tradicional escola privada de Dourados) onde estudaram, ficou evidente que ambas são jovens de classe média-alta, e têm *habitus* de jovens de classe média-alta.

Tamara e Sajida relataram experiências que tiveram, tipicamente de classe média-alta, algumas das quais foram compartilhadas no mesmo espaço-tempo devido à proximidade de suas famílias¹⁰⁹. Perguntei-lhes sobre viagens, e tanto Tamara, quanto Sajida afirmaram ter o hábito de passar férias, ou “feriadões” em destinos turísticos fora do estado com suas famílias, sempre partindo de avião de Dourados ou Campo Grande. Outras vezes viajam para destinos turísticos mais próximos, como Bonito/MS, ou para Porto Rico/PR, onde os pais de Tamara possuem um imóvel às margens do Rio Paraná.

Tamara, a mais falante das duas amigas, contou, animadamente, sobre uma viagem em família para o Oriente Médio. Contou sobre os camelos que viu e montou, contou sobre aspectos culturais que percebeu. Logo em seguida, porém, confessou que se sentia oprimida em viagens em família, pois as atividades que fazem são todos juntos, o que a entedia um pouco. Agora, com 18 anos, pensava em viajar sozinha com amigos, o que disse esperar que não demorasse muito. Sajida, por outro lado, salientou que valorizava muito tais viagens em família, e que os momentos compartilhados a deixavam muito feliz.

Já passava um pouco da meia-noite, quando Sajida disse que o pai dela iria buscá-las de carro no horário combinado: meia-noite e meia. Àquela hora, as jovens tinham pouco tempo restante de festa para curtir. Deixei-as e me despedi, mas antes fiz a última pergunta: “Vocês não dirigem?”. Sajida disse que ia começar as aulas teóricas de direção em breve; Tamara afirmou, rindo, que, só após ingressar em alguma IES seus pais lhe pagariam a CNH. Já fora das dependências do recinto gravei o áudio relato (diário de campo) sobre a exploração recém realizada e fui para casa.

¹⁰⁹ Viagens para praias do Sul e Nordeste do Brasil. Viagens para o exterior.

5.5 RELATO DE CAMPO: FESTA NOTURNA DO JIAD

Amanhã que é dia dos mortos
Vai ao cemitério
Vai e procura entre as sepulturas a sepultura de meu pai
Leva três rosas bem bonitas. Ajoelha e reza uma oração
Não pelo pai, mas pelo filho: O filho tem mais precisão
O que resta de mim na vida
É a amargura do que sofri
Pois nada quero, nada espero
E em verdade estou morto ali (BANDEIRA, 1967, p. 225).

Dois de novembro de 2019. Dia de Finados. Para muitas pessoas, dia de recolhimento, lamentação, de choro, dor, nostalgia, saudade e oração por entes queridos que partiram, cujos corpos morreram, mas cujos legados permanecem em memórias. Dia dois de novembro, independente do ano: dia consagrado àqueles que já se foram, feriado nacional, dia em que muita gente vai aos cemitérios fazer suas homenagens e conceber o presente inexistente.

Migrante que sou, não tenho familiares em Dourados, logo, não tinha motivo para ir a qualquer cemitério local, a não ser por curiosidade. Para mim, era um sábado comum. Nada de lamúrias. Meus planos eram outros para aquele sábado, assim como para muitos jovens universitários de Dourados. Naquele dia, acordei cedo, por volta das 7:30 da manhã e, ainda em jejum, parti para uma corrida até o Parque do Lago. Ao redor do Parque do Lago, avistei alguns vendedores de flores que tinham seus produtos expostos nas traseiras de caminhões e caminhonetes, similares aos vendedores de frutas que estacionam seus caminhões e caminhonetes ao longo da Rua Ponta Porã, na altura da Escola Franciscana Imaculada Conceição (EIC).

Para eles, os vendedores de flores nas traseiras de caminhões e caminhonetes, aquele Dia de Finados era dia de trabalho. Dia de ganhar dinheiro. De vender. De lucrar. Por algum motivo, pensei, na hora, que talvez algum deles trabalhasse naquele dia com o dor de um luto, daqueles que penetram a alma, todavia há que se trabalhar, não é?

Para mim, era dia de trabalho também. Dia de trabalho de campo. Bem mais tarde, eu iria na festa noturna do JIAD - 2019, não para satisfação plena de minha necessidade particular de lazer, mas sim para pesquisar, observar e participar.

De volta a minha casa, iniciei pesquisa netnográfica nas páginas da festa no Facebook e Instagram. Vi alguns anúncios de sujeitos vendendo ou procurando ingressos para comprar. A LADDS fez anúncio de que estava à venda o quarto lote unificado de

ingressos (mesmo preço para universitários e não-universitários) para a festa daquela noite (Figura 49). O quarto lote estaria disponível para venda até as 13 horas na Escola Imaculada Conceição, onde ainda aconteciam algumas competições esportivas do JIAD - 2019.

Figura 49 – Anúncio de venda de ingressos da festa noturna do JIAD – 2019



Fonte: @ligadasatleticas.

Àquele horário, pouco depois do meio-dia, foi possível observar que, em múltiplos lugares de Dourados e região, jovens universitários se preparavam para a noite. Essa preparação era feita de diversas formas: a) com um cochilo; b) com uma refeição “bem servida” para “forrar o estômago”; c) com uma ida ao salão de beleza; d) ou ainda com um “esquentar” para a festa da noite.

Quanto aos esquentas, devo explicar o que são. Antes de grandes festas e até de divulgas, muitos jovens universitários costumam promover reuniões, em que se alimentam e consomem bebidas alcoólicas. O objetivo é “esquentar”, preparar para a grande festa, disso vem o nome “esquentar”. Os “esquentas” podem ser realizados em ambientes públicos ou privados, embora seja mais comum que ocorram em ambiente privado, em geral, a residência de algum dos participantes.

Ao longo da tarde, houve grande fluxo de informações trocadas via redes sociais e aplicativos de comunicação instantânea, principalmente o WhatsApp, o Instagram e o Facebook¹¹⁰. Tudo divulgado publicamente em *posts* e, sobretudo, *stories*. O campo seria na noite, mas a pesquisa (n)etnográfica já se iniciara horas antes. Afinal, a autoexposição de sujeitos nas redes sociais e aplicativos de comunicação permite que o pesquisador acompanhe, em tempo real, suas ações transmitidas on-line a partir de um *smartphone*,

¹¹⁰ Embora Instagram e Facebook sejam redes sociais, suas funcionalidades são múltiplas. Assim, é possível afirmar que são também aplicativos de comunicação instantânea. Observa-se, ainda, que ambos têm seus *chats* próprios, chamados de *Direct* no Instagram e *Messenger* no Facebook.

ou computador. Tal situação evidencia como o uso da netnografia agrega possibilidades a estudos sobre práticas de sociabilidade e lazer de sujeitos jovens (HINE, 2000; WALTHER, 2002; HOBBS, 2006; BASSETT; O’RIORDAN, 2007; KOZINETS, 2014).

As avançadas tecnologias de informação e as formas de interação dos sujeitos nos tempos atuais, apontados por Bauman (2007) como tempos líquidos, corroboram com a multiplicidade fragmentada, a coexistência que é materializada pela apropriação do espaço. Relações de contato/troca pelos sujeitos não se limitam à esfera do espaço físico, mas estendem-se à coexistência virtual, em grupos de redes sociais e de aplicativos de comunicação, que são espaços nos quais se projetam as identidades dos sujeitos e onde ocorrem práticas de sociabilidade (KULAVUZ-ONAL; VÁSQUEZ, 2013; KOZINETS, 2014; LIMA, 2021).

Para aquela noite, meu desejo e de muitos outros que estariam na festa era que não chovesse. Sem chuva? Segundo as previsões do tempo, não era o esperado. Pelo contrário, o esperado era chuva, situação que, certamente não desagradava a todos. Havia jovens universitários que desejavam chuva forte, daquelas que te deixam todo encharcado, afinal há gentes e gentes (BOURDIEU, 1985; LAHIRE, 2006; GOETTERT, 2008).

Marla afirmaria, em data posterior, ao tratar da chuva na festa noturna do JIAD – 2019: “Mano, eu fiquei muito louca, adorei aquele barro, não sou cheia de frescura, o esquema é curtir do jeito que der”. Por outro lado, uma jovem estudante da UEMS, chamada Jandira, que conheci por intermédio de Marla, afirmou que a festa “foi horrível, a chuva roubou a brisa total, peguei um resfriado e paguei 40 reais no Uber pra ir embora [...] se eu tivesse ido trabalhar ia ganhar pelo menos 80 reais, fora as gorjetas. Devia ter ido trabalhar, mas estava precisando curtir um *open bar*”.

Marla não considerou a chuva um problema. Divertiu-se tanto, ou ainda mais do que se divertiria sem chuva. Já Jandira ficou insatisfeita. A jovem revelou que faz uns “freelas¹¹¹” como *hostess* nos fins de semana para uma empresa de eventos e que, naquele sábado especificamente, havia pedido dispensa do serviço, ou do *job*, como a jovem prefere dizer. Naquela noite, Jandira tinha como objetivo curtir uma noite de lazer. Conseguiu, até certo momento. Até a chuva chegar.

É possível observar nas falas de Marla e Jandira que há percepções diferentes. Embora jovens, as duas discordam da vivência que tiveram no mesmo espaço-tempo, o

¹¹¹ *Freelancer*, trabalhos esporádicos.

que demonstra que a chuva naquela noite foi um fator desagradável para alguns, enquanto houve quem não tenha se aborrecido.

Em minha casa, o relógio marcava 20:00 horas. Ainda à mesa, em meu local de estudos, repassei o roteiro do campo que realizaria naquela noite. Na sequência, alimentei-me de comida leve, tomei banho e preparei-me para ir ao campo. Calcei botas, afinal, na festa, a provável chuva resultaria em barro no chão. Eu já sabia bem daquilo. Experiente de anos frequentando esse tipo de festa, preveni-me. As botas me protegeriam de pisadas nos pés e do barro vermelho e pegajoso. Peguei meu porta-documentos, guardei meu RG, algum dinheiro e o ingresso da festa. Estava animado para aquela noite, uma noite de festa dos jovens e vivos no dia dos mortos.

Às 21:40 horas conectei o aplicativo Uber, à procura de transporte até o Parque de Exposições de Dourados, local onde ocorreria a festa noturna do JIAD – 2019. Após cerca de meia hora consegui um carro¹¹². Aí sim, parti. No caminho, no papo com o motorista, ele me perguntou qual era o horário previsto o fim da festa. Ele gostaria de saber, pois antes da minha corrida, havia acabado de fazer uma corrida com outros três jovens que também foram à festa. Diante do grande movimento, o motorista externou que aquela era noite para “ganhar dinheiro”.

Respondi ao motorista que a festa iria até as 5 da manhã, mas antes do fim das festas, costumeiramente, há pessoas que vão embora para suas casas¹¹³. Aconselhei-o a se posicionar nas redondezas por volta das 4 da manhã que, provavelmente, conseguiria fazer várias corridas e ganhar dinheiro. O motorista tinha um leve sotaque cuja procedência eu não consegui identificar. Perguntei-lhe, então, de onde ele era. O motorista respondeu ser migrante do interior do Maranhão, mas já vivia em Dourados há anos.

Ao longo dos pouco mais de 12 quilômetros de trajeto entre o apartamento em que eu vivia na ACHU e o parque de exposições, estimo ter passado cerca de meia hora, pois as ruas estavam bastante movimentadas e pegamos diversos semáforos fechados. O

¹¹² Em geral, só utilizo esse tipo de serviço para idas a festas (pesquisas de campo). Assim, os momentos em que necessito e utilizo os serviços, talvez sejam momentos em que os serviços ficam sobrecarregados devido à explosão na demanda, já que centenas de jovens se conectam, simultaneamente, buscando uma corrida até o local da festa do dia.

¹¹³ Observamos, ao longo da investigação que originou a presente tese e em estudos anteriores, que os principais motivos para os sujeitos deixarem festas *open bar* antes do fim são principalmente: chuva, casos nos quais a bebida acaba, ou algum infortúnio, como ser vítima de um furto, ser expulso pelos seguranças por violar as regras, ou dar um PT, isso é, ficar embriagado (resultante de *binge drinking*). Geralmente quando um sujeito dá PT, outros sujeitos, seus colegas com quem está na festa, deixam o local junto com o sujeito para acompanhá-lo até sua casa. Todas as situações citadas aumentam a demanda por táxis e aplicativos de transporte.

motorista migrante contou, ainda, que tinha 30 anos e que havia se mudado de sua cidade no interior do Maranhão para Três Lagoas/MS, no leste do estado alguns anos atrás, após um irmão se mudar para lá e conseguir trabalho na indústria de celulose local. O irmão garantiu-lhe que ele também conseguiria emprego, tão grande era o número de postos de emprego disponíveis naquele contexto de expansão industrial, em Três Lagoas.

Foi possível observar, assim, que o motorista migrou do Maranhão para Mato Grosso do Sul tendo suas ações direcionadas à busca por melhor qualidade de vida, via acesso ao trabalho, renda e cidadania, em consonância com o que especialistas em migração como Martins (1997), Sayad (1998) e Goettert (2008) afirmam serem motivações comuns de sujeitos migrantes, afinal, ninguém migra com o objetivo de piorar suas condições de vida.

Contei-lhe que eu também era um migrante, nascido no estado de São Paulo, mas vivendo intermitentemente há alguns anos em Mato Grosso do Sul. Contei ao motorista migrante que, assim como ele, eu também havia vivido em Três Lagoas entre 2016 e 2018, quando cursei o mestrado em Geografia na UFMS. Minha revelação lhe deixou surpreso e falante. Falamos, então, sobre Três Lagoas, sobre as impressões que tínhamos daquela cidade, o “poeirão” das ruas do bairro Parque Alvorada, onde, coincidentemente, ambos havíamos residido, a cascalheira à beira do Rio Paraná, a Lagoa Maior e sua população de jacarés e capivaras etc.

Seguimos conversando, e o motorista migrante contou que seu destino foi o mesmo do irmão: conseguiu emprego na indústria de celulose, todavia a função que seu irmão exerce é uma função técnica, fruto de qualificação adquirida no Serviço Nacional de Aprendizagem da Indústria (SENAI), já ele, o motorista migrante, exercia função braçal, pois havia concluído apenas o ensino médio, não sendo detentor de nenhuma qualificação específica.

Em uma reestruturação da empresa, acabou sendo demitido. Após a demissão mudou-se para Dourados, onde ele e a esposa, com quem havia se casado recentemente, arrumaram trabalho. Após algum tempo, ele resolveu deixar o emprego formal, tornou-se MEI e passou a prestar outros serviços. Atualmente, além de motorista de Uber (função que desempenha à noite e na madrugada), trabalha com pequenos reparos residenciais e prediais. Embora não tenha formação ou certificação na área, o motorista aprendeu, em seu lugar deixado (o interior do Maranhão) a realizar serviços de eletricitista e pedreiro na prática.

Segundo o motorista migrante, há um pensamento de retomar os estudos futuramente, seja em algum curso de graduação em Ensino a Distância (EaD) ou em curso técnico, tendo em vista outra colocação no mercado de trabalho urbano. Conforme também pontuou, há bastante terra em Mato Grosso do Sul, o que lhe traz à mente uma ideia de futuro mais ligada ao meio rural. O motorista migrante afirmou que, além de se qualificar profissionalmente, pensa, também, a depender do imprevisível futuro, em se tornar proprietário “com a graça de Deus” de um pequeno sítio, onde plantaria hortaliças e frutas, que seriam vendidas em feiras¹¹⁴.

Com a chegada ao local da festa, havia terminado aquela corrida e aquela conversa reveladora. A corrida de Uber custou 23,70 reais, mas me custou apenas 20 reais. Quando entreguei ao motorista duas notas de 10 reais e uma nota de 5 reais, ao invés de me dar o troco (1,30 reais), ele me devolveu a nota de 5 reais e disse algo como “fica por 20 reais mesmo” e me agradeceu pelo “toque” dado sobre o horário bom para ele fazer corridas e “ganhar dinheiro”, na saída da festa. Desejei-lhe um boa noite e boa jornada de serviço e ainda brinquei, “rapaz, tomara que chova, que aí você vai chover de ganhar dinheiro”¹¹⁵. O motorista migrante respondeu que torcia por chuva e nós nos despedimos rindo.

Na entrada do Parque de Exposições de Dourados, havia um bloqueio, um lugar específico para carros de aplicativo embarcarem e desembarcarem seus passageiros e um lugar específico para táxis (que eram pouquíssimos) fazerem o mesmo. Do lugar reservado aos carros de aplicativo até a entrada, a distância era de cerca de 100 metros. Na breve caminhada, gravei em áudio no meu *smartphone* tudo que acabara de ocorrer na corrida de Uber.

¹¹⁴ Conforme destacou, no lugar deixado (interior do Maranhão), seu pai trabalhava com mandioca cultivada em um pequeno sítio, onde poucas culturas vingavam. Fabricava farinha de mandioca, que era levada para ser vendida em feiras da região, e assim ele sustentou a família, até os filhos migrarem para Mato Grosso do Sul.

¹¹⁵ Os aplicativos de transporte como Uber e similares têm uma dinâmica de preços que se alteram conforme o número de usuários solicitando carro. Quando cai chuva, o preço aumenta; se muita gente está pedindo carro ao mesmo tempo o preço também aumenta; se está chovendo e muitas pessoas pedem carro ao mesmo tempo no mesmo lugar, o preço da corrida aumenta mais ainda. Para o motorista migrante, portanto, a noite de trabalho seria mais lucrativa, caso chovesse, principalmente no horário do fim da festa, às 05:00 horas.

Percorri a distância do local de desembarque até a entrada do Parque de Exposições e me posicionei na fila. Naquele momento, o relógio marcava 22:45. A fila era imensa. Na fila, ouvia conversas alheias, observava, fiz alguns registros fotográficos e troquei palavras com desconhecidos. De uma jovem universitária que vestia roupas de atlética ouvi que naquela noite ela ia “ficar muito louca”. A amiga que a acompanhava, torcia para que não chovesse. Ambas calçavam galochas.

Perguntei onde haviam comprado as galochas. Elas esclareceram que compraram no site de vendas Mercado Livre e que pagaram 40 reais por cada par. Comentei que elas fizeram uma boa escolha ao usar as galochas naquela noite. Elas responderam que é costume usá-las, pois protege os pés do barro, raciocínio similar ao que eu tivera ao calçar minhas botas em casa.

Muitos dos jovens na fila da festa vestiam botas parecidas, muitos outros utilizavam sapatos baixos, alheios ao inevitável barro que lhes sujaria os pés, se chovesse. Muitos vestiam roupas de atléticas e organizações correlatas: *short-shorts*, *shorts-baby-doll*, *shorts* samba-canção, abadás, bonés, tudo com as respectivas cores, nomes e logotipos das atléticas. Havia também jovens fantasiados de personagens diversos e outros sem a parte de cima da roupa (jovens do sexo masculino sem camisa e jovens do sexo feminino vestindo apenas um top do biquini ou sutiã)¹¹⁶.

Ali, na fila da festa *open bar*, onde haveria álcool à vontade, alguns já bebiam de garrafas de plástico, latinhas e canecas que trouxeram consigo para consumir no tempo de espera na fila. Outros jovens fumavam cigarros e vaporizadores e o odor exalado era forte. A fila andava agilmente. Não iria demorar para que todos estivéssemos dentro da festa.

Atrás de mim na fila, havia três jovens universitários que calçavam botas de *cowboy*, diferentes das galochas que muitos outros sujeitos calçavam. Iniciei uma conversa com eles, e ouvi que “a missão” da noite seria “ficar muito louco” e “beijar várias gurias”.

Foi observado que muitos sujeitos comentavam o quanto iam “ficar muito loucos” naquela noite. Essa expressão “ficar muito louco” foi, certamente, a que mais ouvi na fila

¹¹⁶ Em pesquisas de campo feitas em festas universitárias *open bar* nos últimos anos, reparamos que há, invariavelmente, sujeitos, de ambos os sexos, que vão a festas em trajes mínimos, com um porta-documento preso no pescoço, onde guardam todas as suas coisas. Em relação ao sexo masculino, observamos que é comum encontrar algum sujeito trajando apenas sunga ou samba-canção em festas. Sujeitos do sexo masculino sem camisa é algo comum também. Para sujeitos do sexo feminino é mais comum não utilizar a parte de cima da roupa, ficando vestidas apenas com um top de biquini ou sutiã. Alguns jovens disseram que era para “mostrar o shape” e algumas estudantes disseram que é mais por conta do calor das festas.

da festa. Assim, observei, pelas palavras ditas por vários jovens universitários, que o objetivo de ficar muito louco, era compartilhado por vários deles, não era um objetivo particular de um único sujeito, mas sim compartilhado por vários, e que envolvia um esquema de ação muito simples: valendo-se do *open bar*, consumir bebidas alcoólicas em grande quantidade e conseqüentemente “ficar muito louco”.

Embora muitos jovens vestissem roupas de atlética, alguns vestidos com os *kits* completos, da cabeça aos pés, havia outros jovens estudantes que não vestiam roupas de atlética, porém, mesmo esses, em sua maioria, tinham a caneca de alguma atlética ou organização correlata atravessada pelo tirante no peito, como as duas jovens estudantes da figura a seguir. Como é possível observar, as duas jovens não foram a festa vestidas com nenhuma roupa de atlética, ainda assim, ambas carregavam suas canecas de atlética (Figura 50).

Figura 50 – Jovens com suas canecas atravessadas no peito



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

A fila para entrar na festa, inicialmente, era única, mas, ao chegar ao portal de entrada onde se entregava o ingresso¹¹⁷ e se passava por revista protocolar dos seguranças, a fila se dividia em seis, com três seguranças masculinos e três femininas que dividiam a missão de revistar os sujeitos ingressantes no recinto.

Quem tinha ingresso universitário devia apresentar a carteirinha de associado das atléticas integrantes da LADDs, carteirinha de estudante ou atestado de matrícula de alguma IES, impresso ou em pdf no *smartphone*. Quanto à revista realizada pelos

¹¹⁷ Na hora da festa, na entrada, o ingresso da festa custava 120 reais, um aumento considerável em relação ao lote vendido naquele mesmo dia mais cedo, até as 13:00 horas por 60 reais. Isso converge com dinâmica observada anteriormente em festas universitárias *open bar*, cujo preço do ingresso aumenta de maneira demasiada no dia da festa, na hora da festa, na portaria.

seguranças, procedia da seguinte forma: quem não estivesse carregando bolsa passava por uma revista rápida; quem estivesse carregando bolsa, passava por uma revista mais demorada, pois as bolsas eram minuciosamente revistadas pelos seguranças, que procuravam armas e drogas.

Quem usava boné ou chapéu tinha que tirar e deixar o segurança dar uma “olhada” com a mão no interior. Quem tinha maço/box de cigarros tinha que abri-los para mostrar que não carregava cigarros de maconha¹¹⁸ (beck/baseado) ou outras drogas no interior. Quem estava com pochete, em geral para guardar kit de vaporizador, ou tabaco orgânico e sedas¹¹⁹, tinha a pochete revistada. Quem usava fantasia tinha que enfrentar uma revista ainda mais rigorosa; eram postos de lado para uma revista específica, pois o interior das fantasias poderia ser abrigo de armas e drogas (Figura 51).

Figura 51 – Portal de entrada da festa noturna do JIAD – 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Sob essa perspectiva, os sujeitos que foram para a festa vestidos apenas de sunga, samba-canção, samba-canção-*baby-doll*, *short-shorts* e *top* de biquini entravam rapidamente, pois não tinham o que ser revistado. Os sujeitos vestidos com poucas roupas facilitavam o trabalho dos seguranças e facilitavam suas próprias entradas, já que por estarem pouco vestidos, eram pouco revistados.

¹¹⁸ Uma prática comum, conforme observado ao longo da pesquisa, é que os usuários “bolem”, isso é, confeccionem/enrolem cigarros de maconha antes da festa, em suas casas e os levem para a festa dentro de maços de cigarro no meio de cigarros de tabaco. Bolar os cigarros de maconha antes de sair facilita, pois na festa basta acendê-los e fumá-los, não sendo perdido tempo “dichavando” e bolando, conforme usuários com os quais conversei.

¹¹⁹ Nos últimos anos, muitos jovens têm se tornado adeptos do tabaco orgânico, enrolado com a mão. Quanto a fumantes de cigarro industrializado, desde o início do século, com a adoção de legislação mais restritiva antitabaco, o número caiu no Brasil de cerca de 30 % da população para 10%.

Logo depois de passar pela revista dos seguranças, os participantes se deparavam com um grande *banner* com o nome da festa. Conforme se observou, esses *banners* são comuns em festas universitárias *open bar* em Dourados, pois, durante as festas, é comum que os participantes tirem fotografias com o *banner* ao fundo e marquem @ ou # com o nome da festa, da atlética, ou da liga, gerando engajamento on-line (Figura 52).

Figura 52 – Jovens universitários tirando foto no *banner* da festa noturna do JIAD 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Dentro do espaço da festa, que era amplo, encontrava-se uma multiplicidade de espaços. Havia uma praça de alimentação, onde havia um trailer de lanches, um de pastéis e um de espetinhos. Todos possuíam máquina de cartão de crédito/débito e uns banquinhos, mesas e cadeiras ao lado para que os sujeitos se sentassem.

Quando entrei na festa, o número de sujeitos consumindo nos trailers era pequeno. Conteí uma pessoa no pastel, duas no lanche e no espetinho não havia ninguém consumindo. À medida que a festa e a noite avançavam, observei que o movimento aumentou. Horas depois, já por volta das 3 da manhã, quando voltei àquele espaço, observei que havia aglomeração de sujeitos nos serviços de alimentação, afinal “não dá só pra beber, precisa comer para aguentar a festa”, como afirmou um jovem que se deliciava com um pastel. Nos serviços de alimentação, os sujeitos se organizavam em filas e faziam seus pedidos, alguns comiam em pé, outros se sentavam em mesas ao redor (Figura 53).

Figura 53 – Serviços de alimentação na festa noturna do JIAD – 2019



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Quanto à disposição espacial da festa, havia o seguinte: do lado oposto à praça de alimentação estava localizado o bar de cerveja, que, naquela noite, era Antartica Subzero (Figura 54). Do outro lado (oposto ao bar de cerveja), estava o bar de Corote Sabores, que era servido em nove sabores (todos que existiam até aquela data).

Figura 54 – Anúncio no Instagram sobre cerveja e corote disponíveis na festa noturna do JIAD – 2019



Fonte: @ ligadasatleticas, 2019.

No espaço da festa, à esquerda do bar de Corote Sabores, estavam disponibilizados vários galões de bebidas das atlética e da LADDS: eram 23 bebidas diferentes disponíveis. Cada uma das 22 atléticas integrantes da LADDS à época, que organiza o JIAD e sua festa noturna, disponibilizou um galão com sua bebida oficial para os participantes da festa servirem a si mesmos, à vontade (Figura 55).

Figura 55 – Galões de bebidas de atléticas



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Os galões eram estilizados com adesivos e as cores de cada atlética, sendo comum, nos galões, a figura de mascote ou personagem símbolo da atlética. As torneiras por onde se serve a bebida, conforme foi observado, são fixadas na parte inferior dos galões, algumas rosqueadas, outras com cola de contato. Alguns galões têm torneiras de metal, outros, de plástico.

Há algumas bebidas que são favoritas do público e o “galão seca”. Essas bebidas que são de predileção do público já têm fama anterior e chegam a ter filas de sujeitos para delas se servirem. Assim, as atléticas responsáveis deixam alguns integrantes de plantão com ingredientes para preparar mais e repor a demanda do público, ou seja, a cada vez que o galão seca, os integrantes da atlética preparam mais um galão e repetem o processo mais um par de vezes, até acabar de fato, o momento em que se diz que “secou de vez”, ou seja, aquela bebida não será mais repostada naquela noite.

Por outro lado, há bebidas que sobram, não têm nem um galão inteiro consumido por falta de interesse do público. São bebidas que não são consideradas saborosas, ou que “dão uma ressaca violenta”, como me explicariam dois jovens integrantes da atlética de um curso da UNIGRAN, com quem eu estabeleci contato, enquanto fotografava os galões das bebidas de atlética.

Eu havia chamado a atenção deles, que se aproximaram, se apresentaram e perguntaram o motivo de eu tirar fotos dos galões de bebidas de atléticas. Expliquei-lhes que fazia uma pesquisa e que também era estudante. Os dois, assim como muitas pessoas com quem cruzei ao longo da pesquisa, mostraram surpresa com o tema, o que gerava

conversas mais longas. Os dois jovens estudantes ficaram bem entusiasmados com o assunto e afirmaram que gostariam de ver o resultado posteriormente. Trocamos números de celular para contato posterior. Agradecemos-nos mutuamente e parti para explorar mais a festa.

Os microterritórios e microterritorialidades que se estabelecem por meio das ações de sujeitos com objetivos compartilhados eram bastante visíveis sob olhos que reconheciam, olhos que queriam ver mais, saber mais, não só ver, mas entender mais e aprender a reconhecer (FOOTE-WHYTE, 1980; BELK, 1988; LAPLANTINE, 1988; MOFFATT, 1991; TURRA NETO, 2008). Sob tal perspectiva, destaco o entendimento de microterritorialidade de Ramos (2017, p. 107):

Microterritorialidade é apreendida mesmo nas relações internas de um grupo numa determinada prática festiva, onde se percebe territorialidades entre as várias redes juvenis que ali se estabelecem para curtir o lazer. Portanto, dissidências, separações, distanciamentos, posicionamentos, estranhamentos podem se dar na escala micro. Dentro de um território instalado surgem esses modos de microterritorialidade, o que para o observador permite distinguir as nuances e sociabilidades muito mais sutis que geralmente se esconde do olhar distanciado.

Naquele momento, às 02:00 horas, o espaço no qual foi realizada a festa noturna do JIAD – 2019 estava lotado, cheio de sujeitos cujas ações exalavam o pulsar de sua existência social, no papel de jovens universitários buscando se divertir. Na festa, havia diversas “rodinhas” (microterritórios) de jovens universitários dançando *funk* e executando coreografias em ritmo alucinante ao som do DJ. Havia, também, as rodinhas do vaporizador: grupos de jovens aglutinados/microterritorializados em lugares específicos. Nas rodinhas do vaporizador, os sujeitos fumavam vaporizadores e a cada tragada surgia uma nuvem de fumaça (Figura 56).

Figura 56 – Jovem universitário fumando vaporizador



Fonte: pesquisa de campo, 2019.

Aproximei-me, apresentei-me e comecei a conversar com os jovens fumantes de vaporizadores. Dentre eles, um concordou em posar fumando (figura anterior). O grupo era composto por três jovens universitários: dois da UNIGRAN e um da UEMS. Segundo um dos jovens, ele faz uso de vaporizadores, pois considera menos maléfico que o cigarro industrializado ou o palheiro. Além disso, conforme pontuou, o uso é mais conveniente que de um narguilé pois este é grande e difícil de transportar, já o vaporizador é facilmente guardado na pochete, onde também são guardadas as essências que alimentam o sabor do vapor inalado.

Contei ao jovem universitário, de acordo com minhas observações, que o narguilé era muito difundido em Dourados, e que, ao me mudar para a cidade, havia me causado espanto a quantidade de *hooka-bars* – bares de fumar narguilé, e que os vaporizadores, aos poucos começavam a se tornar comuns e amplamente disseminados. Ele concordou e, de forma inesperada, apresentou uma hipótese geográfica para a disseminação de vaporizadores em Dourados. Seria em razão da proximidade com Pedro Juan Caballero (Paraguai), onde é possível comprar vaporizadores, ingredientes (essências, óleos) e acessórios por preços módicos, se postos em comparação com os preços praticados em outros lugares Brasil afora.

Retomando a música da festa, o gênero predominante foi o *funk* e suas diversas vertentes¹²⁰. As atrações artísticas da Calourada das Engenharias eram: o grupo carioca

¹²⁰ Todos transitaram, durante suas apresentações, de alguma forma, pelas vertentes do *funk*, desde o pancadão carioca tradicional até o robótico e acelerado *funk* 180 bpm.

Os Hawaianos; o MC paulistano Leleto; a DJ goiana Lawrie e a DJ local Gabi (Tabela 12)

Tabela 12 – Artistas que se apresentaram na festa noturna JIAD - 2019

Artista	Origem
Os Hawaianos	Rio de Janeiro
MC Leleto	São Paulo
DJ Lawrie	Anápolis/GO
DJ Gabi	Dourados/MS

Fonte: @ligadasatleticas, 2020. Elaborado pelo autor, 2020.

Chamou-me a atenção o fato de todas as atrações artísticas, de uma maneira ou outra, transitarem pelo *funk*. Justamente o *funk*, que de música de favela/marginalizada, passou a ser, também, música de festas universitárias (HERSCHMANN, 2005; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2020). Nesse sentido, é importante salientar que, por vezes, estilos musicais *underground*, tornam-se *mainstream*¹²¹, sobretudo se as músicas forem “música de festa”, como aponta Lahire (2006), ao analisar como, durante momentos de lazer, os sujeitos tendem a apreciar estilos musicais que podem não ser os de suas preferências nas existências cotidianas (LAHIRE, 2006).

Assim, ritmos ou estilos estigmatizados como o *funk* passam a ser apreciados por sujeitos que compõem outras classes sociais e têm outros modos de vida, em relação aos lugares e modos de vida onde o estilo musical ganhou popularidade em suas origens (HERSCHMANN, 2005; TURRA NETO, 2008; LIMA, 2020). Dessa maneira, foi possível observar que o *funk* e suas vertentes contemporâneas são a trilha sonora dos rolês inseridos na cultura do lazer universitário em Dourados.

Nesse sentido, Lahire (2006) afirma que há músicas para se ouvir em casa e para se ouvir em situações festivas, e a identidade fragmentada dos sujeitos permite essas existências múltiplas. Assim, ritmos como o *funk* e suas vertentes tornam-se dominantes em eventos – festas, jogos, divulgas – relacionados com a cultura do lazer universitário. Conforme foi observado ao longo da última década, o *funk* tem se tornado ritmo prevalente em festas universitárias, rompendo barreiras, fronteiras e tornando-se cada vez mais difundido entre universitários em seus espaços-tempo de lazer.

Alguns anos atrás, nos jogos INTERUNESP (na época, os maiores jogos universitários da América Latina) que, em 2016, foram realizados em Presidente

¹²¹ Cultura de massa, que não se restringe a poucas pessoas.

Prudente/SP, testemunhei um *line-up* composto predominantemente por artistas *funk*. Primeiramente, o MC Rodolfinho, ícone do *funk* ostentação paulistano que estava no auge da carreira, apresentou-se durante a tarde. Já na festa noturna, apresentaram-se os veteranos do *funk* carioca Bonde do Tigrão.

Nos anos seguintes, testemunhei, em vários jogos universitários, festas universitárias *open bar* e divulgas, realizados em diferentes cidades e estados, artistas do estilo *funk* se tornarem predominantes nos *line-ups* das referidas festas e jogos¹²². Atualmente, não raro, há jogos e festas universitárias *open bar* (como a festa noturna do JIAD – 2019) nas quais os *line-ups* são compostos integralmente por artistas do estilo *funk*, como os Hawaianos e MC Leleto ou, que transitam pelo *funk*, como as DJs Lawrie e Gabi (Figura 57).

Figura 57 – Artistas durante a festa noturna do JIAD – 2019



Fonte: JIAD, 2019. Disponível em: www.facebook.com/JIADOFICIAL/ Acesso em: 10 out. 2019.

Nota final: ainda é cedo

Por volta das 4 horas da manhã, a chuva que já caía, começou a se intensificar. Decidi que era hora de ir embora. Me dirigi até a saída do Parque de Exposições, chamei um Uber, que nunca chegou. Após meia hora de tentativas, ouvi um grupo de três universitários sentados na guia da rua falando que “o carro está chegando”. Sem

¹²² Quando ingressei na graduação e tive o primeiro contato com as festas universitárias *open bar*, em 2010, o *funk* começava a despontar, dando indicativos da proporção que tomaria ao longo da década. Nessa época, o *funk* começava a ganhar bastante difusão midiática, todavia, em festas universitárias, ainda não era o estilo musical predominante (refiro-me aqui a Presidente Prudente/SP). Nessa época, era muito comum duplas do estilo sertanejo se apresentarem em festas universitárias *open bar*, assim como bandas de *pop-rock*. Com o passar da década, porém, o *funk* foi ganhando, cada vez mais, espaço nos *line-ups* de festas universitárias *open bar* e jogos, enquanto os outros estilos musicais, como o *pop-rock* e o sertanejo, perdiam espaço, embora ainda sejam estilos musicais cujos artistas se apresentam regularmente em festas universitárias *open bar* e jogos.

constrangimento apresentei-me a e perguntei se poderia “ir junto no corre”. Os jovens universitários perguntaram-me qual era o meu destino e eu respondi que era a ACHU. Eles concordaram. Não se passaram cinco minutos o carro do Uber chegou e seguimos rumo à ACHU, onde os outros três jovens moravam. Os três – que eu nunca havia visto antes – moravam juntos em uma casa localizada a cerca de 500 metros de onde eu morava. Ao chegarmos até o destino, paguei minha parte da corrida, agradei, me preparava para seguir a pé até o apartamento em que eu morava, quando surgiu o convite para um “after”¹²³. O rolê havia acabado, mas não havia acabado. Aceitei o convite. Seguimos, afinal ainda era cedo, não é?

SÍNTESE

Essa tese teve cinco questionamentos que a nortearam: 1) De que forma o estabelecimento de Dourados como cidade universitária favorece as práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários? 2) Como as ações dos universitários no espaço-tempo se imbricam com o processo de estabelecimento de Dourados como cidade universitária? 3) Qual é a relevância das práticas de sociabilidade e lazer noturno na experiência universitária? 4) De que maneira ocorrem as práticas de sociabilidade e lazer noturno dos jovens universitários de Dourados (tanto em *points* como em festas universitárias)? 5) Quais são as estratégias das organizações estudantis para sua própria manutenção e, portanto, da manutenção das práticas de sociabilidade e lazer noturno tipicamente universitárias, e como elas refletem na caracterização identitária dos estudantes? Procuo sintetizar nessa seção, as conclusões obtidas – respostas – para os cinco questionamentos.

Sobre **como o estabelecimento de Dourados como cidade universitária favorece as práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários**, observa-se o seguinte, o aumento no quantitativo de IES – e cursos – ofertados na cidade, atraíram população relevante de jovens estudantes universitários para a cidade, lhe conferindo *de facto* os qualitativos de cidade universitária. Uma das características definidoras de cidades universitárias é a presença relevante de serviços e comércio inseridos na economia da vida noturna. Os serviços e comércio inseridos na economia da

¹²³ After (do inglês: depois/após). É um termo utilizado para se referir a continuação de um rolê após seu fim. Um after pode ocorrer em local público ou privado, mas majoritariamente ocorre em local privado. Para jovens universitários que querem continuar curtindo após o fim de algum rolê, é comum a reunião na residência de algum deles, onde continuam ouvindo música e bebendo por horas, por vezes até próximo do meio-dia.

vida noturna possuem grande apelo entre a população jovem. Sendo os estudantes universitários das IES de Dourados majoritariamente jovens, a presença de serviços e comércio inseridos na economia noturna apresenta-se como uma condição que favorece as práticas de sociabilidade e lazer noturno dessa população. Assim, é possível concluir que o estabelecimento de Dourados como cidade universitária é uma condição intrínseca às práticas de sociabilidade e lazer noturno, em uma relação que se retroalimenta. A condição de cidade universitária – logo, com quantitativo relevante de jovens universitários – favorece o estabelecimento, também, de atléticas e organizações correlatas, que surgem através das relações estabelecidas entre os jovens universitários em razão da vivência em Dourados.

No que se refere a **como as ações dos universitários no espaço-tempo se imbricam com o processo de estabelecimento de Dourados como cidade universitária**, observa-se que a vibrante economia da vida noturna na cidade tem os jovens universitários como protagonistas. O estabelecimento de uma cultura do lazer universitário, que envolve práticas de sociabilidade e lazer – sobretudo noturnas – na ACHU e em outros lugares da cidade confere à Dourados uma ambiência festiva. Dessa forma, conclui-se que as ações dos jovens universitários são relevantes no estabelecimento de Dourados como cidade universitária, afinal, no que pese a presença de serviços e comércio inseridos na economia da vida noturna, o surgimento de atléticas e organizações correlatas – fundadas por jovens universitários – ao longo dos anos agrega ao cenário maior de ambiência festiva e de cidade universitária.

Qual é a relevância das práticas de sociabilidade e lazer noturno na experiência universitária? Na contemporaneidade, a experiência universitária vai além de salas de aula e convivência nas instalações da IES. As práticas de sociabilidade e lazer noturno ganharam relevância na experiência universitária ao longo das últimas décadas. Estabelecer redes de sociabilidade, se inserir em grupos de referência e sair pela noite tornaram-se práticas difundidas de maneira extensa entre jovens universitários. Em Dourados, especificamente, há uma área urbana que concentra grande quantidade de serviços e comércio inseridos na economia da vida noturna, que são frequentados por jovens universitários e onde são estabelecidas relações sociais de conhecimento mútuo, tendo a busca por diversão como objetivo. Mais além, há na cidade muitas atléticas – e organizações correlatas – que promovem jogos e festas *open bar* e são elementos constituintes da cultura do lazer universitário, que por sua vez é parte da cultura universitária. Conclui-se, assim, que frequentar o lazer noturno é algo relevante na

experiência universitária contemporânea, constituindo um *modus operandi* tipicamente juvenil.

De que maneira ocorrem as práticas de sociabilidade e lazer noturno dos jovens universitários de Dourados (tanto em *points* como em festas universitárias)?

As práticas de sociabilidade e lazer noturno ocorrem em *points* – localizados na ACHU – com frequência. Os *points* têm suas operações independentes, mas são, também, locais onde ocorrem plantões e divulgas realizadas por atléticas e organizações correlatas. Os plantões e divulgas têm como função promover grandes festas *open bar* vindouras e são *per se*, festas menores. Os plantões e divulgas são eventos universitários mais acessíveis, pois o preço para participar é menor que o de grandes festas *open bar*. As divulgas e plantões atraem grande número de jovens universitários, e jovens não universitários, moradores da ACHU, de outras áreas de Dourados e de outras cidades próximas. As grandes festas *open bar* são organizadas por atléticas e organizações correlatas e ocorrem em menor frequência que divulgas e plantões. As grandes festas *open bar* ocorrem fora da ACHU, em lugares com capacidade maior de público. As festas *open bar*, têm grande apelo entre os jovens de Dourados e região e apresentam-se como opção de lazer noturno de primeira importância entre os jovens, sejam universitários ou não universitários.

Quais são as estratégias das organizações estudantis para sua própria manutenção e, portanto, da manutenção das práticas de sociabilidade e lazer noturno tipicamente universitárias, e como elas refletem na caracterização identitária dos estudantes? Ao longo do ano as atléticas e organizações correlatas realizam grandes festas *open bar*, que são precedidas de plantões e divulgas. Os citados eventos são importantes fontes de renda para a manutenção das organizações; nesse sentido, a renda advém dos valores levantados com a venda de ingressos. Além disso, as atléticas e organizações correlatas possuem planos de associação, que consistem em o sujeito associado pagar uma anuidade, que lhe garante uma série de benesses. As atléticas e organizações correlatas comercializam, também, uma ampla gama de produtos com seus nomes e logotipos e que são providos de valor simbólico. O comércio dos produtos é igualmente uma fonte de renda importante. A posse dos produtos com os nomes e logotipos das atléticas agregam na caracterização identitária dos sujeitos que os compram e utilizam. Sendo uma fonte relevante de renda para as atléticas e organizações correlatas, os produtos são constantemente renovados, lançados ao mercado com frequência. Para as atléticas e organizações correlatas, lançar novos produtos é primordial para levantar fundos; para os jovens universitários, adquirir tais produtos é relevante na autoimagem

que constroem, sendo assim, produtos carregados de valor simbólico significativo, logo, caracterizadores identitários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar o curso de Doutorado em Geografia, com o objetivo de compreender as práticas de sociabilidade e lazer noturno de jovens universitários em uma cidade média, distante de grandes centros, uma cidade universitária segundo os referenciais teóricos aqui utilizados, não sabia o que iria encontrar, e, embora houvesse questionamentos e hipóteses já formuladas desde a elaboração do projeto, era preciso estar aberto, não formular hipóteses que influenciassem na condução da pesquisa, que “embaçassem” o olhar. Uma certeza, porém, eu tinha: precisaria mergulhar na vida de Dourados, sobretudo no ambiente de vivência dos jovens universitários. Era preciso aprender em todas as fontes bibliográficas possíveis sobre a cidade e assimilar sua cultura, seu jeito, sua dinâmica geográfica por meio da observação participante e da vivência, da interação com os sujeitos.

O tempo que previ para concluir o trabalho, que era de três anos, em razão de uma série de fatores, estendeu-se para quatro anos, porém o prolongamento da vivência resultou em mais intensa experiência de imersão na vida cotidiana e de lazer universitário, sobretudo a interação com os universitários migrantes, que viveram em Dourados durante o tempo necessário para concluir seus cursos. Esse tempo mais longo, certamente, tornou minhas conclusões mais sólidas.

No que se refere ao espaço geográfico, foi possível constatar o quanto a universidade e seus estudantes auxiliam no desenho do mapa da cidade. Isso se verifica, por exemplo, na renovação de construções na área de concentração de universitários, que ali estabelecem moradia por ser local urbano, mas, ao mesmo tempo, próximo e de fácil acesso às universidades. Embora o grande centro de serviços e comércio de Dourados seja na Avenida Marcelino Pires, a ACHU tornou-se, gradativamente, uma área central que atende à população universitária que ali vive.

O espaço que se vê, porém, traz toda uma dinâmica imaterial que só a vivência e observação participante com um olhar sustentado, direcionado teoricamente consegue captar e verbalizar. Isso porque a ACHU, Dourados, a paisagem enfim que se vê, é produzida por gentes. É o espaço produzido no tempo de acordo com as ações dos sujeitos, e, em consonância com a ação do capital, é o que fornece condições para a reprodução de práticas socioespaciais.

A estudantificação de Dourados se verifica no influxo dos jovens universitários na ACHU, onde se tornam produtores do espaço por meio de suas práticas socioespaciais, e a história da cidade indica que seu crescimento urbano está relacionado com sua estudantificação ocorrida nas últimas décadas. A CAND, fundada em 1943 cresceu ruralmente e, também, urbanamente nos primeiros anos, mas, de 1960 a 1970, a vocação rural não se verificou concreta. Deu-se a formação de latifúndios resultantes da venda dos lotes dos pequenos proprietários e seu êxodo, em concomitância com o crescimento da população urbana em 200% e crescimento do setor de serviços e comércio.

É em 1970 também, com essa característica predominantemente urbana materializada na cidade, que se instala a primeira IES, o CEUD, na época, um campus da UEMT, seguido de outras IES. Cria-se a SOCIGRAN, em 1976; o antigo campus da UEMT é incorporado pela recém-criada UFMS, em 1979; em 1993, cria-se o campus da UEMS; em 1999, cria-se a FAD. Em 2005, o campus da UFMS torna-se IES autônoma, com a criação da UFGD. Ao longo desses anos as instituições seguiram crescendo, ofertando cada vez mais vagas em cursos de graduação e pós-graduação. E atualmente, as IES de Dourados oferecem 104 cursos de graduação e 48 de pós-graduação, com cerca de 25 mil matriculados.

Dourados, portanto, é uma cidade universitária, pois é uma cidade interiorana de menos de 350 mil habitantes; apresenta ampla oferta de graduação e pós-graduação e os estudantes são agentes produtores do espaço urbano e dinamizadores da economia. Por fim, a cidade é testemunha de práticas socioespaciais típicas de jovens universitários, tendo grande número de atléticas atuantes, além de baterias e equipes de *cheerleading*.

Essa última característica exposta acima, que se apresenta no título desta tese – “*Cultura do lazer universitário: atléticas e festas open bar*” – é exposta ao longo de todo o texto, e é consolidada, sobretudo, nos relatos baseados em fontes orais, acessadas por meio de entrevistas com jovens universitários entusiastas de festas universitárias *open bar* e da cultura do lazer universitário, de forma mais abrangente.

Estabelecimentos com a função de sociabilidade e lazer noturno como bares, lojas de conveniência e tabacarias localizadas na ACHU, são numerosos e podem ser acessados pelos moradores da área facilmente a pé. Esses estabelecimentos compõem uma mancha de lazer a qual é, reconhecidamente, apropriada pelos jovens universitários moradores da área, bem como residentes de outras áreas e de outras cidades, ocorrendo uma relativa mistura social. Esses estabelecimentos são territorializados por sujeitos jovens que buscam rompimento com a rotina diurna, para consumo e diversão, quando ocorre a

interação de jovens universitários em um contexto de sociabilidade e lazer, calcada na identidade compartilhada como jovens universitários, orientada por objetivos igualmente compartilhados.

Em alguns desses estabelecimentos noturnos, em parceria com as diretorias das atléticas, ocorrem as divulgas, que são eventos preparativos para as festas maiores. Já as festas universitárias *open bar*, propriamente, que ocorrem, geralmente, em espaços maiores como o Parque de Exposições de Dourados, são eventos que são esperados por universitários e não universitários, e mobilizam a cidade.

Nessas festas noturnas, costuma haver apresentações de artistas, geralmente do estilo *funk* como os Hawaianos e MC Leleto ou, que transitam pelo *funk*, como Lawrie e Gabi. Mais além, observa-se a crescente presença do *funk* há pelo menos uma década nos ambientes de lazer de universitários.

Os grandes eventos, jogos seguidos de festas, ou apenas festas acontecem algumas vezes por ano, porém mobilizam uma série de ações ao longo dos meses, como criação de produtos simbólicos como acessórios, vestuário e busca de empresas para sua confecção, negociação sobre locais para divulgas e festas, confecção de ingressos e organização de pontos de venda, negociação de publicidade, inovação na publicidade digital local, em parceria com *influencers* da cidade, compra de ingredientes e preparação das bebidas de atléticas. Tem-se, assim, uma pequena indústria do lazer universitário, que mobiliza outras empresas, que existem em função do lazer universitário.

É notável a presença de não universitários nas festas, os quais chegam a pagar 120 reais pelo ingresso. Isso indica o quanto as festas universitárias são referência na cidade, sendo um desejo de muitos atingir a maioria para poder frequentá-las. A configuração do tráfego da cidade também é influenciada pelas festas *open bar*, sobretudo o transporte por aplicativos, que tem como público alvo, nessas datas, o atendimento aos estudantes, levando-os aos locais dos eventos e, sobretudo, trazendo-os de volta na madrugada.

Finalmente, espera-se que a definição de cultura do lazer universitário, que envolve práticas socioespaciais – sobretudo, festas universitárias *open bar* – ancoradas em organizações como atléticas, baterias e equipes de *cheerleading*, assim como a conceituação dos processos de “estudentificação” e apontamentos que podem auxiliar na definição do que são cidades universitárias no contexto brasileiro, possam subsidiar pesquisas futuras, nesse campo que apenas se inicia na produção acadêmica brasileira.

REFERÊNCIAS

ACKERMANN, A; VISSER, G. Studentification in Bloemfontein, South Africa. **Bulletin of Geography: Socio-Economic Series**, Torun, v. 31, n. 7, 2016.

ADAMS, N. G.; BETTIS, P. J. **Cheerleader!:** An American Icon. Nova Iorque: St. Martin's Griffin, 2005.

ADORNO, T; HORKHEIMER, M. **A Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

AGRA, K. L. O. **A integração da língua e da cultura no processo de tradução**. 2007. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/agra-klondy-integracaoda-lingua.pdf>. Acesso em 30 jan. 2022.

ALBUQUERQUE, J. L. C. **A dinâmica das fronteiras: os brasiguaios na fronteira entre o Brasil e o Paraguai**. São Paulo: Annablume, 2010.

ALENTEJANO, P. R. R; ROCHA-LEÃO, O. M. Trabalho de campo: uma ferramenta essencial para os geógrafos ou um instrumento banalizado? **Boletim Paulista de Geografia**, n. 84, São Paulo, 2006.

ALM, J; WINTERS, J. V. Distance and intrastate college student migration. **Economics of Education Review**, Amsterdam, v. 28, n. 6, p. 728-738, 2009.

ANDERSON, J. **Cultural geography and space**. 2006. Disponível em: https://www.cardiff.ac.uk/__data/assets/pdf_file/0003/348510/studentification.pdf. Acesso em: 12 dez. 2020.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA ACADÊMICA DE DIREITO UFGD. Dourados, 2022. Instagram: @atleticadireitoufgd. Disponível em: <https://www.instagram.com/atleticadireitoufgd/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ATLÉTICA CAMALEÕES. Dourados, 2022. Instagram: @atleticacenicassufgd. Disponível em: <https://www.instagram.com/atleticacenicassufgd/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

ATLÉTICA DAS ENGENHARIAS UFGD. Dourados, 2023. Instagram: @aaafaen. Disponível em: <https://www.instagram.com/aaafaen/>. Acesso em: 10 mar. 2023.

ATLÉTICA DE MEDICINA UFGD. Dourados, 2022. Instagram: @atleticamedgd. Disponível em: <https://www.instagram.com/atleticamedgd/>. Acesso em: 13 jul. 2022.

BAR DO LAU. Dourados, 2022. Instagram: @bar.do.lau. Disponível em: <https://www.instagram.com/bar.do.lau/>. Acesso em: 11 dez. 2022.

BARRY, C. T. et al. "Let me take a selfie": Associations between self-photography, narcissism, and self-esteem. **Psychology of popular media culture**, Washington, DC, v. 6, n. 1, p. 48, 2017.

BASSET, E. H; O'RIONDAN, K. Ethics of the Internet Research: Contesting the Human Subjects Research Model. **Ethics and Information Technology**, New York City, v. 4, 2002.

- BAUMAN, Z. **Tempos líquidos**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2007.
- BEARDEN, W. O.; ETZEL, M. J. Reference group influence on product and brand purchase decisions. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 9, 1982.
- BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BELK, R. W. Possessions and the extended self. **Journal of consumer research**, Oxford, v. 15, n. 2, p. 139-168, 1988.
- BENFICA, T. A. H. **História e universidade**: a institucionalização do campo histórico na Universidade Estadual de Mato Grosso/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (1968-1990). 2016. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2016.
- BENGRY-HOWELL, A; WILES, R; NIND, M; CROW, G. **A review of the academic impact of three methodological innovations**: netnography, child-led research and creative research methods. Southampton: ESRC National Centre for Research Methods, 2011.
- BERGER, P; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. Petrópolis: Vozes, 1976.
- BETONI, W. L. **Dourados**: entre a memória e a história. 2002. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, campus de Dourados, 2002.
- BISHOP, A. P; STAR, S. L; NEUMANN, L; IGNACIO, E; SANDUSKY, R. J; SCHATZ, B. Building a University digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies. In: Higher Education and the NII: From vision to reality, 1995, Washington DC. **Proceedings of the Conference Higher Education and the NII: From vision to reality**. Washington DC, 1995.
- BOCCATO, V. R. C. Metodologia da pesquisa bibliográfica na área odontológica e o artigo científico como forma de comunicação. **Rev. Odontol. Univ. Cidade São Paulo**, São Paulo, v. 18, n. 3, 2006.
- BOGDAN, R. O; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: uma introdução à teoria e aos métodos Porto: Editora Porto, 1994.
- BONAMINO, Alicia et al. Os efeitos das diferentes formas de capital no desempenho escolar: um estudo à luz de Bourdieu e de Coleman. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 45, 2010.
- BORSARI, B; CAREY, K. B. Peer influences on college drinking: A review of the research. **Journal of substance abuse**, Lexington, v. 13, n. 4, p. 391-424, 2001.
- BOURDIEU, P. The forms of capital. In: RICHARDSON, J. G. (org.). **Handbook of Theory and Research for the Sociology of Education**, New York: Greenwood, 1985.
- BRAGA, A. Técnica etnográfica aplicada à comunicação on-line: uma discussão metodológica. **UNirevista**, São Leopoldo, v. 1, n. 3, p. 1-11, jul. 2006.

BRANDÃO, C. R. **Repensando a pesquisa participante** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1985.

BRASIL. IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Brasília. Disponível em: < <https://ww2.ibge.gov.br/home/>> Acesso em: 07 fev. 2023.

BRASIL. INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. Brasília. Disponível em: < www.inep.gov.br/ > Acesso em: 03 set. 2020.

BRASIL. MEC – Ministério da Educação. Brasília. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br> Acesso em: 04 out. 2021.

BRASIL. UNIVERSIDADE FEDERAL DA GRANDE DOURADOS – UFGD. Disponível em: <https://www.ufgd.edu.br/reitoria/aufgd/historico> Acesso em: 11 set. 2020.

BRITO, A. P. G.; OLIVEIRA, G. S.; SILVA, B. A. A importância da pesquisa bibliográfica no desenvolvimento de pesquisas qualitativas na área de educação. **Cadernos da FUCAMP**, Campinas, v. 20, n. 44, 2021.

BROWN, B.; DOLCINI, M. M.; LEVENTHAL, A. Transformations in peer relationship at adolescence: implications for health-related behavior: In: SCHULENBERG, J.; MAGGS, L.; HURRELMAN, K. (orgs.). **Health risks and developmental transitions during adolescence**. New York: Cambridge University Press, 1997.

CABREIRA, A. C. **Horizontes verticais**: meandros do meio técnico-científico-informacional em Dourados-MS. 2009. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFGD, Dourados, 2009.

CALOURADA DAS AGRÁRIAS. Dourados, 2020. Instagram: @calouradadasagrarias. Disponível em: <https://www.instagram.com/calouradadasagrarias/> Acesso em: 11 jul. 2020.

CALOURADA ENGENHARIAS. Dourados, 2020. Instagram: @calouradaengenharias. Disponível em: <https://www.instagram.com/calouradaengenharias/> Acesso em: 11 jul. 2020.

CAMPOS, E. S. **Educação Superior no Brasil**. Rio de Janeiro: MES, 1940.

CANCLINI, N. G. **Consumidores e Cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2010.

CANDAU, J. **Memória e identidade**. São Paulo: Contexto, 2011.

CANEVACCI, M. Das contraculturas às culturas intermináveis. In: **Culturas eXtremas**: mutações juvenis nos corpos das metrópoles. Rio de Janeiro: DP&A, 2005. p.13-55.

CARRANO, P. C. R. **Os jovens e a cidade**: identidades e práticas culturais em Angra de tantos reis e rainhas. Rio de Janeiro: Relume Damurá, 2003.

CARVALHO, M. A. **Cidade Global, Destino Mundial**: turismo urbano em São Paulo. 2011. 200f. Tese (Doutorado em Geografia Humana), Programa de Pós-Graduação em

Geografia da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.

CARVALHO, G. N. et al. A mobilidade urbana em cidades de porte médio: um estudo de caso do sistema de caronas na Unifei-campus de Itabira. **Research, Society and Development**, Vargem Grande Paulista, v. 9, n. 7, 2020.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CASTELLS, M. **A questão urbana**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

CHEERLAND. Dourados, 2019. Instagram: @cheerland. Disponível em: <https://www.instagram.com/cheerland/> Acesso em: 17 jun. 2020.

CHRISAFIS, A. **Two Square Miles of housing hell**. 2000. Disponível em: <https://www.theguardian.com/uk/2000/oct/24/angeliquechrisafis> Acesso em: 10 jan. 2021.

CLAVAL, P. O território na transição da pós-modernidade. **GEOgraphia**, Niterói, v. 1, n. 2, 1999.

CLIFFORD, J. Culturas viajantes. In: ARANTES, Antônio A. (org). **O espaço da diferença**. Campinas: Papius, 2000.

CODRINGTON, G. **Detailed Introduction to Generational Theory**. 2008. Disponível em: https://workspacedesigncoza.files.wordpress.com/2017/04/tomorrowtoday_detailed_intro_to_generations.pdf Acesso em: 10 jan. 2021.

COLOGNESE, S. A.; MELO, J. L. B. de. A técnica de entrevista na pesquisa social. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 143-144, 1998.

COMAZZETTO, L. R. et al. A Geração Y no Mercado de Trabalho: um estudo comparativo entre gerações. **Psicol., Ciênc. Prof. (Impr.)**, Brasília, v. 36, 2016.

COOMES, M. D; DEBARD, R. A generational approach to understanding students. **New directions for student services**, Hoboken, v. 2004, n. 106, 2004.

COSGROVE, D; JACKSON, P. New directions in cultural geography. **Area**, Londres, v. 19, n. 2, 1987.

CORRÊA, R. L. **O Espaço Urbano**. São Paulo: Ática, 2004.

CREMONESE-ADAMO, C. **Fronteira, mitos e heróis**: a criação e apropriação da figura do Tenente Antônio João Ribeiro no antigo sul de Mato Grosso. 2010. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2010.

CRESWELL, J. W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

CUCHE, D. **A Noção de Cultura nas Ciências Sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, L. A. Ensino superior e universidade no Brasil. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira, Mendes (org). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CZIKSZENTMIJALYI, M.; LARSON, R. **Being adolescent**. New York: Basic Books, 1984.

DA MATTA, R. O ofício de etnólogo, ou como ter *anthropological blues*. In: NUNES, E. de O. (org.). **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DALTON, J. C. The influence of peer culture on college student values. **NASPA Journal**, Madison, v. 26, n. 3, 1989.

DAYRELL, J. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

DENZIN, N. K; LINCOLN, Y. S. **The Sage handbook of qualitative research**. Sage: Londres, 2011.

DIAS, F. C. **Instituições em rede**: O ensino técnico e superior na configuração territorial do Estado de Mato Grosso do Sul. 2016. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Três Lagoas, 2016.

DIÓGENES, G. **Cartografias da Cultura e da Violência**. São Paulo: Anna Blume, 2008.

DORILEO, B. P. **Ensino superior em Mato Grosso**: até a implantação da UFMT. Campinas: Komedi, 2005.

DUARTE, Rosália. Entrevistas em pesquisas qualitativas. **Educar**, Curitiba, n. 24, p. 213-225, 2004.

DURHAM, E. R. **Uma política para o ensino superior brasileiro**: diagnóstico e proposta. Documento de trabalho do NUPES/USP, São Paulo, 1998.

EDWARDS, A. M; GUY, J. H; HETTINGA, F. J. Oxford and Cambridge boat race: performance, pacing and tactics between 1890 and 2014. **Sports medicine**, Berlim, v. 46, 2016.

ELIAS, N; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

ERNANDES, M. A. **A construção da identidade douradense**: 1920 a 1990. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2009.

FÁVERO, M D. L. D. A. Universidade no Brasil: das origens à Reforma Universitária de 1968. **Educar em Revista**, Curitiba n. 28, p. 17-36, 2006.

FEITOSA, E. A. S. S. **Identidade e cultura**: estudo etnogeográfico da Comunidade Tradicional do Moinho em Alto Paraíso de Goiás. 2017. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade De Brasília (UNB), Brasília, 2017.

- FEIXA, C. De culturas, subculturas y estilos. **De jóvenes, bandas y tribus**. Barcelona: Ariel, 1999.
- FERRO, A. P. R. A netnografia como metodologia de pesquisa: um recurso possível. **Educação, Gestão e Sociedade: revista da Faculdade Eça de Queirós**, Fortaleza v. 5, n. 9, 2015.
- FESTINGER, L. Informal social communication. **Psychological review**, Washington, v. 57, n. 5, p. 271, 1950.
- FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2004.
- FLICK, U. **Qualidade na pesquisa qualitativa: coleção pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.
- FOOTE-WHYTE, W. Treinando a observação participante. In: GUIMARÃES, A. Z. (org.). **Desvendando máscaras sociais**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves Editora, 1980.
- FOTOGRAFIA RODRIGO MIRANDA. Dourados, 2019. Disponível em: <https://www.facebook.com/fotografiarodrigomiranda/> Acesso em: 17 mai. 2020.
- FRY, R.; PARKER, K. **Early Benchmarks Show ‘Post-Millennials’ on Track to be Most Diverse, Best-Educated Generation Yet**. 2018. Disponível em: <https://www.pewsocialtrends.org/2018/11/15/early-benchmarks-show-post-millennials-on-track-to-be-most-diverse-best-educated-generation-yet/>. Acesso em: 12 mar. 2019.
- GARCIA, J. **Entenda como funciona o cheerleading universitário no Brasil**. Disponível em: < <https://tiktalk.com.br/2018/08/27/desvende-como-funciona-o-cheerleading-universitario-no-brasil>> Acesso em: 17 mar. 2019.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973
- GIDDENS, A. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GOETHALS, G. **Peer Influences among college students: The Perils and the Potentials**. 1999. Disponível em: <https://sites.williams.edu/wpehe/files/2011/06/DP-51.pdf> Acesso em: 13 jan. 2021.
- GOETTERT, J. D. **O espaço e o vento: olhares da migração gaúcha para Mato Grosso**. Dourados - MS: Editora da UFGD, 2008.
- GOHN, L. A.; ALBIN, G. R. **Understanding college student subpopulations: a guide for student affairs professionals**. Washington, DC: National Association of Student Public Affairs Administrators, 2006.
- GÓIS, M. P. F. Espaços públicos e vida noturna/Public spaces and night life. **Geografares**, Vitória, n. 26, p. 69-85, 2021.
- GOMES, I. R. P; CALIXTO, M. J. M. S. Da cidade média às cidades pequenas: articulações e relações entre Dourados e o Sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul. In: CALIXTO, M. J. M. S; MORENO, B. B; BERNARDELLI, M. L. F. H. (orgs.). **O**

urbano em Mato Grosso do Sul: abordagens e leituras. Dourados: Editora UFGD, 2020.

GOMES, L. **1808:** como uma rainha louca, um príncipe medroso e uma corte corrupta enganaram Napoleão e mudaram a História de Portugal e do Brasil. São Paulo: Planeta do Brasil, 2007.

GONÇALVES, M. A. Etnobiografia: biografia e etnografia ou como se encontram pessoas e personagens. In: GONÇALVES, M. A.; MARQUES, R.; CARDOSO, V. Z. (orgs.). **Etnobiografia:** subjetivação e etnografia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

GRESSLER, L. A; SWENSSON, L. J. **Aspectos históricos do povoamento e da colonização do Estado de Mato Grosso do Sul:** destaque especial ao município de Dourados. São Paulo: Estado, 1988.

GUATTARI, F. **Micropolítica:** cartografias do desejo. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

GUMPRECHT, B. The American college town. **Geographical Review**, New York, v. 93, n. 1, p. 51-80, 2003.

GUMPRECHT, B. **The American college town.** Boston: University of Massachusetts Press, 2008.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização:** do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

HAESBAERT, R. Território e multiterritorialidade: um debate. **GEOgraphia**, Niterói, v. 9, n. 17, 2007.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos.** São Paulo: Contexto, 2006.

HAESBAERT, R. **Des-territorialização e Identidade:** a rede “gaúcha” no Nordeste. Niterói: EdUFF, 1997.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HARVEY, D. **Condição pós-moderna.** São Paulo: Loyola, 2003.

HEPNER, A. **Desenho urbano, capital e ideologia em São Paulo:** centralidade e forma urbana na marginal do Rio Pinheiros. 2010. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

HERSCHMANN, M. **O funk e o hip-hop invadem a cena.** Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

HINE, C. **Virtual Ethnography.** London: Sage, 2000.

HOBBS, D. Ethnography. In: JUPP, Victor (org.). **Sage Dictionary of Social Research Methods.** London: Sage, 2006.

HONG, S; OH, S. K. Why People Don't Use Facebook Anymore? An Investigation Into the Relationship Between the Big Five Personality Traits and the Motivation to Leave Facebook. **Frontier in Psychology**, Lausanne, n. 11, 2020.

HOWE, N; STRAUSS, W. **Millennials go to college: Strategies for a new generation on campus: Recruiting and admissions, campus life, and the classroom**. Washington, DC: American Association of Collegiate Registrars and Admissions Officers, 2003.

HUBBARD, P. Geographies of studentification and purpose-built student accommodation: leading separate lives?. **Environment and planning**, Newbury Park, v. 41, n. 8, 2008.

HYMAN, H. The psychology of status. **Archives of psychology**, Bethel Park, n. 269, 1942.

IORIS, A. A. R. Ontological politics and the struggle for the Guarani-Kaiowa world. **Space and Polity**, Londres, v. 24, n. 3, 2020.

IQBAL, M. **Tinder Revenue and Usage Statistics (2023)**. 2023. Disponível em: <https://www.businessofapps.com/data/tinder-statistics/> Acesso em: 07 abr. 2023

JOY, D; VENKATACHALAM, J. Personality and selfie-liking behaviour among college students. **Journal of Social Sciences**, Dubai, v. 10, n. 6, 2019.

KAYSER, B. O geógrafo e a pesquisa de campo. **Boletim paulista de geografia**, São Paulo, n. 84, 2006.

KINTON, C. **Processes of destudentification and studentification in Loughborough**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Loughborough University, Loughborough, 2013.

KJELDGAARD, D; ASKEGAARD, S. The glocalization of youth culture: The global youth segment as structures of common difference. **Journal of consumer research**, Oxford, v. 33, n. 2, p. 231-247, 2006.

KOZINETS, R. V. **Netnografia: realizando pesquisa etnográfica on-line**. Porto Alegre: Penso Editora, 2014.

KROEF, R. F. S; GAVILLON, P. Q; RAMM, L. V. Field Diary and the Researcher's Relationship with the Theme-Field in Intervention Research. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, 2020.

KULAVUZ-ONAL, D; VÁSQUEZ, C. Reconceptualising fieldwork in a netnography of an on-line community of English language teachers. **Ethnography and Education**, Milton Park, v. 8, n. 2, p. 224-238, 2013.

LAHIRE, B. **Homem plural: os determinantes da ação**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAHIRE, B. **A cultura dos indivíduos**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 2003.

LAPLANTINE, F. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LE BRETON, D. **Sinais de identidade**: tatuagens, piercings e outras marcas corporais. Lisboa: Miosótis, 2004.

LEFEBVRE, H. **La production de l'espace**. Paris: Anthropos, 1975.

LIGA DAS ATLÉTICAS. Dourados, 2019. Instagram: @ligadasatleticas. Disponível em: <https://www.instagram.com/ligadasatleticas/> Acesso em: 10 jan. 2020.

LIMA, M. G. **O Funk Ostentação em Presidente Prudente - SP**. Saarbrücken: Novas Edições Acadêmicas, 2017.

LIMA, M. G. **Espaços de lazer e territórios juvenis em Três Lagoas/MS**. 2018. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS, Três Lagoas, 2018.

LIMA, M. G. Jovens estudantes migrantes em Dourados, Mato Grosso do Sul: Etnografia comparativa. In: FABRINI, J. E; MONDARDO, M. L; GOETTERT, J. D. (orgs.). **A fronteira cruzada pela cultura e as relações sociais de produção**. Porto Alegre: Total Books, 2020.

LIMA, M. G. Depois da aula, o rolê: a noite e o lazer de jovens universitários em Três Lagoas. In: TURRA NETO, N. (org.). **Geografias da noite**: exemplos de pesquisa no Brasil. São Paulo: Edunesp, 2021.

LÖW, M. **O spatial turn**: para uma sociologia do espaço. Revista Tempo Social, v. 25, n. 2, 2008.

LYMAN, P; WAKEFORD, N. Introduction: Going into the (virtual) field. **American Behavioral Scientist**, Thousand Oaks, v. 43. 1999.

MAGNANI, J. G. C. Os circuitos dos jovens urbanos. **Sociologia: Revista do Departamento de Sociologia da FLUP**, Porto, v. 20, 2010.

MALTA, E. **Identidades e práticas culturais juvenis**: as repúblicas estudantis de Ouro Preto. 2010. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Sergipe – UFS, São Cristóvão, 2010.

MARRE, J. A. A construção do objeto científico na investigação empírica. In: Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná. Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná, 1991, Cascavel (PR). **Anais do Seminário de Pesquisa do Oeste do Paraná. Fundação Universidade Estadual do Oeste do Paraná**. Cascavel, 1991.

MARGULIS, M. **La cultura de la noche**: la vida nocturna de los jóvenes en Buenos Aires. Buenos Aires: Biblos, 1997.

MARTINS, J. S. **Fronteira**: a degradação do outro nos confins do humano. São Paulo: Hucitec, 1997.

MARTINS, T. M. O. **A netnografia como metodologia para conhecer o trabalho de professores da cultura digital**. 2012. Disponível em: <https://jovensemrede.files.wordpress.com/2012/02/tatiane-marques-de-oliveira-martins-a-netnografia-como-metodologia-para-conhecer-o-trabalho-de-professores-da-cultura-digital-texto.pdf>. Acesso em: 23/05/2022.

- MAY, T. **Pesquisa social**: questões, métodos e processos. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- MAYMONE, H. **Da Farmácia e Odontologia à Universidade**: memórias. Campo Grande: Editora UFMS, 1989.
- MCCARTHY, C. R. **How will the rise of the Millennial generation affect nonprofit fundraising?**. 2019. Disponível em: <https://www.proquest.com/openview/02c396000fa70eb98d333e9110ccfd9b/1?pq-origsite=gscholar&cbl=18750&diss=y> Acesso em: 12 jun. 2020.
- MCCRACKEN, G. **Cultura e consumo**: Novas abordagens ao caráter simbólico dos bens e das atividades de consumo. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.
- MCDAVID, S. J. **We're dirty sons of bitches**: residence rites of passage at a small maritime university. 2002. Tese (Doutorado em Folclore) – Memorial University of Newfoundland, St. John's, 2002.
- MCGRAIL, F. J. Lehigh University and Bethlehem, Pennsylvania: Partnering to Transform a Steel Town into a College Town. **Journal of Higher Education Outreach and Engagement**, Athens, v. 17, n. 3, p. 91-108, 2013.
- MEDEIROS, R. M. V. Território, espaço de identidade. In: Saquet, Marcos Aurélio, Eliseu Savério Sposito (org). **Territórios e territorialidades - teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009, v. 1, p. 217-227.
- MEIHY, C. S. B. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1996.
- MENEZES, A. **Colônia Agrícola Nacional de Dourados – História, Memória**: considerações acerca da construção de uma memória oficial sobre a CAND na região da Grande Dourados. *Revista Histórica em Reflexão*, Dourados, v. 5, n. 9, 2011.
- MERCER, K. **Welcome to the Jungle**. London: Lawrence and Wishart, 1990.
- MESTRINEL, F. A S. A batucada como experiência significativa: a Bateria Alcalina. In: 22º Congresso Nacional da ABEM, Natal, 2015. **Anais do 22º Congresso Nacional da ABEM**. Natal, 2015.
- MOFFATT, M. College life: Undergraduate culture and higher education. **The Journal of Higher Education**, Bloomington, v. 62, n. 1, p. 44-61, 1991.
- MONTARDO, S. P., ROCHA, P. J. Netnografia. Incursões metodológicas na cibercultura. **Revista E-compós**, Brasília, v. 4, n. 1, 2005.
- MOORE, J. G. **Mississippi College Towns**: Assessing the Geography of Collegiate Culture. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – University of Southern Mississippi, Hattiesburg, 2016.
- MORAIS, G. M; DOS SANTOS, V. F; GONÇALVES, C. A. Netnography: Origins, foundations, evolution and axiological and methodological developments and trends. **The Qualitative Report**, Fort Lauderdale, v. 25, n. 2, 2020.

MORENO, B. B. **A Centralidade do ensino superior e o processo de redefinição socioespacial em Dourados-MS**. 2013. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2013.

MORIN, E. **Cultura de Massas no século XX: espírito do Tempo 1: neurose**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.

MORITZ, A. Cheerleading: not just for the sidelines anymore. **Sport in society**, Londres, v. 14, n. 5, 2011.

MOSEY, M. Studentification: the impact on residents of an English city. **Geoverse**, Oxford, 2017. Disponível em: <https://www.brookes.ac.uk/geoverse/originalpapers/studentification--the-impact-on-residents-of-an-english-city/> Acessado em: 10. abr. 2020.

MOTA, J. G. B. **Territórios, multiterritorialidades e memórias dos povos Guarani e Kaiowá: diferenças geográficas e as lutas pela des-colonização na Reserva Indígena e nos acampamentos-tekoha - Dourados/MS**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2015.

MUCHNIK, J.; SAUTIER, D. **Sistemas agro-alimentares localizados e construção de territórios**. Paris: CIRAD, 1999.

MUNRO, M.; TUROK, I.; LIVINGSTON, M. Students in cities: a preliminary analysis of their patterns and effects. **Environment and Planning**, Newbury Park, v. 41, n. 8, p. 1805-1825, 2009.

NAGLIS, S. G. B. **Marquei aquele lugar com o suor do meu rosto: os colonos da Colônia Agrícola Nacional de Dourados – CAND (1943-1960)**. Dourados: Editora UFGD, 2014.

NEWCOMB, T. M. **Personality and social change: attitude formation in a student community**. Ann Arbor: University of Michigan, 1943.

NOVAES, D. O movimento 150 BPM: técnica, território e a aceleração do andamento no funk carioca. **Ponto Urbe – Revista do Núcleo de Antropologia urbana da USP**, São Paulo, n. 30, 2022.

ORTIZ, R. **Mundialização e Cultura**. Rio de Janeiro: Brasiliense, 1994.

PAIS, J. M. **Culturas juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PALADIM JÚNIOR, H. A. **Etnogeografia: reflexões sobre a educação escolar, a espacialização e a territorialização do povo Xakriabá no norte de Minas Gerais**. 2010. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2010.

PASCARELLA, E; TERENCEZINI, P. **How college affects students (Vol. 2): A third decade of research**. JOSEY BASS: San Francisco, 2005.

PEREIRA, M. C; TURRA NETO, N; BERNARDES, A. Geografias da Vida Noturna. **Crítica e Sociedade: revista de cultura política**, Uberlândia, v. 9, n. 2, 2019.

PILKINGTON, H. Is There a Global Youth Culture? A View from the Periphery, 1997, Washington, DC. In: 96th American Anthropological Association Conference, Washington, DC. **Anais do 96th American Anthropological Association Conference**. Washington, DC: American Anthropological Association Conference, 1997.

PIRES, L. M. **Culturas geográficas de alunos-jovens: uma referência para a formação de professores de Geografia**. 2013. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2013.

PORTES, A. Capital social: origens e aplicações na sociologia contemporânea. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n. 33, p. 133-158, 2000.

PORTO-GONÇALVES, C. W. De Saberes e de Territórios - diversidade e emancipação a partir da experiência latino-americana. **GEOgraphia**, Niterói, v. 8, n. 16, 2010.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993.

RAMOS, E. C. M. **Tudo junto e misturado: rolês e fluxos dos jovens das periferias – Capital espacial construído por redes juvenis no campo da diversão e geometrias de poder na cidade**. 2017. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2017.

RATZEL, F. **Geografia do Homem**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

RECUERO, R. O capital social em rede: como as redes sociais na internet estão gerando novas formas de capital social. **Contemporânea Revista de Comunicação e Cultura**, Salvador, v. 10, n. 3, 2012.

ROMERA, L. A. Lazer e festas: Estudo sobre os modos de divulgação de bebidas nos campi universitários. **Caderno Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 22, Suplemento Especial, 2014.

RUCKER, D. D.; GALINSKY, A. D. Compensatory Consumption. In: RUVIO, A. A; BELK, R. W. (Org.) **Routledge Companion to Identity and Consumption**. Oxford: Routledge, 2013.

SAQUET, M. A. Introdução. In: SAQUET, Marcos Aurélio; SPOSITO, Eliseu Savério. (Org.) **Território e Territorialidades: teorias, processos e conflitos**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SAMPAIO, H. Novas dinâmicas do ensino superior no Brasil: o público e o privado. **Cadernos do GEA**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 8-22, 2015.

SAMPAIO, H. **Evolução do ensino superior brasileiro 1808-1990**. São Paulo: Núcleo de Pesquisas sobre Ensino Superior, 1991.

SANFORD, N. Developmental Status of the Entering Freshman. In: SANFORD, N. (org.). **The American college: A psychological and social interpretation of the higher learning**. Hoboken: John Wiley & Sons, 1962.

- SANTANA JUNIOR, J. R. de. Formação territorial da região da Grande Dourados: colonização e dinâmica produtiva. **Geografia**, Londrina, v. 18, n. 2, 2009, p. 89-107.
- SANTOS, A. P; CERQUEIRA, E. A. Ensino Superior: trajetória histórica e políticas recentes. In: IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul, 2009, Florianópolis. **Anais do IX Colóquio Internacional sobre Gestão Universitária na América do Sul**. Florianópolis, 2009.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- SARMENTO, G. V. M; BERTONI, V. G; SEVERINO, N. B. A batucada universitária: um breve relato sobre as baterias universitárias e vivências pedagógico-musicais na Bateria UFSCar. In: XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM. 2018, São Carlos. **ANAIS DO XI ENCONTRO REGIONAL SUDESTE DA ABEM**. 2018, São Carlos.
- SAVIANI, D. A expansão do Ensino Superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Póiesis Pedagógica**, Goiânia, v. 8, n. 2, 2010.
- SAYAD, A. **Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. São Paulo: Edusp, 1998.
- SCHAU, H. J; GILLY, M. C. We are what we post? Self-presentation in personal web space. **Journal of Consumer Research**, Chicago, v. 30, n. 3, p. 385-404, 2003.
- SEEMILLER, C; GRACE, M. **Generation Z Goes to College**. San Francisco: Jossey-Bass, 2016.
- SETTON, M. G. J. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, 2002.
- SHAW, R. Neoliberal subjectivities and the development of the night-time economy in British cities. **Geography Compass**, v. 4, n. 7, 2010.
- SHAW, R. Beyond night-time economy: affective atmospheres of the urban night. **Geoforum**, Amsterdam, v. 51, 2014.
- SILVA, E. L; MENEZES, E. M. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação**. Florianópolis: Editora UFSC, 2005.
- SILVA, M. C. T. **Os novos rumos da política habitacional e o processo de urbanização de Dourados-MS**. São Paulo, 2000. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 2000.
- SILVA, V. F. Sob a perspectiva do novo: um olhar sobre a dinâmica intraurbana de Dourados-MS e seu processo de urbanização. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, v. 2, n. 34, 2012.
- SILVA, W. G. A estratégia de integração do sul do estado de Mato Grosso ao território nacional durante o Governo Vargas: Uma análise a partir da criação da Colônia Agrícola Nacional de Dourados em 1943. **Revista do Departamento de Geografia da USP**, São Paulo, v. 31, 2016.

SILVEIRA, J. D. A excursão no ensino de Geografia. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 2, n. 4, 1936.

SIMAS, D. C. S.; SOUZA JÚNIOR, A. M. Sociedade em rede: os influencers digitais e a publicidade oculta nas redes sociais. **Revista de Direito, Governança e Novas Tecnologias**, Florianópolis, v. 4, n. 1, 2018.

SIMMEL, G. Sociabilidade – um exemplo de Sociologia Pura ou Formal. In: MORAES FILHO, E. (Org.) **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

SMETANA, J. G.; ASQUITH, P. Adolescents' and parents' conceptions of parental authority and personal autonomy. **Child Development**, Medford, v. 65, p. 1147-1162, 1994.

SMITH, D. P. 'Studentification ication': the gentrification factory?. In: ATKINSON, R.; BRIDGE, G. **Gentrification in a global context: the new urban colonialism**. Londres: Routledge, 2004.

SOUZA, M. J. L. S. **Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.

SOUZA, M. J. L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, I. E. de; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (org.) **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SPINK, P. K. Pesquisa de campo em psicologia social: Uma perspectiva pós-construcionista. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, 2003.

SPOSITO, M. E. B. O centro e as formas de expressão da centralidade urbana. **Revista Geografia**, São Paulo, v. 10, 1991.

STAREPRAVO, F. A.; REIS L. J. de A.; MEZZADRI, F. M.; MARCHI JR, W. O esporte universitário no Brasil: uma interpretação a partir da legislação esportiva. **ESPORTE E SOCIEDADE**, Niterói, v. 5, n. 14, 2010.

TALBOT, D. **Regulating the night: race, culture and exclusion in the making of the night-time economy**. Londres: Ashgate Publishing, 2007.

TURRA NETO, N. **Múltiplas trajetórias juvenis em Guarapuava: territórios e redes de sociabilidade**. 2008. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista – UNESP, Presidente Prudente, 2008.

TURRA NETO, N. Pesquisa qualitativa em Geografia. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DE GEÓGRAFOS, XVII, 2012, Belo Horizonte/MG. **Anais do XVII Encontro Nacional de Geógrafos**, Belo Horizonte, 2012.

TURRA NETO, N. Vida noturna, a construção de um objeto de estudo para a Geografia. **Terr@ Plural**, Ponta Grossa, v. 11, n. 1, 2017.

VALVERDE, R. H. F. Vida Madalena: os papéis do noturno no ordenamento do espaço público. In: TURRA NETO, N. (org.). **Geografias da noite: exemplos de pesquisa no Brasil**. São Paulo: Edunesp, 2021.

VAN LIEMPT, I.; VAN AALST, I.; SCHWANEN, T. Introduction: Geographies of the urban night. **Urban Studies**, Thousand Oaks, v. 52, n. 3, 2015.

VASCON, W. M. **O papel do setor atacadista no reforço da centralidade de uma cidade média**: Dourados-MS. 2019. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD, Dourados, 2019.

VIENS, A. **Social Media by Generation**. 2019. Disponível em: <https://www.weforum.org/agenda/2019/10/social-media-use-by-generation/> Acesso em: 09 mar. 2021.

WALTHER, J. B. Research Ethicisin Internet-Enabled Research: Human Subjects Issues and Methodological Myopia. **Ethics and Information Technology**, New York City, v. 4, 2002.

WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo?. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 15, n. 32, 2009.

WEIDMAN, J. C. Socialization of students in higher education: Organizational perspectives. In: CONRAD, C.; SERLIN, R. (org.). **The sage handbook for research in education**: Engaging ideas and enriching inquiry. Thousand Oaks: SAGE, 2006.

WEIDMAN, J. C. Undergraduate socialization: a conceptual approach. In: SMART, J. C. (org.). **Higher education**: handbook of theory and research. New York: Agathon Press, 1989.

WEIDMAN, J. C.; DEANGELO, L.; BETHEA, K. A. Understanding student identity from a socialization perspective. **New Directions for Higher Education**, San Francisco, v. 2014, n. 166, 2014.

WICKEL, T. M. Narcissism and social networking sites: the act of taking selfies. **Elon journal of undergraduate research in communications**, Elon, v. 6, n. 1, 2015.

WINKIN, Y. **A nova comunicação**: da teoria ao trabalho de campo. Campinas: Papirus, 1998.

ZHAO, C; KUH, G. D; CARINI, R. M. A comparison of international student and American student engagement in effective educational practices. **The Journal of Higher Education**, Londres, v. 76, n. 2, 2005.

ZUSMAN, P. La tradición del trabajo de campo en Geografía. **Geograficando**, La Plata, v. 7, n. 7, 2011.

ANEXOS

**ANEXO 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO –
ENTREVISTAS**



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____
_____,
portador/a do CPF _____, _____ anos de
idade, declaro que concordo em participar, como voluntário/a, concedendo entrevista ao
pesquisador Matheus Guimarães Lima (Doutorando em Geografia – Universidade
Federal da Grande Dourados – UFGD), CPF 417.723.298-00. O conteúdo da presente
entrevista será utilizado na pesquisa de Doutorado desenvolvida por Matheus
Guimarães Lima. Minha participação consistirá em conceder uma entrevista que será
gravada e transcrita. Meu nome real e aspectos que me identifiquem serão preservados.
Em hipótese alguma minha identidade será revelada. Meu nome será substituído por
nome fictício.

Entrevistado/a

Matheus Guimarães Lima

Dourados, _____ de _____ de 20 _____

ANEXO 2 – ROTEIRO DE ENTREVISTA – ROTEIRO 1 - Universitários

- Qual é seu nome?
- Qual é sua idade?
- Qual é sua cidade de origem?
- Você mora em Dourados?
- Você mora em qual área de Dourados?
- Em qual IES você está matriculado/a?
- Em qual curso você está matriculado/a?
- Você frequenta rolês das atléticas?
- Qual é sua opinião sobre os rolês das atléticas?
- Qual é sua opinião sobre os rolês universitários em Dourados?

**ANEXO 3 – ROTEIRO DE ENTREVISTA – ROTEIRO 2 – Universitários
moradores da ACHU**

- Há quantos anos você mora em Dourados?
- Desde que você se mudou para Dourados, sempre morou nessa área?
- Qual é o motivo de você morar nessa área da cidade?
- Consegue dizer algumas vantagens de morar nessa área da cidade?
- Em qual IES você está matriculado/a?
- Como você se desloca até seu local de aulas?
- Você pensa que essa área (ACHU) está bem servida de comércio?
- Pensaria em morar em outras áreas de Dourados?